Ellen G. White
Os Resgatados
O Grande Conflito
na Linguagem
de Hoje
série
Conflito
5
Lobo

Ellen G. White
Os Resgatados
O Grande Conflito na Linguagem de Hoje
série Conflito 5

Os
Resgatados
O Grande Conflito
na Linguagem de Hoje

Título original em inglês:
Love Under Fire

Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.0
2018

Coordenação Editorial: Diogo Cavalcanti
Editoração: Neila D. Oliveira
Revisão: Adriana Seratto
Design Developer: Taffarel Toso
Projeto Gráfico: Levi Gruber
Capa: Marisa Ferreira e Levi Gruber
Imagem Capa: Thiago Lobo e Vandir Dorta Jr.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Ellen G., 1827-1915.
Os resgatados : o grande conflito na linguagem de hoje [livro eletrônico] / Ellen G. White ; tradução Cecília Eller Nascimento. -- Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2018.
9,4 Mb ; e-PUB

Título original: Love under fire.
ISBN 978-85-345-2677-7

1. Adventistas do Sétimo Dia - Doutrinas 2. Bíblia - Profecias 3. Escatologia 4. Fim do mundo I. Nascimento, Cecília Eller. II. Título.

18-22402 CDD-236

Índices para catálogo sistemático:

1. Escatologia : Teologia cristã 236

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

39004 / 17943

Prefácio

O que está acontecendo com nosso mundo? Tempestades, terremotos e tsunamis devastam áreas extensas, cobrando um preço imenso de mortes e ferimentos, perda de propriedades e sofrimento que não para. Guerras e conflitos, não só entre as nações, mas também entre ideologias e grupos étnicos parecem cada vez mais comuns e insolúveis. Reveses econômicos, até mesmo nas nações mais ricas, ameaçam a segurança das pessoas em todos os lugares. O declínio na moralidade e – pior ainda – a falta de consciência moral parece ser a raiz do aumento de crimes e de boa parte da deterioração social. Estaríamos às portas de uma mudança drástica e preocupante em todo o globo?

expõe o grande quadro dos acontecimentos que nos trouxeram até este ponto e nos conduzirão aos eventos finais deste mundo. Ao fazê-lo, enfatiza a autoridade da Bíblia enquanto apresenta a causa subjacente dos males que vemos ao nosso redor: o conflito em andamento que Satanás iniciou contra Cristo. Ao longo da história da Terra, Satanás traçou uma representação incorreta do caráter de Deus. Fez o amor ser provado pelo fogo, sobretudo na pessoa de Cristo, que é amor, mas também na de Seus seguidores verdadeiros. Esse conflito afetou o mundo inteiro. retoma a história no ponto em que o Novo Testamento a deixou, fazendo o relato chocante do que aconteceu com a fé cristã desde os tempos bíblicos e o que logo se desenrolará no grande conflito entre Cristo e Satanás. Como chegamos aonde nos encontramos hoje? Para onde os acontecimentos estão nos conduzindo? A despeito dos dias difíceis à frente, o livro nos aponta um futuro glorioso, muito mais sublime do que conseguimos

imaginar.

é uma adaptação de [Daqui Para a Eternidade], edição condensada de 1982 da obra clássica de Ellen G. White, . A condensação incluía todos os capítulos do original, usando somente palavras da própria autora, mas abreviando o relato.

Entretanto, esta adaptação dá um passo além, usando algumas palavras, expressões e construções frasais mais familiares aos leitores do século 21. Faz isso não só nos trechos escritos por Ellen G. White, mas também nas citações de outros autores que ela incluiu e no material do Apêndice, a fim de aumentar a fluidez da leitura. Em alguns pontos, restaura uma frase ou oração deixada de fora na condensação original. A maioria das citações da Bíblia foi extraída da Nova Versão Internacional. Esperamos que os leitores que estão sendo apresentados aos escritos de Ellen G. White apreciem esta adaptação e sintam-se incentivados a ler as edições originais de suas obras.

Este livro apresenta reflexões sobre as profecias bíblicas, destacando profecias significativas que já se cumpriram e mostrando aquilo que a Bíblia diz que está prestes a acontecer. Enquadra esses acontecimentos do passado, presente e futuro em sua estrutura mais ampla, a fim de que o leitor compreenda tanto o significado da história como o propósito daquilo que ainda está para acontecer.

Ellen G. White escreveu cinco obras poderosas que formam a série , narrando o conflito entre Cristo e Satanás desde sua origem no Céu, passando pelos principais acontecimentos dos tempos bíblicos e, por fim, no período pós-bíblico até o fim do conflito. é a condensação e

adaptação do último desses cinco livros. Que muitos leitores sejam atraídos a Deus por intermédio desses livros e da apresentação que fazem dos temas bíblicos. Essa é a esperança e a oração dos

Depositários do Patrimônio Literário de Ellen G. White

Levantando o Véu do Futuro*

* Introdução da autora.

Antes da entrada do pecado no mundo, Adão e Eva desfrutavam comunhão aberta com seu Criador. No entanto, a partir do momento em que nossos primeiros pais se separaram de Deus pela desobediência, a raça humana foi privada desse grande privilégio. O plano da redenção abriu caminho para que aqueles que vivem na Terra ainda tenham conexão com o Céu. Deus tem Se comunicado com os seres humanos por meio de Seu Espírito, dando luz divina ao mundo mediante revelações a Seus servos escolhidos. “Homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21).

Durante os primeiros dois mil e quinhentos anos da história humana, não houve mensagem escrita da parte de Deus. Aqueles a quem Deus instruía comunicavam seu conhecimento aos outros, o qual foi transmitido de pai para filho ao longo de muitas gerações. O registro desses fatos começou na época de Moisés. Revelações inspiradas foram reunidas em um livro. Essa obra continuou pelo período de mil e seiscentos anos – desde Moisés, o historiador da criação e da lei, até João, que registrou as maiores verdades do evangelho.

A Bíblia revela que Deus é seu autor, mas ela foi escrita por mãos humanas. O estilo variado de seus diferentes livros reflete as características individuais dos escritos. Todas as verdades reveladas foram inspiradas por Deus (2Tm 3:16), porém expressas em palavras humanas. Seu Espírito Santo, o Infinito, trouxe luz à mente e ao coração de Seus servos. Ele deu sonhos e visões, símbolos e ilustrações. Então aqueles a quem o Senhor revelou essas

verdades traduziram o pensamento em linguagem humana.

Escritos em eras diferentes, por homens que divergiram bastante em posição social, profissão, capacidade mental e espiritual, os livros da Bíblia apresentam forte contraste em estilo, bem como diversidade nos tipos de assuntos que abordam. Os muitos autores usam formas diferentes de expressão. Com frequência, um apresenta a mesma verdade de forma mais impressionante que o outro. Uma vez que os vários autores abordam os assuntos de formas diferentes e de perspectivas diferentes, os leitores superficiais, descuidados ou tomados pelo preconceito podem pensar que estão se deparando com uma discrepância ou contradição, ao passo que o estudante reflexivo e reverente, com percepção mais clara, reconhece a harmonia subjacente.

Os diferentes autores expõem a verdade em seus variados aspectos. Um autor se impressiona mais fortemente com um determinado aspecto do assunto e compreende o ponto relacionado à sua experiência ou à sua habilidade de compreendê-lo e apreciá-lo. Outro se identifica com um aspecto diferente. Sob a orientação do Espírito Santo, cada um apresenta aquilo que impressionou sua mente com mais força – há um aspecto diferente da verdade em cada um deles, mas harmonia perfeita em todos. As verdades reveladas dessa maneira se unem para formar um todo perfeito, adaptado para satisfazer as necessidades humanas em todas as circunstâncias e experiências da vida.

Deus escolheu comunicar Sua verdade ao mundo usando agentes humanos. Ele mesmo, por intermédio de Seu Espírito Santo, qualificou homens e mulheres, capacitando-

os para essa obra. Guiou a mente de todos eles na seleção do que falar e escrever. Deus confiou o tesouro a vasos terrenos; porém, ele ainda provém do Céu. A mensagem nos é dada por meio da expressão imperfeita da linguagem humana; mesmo assim, ela é o testemunho de Deus. O filho de Deus obediente e cheio de fé identifica nessa mensagem a glória do poder divino, cheio de graça e verdade.

Em Sua Palavra, Deus nos deixou o conhecimento necessário para a salvação. Devemos aceitar as Escrituras Sagradas como a revelação infalível e repleta de autoridade de Sua vontade. Elas são o padrão do caráter, a revelação das doutrinas e a prova da experiência cristã. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17).

O fato de Deus ter revelado Sua vontade à raça humana por meio de Sua palavra não torna desnecessárias a presença contínua e a orientação do Espírito Santo. Pelo contrário, nosso Salvador prometeu dar o Espírito para abrir a Palavra a Seus servos, iluminá-los e ajudá-los a aplicar seus ensinos. Uma vez que foi o Espírito de Deus quem inspirou a Bíblia, é impossível que Seus ensinos sejam contrários aos da Palavra de Deus.

O Espírito não foi dado – e nunca será – para substituir a Bíblia, porque as Escrituras dizem, explicitamente, que a Palavra de Deus é o padrão de prova de qualquer ensino e experiência. O apóstolo João diz: “Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm

saído pelo mundo" (1Jo 4:1). E Isaías declara: "'À lei e aos mandamentos!' Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz!" (Is 8:20).

A obra do Espírito Santo tem sido maculada pelos erros de pessoas que alegam ser iluminadas pelo Espírito e então dizem que não precisam mais da Palavra de Deus para guiá-las. São governadas por impressões que imaginam ser a voz de Deus no coração. Mas o espírito que as controla não é o Espírito de Deus. Essa prática de seguir impressões enquanto se negligencia as Escrituras só pode acarretar confusão, engano e ruína. Serve apenas para auxiliar os planos do maligno. Uma vez que o ministério do Espírito Santo é de importância vital para a igreja de Cristo, um dos planos de Satanás é usar os erros de extremistas e fanáticos para colocar a obra do Espírito em descrédito e levar o povo de Deus a negligenciar essa fonte de força que o próprio Senhor nos providenciou.

Em harmonia com a Palavra de Deus, Seu Espírito continuaria a trabalhar no decorrer da era evangélica. Durante as épocas em que as Escrituras tanto do Antigo quanto do Novo Testamento estavam sendo produzidas, o Espírito Santo não parou de comunicar luz a mentes individuais, mesmo em separado das revelações que deveriam ser incluídas no livro da Bíblia. As próprias Escrituras contam como as pessoas receberam advertências, reprimendas, conselhos e instruções por meio do Espírito Santo em questões não relacionadas ao processo de escrita da Bíblia. Também menciona profetas em diferentes eras cujas mensagens não foram registradas. Da mesma maneira, depois que a Bíblia foi concluída, o Espírito

Santo continuaria a trabalhar, a fim de iluminar, advertir e consolar os filhos de Deus.

Jesus prometeu a Seus discípulos: “Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que Eu lhes disse”. “ Mas quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade. [...] e lhes anunciará o que está por vir” (Jo 14:26; 16:13). As Escrituras ensinam claramente que essas promessas, em vez de se limitar aos dias dos apóstolos, se estendem à igreja de Cristo em todas as eras. O Salvador garante a Seus seguidores: “E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:20). Paulo declarou que os dons e a obra do Espírito foram concedidos à igreja “com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4:12, 13).

Para os cristãos de Éfeso, o apóstolo orou pedindo “que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê , no pleno conhecimento dEle. Oro também para que , a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual Ele os chamou [...] e a do Seu poder para conosco, os que cremos” (Ef 1:17-19). O ministério do divino Espírito para esclarecer o entendimento e abrir a mente às coisas profundas da santa Palavra de Deus era a bênção que Paulo buscava para a igreja de Éfeso.

Após o maravilhoso derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, Pedro apelou ao povo que se arrependesse e fosse batizado em nome de Cristo para o

perdão de seus pecados. Então disse: “Receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar” (At 2:38, 39).

Em conexão direta com as cenas do grande dia de Deus, o Senhor prometeu, por meio do profeta Joel, a manifestação especial de Seu Espírito (Jl 2:28). Essa profecia se cumpriu parcialmente por ocasião do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes. Entretanto, ela vai se cumprir por completo na demonstração da graça divina que acompanhará a obra final do evangelho.

O grande conflito entre o bem e o mal vai se tornar cada vez mais intenso até o fim dos tempos. Em todas as eras, Satanás tem demonstrado sua ira contra a igreja de Cristo, e Deus concedeu Sua graça e Espírito a Seu povo para fortalecê-lo a resistir ao poder do maligno. Quando os apóstolos de Cristo deveriam levar o evangelho ao mundo e registrá-lo para todas as eras futuras, eles receberam a iluminação especial do Espírito. À medida, porém, que a igreja se aproxima de seu livramento final, Satanás age com maior poder. Ele vem “cheio de fúria, pois sabe que lhe resta pouco tempo” (Ap 12:12). Ele trabalhará “com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras” (2Ts 2:9). Ao longo de seis mil anos, esse ser de extrema inteligência que, no passado, foi um dos maiores dentre os anjos de Deus, dedicou toda a sua energia à obra do engano e da ruína. Todas as profundas sutilezas da habilidade satânica que ele adquiriu, e toda crueldade que desenvolveu durante essas batalhas das eras serão usadas contra o povo de Deus no conflito final. Nesta época de perigo, os seguidores

de Cristo devem levar ao mundo a mensagem de advertência do segundo advento do Senhor. Seu testemunho deve ajudar a preparar um povo para permanecer em pé ao lado d Ele, imaculado e inculpável, por ocasião de Sua vinda (2Pe 3:14). Nesta época, a igreja necessita do dom especial da graça divina e pelo menos do mesmo tanto de poder que nos dias dos apóstolos.

Por meio da iluminação do Espírito Santo, as cenas do duradouro conflito entre o bem e o mal foram mostradas à autora destas páginas. De tempos em tempos me foi permitido ver o desenrolar, em diferentes eras, do grande conflito entre Cristo, o Príncipe da vida, o Autor de nossa salvação, e Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei de Deus. A maldade de Satanás contra Cristo tem sido direcionada contra os seguidores de Jesus. Em toda a história do passado, é possível identificar o mesmo ódio aos princípios da lei de Deus, a mesma prática de engano, por meio da qual Satanás tentou fazer o erro parecer verdade, substituir a lei divina pelas leis humanas e levar o povo a adorar a criatura em lugar do Criador. Em todas as eras, Satanás tem tentado continuamente fazer uma representação incorreta do caráter de Deus, levar as pessoas a se apegarem a um conceito falso do Criador e vê-Lo com medo e ódio, em vez de amor. O inimigo procurou descartar a lei divina, fazendo as pessoas pensarem que estão desobrigadas de seus requerimentos. Ele persegue aqueles que ousam resistir a seus enganos. Podemos ver essas coisas na história dos patriarcas, profetas e apóstolos, dos mártires e reformadores.

No grande conflito final, Satanás usará as mesmas abordagens, revelará o mesmo espírito e atuará com o mesmo objetivo de todas as eras anteriores. Aquilo que até aqui tem sido continuará a ser, com exceção de que a batalha vindoura será marcada por uma intensidade terrível, de um jeito que o mundo nunca viu. Os enganos de Satanás serão mais sutis e seus ataques, mais determinados. Se possível, ele enganaria até aqueles a quem Deus está salvando (Mc 13:22).

À medida que o Espírito de Deus abri a minha mente para as grandes verdades de Sua Palavra e para as cenas do passado e do futuro, fui instruída a tornar conhecido aos outros aquilo que me foi revelado desta maneira: delinear a história do conflito em eras passadas e, de maneira especial, apresentá-la de uma forma que lance luz sobre a batalha futura que velozmente se aproxima. Ao fazer isso, tentei selecionar e agrupar os acontecimentos da história da igreja de uma forma que mostre o desdobramento das grandes verdades que foram dadas ao mundo em épocas diferentes, as quais incitaram a ira de Satanás e o ódio da igreja que ama o mundo, as quais foram preservadas pelo testemunho daqueles que “diante da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12:11).

Nesses relatos, encontramos uma prévia do conflito à nossa frente. Olhando para eles à luz da Palavra de Deus e, com a iluminação de Seu Espírito, conseguimos enxergar os enganos de Satanás revelados e os perigos que devemos evitar se quisermos ser achados “imaculados” perante o Senhor por ocasião de Sua vinda (Ap 14:5).

Os grandes acontecimentos que marcaram o progresso da

Reforma em eras passadas são questões históricas, bem conhecidas e universalmente aceitas pelo mundo protestante. São fatos que ninguém é capaz de refutar. Apresentei brevemente essa história, de acordo com a perspectiva deste livro e a necessidade de condensar os fatos no menor espaço possível, ao mesmo tempo em que apresenta uma compreensão adequada de seu significado para nós. Em alguns casos nos quais o historiador agrupou os acontecimentos fazendo uma explanação ao mesmo tempo sucinta e abrangente do assunto, ou resumiu os detalhes de forma conveniente, suas palavras foram citadas. Para alguns deles, porém, não se deu crédito específico, uma vez que as citações não foram feitas com o propósito de citar tal autor como autoridade, mas somente porque sua declaração oferece uma apresentação conveniente e convincente do assunto. Ao contar sobre a experiência e os pontos de vista daqueles que realizaram a obra de Reforma em nossos tempos, fiz uso semelhante das obras publicadas.

Este livro não tem a intenção de apresentar novas verdades sobre as lutas dos tempos passados, mas de expor fatos e princípios que se relacionam aos eventos vindouros. Ao analisamos, porém, esses eventos como parte do conflito entre as forças da luz e das trevas, enxergamos todos os registros do passado com novo significado. Por meio deles, brilha a luz sobre o futuro, iluminando o caminho daqueles que, assim como os reformadores de eras passadas, serão chamados, mesmo correndo o risco de perder tudo que este mundo oferece, a fim de testemunhar "por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus" (Ap 1:9).

O propósito deste livro é mostrar as cenas do grande conflito entre a verdade e o erro, revelar os enganos de Satanás e como podemos resistir a ele com sucesso, apresentar uma solução satisfatória para o grande problema do mal, lançando luz sobre a origem e o fim definitivo do pecado de uma forma que revela plenamente a justiça e a bondade de Deus em todo Seu relacionamento com Suas criaturas, demonstrando a natureza santa e imutável de Sua lei. Minha fervorosa oração é que, por meio da influência deste livro, os leitores sejam livrados do poder das trevas e se tornem "dignos de participar da herança dos santos no reino da luz" (Cl 1:12), para o louvor dAquele que nos amou e Se entregou por nós.

Ellen G. White

Uma Previsão do Destino do Mundo

Do alto do Monte das Oliveiras, Jesus olhou para Jerusalém. A construção magnífica do templo estava plenamente à vista. Ao se pôr, o sol iluminava as paredes de mármore branquíssimo e resplendia na torre e no pináculo dourados. Que filho de Israel seria capaz de contemplar essa cena sem se emocionar com alegria e admiração? Mas eram outros os pensamentos que ocupavam a mente de Jesus. “Quando Se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela” (Lc 19:41).

As lágrimas de Jesus não eram por Si mesmo, muito embora à Sua frente se encontrasse o Getsêmani, a cena da agonia que se aproximava, e o Calvário, o lugar de Sua crucifixão, não ficasse distante. Não eram essas cenas que lançavam sombra sobre Ele naquela ocasião de alegria. Ele chorava pelos milhares de condenados em Jerusalém.

Jesus viu a história de mais de mil anos do favor especial de Deus e Seu cuidado protetor pelo povo escolhido. Deus havia honrado Jerusalém acima de toda a Terra. O Senhor escolhera “Sião, com o desejo de fazê-la Sua habitação” (Sl 132:13). Ao longo de eras, santos profetas deram suas mensagens de advertência. Diariamente, os sacerdotes ofereciam o sangue de cordeiros, apontando para o Cordeiro

de Deus.

Se a nação de Israel houvesse preservado sua lealdade ao Céu, Jerusalém teria permanecido para sempre como a cidade escolhida. Mas a história do povo que Deus favoreceu teve um histórico de apostasia e rebelião. Com o amor maior do que de um pai carinhoso, Deus teve "compaixão de Seu povo e do lugar de Sua habitação" (2Cr 36:15). Quando apelos e repreensões falharam, o Senhor enviou o melhor presente dos Céus, o próprio Filho, a fim de insistir com a cidade impenitente.

Por três anos, o Senhor de luz e glória andou em meio a Seu povo, "fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo", libertando os cativos, restaurando a vista aos cegos, fazendo os coxos andarem, os surdos ouvirem e pregando o evangelho aos pobres (At 10:38; Lc 4:18; Mt 11:5).

Jesus viveu como um andarilho sem lar a fim de ministrar às necessidades das pessoas e a suas angústias, suplicando que aceitassem o dom da vida. As ondas de misericórdia, rebatidas pelos corações obstinados, retornavam em maré mais forte de amor simpático e inexprimível. Mesmo assim, Israel rejeitou seu melhor Amigo e único Ajudador, desprezando os apelos de Seu amor.

O tempo de esperança e perdão rapidamente se passava. A nuvem que vinha se acumulando ao longo de eras de apostasia e rebelião estava prestes a desabar sobre o povo culpado. Os israelitas ridicularizaram, abusaram e rejeitaram o Único capaz de salvá-los do destino que se aproximava e logo O crucificariam.

Ao olhar para Jerusalém, Cristo viu diante de Si a ruína de toda uma cidade e nação. Viu o anjo destruidor com a espada levantada contra a cidade que por tanto tempo fora a morada de Deus. Do mesmo local que Tito e seu exército ocupariam posteriormente, ele olhou pelo vale pelos átrios sagrados e passarelas cobertas do templo. Com os olhos cheios de lágrimas, Ele viu as forças estrangeiras cercando os muros. Ouviu o ruído dos passos dos exércitos marchando para guerrear, a voz de mães e filhos clamando por alimento na cidade sitiada. Viu o templo santo de Jerusalém, seus palácios e suas torres serem entregues às chamas, transformando-se em um montão de ruínas incandescentes.

Olhando ao longo das eras, Ele viu o povo da aliança disperso em todas as terras, "como navios naufragados em uma praia deserta". A piedade divina e Seu amor anelante encontraram voz nas palavras de lamento: "Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes Eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram" (Mt 23:37).

Cristo viu Jerusalém como símbolo do mundo endurecido em descrença e rebelião, apressando-se para enfrentar os juízos de Deus. Seu coração se emocionou em piedade pelos aflitos e sofredores da Terra. Como desejava conceder alívio a todos! Estava disposto a dar Seu último fôlego de vida para colocar a salvação a seu alcance.

A Majestade do Céu em lágrimas! Essa cena mostra como é difícil salvar os culpados das consequências de violar a lei de Deus. Jesus viu o mundo envolvido em engano

semelhante ao que causou a destruição de Jerusalém. O grande pecado dos judeus foi rejeitar a Cristo. O grande pecado do mundo seria rejeitar a lei de Deus, o fundamento de Seu governo no Céu e na Terra. Milhões de escravos do pecado, condenados à segunda morte, se recusariam a ouvir as palavras da verdade em seu dia de oportunidade .

O Magnífico Templo é Condenado

Dois dias antes da Páscoa, Cristo foi novamente com os discípulos ao Monte das Oliveiras, que dava vista para a cidade. Mais uma vez, contemplou o templo em seu magnífico esplendor, uma coroa de joia. Salomão, o mais sábio dos monarcas de Israel, fez o primeiro templo, a mais esplendorosa construção que o mundo já viu. Depois que Nabucodonosor o destruiu, foi reconstruído cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Cristo.

O segundo templo não foi tão grandioso quanto o primeiro. Nenhuma nuvem de glória e nenhum fogo do Céu desceram sobre seu altar. A arca, o propiciatório e as tábuas da lei não estavam lá. Nenhuma voz do Céu revelou ao sacerdote a vontade de Deus. O segundo templo não foi honrado com a nuvem da glória de Deus, mas com a presença viva daquele que é o próprio Deus revelado em carne. O “Desejado de todas as nações” foi ao templo quando o Homem de Nazaré ensinou e curou em seus átrios sagrados. Mas Israel recusou esse Dom do Céu. Quando o humilde Mestre deixou suas portas douradas naquel e dia, a glória partiu do templo para sempre. As palavras do Salvador se cumpriram: “Eis que a casa de vocês ficará deserta” (Mt 23:38).

Os discípulos ficaram surpresos com a predição da destruição do templo feita por Cristo e quiseram entender o

que Suas palavras significavam. Herodes, o Grande, havia doado generosamente tesouros tanto romanos quanto judaicos para o templo. Blocos gigantescos de mármore branco foram enviados de Roma, formando parte de sua estrutura. Os discípulos chamaram a atenção para eles, dizendo: “Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!” (Mc 13:1).

Jesus deu uma resposta solene, que os deixou perplexos: “Eu lhes garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas” (Mt 24:2). O Senhor havia contado aos discípulos que viria uma segunda vez. Por isso, quando mencionou os juízos sobre Jerusalém, a mente deles se voltou para essa vinda e perguntaram: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da Tua vinda e do fim dos tempos?” (Mt 24:3).

Cristo lhes apresentou uma síntese de acontecimentos importantes antes do fim dos tempos. A profecia que proferiu tinha dois significados. Enquanto prefigurava a destruição de Jerusalém, também predizia os terrores do grande dia final.

Recairiam juízos sobre Israel por rejeitar e crucificar o Messias. “Assim, quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’, do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo – quem lê, entenda – então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes (Mt 24:15, 16; Lc 21:20, 21). Quando os estandartes pagãos dos romanos fossem fincados no solo sagrado fora dos muros da cidade, os seguidores de Cristo deveriam fugir em busca de segurança. Para escapar, não deveriam permitir nenhuma demora. Por causa de seus pecados, Deus havia decretado juízo contra Jerusalém. Sua descrença

obstinada tornara certa sua ruína.

Os habitantes de Jerusalém acusaram Cristo de ser a causa de todos os problemas que lhes sobrevieram por causa dos próprios pecados. Embora soubessem que Ele não tinha pecado, declararam que Sua morte era necessária para a segurança da nação. Concordaram com a decisão do sumo sacerdote de que seria melhor um homem morrer do que a nação inteira perecer (Jo 11:47-53).

Enquanto matavam o Salvador porque Ele havia condenado seus pecados, consideravam-se o povo favorecido de Deus e esperavam que o Senhor os livrasse de seus inimigos!

A Longanimidade de Deus

Por quase quarenta anos, o Senhor adiou Seus juízos. Ainda havia muitos judeus que desconheciam o caráter e a obra de Cristo. E os filhos não tinham a luz que seus pais haviam rejeitado. Deus fez a luz brilhar sobre eles por meio da pregação dos apóstolos. Eles veriam como as profecias haviam se cumprido não só por meio do nascimento e da vida de Cristo, mas também de Sua morte e ressurreição. Deus não condenou os filhos pelos pecados dos pais; mas, quando aqueles rejeitaram a luz adicional que lhes concedeu, tornaram-se participantes dos pecados de seus progenitores e encheram a taça de sua iniquidade.

Em sua recusa obstinada em se arrepender, os judeus rejeitaram a última oferta de misericórdia. Então Deus retirou deles Sua proteção. A nação foi deixada sob o controle do líder que havia escolhido. Satanás incitou as paixões mais vorazes e baixas. As pessoas perderam a

razão. Passaram não só a ser controladas por impulso e raiva cega, mas a ser satânicas em sua crueldade. Amigos e parentes traíam uns aos outros. Pais matavam os filhos; e filhos, os pais. Os governantes não tinham poder para se dominar. As paixões descontroladas os tornavam tiranos. Os judeus aceitaram falso testemunho para condenar o Filho de Deus inocente. Agora, acusações falsas tornavam incerta sua vida. O temor do Senhor não os incomodava mais. Satanás era o chefe da nação.

Líderes de grupos opostos atacavam as forças uns dos outros e matavam sem clemência. Nem mesmo a santidade do templo era capaz de restringir essas lutas vorazes. O santuário era contaminado com os corpos dos mortos. No entanto, os líderes por trás dessa obra maligna declaravam que não temiam que Jerusalém fosse destruída, pois era a cidade do próprio Deus! Até mesmo enquanto legiões romanas cercavam o templo, muitos judeus ainda acreditavam fortemente que o Altíssimo interviria para derrotar seus inimigos. Mas Israel voltara as costas à proteção divina e agora não tinha defesa alguma.

Presságios do Desastre

Todas as predições que Cristo dera sobre a destruição de Jerusalém se cumpriram ao pé da letra. Sinais e maravilhas surgiram. Por sete anos, um homem subia e descia as ruas de Jerusalém, anunciando os desastres por vir. Esse estranho homem foi preso e açoitado; mas, diante do insulto e do abuso, respondeu apenas: “Ai, ai para Jerusalém!” Ele foi morto no cerco que predisse.[1]

Nenhum cristão morreu na destruição de Jerusalém. Depois que os romanos, sob a liderança de Céstio, cercaram

a cidade, abandonaram o cerco inesperadamente quando tudo parecia pronto para o ataque. O general romano retirou suas forças sem nenhum motivo aparente. Os cristãos que aguardavam reconheceram o sinal prometido (Lc 21:20, 21).

Deus governou os acontecimentos de tal maneira que nem os judeus, nem os romanos poderiam impedir a fuga dos cristãos. Quando Céstio se retirou, os judeus os perseguiram; e, enquanto os dois exércitos estavam engajados no conflito, os cristãos de toda a terra conseguiram escapar para um lugar seguro, a cidade de Pella, sem sofrer interferências.

As forças judaicas perseguiram Céstio e seu exército e atacaram por trás as forças em fuga. Os romanos só conseguiram fazer sua retirada com grande dificuldade. Os judeus retornaram para Jerusalém em triunfo com seus espólios. No entanto, esse aparente sucesso só lhes causou mal. Inspirou neles o espírito de obstinada resistência aos romanos, o qual logo levou sofrimento indescritível à cidade condenada.

Terríveis foram os desastres que recaíram sobre Jerusalém quando Tito retomou o cerco. A cidade foi sitiada na época da Páscoa, ocasião em que milhões de judeus estavam reunidos dentro de seus muros. Suprimentos alimentares haviam sido destruídos em vingança das facções rivais. Os habitantes então vivenciaram os horrores da fome. As pessoas roíam o couro dos cintos, das sandálias e da cobertura de seus escudos. Grande número saía furtivamente à noite para pegar plantas silvestres que cresciam fora dos muros, mesmo que os romanos matassem a muitos com cruel tortura. Com frequência, os que

conseguiam retornar em segurança eram roubados e perdiam o que haviam encontrado. Maridos roubavam da esposa e esposas, do marido. Filhos tiravam o alimento da boca dos pais idosos.

Os líderes romanos fizeram todos os esforços para infundir terror aos judeus e levá-los a se render. Os prisioneiros que resistiam à captura eram açoitados, torturados e crucificados em frente aos muros da cidade. Ao longo do vale de Josafá e no Calvário, os romanos colocaram cruzes em grande quantidade. Mal havia espaço para se mover entre elas. Essas coisas cumpriram a terrível maldição dita perante Pilatos, na cena do julgamento de Cristo: "Que o sangue dEle caia sobre nós e sobre nossos filhos!" (Mt 27:25).

Tito se encheu de terror quando viu os corpos em montes jogados nos vales. Como alguém em transe, olhou para o magnífico templo e deu a ordem de que ninguém tocasse em nenhuma de suas pedras. Fez um sério apelo para que os líderes judeus não o forçassem a contaminar com sangue aquele local sagrado. Se lutassem em qualquer outro local, nenhum romano violaria a santidade do templo! O próprio Josefo implorou que se rendessem, salvando a si mesmos, sua cidade e seu local de adoração. Mas, com maldições amargas, arremessaram dardos em seu último mediador humano. Os esforços de Tito para salvar o templo foram em vão. Alguém maior do que ele havia declarado que não restaria pedra sobre pedra.

Por fim, Tito decidiu tomar o templo, determinado, se possível, a salvá-lo da destruição. Mas as tropas desconsideraram suas ordens. Um soldado jogou uma tocha

acesa em uma abertura do pórtico. Imediatamente, as salas revestidas de cedro em torno do local sagrado estavam em chamas. Tito se apressou até o local e ordenou aos soldados que apagassem o fogo. Suas palavras não foram ouvidas. Em fúria, os soldados jogaram tochas incandescentes nas salas anexas ao templo e mataram aqueles que estavam abrigados ali. Sangue corria pelos degraus do templo como se fosse água.

Depois que o templo foi destruído, a cidade inteira sucumbiu aos romanos. Os líderes dos judeus abandonaram suas torres inexpugnáveis. Tito declarou que tinha sido Deus quem os entregara em suas mãos, pois nenhuma máquina de guerra, por mais poderosa que fosse, seria capaz de vencer aquelas defesas estupendas. Tanto a cidade quanto o templo foram destruídos até os alicerces, e o solo, sobre o qual a santa casa ficava, estava arado “como um campo” (Jr 26:18). Mais de um milhão de pessoas morreram. Os sobreviventes foram levados cativos, vendidos como escravos, arrastados até Roma, jogados às bestas selvagens nos anfiteatros ou dispersos como peregrinos sem lar pela Terra.

Os judeus encheram por si sós a taça da vingança. Todos os problemas que se seguiram à sua dispersão foram a colheita daquilo que as próprias mãos haviam plantado. “Você foi destruído, ó Israel [...]. Seus pecados causaram sua queda!” (Os 13:9; 14:1). As pessoas costumam dizer que os sofrimentos dos judeus foram um castigo por decreto direto de Deus. É assim que o grande enganador tenta esconder a própria obra. Ao rejeitar de maneira obstinada o amor e a misericórdia divina, os judeus causaram a retirada

da proteção divina sobre eles.

Não temos como saber o quanto devemos a Cristo a paz e proteção que desfrutamos. O poder refreador de Deus impede que a humanidade se coloque sob o controle total de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm todos os motivos para agradecer pela misericórdia divina. Mas, quando as pessoas passam dos limites dos apelos pacientes de Deus, a força refreadora é retirada. Deus não age como executor da sentença contra a transgressão. Ele deixa os que rejeitam à Sua misericórdia colherem o que plantaram. Cada raio de luz rejeitado é uma semente lançada e produz uma colheita infalível. Quando se resiste com persistência ao Espírito de Deus, Ele, por fim, Se retira. Então não resta poder para controlar os desejos maus do coração, nenhuma proteção contra a maldade e o ódio de Satanás.

O Perigo de Resistir ao Chamado de Deus

A destruição de Jerusalém é uma solene advertência a todos que resistem às súplicas da misericórdia divina. A profecia do Salvador concernente aos juízos sobre Jerusalém terá outro cumprimento. No destino da cidade escolhida, podemos enxergar a ruína de um mundo que tem rejeitado a misericórdia divina e pisoteado Sua lei. Tenebrosos são os registros da miséria humana que a Terra testemunha. Terríveis são os resultados de rejeitar a autoridade do Céu. Porém, uma cena ainda mais escura é apresentada nas revelações do futuro. Quando o Espírito de Deus, que refreia o mal, for completamente retirado, sem conter a explosão das paixões humanas e da ira satânica, o mundo verá as consequências do domínio de Satanás como nunca antes.

Nesse dia, assim como por ocasião da destruição de

Jerusalém, o povo de Deus será livrado. Cristo virá uma segunda vez a fim de levar os fiéis para junto de Si. “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os Seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:30, 31).

As pessoas devem tomar cuidado para não negligenciar as palavras de Cristo. Assim como Jesus advertiu os discípulos quanto à destruição de Jerusalém para que pudessem fugir, Ele avisou o mundo sobre o dia da destruição final. Todos aqueles que escolherem, podem escapar da ira vindoura. “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, as nações estarão em angústia e perplexidade com o bramido e a agitação do mar” (Lc 21:25; ver também Mt 24:29; Mc 13:24-26; Ap 6:12-17). “Portanto, vigiem”, são as palavras do conselho de Cristo (Mc 13:35). Aqueles que obedecerem à advertência não serão deixados na escuridão.

O mundo não está mais preparado para crer na mensagem desta vez do que na época em que os judeus receberam a advertência do Salvador sobre Jerusalém. Não importa quando virá, o dia do Senhor chegará de surpresa para os ímpios. Enquanto a vida prossegue de forma costumeira, enquanto as pessoas estão absorvidas em prazeres, negócios, no acúmulo de dinheiro, enquanto os líderes religiosos louvam o progresso do mundo, e as pessoas são entorpecidas por uma falsa segurança – então, como o ladrão à meia-noite entra furtivamente na casa desprotegida, súbita destruição sobrevirá aos maus e

descuidados “e de modo nenhum escaparão” (1Ts 5:2-5).

[1] Henry Hart Milman, , livro 13.

Os Primeiros Cristãos: Leais e Verdadeiros

DJ esus revelou aos discípulos a experiência de Seu povo do momento em que seria levado ao Céu até a ocasião de Seu retorno em poder e glória. Vendo o futuro distante, os olhos de Jesus detectaram a tempestade impetuosa que assolaria Seus seguidores nas eras seguintes de perseguição (Mt 24:9, 21, 22). Os seguidores de Cristo devem trilhar o mesmo caminho de condenação e sofrimento que o Mestre percorreu. O ódio pelo nascimento do Redentor do mundo será demonstrado contra todos os que creem em Seu nome.

O paganismo previu que, se o evangelho triunfasse, os próprios templos e altares seriam destruídos. Por esse motivo, convocou suas forças para acender o fogo da perseguição. As posses dos cristãos eram levadas; e eles, expulsos de seus lares. Muitas pessoas – nobres e escravos, ricos e pobres, instruídos e ignorantes – foram mortas sem misericórdia.

A perseguição começou com Nero e continuou por séculos. Os cristãos eram acusados falsamente de serem a causa de fomes, epidemias e terremotos. Em troca de dinheiro, informantes permaneciam a postos para trair inocentes como se fossem os rebeldes e as pragas da sociedade.

Muitos cristãos foram jogados às bestas selvagens ou queimados vivos em anfiteatros. Alguns foram crucificados; outros foram cobertos com pele de animais selvagens e lançados à arena para ser despedaçados por cães. Em festas públicas, vastas multidões se reuniam para se divertir com a visão da agonia da morte dos cristãos e saudá-la com muito riso e aplauso.

Os seguidores de Cristo foram forçados a se esconder em locais isolados. Debaixo das colinas, fora da cidade de Roma, longos corredores foram escavados através da terra e das pedras, por quilômetros além dos muros da cidade. Nesses refúgios subterrâneos, os seguidores de Cristo enterravam seus mortos. Ali também encontraram um lar enquanto eram foragidos. Muitos se lembraram das palavras do Mestre, de que deveriam se alegrar quando fossem perseguidos por Cristo. Grande seria seu galardão no Céu, pois estavam sendo perseguidos da mesma maneira que os profetas antes deles (Mt 5:11, 12).

Cânticos de triunfo se erguiam do meio das chamas crepitantes. Pela fé, os mártires viam Cristo e os anjos olhando para eles com o mais profundo interesse e aprovando sua firmeza. Uma voz vinha do trono de Deus: "Seja fiel até a morte, e Eu lhe darei a coroa da vida" (Ap 2:10).

Os esforços de Satanás para destruir a igreja de Cristo usando violência foram em vão. Ele podia até matar os obreiros de Deus, mas o evangelho continuava a se espalhar e seus seguidores aumentavam. Certo cristão disse: "Quanto mais nos ceifam, mais crescemos em número; o sangue dos cristãos é semente." [1]

Por esse motivo, Satanás fez planos de guerrear com maior sucesso contra Deus, fincando seu estandarte da igreja cristã, a fim de obter por meio do engano aquilo que não conseguiu pela força. A perseguição terminou. Em seu lugar, vieram os atrativos da prosperidade e das honras mundanas. Os adoradores de ídolos começaram a aceitar parte da fé cristã, ao passo que rejeitavam verdades essenciais. Professavam aceitar a Jesus, mas não tinham convicção do pecado e não sentiam necessidade de se arrepender, nem de mudar o coração. Com algumas concessões de sua parte, propuseram que os cristãos transigissem também, a fim de que todos se unissem na mesma plataforma da “crença em Cristo”.

A igreja estava em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos em comparação com isso! Alguns cristãos permaneceram firmes. Outros eram favoráveis à modificação da fé. Sob o manto de um suposto cristianismo, Satanás ganhou entrada na igreja a fim de corromper a fé.

Por fim, a maioria dos cristãos consentiu em abaixar os padrões. A união entre cristianismo e paganismo foi estabelecida. Embora os adoradores de ídolos professassem se unir à igreja, ainda se apegavam à idolatria. Simplesmente mudaram os objetos de sua adoração para imagens de Jesus e até mesmo de Maria e dos santos. Doutrinas falsas, ritos supersticiosos e cerimônias idólatras passaram a fazer parte da fé e adoração da igreja. A religião cristã se corrompeu e a igreja perdeu sua pureza e seu poder. No entanto, alguns não se deixaram enganar. Permaneceram fiéis ao Autor da verdade.

Duas Classes Dentro da Igreja

Sempre houve duas classes dentre aqueles que alegam seguir a Cristo. Embora algumas pessoas estudem a vida do Salvador e se esforcem avidamente para corrigir seus defeitos e se conformar com o Padrão, outros repelem verdades claras e práticas que expõem seus erros. Até mesmo em sua melhor condição, a igreja nunca consistiu somente de pessoas verdadeiras e sinceras. Judas foi um dos discípulos, para que, por meio das instruções e do exemplo de Cristo, fosse levado a ver os próprios erros. Mas, ao condescender com o pecado, convidou as tentações de Satanás. Ficou irado quando Jesus reprovou suas falhas e acabou por trair seu Mestre (Mc 14:10, 11).

Ananias e Safira fingiram fazer um sacrifício completo para Deus, embora tenham retido em cobiça uma parte para si. O Espírito da verdade revelou aos apóstolos o verdadeiro caráter desses impostores e o juízo de Deus livrou a igreja da mancha imunda em sua pureza (At 5:1-11). Quando a perseguição sobreveio aos seguidores de Cristo, somente aqueles que estavam dispostos a abandonar tudo pela verdade quiseram se tornar Seus discípulos. Mas, no momento em que a perseguição terminou, a igreja recebeu conversos menos sinceros, abrindo o caminho para Satanás encontrar lugar.

Quando os cristãos concordaram em se unir aos semiconversos do paganismo, Satanás celebrou. Então os inspirou a perseguir aqueles que permaneceram fiéis a Deus. Quando os cristãos apóstatas se uniram a seus companheiros semipagãos, travaram batalha contra as características mais essenciais dos ensinos de Cristo. Era necessária uma luta ferrenha para permanecer firme contra

os enganos e males introduzidos na igreja. A igreja não aceitava mais a Bíblia como padrão de fé. Chamava a doutrina da liberdade religiosa de heresia e condenava aqueles que defendiam esse ensino.

Após um longo conflito, os fiéis perceberam que a separação era absolutamente necessária. Não ousavam tolerar erros que seriam fatais à sua alma e colocariam em risco a fé de seus filhos e netos. Sentiam que a paz custaria caro demais se precisassem comprá-la sacrificando princípios. Se pudessem obter unidade somente comprometendo a fé, então que houvesse divergência e até mesmo guerra.

Os cristãos primitivos eram pessoas verdadeiramente distintas. Pequenos em número, sem riquezas, posições ou títulos de honra, eram odiados pelos ímpios, assim como Caim odiava Abel (Gn 4:1-10). Dos dias de Cristo até hoje, Seus discípulos fiéis têm despertado ódio e oposição da parte daqueles que amam o pecado.

Então como o evangelho pode ser chamado de uma mensagem de paz? (At 10:36). Anjos cantaram sobre as planícies de Belém: "Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens aos quais Ele concede o Seu favor" (Lc 2:14). Parece haver uma contradição entre essa declaração profética e as palavras de Cristo: "Não pensem que vim trazer paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada" (Mt 10:34). Se compreendidas de maneira correta, as duas estão em perfeita harmonia. O evangelho é uma mensagem de paz. A religião de Cristo, se aceita e obedecida, espalharia paz e felicidade por toda a Terra. Era a missão de Jesus nos reconciliar com Deus e uns com os outros. No

entanto, a maior parte do mundo está sob o controle de Satanás, o mais amargo inimigo de Cristo. O evangelho apresenta princípios de vida completamente opostos aos hábitos e desejos das pessoas, e elas se levantam contra essa mensagem. Odeiam a pureza que condena o pecado e perseguem aqueles que proclamam suas santas prerrogativas. É nesse sentido que o evangelho é chamado de espada.

Muitos que são fracos na fé estão prontos para perder a confiança em Deus porque Ele permite que os maus prosperem, ao passo que os melhores e mais puros são atormentados por seu poder cruel. Como Aquele que é justo, misericordioso e infinito em poder tolera tamanha injustiça? Deus nos deixou evidências suficientes de Seu amor. Não devemos duvidar de Sua bondade por sermos incapazes de entender Suas obras. O Salvador disse: "Lembrem-se das palavras que Eu lhes disse: Nenhum escravo é maior do que o seu senhor. Se Me perseguiram, também perseguirão vocês" (Jo 15:20). Aqueles que são chamados a suportar tortura e martírio estão apenas seguindo os passos do amado Filho de Deus.

Os justos são colocados na fornalha da aflição para que sejam purificados, seu exemplo convença os outros da realidade da fé e da piedade, e sua vida coerente condene os ímpios e incrédulos. Deus permite que os maus prosperem e revelem o ódio que sentem pelo Senhor para que todos possam reconhecer Sua justiça e misericórdia quando Ele os destruir por completo. Deus punirá cada ato de crueldade contra Seus fiéis como se tivesse sido praticado contra o próprio Cristo.

Paulo declara: “Todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12). Então por que a perseguição parece estar adormecida? O único motivo é que a igreja se conformou ao padrão do mundo e, por isso, não desperta oposição. A religião em nossos dias não é a fé pura e santa de Cristo e de Seus apóstolos. Como as pessoas são indiferentes às verdades da Palavra de Deus, como há tão pouca espiritualidade vital dentro da igreja, o cristianismo é popular em meio ao mundo. É só haver um reavivamento da fé da igreja primitiva que os fogos da perseguição serão acesos novamente.

[1] Tertuliano, , parágrafo 50.

Trevas Espirituais na Igreja Primitiva

O apóstolo Paulo escreveu que, para o dia de Cristo chegar, “virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus.” Além disso, “o mistério da iniquidade já está em ação” (2Ts 2:3, 4, 7). Até mesmo naquela época, o apóstolo identificou erros sendo infiltrados que preparariam o caminho para o papado.

Pouco a pouco, “o mistério da iniquidade” realizou sua obra de engano. Os costumes do paganismo encontraram lugar dentro da igreja cristã, mas foram contidos por um tempo durante as intensas perseguições realizadas pelo paganismo. Quando as perseguições terminaram, o cristianismo se afastou da humilde simplicidade de Cristo e adotou a pompa dos sacerdotes e governantes pagãos. A suposta conversão do imperador Constantino foi motivo de grande alegria. A partir de então, porém, a obra de corrupção progrediu rapidamente. O paganismo, que parecia estar dominado, tornou-se o dominador. Suas doutrinas e superstições foram misturadas à fé daqueles que afirmavam ser seguidores de Cristo.

O compromisso entre paganismo e cristianismo resultou no “homem do pecado” que a profecia predissera. Essa falsa religião é obra-prima de Satanás, um monumento a seus esforços de se assentar no trono para governar a Terra de acordo com sua vontade.

Uma das principais doutrinas de Roma afirma que Deus deu autoridade suprema ao papa sobre bispos e pastores do mundo inteiro. Mais do que isso, o papa tem sido chamado de “Senhor Deus, o Papa” e declarado infalível (ver o Apêndice). A mesma reivindicação que Satanás fez no deserto da tentação continua a ecoar por meio da Igreja de Roma e grande é o número dos que lhe rendem adoração.

Mas aqueles que reverenciam a Deus enfrentam a falsa alegação do papado assim como Cristo respondeu a Satanás: “Adore o Senhor, o seu Deus, e só a Ele preste culto” (Lc 4:8). Deus nunca nomeou nenhum homem para ser chefe da igreja. A supremacia papal é contrária às Escrituras. O papa não pode ter poder sobre a igreja de Cristo, exceto por meio de uma reivindicação falsa. A Igreja Católica Romana acusa os protestantes de se separarem deliberadamente da igreja verdadeira, mas foi ela que se afastou da “fé de uma vez por todas confiada aos santos” (Jd 3).

Satanás sabia muito bem que foram as Sagradas Escrituras que capacitaram o Salvador a resistir a seus ataques. A cada investida, Cristo lhe apresentava o escudo da verdade eterna, dizendo: “Está escrito”. Para que Satanás mantenha seu controle sobre o povo e estabeleça a autoridade do usurpador papal, ele deve manter as pessoas em ignorância quanto à Bíblia. Precisa esconder e suprimir

as sagradas verdades. Por centenas de anos, a Igreja Católica proibiu a circulação da Bíblia. O povo era proibido de lê-la. Sacerdotes e líderes interpretavam seus ensinos a fim de apoiar suas alegações arrogantes. Dessa maneira, o papa passou a ser reconhecido por quase todos como o governante designado por Deus para a Terra.

Como o Sábado Foi “Mudado”

A profecia declarou que o papado tentaria “mudar os tempos e as leis” (Dn 7:25). Em substituição à adoração a ídolos, a adoração de imagens e relíquias foi gradualmente introduzida na adoração cristã. O decreto de um concílio geral (ver o Apêndice) finalmente estabeleceu a idolatria. Roma ousou remover o segundo mandamento da lei de Deus, que proíbe a adoração a ídolos, e dividir o décimo mandamento em dois a fim de conservar o total de dez.

Líderes não consagrados da igreja também mexeram com o quarto mandamento, anulando o antigo sábado, o dia que Deus havia abençoado e santificado (Gn 2:2, 3). Em seu lugar, exaltaram a festa pagã observada como “o venerável dia do sol”. Nos primeiros séculos, todos os cristãos guardavam o verdadeiro sábado, mas Satanás atuou para fazer prosperar sua vontade. A igreja transformou o domingo em uma festa em homenagem à ressurreição de Cristo. Cultos religiosos eram realizados, mas o dia era visto como um momento de recreação. Além disso, o verdadeiro sábado continuava a ser observado e considerado santo.

Antes de Cristo vir à Terra, Satanás inspirara os judeus a encher o sábado de regras rigorosas, tornando-o um fardo. Aproveitando-se da falsa luz que havia lançado sobre o sétimo dia, fez as pessoas o desprezarem como uma

instituição “judaica”. Enquanto os cristãos em geral continuavam a observar o domingo como uma alegre festa, os levou a fazer do sábado um dia de tristeza e melancolia a fim de demonstrar ódio pelo judaísmo.

O imperador Constantino proclamou um decreto transformando o domingo em uma festa pública em todo o império romano (ver o Apêndice). O dia do sol era reverenciado por seus súditos pagãos e honrado pelos cristãos. Os bispos da igreja os incentivavam a agir assim. Sedentos por poder, reconheciam que, se tanto cristãos quanto pagãos guardassem o mesmo dia, aumentariam o poder e a glória da igreja. Embora muitos cristãos tementes a Deus gradualmente tenham começado a atribuir algum grau de santidade ao domingo, continuaram a observar o verdadeiro sábado, em obediência ao quarto mandamento.

O arquienganador não havia completado sua obra. Estava determinado a exercer poder por meio do líder que escolhera, o orgulhoso pontífice que alegava representar a Cristo. Grandes concílios foram realizados, dos quais participavam autoridades do mundo inteiro. Quase todos os concílios rebaixavam o sábado um pouquinho mais, ao passo que exaltavam o domingo. Foi assim que a festa pagã finalmente passou a ser honrada como uma instituição divina, enquanto as pessoas começaram a considerar o sábado bíblico uma relíquia do judaísmo, pronunciando uma maldição sobre sua observância.

O grande apóstata obteve êxito em se exaltar “acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração” (2Ts 2:4). Ele ousou mudar o único mandamento da lei divina que aponta para o Deus vivo e verdadeiro. O quarto

mandamento revela que Deus é o Criador. A fim de comemorar a obra da criação, Deus santificou o sétimo dia como dia de descanso para a humanidade. Foi designado para manter Deus sempre vivo na mente das pessoas como objeto de adoração. Satanás trabalha para afastar os seres humanos da obediência à lei de Deus. A fim de realizar isso, ele direciona seus esforços especialmente contra o único mandamento que aponta para Deus como Criador.

Hoje, os protestantes alegam que a ressurreição de Cristo no domingo transformou esse dia no sábado cristão. Mas nem Cristo, nem os apóstolos concederam essa honra ao primeiro dia. A observância ao domingo teve sua origem no "mistério da iniquidade" (2Ts 2:7), que já havia começado sua obra desde os dias de Paulo. Que razão alguém pode dar para uma mudança que as Escrituras não autorizam?

No sexto século, o bispo de Roma foi proclamado o cabeça de toda a igreja. O paganismo foi substituído pelo papado. O dragão deu à besta "o seu poder, o seu trono e grande autoridade" (Ap 13:2).

Então começaram os 1.260 anos de opressão papal que as profecias de Daniel e Apocalipse predisseram (Dn 7:25; Ap 13:5-7; ver o Apêndice). Os cristãos foram forçados a escolher: ou abrir mão de sua integridade e aceitar as cerimônias e a adoração papal, ou consumir a vida em masmorras e até mesmo sofrer a morte. Cumpriram-se as palavras de Jesus: "Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregarão alguns de vocês à morte. Todos odiarão vocês por causa do Meu nome" (Lc 21:16; 17).

O mundo se transformou em um imenso campo de

batalha. Ao longo de centenas de anos, a igreja de Cristo encontrou abrigo em esconderijos e na escuridão. “A mulher fugiu para o deserto, para um lugar que lhe havia sido preparado por Deus, para que ali a sustentassem durante mil duzentos e sessenta dias” (Ap 12:6).

A ascensão da Igreja Católica Romana ao poder marcou o início da Idade das Trevas. As pessoas transferiram sua fé em Cristo para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para obter o perdão dos pecados e a salvação eterna, passaram a olhar para o papa e para os sacerdotes a quem ele concedia autoridade. O papa era seu mediador terreno. Ele ficava no lugar de Deus para eles. Divergir mesmo que um pouquinho de suas exigências era motivo para castigos severos. Dessa maneira, a mente das pessoas se afastou de Deus para se aproximar de homens falíveis e cruéis – e, mais do que isso, do próprio príncipe das trevas que exercia seu poder por meio deles. Quando seres humanos anulam as Escrituras e passam a se considerar supremos, só podemos esperar fraudes, enganos e mal degradante.

Dias de Perigo para a Igreja

Eram poucos os crentes fiéis a Deus. Às vezes, parecia que o erro triunfaria por completo e a verdadeira religião seria banida da Terra. As pessoas perderam o evangelho de vista e passaram a carregar o fardo de requerimentos difíceis. A igreja as ensinava a confiar nas próprias obras para expiar os pecados. Longas peregrinações, atos de penitência, a adoração de relíquias, a construção de igrejas, relicários e altares, o pagamento de grandes somas para os tesouros da igreja – é isso que ela exigia a fim de aplacar a ira de Deus

ou obter Seu favor.

Por volta do fim do oitavo século, aqueles que apoiavam o papa afirmavam que, na era primitiva da igreja, os bispos de Roma tinham o mesmo poder espiritual que agora afirmavam ter. Monges forjaram escritos antigos. Decretos de concílios dos quais ninguém nunca ouvira falar antes foram descobertos, consolidando a supremacia do papa desde os tempos mais remotos (ver o Apêndice).

Esses acontecimentos deixaram perplexos os poucos fiéis que se apoiavam no firme alicerce de Cristo (1Co 3:10, 11). Cansados da luta constante contra perseguição, fraude e todos os obstáculos que Satanás inventava, alguns que haviam sido fiéis até então desanimaram. A fim de ter paz e segurança para os próprios bens e a vida, afastaram-se do firme alicerce. Já outros não se abalaram pela oposição dos inimigos.

A adoração a imagens se disseminou por toda parte. As pessoas acendiam velas em frente às imagens e oravam a elas. Os costumes mais desprovidos de sentido prevaleciam. Era como se a própria razão houvesse perdido seu poder. Se até mesmo os padres e bispos eram corruptos e amantes do prazer, não espanta que as pessoas que buscavam neles orientação tenham afundado em ignorância e vícios.

No século 11, o papa Gregório VII proclamou que a igreja nunca havia errado, nem jamais erraria, de acordo com as Escrituras. Mas não apresentou nenhuma prova bíblica para confirmar sua alegação. O orgulhoso pontífice também afirmou ter poder para destituir imperadores. Esse promotor da infalibilidade demonstrou seu caráter tirano no tratamento que dispensou ao imperador alemão Henrique

IV. Por ter ousado desconsiderar a autoridade papal, esse monarca foi excomungado da igreja e demovido do trono. O decreto do papa encorajava os próprios príncipes de Henrique a se rebelarem contra ele.

Henrique sentiu a importância de fazer as pazes com Roma. Com a esposa e um servo fiel, atravessou os Alpes no meio do inverno a fim de se humilhar diante do papa. Quando chegou ao castelo de Gregório, foi levado para um pátio externo. Lá, no frio rigoroso do inverno, com a cabeça descoberta e os pés descalços, aguardou a permissão do papa para entrar em sua presença. Somente após três dias em jejum e confissão o papa lhe concedeu perdão. Mesmo assim, foi somente sob a condição de que o imperador esperaria pela permissão papal antes de assumir novamente os símbolos da realeza e exercer seu poder. Gregório sentiu-se triunfante com essa vitória. Ele enaltecia a si mesmo por acabar com o orgulho dos reis.

Que forte contraste entre esse orgulhoso papa e Cristo, que retrata a Si mesmo suplicando entrada à porta do coração. Ele ensinou a Seus discípulos: “ Quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (Mt 20:26).

Mesmo antes da instituição do papado, os ensinos dos filósofos pagãos já exerciam influência dentro da igreja. Muitos ainda se apegavam às crenças da filosofia pagã e incentivavam os outros a estudá-la como forma de estender sua influência entre os pagãos. Erros graves se infiltraram na fé cristã dessa maneira.

Como as Falsas Doutrinas se Instalaram

Um dos principais ensinos falsos era a crença de que somos imortais por natureza e conscientes após a morte. Essa doutrina lançou as bases para que Roma instituísse orações aos santos e a adoração da virgem Maria. Dela também surgiu a heresia do tormento eterno para aqueles que se recusam a se arrepender. Essa crença se tornou parte da fé papal nos primeiros anos da igreja.

Isso abriu caminho para mais uma invenção do paganismo: o purgatório, que a igreja usava para aterrorizar os supersticiosos. Essa heresia afirmava que existe um lugar de tormento no qual as almas daqueles que não merecem a condenação eterna sofrem o castigo por seus pecados e, depois disso, quando livres da impureza, são admitidos no C éu (ver o A pêndice).

Roma ainda precisava de outra mentira a fim de poder se aproveitar dos temores e vícios de seus seguidores: a doutrina das indulgências. A igreja prometia remissão completa de pecados passados, presentes e futuros a todos aqueles que se alistassem nas guerras papais para punir seus inimigos ou exterminar aqueles que ousavam negar sua supremacia espiritual. Ao pagar somas de dinheiro à igreja, as pessoas podiam se livrar do pecado e também liberar a alma de amigos que haviam morrido e estavam passando pelas chamas de tormento. Dessa maneira, Roma encheu seus tesouros e conseguia sustentar a magnificência, o luxo e o vício dos supostos representantes de Jesus, que nem tinha onde repousar a cabeça (ver o Apêndice).

A ceia do Senhor foi substituída pelo sacrifício idólatra da eucaristia. Sacerdotes papais alegavam transformar o

simples pão e vinho no verdadeiro “corpo e sangue de Cristo”. [1] Com presunção blasfema, reivindicavam abertamente o poder criador do Deus que fez todas as coisas. Os cristãos eram compelidos a professar a fé nessa heresia que insulta o C éu ou enfrentar a morte.

No século 13 a igreja instituiu a arma mais terrível do papado: a inquisição. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos controlavam a mente de homens maus. Um anjo de Deus estava no meio deles de forma invisível, fazendo o terrível registro de seus decretos perversos, escrevendo a história de atos terríveis demais para os olhos humanos contemplarem. “ Babilônia, a Grande [...] estava embriagada com o sangue dos santos” (Ap 17:5, 6). O corpo dilacerado de milhões de mártires clama a Deus por vingança desse poder apóstata.

O papado havia se tornado o déspota do mundo. Reis e imperadores se submetiam aos decretos do pontífice romano. Por centenas de anos as pessoas aceitaram as doutrinas de Roma sem questionar. Honravam o clero e o sustentavam liberalmente. Desde então, a Igreja Católica nunca conquistou maior dignidade, esplendor ou poder.

Mas “o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo”. [2] As Escrituras eram praticamente desconhecidas. Os líderes papais odiavam a luz que revelaria seus pecados. Como foi removida a lei de Deus, o padrão de justiça, vícios eram praticados sem restrições. Os palácios dos papas e de outros líderes da igreja eram cenários de vil imoralidade. Alguns dos papas eram culpados de crimes tão revoltantes que governantes seculares tentaram depô-los por serem monstros perversos demais para ser tolerados. Durante

séculos, a Europa não fez progresso nenhum no ensino, nas artes e na civilização. Uma paralisia moral e intelectual havia recaído sobre a cristandade.

Essas condições foram as consequências do banimento da Palavra de Deus!

---

[1] Sermões do cardeal Wiseman, “The Real Presence”, sermão 8, seção 3, parágrafo 26.

[2] James A. Wylie, , v. 1, cap. 4.

Os Valdenses Defendem a Fé

Durante o longo período de supremacia papal, testemunhas de Deus se apegaram à fé em Cristo como o único mediador entre Deus e os seres humanos. Confiavam na Bíblia como a única regra de vida e guardavam o sábado verdadeiro. A igreja, além de os rotular como hereges, eliminava, interpretava incorretamente ou mutilava seus escritos. Ainda assim, eles permaneceram firmes.

Quase não há menção sobre eles nos registros humanos, exceto nas acusações de seus perseguidores. Roma procurava destruir tudo que era "herege", fossem pessoas ou escritos. A igreja também tentou eliminar todos os relatos de sua crueldade em relação àqueles que dela discordavam. Antes da invenção da imprensa, os livros eram poucos; então não havia muitos recursos para impedir as forças de Roma de realizarem seus desígnios. Assim que o papado obteve poder, estendeu os braços para destruir todos aqueles que se recusavam a reconhecer sua autoridade.

Na Grã-Bretanha, o cristianismo simples criou raízes cedo, sem as corrupções da apostasia papal. A perseguição

realizada por imperadores pagãos foi o único presente que as primeiras igrejas da Grã-Bretanha receberam de Roma. Muitos cristãos que fugiam da perseguição na Inglaterra encontravam refúgio seguro na Escócia. De lá, os cristãos levaram a verdade para a Irlanda, e as pessoas desses países a aceitaram com alegria.

Quando os saxões invadiram a Grã-Bretanha, o paganismo assumiu o controle, e os cristãos foram forçados a se retirar para as montanhas. Na Escócia, um século depois, a luz brilhou até terras distantes. Da Irlanda veio Columba e seus colaboradores, que transformaram a solitária ilha de Iona no centro de sua obra missionária. Dentre esses evangelistas, havia um que guardava o sábado bíblico e apresentou essa verdade ao povo. Uma escola foi fundada em Iona e missionários saíam dela para pregar na Escócia, Inglaterra, Alemanha, Suíça e até mesmo na Itália.

Roma Enfrenta a Religião Bíblica

Roma, no entanto, estava determinada a submeter a Grã-Bretanha a seu domínio. No sexto século, missionários católicos trabalharam para converter os saxões pagãos. À medida que a obra progredia, os líderes papais se levantaram contra os cristãos simples – humildes e bíblicos em seu caráter, sua doutrina e conduta. Os representantes de Roma exibiam a superstição, pompa e arrogância do sistema papal. Roma exigia que as igrejas cristãs reconhecessem o papa como seu governante. Os bretões responderam que o papa não tinha direito à supremacia dentro da igreja e que prestariam a ele apenas a submissão que é devida a todo seguidor de Cristo. Sabiam que não existia outro mestre além de Cristo.

Então o verdadeiro espírito do papado se revelou. O líder de Roma disse: “Se não aceitarem irmãos que lhes trazem paz, receberão inimigos que lhes trarão guerra”.[1] Roma lançou mão de guerra e engano contra essas testemunhas da fé bíblica, até que as igrejas da Grã-Bretanha foram destruídas ou forçadas a sujeitar-se ao papa.

Nas terras além do domínio de Roma, os grupos cristãos permaneceram quase que completamente livres da corrupção papal por séculos. Continuaram a considerar a Bíblia sua única regra de fé. Esses cristãos acreditavam na permanência da lei de Deus e guardavam o sábado do quarto mandamento. As igrejas que se apegaram a essa fé e prática existiram na África Central e entre os armênios da Ásia.

Dentre os que resistiram ao poder papal durante esse período, os valdenses são os mais significativos. Dentro da própria terra na qual o sistema papal havia estabelecido sua sede, as igrejas de Piemonte mantiveram sua independência. Mas chegou o momento em que Roma insistiu em sua sujeição. Mesmo assim, alguns se recusaram a ceder ao papa ou ao bispo, determinando-se a preservar a pureza e a simplicidade de sua fé. Ocorreu uma separação. Aqueles que se apegavam à antiga fé deixaram seus lares. Alguns, deixando para trás os Alpes nativos, ergueram o estandarte da verdade em terras estrangeiras. Outros se retiraram para as fortalezas rochosas das montanhas e ali conservaram sua liberdade de adoração a Deus.

Sua crença religiosa era baseada na Palavra escrita de Deus. Esses humildes camponeses, excluídos do mundo, não haviam encontrado a verdade sozinhos em oposição

aos ensinos da igreja apóstata. Herdaram as crenças religiosas de seus antepassados. Em conflito, exaltaram a fé da igreja apostólica. “A igreja do deserto”, não a orgulhosa hierarquia no trono da grande capital mundial, era a verdadeira igreja de Cristo, a guardiã dos tesouros da verdade que Deus confiara a Seu povo para que fossem contados ao mundo.

Um dos principais motivos que levou a igreja verdadeira a se separar de Roma foi o ódio desta em relação ao sábado bíblico. Conforme a profecia tinha previsto, o poder papal pisoteou a lei de Deus. As igrejas submissas ao papado eram forçadas a honrar o domingo. Cercados por erros disseminados, muitos dentre o povo verdadeiro de Deus ficaram tão confusos que, embora guardassem o sábado, também não trabalhavam aos domingos. Entretanto, isso não satisfazia os líderes papais. Eles exigiam que o povo rejeitasse o sábado e denunciavam aqueles que ousavam honrá-lo.

Séculos antes da Reforma, os valdenses tinham a Bíblia em sua língua materna. Isso os tornou alvo especial de perseguição. Declararam que Roma era a Babilônia apóstata do Apocalipse. Arriscando a própria vida permaneceram firmes, resistindo às corrupções da igreja dominante. Ao longo das eras de apostasia, houve valdenses que negaram a supremacia de Roma, rejeitaram a adoração a imagens por ser uma forma de idolatria e guardaram o sábado verdadeiro (ver o Apêndice).

Por trás das grandes paredes montanhosas, os valdenses encontraram um esconderijo. Esses fiéis eLivross mostravam aos filhos as alturas que se erguiam acima deles

em majestade e falavam dAquele cujas palavras permanecem como as rochas eternas. Deus tinha colocado as montanhas seguramente em seu lugar. Nenhum braço, além do divino, seria capaz de movê-las. De igual maneira, Ele havia estabelecido Sua lei. O poder humano seria incapaz de mudar um mandamento da lei de Deus, assim como não poderia arrancar as montanhas e arremessá-las ao mar. Aqueles peregrinos não reclamavam de sua vida difícil. Nunca se sentiam solitários nas montanhas isoladas. Eles se alegravam em sua liberdade de adoração. Dos penhascos elevados, cantavam louvores, e os exércitos de Roma não podiam silenciar seus hinos de gratidão.

Princípios Valorosos da Verdade

Eles valorizavam os princípios da verdade mais do que casas e terras, amigos, familiares e a própria vida. Ensinavam aos pequenos, desde a primeira infância, a considerar sagradas as declarações da lei divina. Eram raros os exemplares da Bíblia, por isso decoravam suas preciosas palavras. Muitos eram capazes de recitar grandes trechos tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

Eram instruídos desde a infância a suportar dificuldades e a pensar e agir por si sós. Aprendiam a ter responsabilidades, a vigiar suas palavras e a compreender a sabedoria do silêncio. Uma única palavra descuidada que caísse nos ouvidos de seus inimigos poderia colocar em perigo a vida de centenas de fiéis, pois, como lobos que espreitam a presa, os inimigos da verdade perseguiam aqueles que ousavam reivindicar liberdade de fé religiosa.

Os valdenses trabalhavam com persistência resoluta para sua subsistência. Cada pedaço de terra cultivável nas

montanhas era cuidadosamente aproveitado. Ensinavam os filhos a praticar a economia e a negação do eu. O trabalho era duro, mas saudável, do tipo que os seres humanos em seu estado decaído necessitam. Os jovens aprendiam que todas as suas capacidades pertenciam a Deus e deviam ser desenvolvidas para Seu serviço.

As igrejas dos valdenses se assemelhavam às do período apostólico. Rejeitando a supremacia de papas e bispos, ensinavam que a Bíblia é a única autoridade infalível. Seus pastores, diferentemente dos padres autoritários de Roma, alimentavam o rebanho de Deus, conduzindo-os aos verdes pastos e fontes vivas de Sua santa Palavra. As pessoas não se congregavam em igrejas magníficas ou grandes catedrais, mas nos vales alpinos ou, em tempos de perigo, em alguma fortaleza rochosa, a fim de ouvir as palavras da verdade proferidas por servos de Cristo. Os pastores não só pregavam o evangelho como também visitavam os enfermos e trabalhavam para promover a harmonia e o amor fraternal. Assim como Paulo fazia tendas, cada um aprendia algum ofício a fim de prover o próprio sustento, caso necessário.

Os jovens recebiam instrução dos pastores. A Bíblia era o principal tema de estudo. Decoravam os evangelhos de Mateus e João, bem como muitas das epístolas.

Com esforço persistente, às vezes nas cavernas escuras da Terra, iluminados por tochas, escreviam as Sagradas Escrituras, versículo por versículo. Anjos celestiais cercavam esses obreiros fiéis.

Satanás havia incitado os sacerdotes e bispos romanos a enterrar a Palavra da verdade debaixo de uma pilha de

erros e superstições. De maneira notável, porém, ela foi preservada sem corrupções ao longo de toda a Idade das Trevas. Assim como a arca sobre as águas agitadas, a Palavra de Deus supera as tempestades que ameaçam sua destruição. Como uma mina com ricos veios de ouro e prata escondidos debaixo da superfície, as Sagradas Escrituras contêm tesouros da verdade que somente aquele que busca com humildade e oração pode encontrar. Deus projetou a Bíblia para ser um livro com lições para toda a humanidade, revelando a Si próprio. Cada verdade que enxergamos é uma revelação nova do caráter de seu Autor.

Alguns jovens eram enviados de suas escolas nas montanhas para instituições de ensino na França ou Itália, onde havia um campo mais amplo de estudo e observação do que nos Alpes nativos. Esses jovens eram expostos a tentações. Encontravam agentes de Satanás que tentavam incutir neles heresias sutis e enganos perigosos. Mas sua educação na infância os havia preparado para isso.

Nas escolas para onde iam, não confiavam em ninguém. Suas roupas eram feitas de maneira especial para esconder seu maior tesouro: as Escrituras. Em todos os lugares onde podiam, colocavam cuidadosamente alguma porção da Bíblia para que aqueles que pareciam abertos a receber a verdade pudessem encontrá-la. Dessa maneira, conquistaram conversos à verdadeira fé nessas instituições de ensino. Com frequência, seus princípios se espalhavam por toda a escola. No entanto, os líderes papais não conseguiam identificar a fonte da suposta “heresia”.

Treinados como Missionários

Os cristãos valdenses sentiam a solene responsabilidade

de fazer sua luz brilhar. Pelo poder da Palavra de Deus, trabalhavam para quebrar o jugo que Roma impusera. Os ministros valdenses precisavam servir por três anos em algum campo missionário antes de assumir uma igreja na própria terra – uma introdução apropriada à vida pastoral em tempos difíceis. Os jovens viam diante de si não riquezas e glórias terrenas, mas trabalho duro, perigos e a possibilidade da morte de mártir. Os missionários saíam de dois em dois, assim como Jesus havia enviado Seus discípulos.

Se revelassem sua missão, a derrota seria certa. Cada ministro tinha conhecimento de algum ofício ou profissão. Assim, os missionários realizavam sua obra sob o disfarce de um trabalho secular, em geral como comerciantes ou vendedores. “Carregavam consigo seda, joias e outros artigos [...] e sempre eram bem-vindos como mercadores nos lugares em que seriam rejeitados como missionários”. [2] Em segredo, carregavam cópias da Bíblia, inteira ou em parte. Com frequência, conseguiam interessar alguém pela leitura da Palavra de Deus e deixavam uma parte dela com quem queria.

De pés descalços, roupas rústicas e manchadas pela viagem, esses missionários passavam por grandes cidades e chegavam até terras distantes. Igrejas surgiam ao longo de seu caminho, e o sangue de mártires testemunhava da verdade. Velada e em silêncio, a Palavra de Deus era recebida com alegria em muitos lares e corações.

Os valdenses acreditavam que o fim de todas as coisas não estava distante. À medida que estudavam a Bíblia, ficavam profundamente impressionados com o dever de

tornar conhecidas as verdades da salvação aos outros. Encontravam conforto, esperança e paz na crença em Jesus. Enquanto a luz alegrava seu coração, ansiavam por disseminar seus raios de luz àqueles que estavam nas trevas dos erros de Roma.

Sob a orientação do papa e dos sacerdotes, a maioria das pessoas aprendia a confiar em suas boas obras para a salvação. Esses indivíduos olhavam o tempo todo para si. Sua mente refletia na própria condição pecaminosa, afligindo a alma e o corpo, sem achar alívio. Milhares consumiram a vida em celas de convento. Por meio de jejuns e açoites frequentes, vigílias da meia-noite, deitando-se em pedras frias e úmidas e fazendo longas peregrinações – assombrados pelo medo da ira vingativa de Deus – muitos sofriam continuamente, até que a natureza exausta expirava. Sem um raio de esperança desciam à sepultura.

Mostrando Cristo aos Pecadores

Os valdenses queriam muito levar a mensagem de paz nas promessas de Deus a essas pessoas famintas e lhes mostrar Cristo como a única esperança de salvação. Sabiam que a doutrina de que as boas obras podem fazer expiação pelos pecados era falsa. Os méritos do Salvador crucificado e ressurreto é o alicerce da fé cristã. Assim como o braço está ligado ao corpo, ou o ramo à videira, nós devemos depender de Cristo.

Os ensinos dos papas e sacerdotes haviam levado as pessoas a ter uma visão de Deus e até mesmo de Cristo como seres rígidos e temíveis, com tão pouca simpatia que os pecadores precisavam da mediação de sacerdotes e santos. Aqueles cuja mente havia recebido a luz ansiavam

por eliminar as obstruções que Satanás tinha acumulado, para que as pessoas passassem a ir diretamente a Deus, confessassem seus pecados e encontrassem perdão e graça.

Invadindo o Reino de Satanás

Os missionários valdenses copiavam cuidadosamente porções das Sagradas Escrituras escritas com toda cautela. A luz da verdade invadia muitas mentes obscurecidas, até o Sol da Justiça brilhar com raios de cura no coração. Com frequência, o ouvinte pedia a repetição de algum trecho das Escrituras, como que se quisesse ter certeza de que havia ouvido corretamente.

Muitos percebiam como era inútil o ser humano fazer mediação em favor do pecado. Com alegria, exclamavam: “Cristo é meu sacerdote! Seu sangue é meu sacrifício. Seu altar é meu confessionário”. A torrente de luz que brilhava sobre eles era tão grande que pareciam estar no C éu. Todo temor da morte se dissipava. Podiam agora até aguardar a prisão com expectativa, se isso fosse para a honra do Redentor.

Em lugares secretos, os valdenses abriam a Palavra de Deus e a liam, às vezes para uma única pessoa, às vezes para um pequeno grupo sedento por luz. Com frequência, eles passavam a noite inteira lendo a Bíblia para os outros. As pessoas faziam perguntas como: “Deus aceitará a oferta? Ele sorrirá para ? Ele perdoará?” Então ouviam a resposta das Escrituras: “Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso” (Mt 11:28).

Felizes, aquelas pessoas voltavam para casa a fim de espalhar a luz e repetir aos outros, da melhor maneira que podiam, sua nova experiência. Haviam encontrado o caminho verdadeiro e vivo! As Escrituras falavam ao coração daqueles que ansiavam pela verdade.

O mensageiro valdense da verdade seguia seu caminho. Em muitos casos, seus ouvintes não perguntavam de onde ele viera, nem para onde iria. Ficavam tão fascinados que nem tinham a ideia de questioná-lo. Agora indagavam uns aos outros: Seria ele um anjo do C éu ?

Em muitos casos, o mensageiro da verdade conseguira chegar a outras terras ou estava morrendo aos poucos em algum calabouço. Ou ainda seus ossos já se branqueavam no lugar onde havia testemunhado da verdade. Mas as palavras que tinha deixado para trás continuavam a fazer a obra.

Os líderes papais percebiam o perigo da obra desses humildes viajantes. A luz da verdade dissiparia as nuvens pesadas de erro que envolviam o povo. Direcionaria a mente somente para Deus, resultando na eventual destruição da supremacia de Roma.

Esses viajantes, apegando-se à fé da igreja primitiva, eram um constante testemunho da apostasia romana e, por isso, eram odiados e perseguidos. Sua recusa em abrir mão das Escrituras era uma ofensa que Roma não conseguia tolerar.

Roma Decide Destruir os Valdenses

Começaram então as mais terríveis cruzadas contra o povo de Deus em suas casas da montanha. Investigadores severos foram enviados no rastro deles. Vez após vez, as

forças de Roma não apenas arruinaram as terras férteis dos perseguidos, mas também destruíram suas casas e capelas. Nenhuma acusação poderia ser feita contra o caráter moral desses foragidos. Sua maior ofensa era não adorar a Deus de acordo com a vontade do papa. Como eram considerados culpados desse "crime", cada insulto e tortura que homens ou demônios eram capazes de inventar eram lançados sobre eles.

Quando Roma decidiu exterminar o odiado grupo, o papa decretou uma bula [edito], condenando os valdenses como hereges e ordenando sua morte (ver o Apêndice). Eram acusados de preguiçosos, desonestos, desordeiros, mas declarava-se que eles tinham aparência de piedade e santidade que seduziam "as ovelhas do verdadeiro rebanho". Esse edito convocava todos os membros da igreja a se unir na cruzada contra os hereges. Como incentivo, "dispensava todos aqueles que participassem da cruzada de qualquer juramento que houvessem feito. Legitimava o direito a qualquer propriedade adquirida de maneira ilegal e prometia o perdão dos pecados àquele que conseguisse matar algum herege. Cancelava todos os contratos feitos em favor dos valdenses, proibia todas as pessoas de lhes proporcionar qualquer auxílio e dava poder a qualquer um para tomar posse de sua propriedade". [3] Esse documento revelava claramente o rugido do dragão, não a voz de Cristo. O mesmo espírito que crucificou a Cristo e matou os apóstolos, que moveu Nero, sedento por sangue, contra os fiéis cristãos de sua época, estava em ação para destituir a Terra daqueles que eram amados por Deus.

A despeito das cruzadas contra eles e da matança

desumana que sofreram, esses indivíduos tementes a Deus continuaram a enviar missionários para espalhar a verdade preciosa. Eram caçados até a morte; mas, mesmo assim, seu sangue regava a semente que lançavam, e ela continuava dando frutos.

Dessa maneira, os valdenses testemunharam por Deus séculos antes de Lutero. Eles plantaram as sementes da Reforma que começou na época de Wycliffe, cresceu e se aprofundou nos dias de Lutero e deve ser levada adiante até o fim dos tempos.

---

[1] J. H. Merle D'Aubigné, , livro 17, cap. 2.
[2] James A. Wylie, , v. 1, cap. 7.
[3] Ibid., livro 16, cap. 7.

A Luz Entra na Inglaterra

Deus não permitiu que Sua Palavra fosse totalmente destruída. Em diferentes países da Europa, o Espírito de Deus levou as pessoas a buscar a verdade como um tesouro escondido. Ele as guiou às Sagradas Escrituras, e elas estavam dispostas a aceitar a luz a qualquer preço que precisassem pagar. Embora não vissem tudo com clareza, o Espírito as ajudou a compreender muitas verdades ocultas por bastante tempo.

Havia chegado o momento das Escrituras serem entregues ao povo na própria língua. Tinha passado a meia-noite do mundo. Em muitas terras, sinais da chegada da aurora se aproximavam.

No século 14, surgiu na Inglaterra a "estrela da manhã da Reforma". John Wycliffe se destacou na faculdade por sua espiritualidade fervorosa bem como por seu conhecimento acadêmico sensato. Educado na filosofia escolástica, nas leis da igreja e na lei civil, ele se preparou para tomar frente na grande luta por liberdade civil e religiosa. Adquiriu a disciplina intelectual das escolas e compreendia as táticas dos eruditos. A extensão e a amplitude de seu conhecimento despertavam o respeito tanto de amigos quanto de inimigos. Seus inimigos não eram capazes de desacreditar a causa da Reforma expondo a ignorância ou a

fraqueza de seu porta-voz.

Enquanto Wycliffe ainda estava na faculdade, começou a estudar as Escrituras. Antes disso, sentia uma grande carência, que nem os estudos acadêmicos, nem os ensinos da igreja eram capazes de suprir. Na Palavra de Deus, encontrou aquilo que buscava. Viu Cristo ser apresentado como nosso único advogado. Decidiu proclamar as verdades que descobriu.

Quando começou sua obra, Wycliffe não se opôs a Roma. No entanto, quanto mais claramente reconhecia os erros do papado, com maior avidez apresentava os ensinos da Bíblia. Percebeu que Roma havia abandonado a Palavra de Deus, trocando-a pelas tradições humanas. Sem temor, Wycliffe acusava o sacerdócio de haver abandonado as Escrituras e exigia que a Bíblia fosse restaurada ao povo e sua autoridade estabelecida na igreja novamente. Era um pregador habilidoso e eloquente, e sua vida diária demonstrava as verdades que pregava. Seu conhecimento das Escrituras, a pureza de sua vida e sua coragem e integridade obtinham respeito por toda parte. Muitos viam os males da Igreja Romana. Recebiam de bom grado e com alegria as verdades que Wycliffe trazia à tona. No entanto, os líderes papais se encheram de ira. Esse reformador estava adquirindo influência maior que a deles.

Um Perspicaz Detector de Erros

Wycliffe era um perspicaz detector de erros e se posicionava destemidamente contra os abusos que Roma aprovava. Embora fosse capelão do rei, objetou com ousadia ao pagamento de tributos que o papa exigia do rei da Inglaterra. A reivindicação papal de autoridade sobre os

governantes seculares era contrária tanto à razão quanto à revelação. As exigências do papa haviam despertado ressentimento, e os ensinos de Wycliffe influenciavam a mente dos líderes da nação. O rei e os nobres se uniram na recusa a pagar tributos.

Frades mendicantes inundavam a Inglaterra, corroendo a grandeza e a prosperidade da nação. A vida ociosa dos monges e a mendicância não só consumiam os recursos do povo, como também provocavam desprezo pelo trabalho útil. Os jovens foram desmoralizados e se corromperam. Muitos eram persuadidos a se dedicar à vida monástica não só sem o consentimento dos pais, mas até mesmo sem o conhecimento destes e contra suas ordens. Por meio dessa “desumanidade monstruosa”, conforme Lutero denominou mais tarde, “assemelhando-se mais ao lobo e ao tirano que ao cristão e ao ser humano”, o coração dos filhos foi colocado contra o dos pais.[1]

Os monges enganavam até alunos das universidades e os persuadiam a se unir a suas ordens. Após serem apanhados na armadilha, era impossível se livrar. Muitos pais se recusavam a enviar os filhos para as universidades. As escolas entraram em declínio e a ignorância prevalecia.

O papa dera poder a esses monges para ouvir confissões e conceder perdão – uma grande fonte de mal. Os frades, ávidos por dinheiro, estavam tão dispostos a conceder perdão que os criminosos os procuravam, e os piores vícios cresceram rapidamente. Doações que deveriam ajudar os pobres e doentes iam para os monges. A riqueza dos frades crescia constantemente. Suas construções magníficas e mesas luxuosas e fartas tornavam ainda mais óbvia a

pobreza crescente da nação. Entretanto, os frades continuavam a se aproveitar do povo supersticioso e levá-lo a crer que todos os deveres religiosos consistiam em reconhecer a supremacia do papa, adorar os santos e fazer doações aos monges. Essa seria a maneira segura de garantir um lugar no Céu!

Wycliffe, com clara inteligência, chegou à raiz do problema, declarando que o sistema em si era falso e deveria ser abolido. Seus esforços despertaram discussões e questionamentos. Muitos começaram a se indagar se não deveriam pedir perdão a Deus em vez de procurar o papa de Roma (ver o Apêndice). “Os monges e sacerdotes de Roma”, diziam, “estão nos consumindo como câncer. Deus precisa nos livrar, caso contrário o povo perecerá”.[2] Os monges mendicantes afirmavam estar seguindo o exemplo do Salvador. Diziam que Jesus e Seus discípulos eram sustentados por doações das pessoas. Essa alegação levou muitos à Bíblia a fim de aprender a verdade por si mesmos.

Wycliffe começou a escrever e publicar tratados contra os frades, chamando o povo a conhecer os ensinos da Bíblia e seu Autor. Ele não poderia ter usado um meio mais eficaz para derrotar a gigantesca estrutura que o papa havia edificado, no qual milhões eram mantidos cativos.

Para defender os direitos da coroa inglesa dos abusos de Roma, Wycliffe foi nomeado embaixador real da Holanda. Ali entrou em contato com religiosos da França, Itália e Espanha. Teve a oportunidade de ver os bastidores e descobrir muitas coisas que haviam sido ocultadas dele na Inglaterra. Nesses representantes da corte papal, interpretou o verdadeiro caráter da liderança da igreja.

Voltou para a Inglaterra a fim de retomar seus ensinos anteriores com maior zelo, declarando que o orgulho e o engano eram os deuses de Roma.

Depois que Wycliffe voltou para a Inglaterra, o rei o nomeou reitor de Lutterworth. Isso lhe garantiu que seu discurso aberto não havia desagradado o rei. A influência de Wycliffe ajudou a moldar as crenças da nação.

O papa logo enviou trovoadas sobre ele, promulgando três editos (“bulas”) que ordenavam ação imediata para silenciar o professor de “heresias”.[3]

A chegada das bulas papais colocou toda a Inglaterra sob a ordem de aprisionar o herege (ver o Apêndice). Parecia certo que Wycliffe logo cairia diante da vingança de Roma. Contudo, o mesmo Deus que declarou a Abrão: “Não tenha medo [...]! Eu sou o seu escudo” (Gn 15:1), estendeu os braços para proteger Seu servo. A morte sobreveio não ao reformador, mas ao papa que havia ordenado sua destruição.

A morte de Gregório XI foi sucedida pela eleição de dois papas rivais (ver o Apêndice). Cada um deles convocou seus fiéis a guerrear uns contra os outros, fazendo cumprir suas exigências não apenas por meio de maldições terríveis contra os inimigos, mas também por promessas de recompensa no C éu para quem os apoiasse. As facções rivais usaram todos os seus recursos para atacar uns aos outros e, por um tempo, Wycliffe teve paz.

Essa divisão, com toda a contenda e corrupção que provocou, preparou o caminho para a Reforma, ao permitir que as pessoas vissem a realidade do papado. Wycliffe

conclamou o povo a refletir se esses dois papas não estavam falando a verdade ao chamar um ao outro de anticristo.

Determinado a espalhar a luz por todas as partes da Inglaterra, Wycliffe organizou um grupo de pregadores – homens simples e devotos que amavam a verdade e queriam disseminá-la. Eles ensinavam nos mercados, nas ruas das grandes cidades e nas estradas do campo, procurando os idosos, enfermos e pobres, anunciando a eles as boas-novas da graça de Deus.

Em Oxford, Wycliffe pregou a Palavra de Deus na universidade. Recebeu o título de "doutor do evangelho". Mas a maior obra de sua vida foi a tradução das Escrituras para o inglês, a fim de que todos da Inglaterra pudessem ler sobre as obras maravilhosas de Deus.

Doença Perigosa

De repente, porém, seus esforços foram detidos. Embora ainda não tivesse nem sessenta anos de idade, trabalho e estudo constantes, bem como os ataques de inimigos haviam esgotado suas forças, fazendo-o envelhecer prematuramente. Foi acometido por uma doença perigosa. Os frades acharam que ele se arrependeria dos males que havia trazido à igreja e foram correndo para o quarto dele a fim de ouvir sua confissão.

– A morte está em seus lábios – disseram. – Admita suas falhas, retrate-se em nossa presença por tudo aquilo que falou contra nós.

O reformador ouviu em silêncio. Pediu a seu auxiliar que o levantasse na cama. Olhando diretamente para eles, disse

na voz forte e firme que tantas vezes os fizera tremer:

– Não vou morrer, mas sim viver. E novamente declararei os males dos frades. [4] Atônitos e humilhados, os monges saíram do quarto o mais rápido possível.

Wycliffe viveu para dar a seus conterrâneos a mais poderosa de todas as armas contra Roma – a Bíblia, o agente designado pelo C éu para libertar, esclarecer e evangelizar as pessoas. Wycliffe sabia que ele só tinha alguns anos para trabalhar. Sabia da oposição que enfrentaria; mas, encorajado pelas promessas da Palavra de Deus, seguiu adiante. Em plena capacidade intelectual, com rica experiência, tinha sido preparado pelas mãos de Deus para o maior de seus labores. Em sua residência paroquial em Lutterworth, sem dar atenção à tempestade que rugia a seu redor, o reformador se dedicou à tarefa escolhida.

Finalmente a obra foi concluída: a primeira tradução da Bíblia para o inglês. Wycliffe colocou nas mãos do povo inglês uma luz que nunca se apagaria. Fizera mais para abrir as cadeias da ignorância, libertar e elevar seu país do que qualquer vitória no campo de batalha havia realizado até então.

Cópias da Bíblia só podiam ser feitas por meio de trabalho fatigante. Tantas pessoas desejavam ter o livro que os copistas mal davam conta da demanda. Compradores ricos queriam a Bíblia inteira. Outros compravam apenas uma parte. Em muitos casos, famílias se uniam para comprar um exemplar. A Bíblia de Wycliffe logo conseguiu entrar no lar das pessoas.

Wycliffe passou a ensinar as doutrinas distintivas do

protestantismo: a salvação pela fé em Cristo e a infalibilidade apenas da Bíblia. Quase metade do povo inglês aceitou a nova fé.

As autoridades da igreja ficaram desanimadas ao descobrir que as Escrituras estavam disponíveis. Naquela época, não havia lei na Inglaterra proibindo a Bíblia, uma vez que ela nunca tinha sido publicada na língua do povo. Mais tarde, porém, essas leis foram promulgadas e rigorosamente colocadas em prática.

Mais uma vez, os líderes de Roma tramaram para silenciar a voz do reformador. Primeiro, um sínodo declarou que seus escritos eram heréticos. Conquistaram o apoio do jovem rei, Ricardo II, e conseguiram um decreto real condenando à prisão todos aqueles que defendessem as doutrinas abominadas.

Wycliffe apelou da decisão do sínodo no Parlamento. Sem temor, acusou a hierarquia perante o concílio nacional e exigiu reforma dos enormes abusos que a igreja aprovava. Seus inimigos ficaram confusos. Todos esperavam que o reformador, idoso, solitário e sem amigos, cedesse à autoridade da coroa. Em vez disso, porém, o Parlamento foi tocado pelo emocionante apelo de Wycliffe. Então o Parlamento revogou o edito de perseguição, e Wycliffe foi livrado mais uma vez.

Novamente foi levado à corte, mas dessa vez perante o tribunal eclesiástico mais elevado do reino. Ali, por fim, a obra do reformador seria detida, pensavam os seguidores do papa. Se conquistassem seu objetivo, Wycliffe só sairia do tribunal para ser lançado às chamas.

Recusando-se a se Retratar

Wycliffe, porém, não se retratou. Defendeu seus ensinos sem temor e refutou as acusações de seus perseguidores. Convocou os ouvintes a comparecer perante a corte divina e pesou seus falsos argumentos e enganos na balança das verdades eternas. O poder do Espírito Santo sobreveio aos ouvintes. As palavras do reformador invadiram seu coração como setas da aljava do Senhor. Lançou de volta para eles a acusação de heresia que haviam lhe feito.

"Com quem vocês pensam estar lidando?", perguntou. "Com um velhinho à beira da sepultura? Não! Com a Verdade. A Verdade é mais forte que vocês e irá derrotá-los". [5] Depois de dizer isso, ele se retirou, e nenhum de seus adversários tentou impedi-lo.

A obra de Wycliffe estava quase terminada. Contudo, mais uma vez ele precisaria testemunhar do evangelho. Foi convocado a ser julgado diante da corte papal em Roma, a qual tantas vezes havia derramado o sangue do povo de Deus. Por causa de um derrame, não pôde comparecer. Muito embora fosse impossível ir pessoalmente para ser ouvido em Roma, ele falou por carta. Com espírito respeitoso e cristão, o reformador escreveu para o papa, mas fazendo uma repreensão severa à pompa e ao orgulho do papado.

Wycliffe demonstrou a mansidão e a humildade de Cristo ao papa e a seus cardeais, revelando não só a eles, mas a toda cristandade, o contraste entre aqueles líderes e o Mestre a quem alegavam representar.

Wycliffe tinha total expectativa de pagar pela fidelidade com a própria vida. O rei, o papa e os bispos se uniram para

destruí-lo e parecia certo que, dentro de poucos meses, ele seria queimado na estaca. Mesmo assim, sua coragem permaneceu inabalável.

Tendo defendido a verdade com ousadia ao longo de toda a sua vida, Wycliffe não seria vítima do ódio de seus adversários. O Senhor tinha sido seu protetor, e agora, quando os oponentes de Wycliffe tinham a certeza de que iriam pegá-lo, a mão de Deus o tirou do alcance deles. Em sua igreja em Lutterworth, quando estava prestes a ministrar a ceia, teve um derrame e morreu pouco tempo depois.

Porta-voz de uma Nova Era

Deus colocou a palavra da verdade na boca de Wycliffe, protegeu sua vida e prolongou sua obra até ele lançar os fundamentos da Reforma. Não houve ninguém antes dele cuja obra pudesse ajudá-lo a moldar o sistema da Reforma. Foi o primeiro porta-voz de uma nova era. Contudo, na verdade que apresentou, havia uma unidade e inteireza que reformadores posteriores não ultrapassaram e alguns nem chegaram a alcançar. A estrutura era tão firme e verdadeira que aqueles que o sucederam não precisaram refazê-la.

O grande movimento que Wycliffe iniciou – a libertação das nações unidas a Roma por tanto tempo – se originou na Bíblia. Ela foi a fonte de bênção que fluiu pelas eras desde o século 14. Embora Wycliffe tenha sido educado para considerar Roma uma autoridade infalível e aceitar seus ensinos e costumes milenares com reverência inquestionável, afastou-se de tudo isso para ouvir a Santa Palavra de Deus. Declarou que a única autoridade verdadeira não era a igreja falando por meio do papa, mas a

voz de Deus se comunicando em Sua Palavra. E ensinava que o Espírito Santo era seu único intérprete.

Wycliffe foi um dos maiores reformadores. Poucos que vieram depois se igualaram a ele. Pureza de vida, diligência constante em estudo e labores, integridade incorruptível e amor cristão caracterizaram o primeiro dos reformadores.

Foi a Bíblia quem o fez assim. O estudo das Escrituras enobrece cada pensamento, sentimento e ambição, de uma forma que nenhum outro estudo é capaz de fazer. Dá firmeza de propósito, coragem e força. O estudo fervoroso e reverente das Escrituras pode dar ao mundo pessoas de intelecto mais forte e princípios mais nobres do que o resultado da melhor instrução disponível em meio às filosofias humanas.

Os seguidores de Wycliffe, conhecidos como wiclefitas e lolardos, se espalharam por outras terras e levaram o evangelho consigo. A partir do momento em que seu líder se foi, os pregadores passaram a trabalhar com zelo ainda maior do que antes. Muitas pessoas se reuniam para ouvi-los. Alguns nobres e até mesmo a esposa do rei faziam parte do grupo de conversos. Em muitos lugares, as pessoas retiraram das igrejas os símbolos idólatras de Roma.

Entretanto, logo perseguição implacável recaiu sobre aqueles que ousaram aceitar a Bíblia como guia. Pela primeira vez na história da Inglaterra, a lei passou a condenar à estaca os discípulos do evangelho. Era martírio após martírio. Aqueles que pregavam a verdade eram caçados como inimigos da igreja e traidores do reino, mas eles continuavam a pregar em lugares secretos. Encontravam abrigo nos lares humildes dos pobres e, com

frequência, se escondiam em tocas e cavernas.

Um protesto calmo e paciente contra a corrupção da fé religiosa continuou por séculos. Os cristãos daquela época haviam aprendido a amar a Palavra de Deus e sofreram com perseverança por causa disso. Muitos sacrificaram seus bens terrenos por Cristo. Aqueles que tinham permissão para viver em seus lares abrigavam com alegria os cristãos banidos. Então também eram expulsos e aceitavam jubilosos seu papel de excluídos. Muitos davam testemunho destemido em prol da verdade nas celas de calabouços, em meio à tortura e às chamas, regozijando-se por serem considerados dignos de ter “participação em Seus sofrimentos” (Fp 3:10).

O ódio dos defensores do papa não se satisfez nem enquanto o corpo de Wycliffe repousava na sepultura. Mais de quarenta anos após sua morte, desenterraram seus ossos. Então os queimaram em público e jogaram as cinzas em um riacho próximo. Um antigo escritor conta: “Esse riacho conduziu as cinzas ao rio Avon; o Avon as levou ao Severn; o Severn, a mares estreitos; e os mares, ao grande oceano. E assim as cinzas se tornaram um símbolo de sua doutrina, hoje espalhada pelo mundo inteiro.” [6]

Por meio dos escritos de Wycliffe, John Huss da Boêmia renunciou a muitos dos erros da Igreja Católica. Da Boêmia, a obra se difundiu para outras terras. A mão divina estava preparando o caminho para a grande Reforma.

---

[1] Barnas Sears, , p. 69, 70.

[2] J. H. Merle D’Aubigné, , livro 17, cap. 7.

[3] Augustus Neander, , frase 6, seção 2, parte 1, parágrafo 8. Ver também o Apêndice.

[4] D’Aubigné, livro 17, cap. 7.

[5] James A. Wylie, , livro 2, cap. 13.
[6] Thomas Fuller, , livro 4, seção 2, parágrafo 54.

Dois Heróis Enfrentam a Morte

Desde o nono século, o povo da Boêmia[1] tinha a Bíblia no próprio idioma e realizava os cultos de adoração em sua língua. Entretanto, Gregório VII tinha a intenção de escravizar o povo, e o papado promulgou um edito proibindo a adoração pública na língua boêmia. O papa declarou que "era agradável a Deus que sua adoração fosse celebrada em idioma desconhecido".[2] Mas o Céu havia providenciado agentes para preservar a igreja. Muitos valdenses e albigenses, afastados pela perseguição, chegaram à Boêmia. Trabalharam com fervor em segredo. Dessa maneira, preservaram a fé verdadeira.

Antes dos dias de Huss, havia pessoas na Boêmia que condenavam a corrupção da igreja. Isso despertou os temores da hierarquia, que começou a perseguir aqueles que ensinavam o evangelho. Depois de um tempo, foi proclamado o decreto de que todos aqueles que se desviassem da maneira romana de adoração seriam condenados à fogueira. Apesar disso, os cristãos aguardavam com expectativa a vitória de sua causa. Ao morrer, um deles declarou: "Alguém se levantará dentre o povo comum, sem espada, nem autoridade e não conseguirão prevalecer contra ele".[3] Alguém assim já

estava ganhando proeminência, cujo testemunho contra Roma agitaria as nações.

John Huss nasceu em um lar humilde. A morte de seu pai o deixou órfão bem cedo. Sua devota mãe acreditava que a educação e o temor a Deus eram os bens mais valiosos. Por isso, fez todo esforço para proporcionar essa herança ao filho. Huss estudou na escola da província, então partiu para a universidade de Praga, onde foi admitido como bolsista de caridade.

Na universidade, Huss logo chamou atenção por seu rápido progresso. Sua conduta bondosa e cativante fazia todos o admirarem. Era um seguidor sincero da Igreja Católica Romana que buscava fervorosamente as bênçãos espirituais que ela alegava distribuir. Após concluir o curso universitário, entrou para o sacerdócio. Logo adquiriu proeminência e se ligou à corte do rei. Lá foi nomeado professor e, mais tarde, reitor da universidade. O humilde bolsista se tornou o orgulho de seu país, e seu nome foi honrado por toda a Europa.

Jerônimo, que mais tarde se uniu a Huss, havia levado consigo da Inglaterra os escritos de Wycliffe. A rainha da Inglaterra, convertida aos ensinos de Wycliffe, era uma princesa boêmia. Por sua influência, as obras do reformador receberam ampla circulação em sua terra natal. Huss sentia-se inclinado a ter uma visão favorável das reformas de Wycliffe. Sem o saber, ele já começava a trilhar um caminho que o levaria para bem longe de Roma.

Dois Quadros Impressionam Huss

Na mesma época, dois estranhos da Inglaterra, homens

eruditos, receberam a luz e foram espalhá-la em Praga. Logo foram silenciados, mas como não estavam dispostos a abrir mão de seus planos, recorreram a outras medidas. Como, além de pregadores, eram artistas, fizeram dois quadros em um lugar no qual o público podia ver. Um representava a entrada de Cristo em Jerusalém, "humilde e montado num jumento" (Mt 21:5), seguido por Seus discípulos em roupas gastas de viagem e pés descalços. O outro quadro mostrava uma elegante procissão eclesiástica – o papa em suas ricas vestes e tríplice coroa, cavalgando um cavalo magnificamente ornamentado, com trompetistas à sua frente, cardeais e oficiais seguindo em ordem esplendorosa.

Multidões vinham olhar as figuras. Ninguém deixava de entender a moral da história. Grande comoção se despertou em Praga, e os estrangeiros acharam necessário partir. Mas os quadros causaram profunda impressão em Huss e o conduziram ao estudo mais aprofundado da Bíblia e dos escritos de Wycliffe.

Embora ainda não estivesse pronto para aceitar todas as reformas que Wycliffe advogava, reconheceu o verdadeiro caráter do papado e denunciou o orgulho, a ambição e a corrupção da hierarquia.

Praga é Interditada

As notícias acerca dessas coisas chegaram a Roma, e Huss recebeu a ordem de comparecer perante o papa. Obedecer significaria morte certa. O rei e a rainha da Boêmia, a universidade, membros da nobreza e oficiais do governo se uniram apelando ao pontífice que permitisse a Huss permanecer em Praga e responder enviando um

representante. Em vez disso, o papa manteve a resolução de julgar Huss e condená-lo, declarando um interdito sobre a cidade de Praga. [4]

Naquela época, esse tipo de sentença era motivo de grande alarme. As pessoas achavam que o papa era o representante de Deus, detendo as chaves do Céu e do inferno, com poder para enviar juízo sobre elas. Acreditavam que, enquanto o papa não removesse a excomunhão, os mortos não teriam acesso ao Céu. Todos os serviços religiosos foram suspensos. As igrejas ficaram fechadas. Os casamentos eram realizados do lado de fora, no pátio das igrejas. Os mortos eram enterrados em valas ou campos, sem funeral.

Praga foi tomada por grande comoção. Muitas pessoas denunciaram Huss e exigiram que ele fosse entregue a Roma. A fim de acalmar a tempestade, o reformador partiu para uma temporada em sua vila natal. Não parou sua obra, mas viajava pelo campo pregando às ávidas multidões. Quando a agitação em Praga arrefeceu, Huss voltou e continuou a pregar a Palavra de Deus. Seus inimigos eram poderosos, mas a rainha e muitos nobres eram seus amigos e muitos dentre o povo se aliaram a ele.

Até então, Huss havia realizado um trabalho solitário. Entretanto, a partir do momento em que Jerônimo aderiu à Reforma, a vida dos dois se uniu e, nem mesmo na morte seriam separados. Dentre as qualidades que conferem verdadeira força de caráter, Huss era superior. Jerônimo, demonstrando verdadeira humildade, reconhecia o valor de Huss e cedia a seus conselhos. Por meio da união dos esforços de ambos, a Reforma rapidamente se disseminou.

Deus permitiu que grande luz brilhasse sobre a mente daqueles homens escolhidos, revelando a eles muitos dos erros de Roma. No entanto, eles não aceitaram toda a luz que o Senhor tinha para o mundo. Deus estava conduzindo o povo para fora das trevas do catolicismo e o fez passo a passo, no ritmo que as pessoas eram capazes de suportar. Assim como a glória plena do Sol ao meio-dia afasta aqueles que passaram muito tempo na escuridão, toda a luz ao mesmo tempo os afastaria. Por isso, Deus a revelou pouco a pouco, à medida que os indivíduos tinham condições de aceitá-la.

A divisão dentro da igreja continuou. Três papas agora competiam por supremacia. A contenda entre eles encheu de confusão todo o mundo cristão. Não contentes com as condenações que lançavam uns aos outros, cada um se propôs a comprar armas e reunir soldados. É claro que, para isso, eles necessitavam de dinheiro. Para obtê-lo, ofereceram a venda de dons, ofícios e a bênção da igreja (ver o Apêndice).

Com ousadia cada vez maior, Huss denunciava os terríveis abusos que eram tolerados em nome da religião. As pessoas acusavam Roma abertamente como a causa das misérias que tomavam conta do mundo cristão e o assolavam.

Mais uma vez, Praga parecia às portas de uma guerra sangrenta. Assim como em eras passadas, o servo de Deus foi acusado de ser o “perturbador de Israel” (1Rs 18:17). Novamente, Roma colocou a cidade sob interdito, e Huss partiu para sua vila natal. Ele ainda falaria de uma plataforma mais ampla, para toda a cristandade, antes de entregar sua vida em testemunho à verdade.

Um concílio geral foi convocado na cidade de Constan ça (no sudoeste da Alemanha). O imperador Sigismundo queria realizar a reunião; por isso, João XXIII, um dos três papas rivais, o convocou. O papa João, cujo caráter e comportamento não ficariam bem sob investigação, não ousou se opor à vontade de Sigismundo (ver o Apêndice). Os principais objetivos do concílio eram resolver a divisão da igreja e eliminar a "heresia". Os dois antipapas foram convocados a comparecer, bem como John Huss. Os papas rivais foram representados por delegados. Com grande receio, o papa João compareceu. Ele temia responder por seus vícios, que haviam levado desgraça à coroa papal, bem como pelos crimes que havia cometido a fim de conquistá-la. Mesmo assim, fez sua entrada à cidade de Constança com grande pompa, acompanhado por altos oficiais da igreja e uma procissão de outros participantes. Acima da cabeça, havia um dossel dourado, segurado por quatro magistrados chefes. A hóstia da comunhão usada na missa era carregada à sua frente. As ricas vestes dos cardeais e nobres causaram forte impressão por sua ostentação.

Enquanto isso, outro viajante se aproximava de Constan ça . Huss disse adeus aos amigos como se nunca mais fosse vê-los novamente, sentindo que sua jornada o conduziria às chamas. Havia conseguido um salvo-conduto com o rei da Boêmia e outro com o imperador Sigismundo. Mesmo assim, fez todos esses preparativos tendo em mente o fato de que, provavelmente, viesse a morrer.

Salvo-conduto do Rei

Em uma carta aos amigos, Huss disse: "Meus irmãos, [...] estou partindo com um salvo-conduto do rei para encontrar

meus muitos inimigos mortais. [...] Jesus Cristo sofreu por aqueles que tanto amava. Deveríamos então ficar perplexos por Ele nos ter deixado Seu exemplo? [...] Portanto, meus amados, se minha morte contribuir para a glória de Cristo, orem para que ela aconteça depressa e para que o Senhor me capacite a suportar todas as calamidades fielmente [...]. Peçamos a Deus [...] que eu não oculte nenhuma partícula da verdade do evangelho, a fim de deixar a meus irmãos um exemplo excelente para ser seguido.” [5]

Em outra carta, Huss falou com humildade sobre os próprios erros, acusando-se “de ter sentido prazer em usar roupas sofisticadas e de ter desperdiçado horas com coisas triviais”. Então acrescentou: “Que a glória de Deus e a salvação das almas ocupe sua mente, não a posse de riquezas e propriedades. Tome cuidado para não adornar a casa mais do que a alma. E, acima de tudo, preste atenção às coisas espirituais. Seja piedoso e humilde com os pobres. Não gaste seus recursos com festas”. [6]

Em Constan ça , Huss recebeu plena liberdade. Além do salvo-conduto do imperador, também obteve garantia pessoal de proteção da parte do papa. Contudo, devido a suas repetidas declarações, dentro de pouco tempo o reformador foi preso por ordem tanto do papa como dos cardeais e lançado em um calabouço terrível. Posteriormente, foi levado para um castelo forte do outro lado do Reno para ser mantido prisioneiro. Pouco depois, o próprio papa foi mandado para a mesma prisão. [7] Foi condenado por provas de sua culpa nos mais baixos crimes, além de assassinato, simonia [8] e adultério, “pecados tão terríveis que não é apropriado exprimi-los em palavras”. Foi,

por fim, destituído da coroa. Os antipapas também foram depostos e escolheram um novo pontífice.

Embora o próprio papa fosse culpado de crimes muito maiores do que aqueles citados por Huss para acusar os sacerdotes, o mesmo concílio que demoveu o pontífice não se esquivou de destruir o reformador. O encarceramento de Huss despertou forte ressentimento na Boêmia. O imperador, que não queria violar um salvo-conduto, se opôs às medidas tomadas contra Huss. Mas os inimigos do reformador argumentaram que "a fé não deve tolerar hereges, nem pessoas suspeitas de heresia, mesmo que tenham consigo salvo- condutos de imperadores e reis". [9]

Fragilizado por causa de uma doença – o calabouço úmido causara uma febre que quase deu fim à sua vida – Huss finalmente foi levado perante o concílio. Em cadeias, compareceu à presença do imperador, que havia se comprometido a protegê-lo. Com firmeza, apresentou a verdade e protestou solenemente contra as corrupções da hierarquia. Quando o concílio exigiu que ele escolhesse entre renegar suas doutrinas ou ser condenado à morte, Huss aceitou o destino de mártir.

A graça de Deus o sustentou. Durante as semanas de sofrimento antes de sua sentença final, a paz do C éu encheu sua alma. Disse a um amigo: "Escrevo esta carta da prisão, com as mãos acorrentadas, esperando minha sentença de morte para amanhã . [...] Quando, com o auxílio de Jesus Cristo, nos encontrarmos novamente na deliciosa paz da vida futura, você descobrirá o quanto Deus tem sido misericordioso comigo e o quanto Ele tem me sustentado em minhas tentações e provas." [10]

Previsão de Triunfo

Do calabouço, Huss conseguiu ver que a fé verdadeira triunfaria no futuro. Em sonhos, viu o papa e os bispos não deixando nenhum vestígio das ilustrações de Cristo que ele havia pintado nas paredes da igreja de Praga. "Essa visão o perturbou. No dia seguinte, porém, viu muitos pintores ocupados restaurando as figuras em maior número e cores mais brilhantes. [...] Os pintores [...] cercados por uma multidão imensa, exclamavam: 'Os papas e bispos podem vir, mas eles nunca mais as apagarão novamente!'" O reformador declarou: "A imagem de Cristo nunca será apagada. Querem destruí-la, mas será pintada novamente em todos os corações por pregadores muito melhores do que eu." [11]

Pela última vez, Huss foi levado perante o concílio, uma imensa e reluzente assembleia, formada pelo imperador, por príncipes do império, representantes da nobreza, cardeais, bispos, sacerdotes e uma grande multidão. Quando os líderes da reunião perguntaram qual era sua decisão final, Huss se recusou a renunciar seus pontos de vista. Olhando diretamente para o monarca que tão descaradamente violara a própria palavra, afirmou: "Decidi, por livre e espontânea vontade, comparecer perante este concílio, sob a proteção pública e a fé do imperador aqui presente."[12] O rosto de Sigismundo corou e enrubesceu enquanto todos os olhos se voltaram para ele.

Depois que a sentença foi pronunciada, começou a cerimônia de degradação. Exortado mais uma vez a se retratar, Huss respondeu, voltando-se para as pessoas: "De que maneira, então, eu poderia olhar para o C éu ? Como

seria capaz de encarar as pessoas para quem preguei o evangelho puro? Não! Considero a salvação delas mais valiosa do que este pobre corpo, agora condenado à morte .” As vestes sacerdotais de Huss foram removidas uma a uma. Cada bispo pronunciava uma maldição enquanto realizava sua parte nessa cerimônia. Por fim, colocaram um gorro ou mitra de papel em formato de pirâmide sobre sua cabeça, pintada com figuras assustadoras de demônios e com a palavra “Arqui-herege” se destacando na parte da frente. “Com toda alegria”, disse Huss, “usarei esta coroa de vergonha por Ti, ó Jesus, pois por mim usaste uma coroa de espinhos.” [13]

Huss Morre na Estaca

Huss foi levado para fora. Uma imensa procissão o seguiu. Quando tudo estava pronto para acender a fogueira, mais uma vez incitaram o mártir a se salvar renunciando aos próprios erros. “A quais erros hei de renunciar?”, questionou Huss. “Sei que não sou culpado de nenhum. Deus é testemunha de que tudo aquilo que escrevi e preguei teve o propósito de resgatar pessoas do pecado e da destruição. Logo, com a maior alegria confirmo com meu sangue a verdade do que escrevi e preguei.”[14]

Quando as chamas começaram a arder a seu redor, ele começou a cantar: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim” e continuou a cantar até sua voz ser silenciada para sempre. Um católico zeloso descreveu da seguinte maneira o martírio de Huss e o de Jerônimo, que ocorreu pouco tempo depois: “Eles se prepararam para o fogo como quem se arruma para uma festa de casamento. Não deram nenhum grito de dor. Quando as chamas subiram,

começaram a cantar hinos e a intensidade do fogo não era capaz de deter seu louvor”. [15]

Quando o corpo de Huss foi consumido, suas cinzas foram reunidas e jogadas no Reno. A partir de lá, foram carregadas até o oceano, como uma semente espalhada por todos os países do mundo. Em terras desconhecidas na época, daria muito fruto em forma de testemunhas da verdade. A voz no concílio de Constança ecoaria ao longo das eras vindouras. Seu exemplo incentivaria muitos outros a permanecer firmes diante da tortura e da morte. Sua execução mostrou ao mundo a crueldade traiçoeira de Roma. Os inimigos da verdade estavam ajudando a causa que tentavam destruir!

Mesmo assim, o sangue de mais uma testemunha ainda testificaria da verdade. Jerônimo havia incentivado Huss a ser corajoso e firme, dizendo que, se ele corresse perigo, iria o mais rápido possível em seu auxílio. Quando ficou sabendo que o reformador estava preso, o fiel discípulo se preparou para cumprir sua promessa. Sem salvo-conduto, partiu para Constan ça . Ao chegar, percebeu que apenas havia se exposto ao perigo, sem a possibilidade de fazer nada por Huss. Fugiu, mas foi preso e levado de volta em correntes. Da primeira vez que compareceu perante o concílio, suas tentativas de réplica eram interrompidas por gritos: “Levem-no para as chamas!” [16] Foi jogado em um calabouço e mantido a pão e água. A crueldade de seu encarceramento o fez adoecer e colocou sua vida em risco. Seus inimigos, temendo que ele viesse a óbito, passaram a tratá-lo com menos severidade, embora o tenham deixado preso por um ano.

Jerônimo Cede ao Concílio

A violação do salvo-conduto de Huss criou uma tempestade de raiva. Então o concílio decidiu que, em vez de queimar Jerônimo, o forçaria a se retratar. Ele recebeu a escolha de renegar suas crenças ou morrer na estaca. Fragilizado pela doença, pelas dificuldades da prisão e pela tortura da ansiedade e do suspense, separado dos amigos e arrasado pela morte de Huss, Jerônimo cedeu. Comprometeu-se a aderir à fé católica e concordou com o voto do concílio de condenar Wycliffe e Huss, com exceção das "sagradas verdades" [17] que haviam ensinado.

Sozinho em sua cela, Jerônimo percebeu com clareza o que havia feito. Ele se lembrou da coragem e fidelidade de Huss. Ponderou sobre a negação da fé que fizera. Pensou no Mestre que havia suportado a cruz em seu lugar. Antes de se retratar, mesmo em meio aos sofrimentos, encontrava conforto na certeza do favor de Deus. Agora, remorso e dúvida torturavam sua alma. Ele sabia que precisaria fazer muitas outras retratações antes de estar em paz com Roma. O caminho que havia iniciado só poderia terminar em completa apostasia.

Arrependimento e Nova Coragem

Logo Jerônimo foi levado novamente perante o concílio. Sua submissão não tinha deixado os juízes satisfeitos. Somente se abrisse mão completamente da verdade, ele conseguiria preservar a própria vida. Entretanto, Jerônimo decidiu proclamar sua fé e seguir seu irmão mártir até as chamas.

Ele renunciou à retratação anterior e, por estar prestes a morrer, reivindicou solenemente o direito de fazer sua defesa. Os oficiais da igreja insistiram para que ele

simplesmente confirmasse ou negasse as acusações feitas contra ele. Jerônimo protestou mais uma vez contra tamanha injustiça. “Vocês me mantiveram cativo por trezentos e quarenta dias em uma horrenda prisão”, disse. “Então me trazem em sua presença, ouvem meus inimigos mortais e se recusam a me escutar. [...] Tomem cuidado para não pecar contra a justiça. Quanto a mim, sou apenas um frágil mortal. Minha vida tem pouca importância. E quando peço que não profiram uma sentença injusta, faço menos por mim mesmo do que por vocês.” [18]

Seu pedido finalmente foi atendido. Na presença dos juízes, Jerônimo se ajoelhou e orou pedindo ao Espírito divino que controlasse seus pensamentos para que não dissesse nada contrário à verdade ou indigno de seu Mestre. Naquele dia, cumpriu-se nele a promessa: “Mas quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizê-lo. Naquela hora lhes será dado o que dizer, pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai de vocês falará por intermédio de vocês” (Mt 10:19, 20).

Jerônimo havia permanecido na masmorra por um ano, sem poder ler, nem mesmo enxergar. No entanto, apresentou seus argumentos com tamanha clareza e poder que parecia ter tido oportunidade de estudar sem interrupções. Ele apresentou aos ouvintes a longa linhagem de homens santos condenados por juízes injustos. Em quase todas as gerações, aqueles que procuravam enlevar o povo de sua época eram excluídos. O próprio Cristo foi condenado como criminoso em um julgamento injusto.

Jerônimo então declarou seu arrependimento e testificou da inocência e santidade do mártir Huss. “Eu o conheci

desde a infância. Foi um homem de excelência, justo e santo; foi condenado, mesmo sendo inocente. [...] Estou pronto para morrer. Não me desviarei diante dos tormentos que inimigos e falsas testemunhas prepararam para mim. Um dia, eles prestarão contas de seus enganos diante do grande Deus, a quem ninguém é capaz de enganar.”

Jerônimo continuou: “De todos os pecados que cometi desde a juventude, nenhum pesa tanto em minha mente e me causa tão grande remorso quanto o que cometi neste lugar fatal, quando concordei com a ímpia sentença proferida contra Wycliffe, e contra o santo mártir John Huss, meu mestre e amigo. Sim! Eu confesso do fundo do coração e declaro com horror que eu desgraçadamente cedi ao medo quando, diante da morte, condenei suas doutrinas. Portanto, imploro [...] ao Deus todo- poderoso que Se incline para perdoar meus pecados e este em particular, o mais terrível de todos.”

Apontando para seus juízes, disse com firmeza: “Vocês condenaram Wycliffe e John Huss. [...] As coisas que afirmaram e são irrefutáveis, eu também as declaro, de igual maneira.”

Suas palavras foram interrompidas. Os oficiais da igreja, trêmulos de raiva, clamaram: “Que necessidade há de mais provas? Estamos vendo diante de nós o mais obstinado dos hereges!”

Impassível diante de tamanha comoção, Jerônimo exclamou: “Vocês imaginam que tenho medo de morrer? Vocês me mantiveram em um calabouço horrendo por um ano inteiro, uma sentença pior que a própria morte. [...] Só posso expressar minha perplexidade diante de um

tratamento tão desumano dispensado a um cristão.”[19]

Condenado à Prisão e Morte

Mais uma vez, caiu uma tempestade de ira, e Jerônimo foi enviado o mais rápido possível de volta à prisão. Apesar disso, suas palavras causaram profunda impressão em alguns, que sentiram o desejo de salvar sua vida. Essas autoridades o visitaram e insistiram para que se sujeitasse ao concílio. Apresentaram como recompensa as melhores perspectivas.

“Provem-me, usando as Sagradas Escrituras, que estou errado e renunciarei aos ensinos.”

“As Sagradas Escrituras!”, exclamou um de seus tentadores. “Tudo precisa ser julgado por elas? Quem é capaz de entendê-las sem a interpretação da igreja?”

“As tradições humanas são mais dignas de fé do que o evangelho de nosso Salvador?”, Jerônimo questionou.

“Herege!”, foi a resposta. “Arre-pendo-me de haver insistido por tanto tempo com você. Vejo que está instigado pelo demônio.”[20]

Não demorou muito e Jerônimo foi levado para o mesmo lugar onde Huss perdera a vida. Foi cantando ao longo do caminho, com o rosto iluminado de alegria e paz. Para ele, a morte havia perdido o terror. Quando o capataz pisou atrás dele para acender a fogueira, o mártir exclamou: “Coloque fogo na minha frente. Se eu tivesse medo, não estaria aqui.”

Suas últimas palavras foram uma oração: “Senhor, Pai todo-poderoso, tem piedade de mim e perdoa meus pecados, pois Tu sabes que sempre amei Tua verdade.” [21] As

cinzas do mártir foram ajuntadas e, assim como as de Huss, jogadas no Reno. Dessa maneira, pereceram os fiéis portadores da luz de Deus.

A execução de Huss acendeu uma chama de indignação e horror na Boêmia. Toda a nação declarava que ele fora um mestre fiel da verdade. O povo acusava o concílio de homicídio. As doutrinas de Huss atraíram mais atenção do que nunca antes e muitos aceitaram a fé reformada. O papa e o imperador se uniram para reprimir o movimento, e o exército de Sigismundo foi enviado contra a Boêmia.

Deus, porém, enviou um libertador. Ziska, um dos mais capazes generais de sua época, era líder dos boêmios. Confiando na ajuda de Deus, o povo boêmio resistiu aos mais poderosos exércitos que podiam se levantar contra eles. Vez após vez, o imperador invadiu a Boêmia, só para ser repelido. Os adeptos de Huss se ergueram acima do medo da morte e nada foi capaz de prevalecer contra eles. O valente Ziska morreu, mas seu lugar foi ocupado por Proc ó pio, que, em alguns aspectos, era um líder ainda mais capaz.

O papa proclamou uma cruzada contra os hussitas. Um exército imenso invadiu a Boêmia, somente para sofrer terrível derrota. Outra cruzada foi convocada. Em todos os países papais da Europa foram reunidos homens, dinheiro e munições de guerra. Grande multidão se congregou sob o estandarte papal.

O vasto recrutamento adentrou a Boêmia. As pessoas se agruparam para expulsá-lo. Os dois exércitos se aproximaram um do outro até haver somente um rio entre eles. “Os cruzados tinham força extremamente superior;

mas, em vez de correr através das torrentes de água e batalhar contra os hussitas, a quem tinham vindo encontrar de tão longe, permaneceram em silêncio olhando para aqueles guerreiros.” [22]

De repente, um terror misterioso recaiu sobre o exército. Sem desferir um só golpe, o poderoso agrupamento se dispersou como se tivessem sido dispensados por um poder invisível. O exército hussita os perseguiu, e grandes foram os despojos nas mãos dos vitoriosos. A guerra, em vez de empobrecer os boêmios, os enriqueceu.

Alguns anos depois, sob o domínio de um novo papa, empreendeu-se mais uma cruzada. Um vasto exército entrou na Boêmia. As forças hussitas recuaram diante dele, afastando os invasores para o interior do país, levando-os a pensar que já haviam conquistado a vitória.

Por fim, o exército de Proc ópio avançou para a batalha. À medida que os invasores ouviram o som do exército que se aproximava, mesmo antes dos hussitas estarem dentro do campo de visão, pânico mais uma vez recaiu sobre eles. Príncipes, generais e soldados fugiram em todas as direções, livrando-se de sua armadura. Sua derrota foi completa e, novamente, os vitoriosos saíram com as mãos cheias de despojos.

Assim, pela segunda vez, um grande exército de homens guerreiros, treinados para a batalha, fugiu sem desferir um só golpe perante os defensores de uma pequena e frágil nação. Os invasores foram tomados por um terror sobrenatural. O mesmo Deus que dispersou o exército de Midiã diante de Gideão e seus trezentos mais uma vez estendeu a mão (Jz 7:19-25; Sl 53:5).

Traídos pela Diplomacia

Os líderes papais finalmente recorreram à diplomacia. Conseguiram extrair dos boêmios uma concessão que os colocava em poder de Roma. Os boêmios especificaram quatro condições para ficar em paz com Roma: (1) livre pregação da Bíblia; (2) o direito de toda a igreja tanto ao pão quanto ao vinho na santa ceia e do uso da língua materna na adoração divina; (3) a exclusão do clero de todos os ofícios e de qualquer autoridade secular; (4) em caso de crime, a jurisdição dos tribunais civis tanto sobre religiosos quanto leigos. As autoridades papais concordaram em aceitar as quatro condições, mas disseram "que o direito de interpretá-las [...] deveria pertencer ao concílio – em outras palavras, ao papa e ao imperador". [23] Por isso, assinaram um tratado e Roma obteve, por meio de engano e fraude, aquilo que não havia conseguido conquistar em conflito. Ao atribuir a si o direito de interpretar as condições dos hussitas, assim como detinha o poder de interpretação da Bíblia, poderia distorcer o significado para se adequar a seus propósitos.

Muitos cidadãos da Boêmia não podiam consentir com o tratado, reconhecendo que traía sua liberdade. Surgiram discordâncias que os levaram a contendas. O nobre Proc ópio sucumbiu , e a liberdade dos boêmios pereceu.

Mais uma vez, exércitos estrangeiros invadiram a Boêmia, e aqueles que permaneceram fiéis ao evangelho enfrentaram sangrenta perseguição. Sua firmeza, porém, permaneceu inabalável. Forçados a encontrar refúgio nas cavernas, continuavam a se reunir para ler a Palavra de Deus e adorá-Lo. Por meio de mensageiros enviados em

segredo para diferentes países, descobriram que “em meio às montanhas dos Alpes havia uma antiga igreja fundamentada sobre as bases das Escrituras, que protestava contra as corrupções idólatras de Roma”. [24] Com grande alegria, começaram a se corresponder com os cristãos valdenses.

Fiéis ao evangelho, os boêmios perseveraram durante a noite de sua perseguição. Na hora mais escura, continuavam a volver os olhos para o horizonte, como aqueles que esperam pela manhã.

---

[1] Hoje parte da República Tcheca.

[2] James A. Wylie, , livro 3, cap. 1.

[3] Ibid.

[4] Interdito: censura eclesiástica católica romana, privando uma pessoa ou região da maioria dos sacramentos e de um enterro cristão.

[5] François P. E. B. de Bonnechose, , v. 1, p. 147, 148.

[6] Bonnechose, v. 1, p. 148, 149.

[7] Ibid., v. 1, p. 247.

[8] Simonia: a venda de altas posições dentro da igreja a fim de obter lucro.

[9] Jacques Lenfant, , v. 1, p. 516.

[10] Bonnechose, v. 2, p. 67.

[11] J. H. Merle D’Aubigné, , livro 1, cap. 6.

[12] Bonnechose, v. 2, p. 84.

[13] Wylie, livro 3, cap. 7.

[14] Ibid.

[15] Ibid.

[16] Bonnechose, v. 1, p. 234.

[17] Ibid., v. 2, p. 141.

[18] Ibid., v. 2, p. 146, 147.

[19] Bonnechose, v. 2, p. 151, 153.

[20] Wylie, livro 3, cap. 10.

[21] Bonnechose, v. 2, p. 168.

[22] Wylie, livro 3, cap. 17.

[23] Ibid., livro 3, cap. 18.

[24] Ibid., livro 3, cap. 19.

Lutero, o Homem para sua Época

Dentre aqueles chamados para tirar a igreja das trevas de Roma e conduzi-la para a luz de uma fé mais pura, Martinho Lutero se destaca como principal. Sem nenhum temor, a não ser o temor do Senhor, e sem reconhecer nenhum fundamento para a fé além das Sagradas Escrituras, Lutero foi o homem certo para sua época.

Lutero passou a infância no humilde lar de um camponês alemão. Seu pai queria que ele se tornasse advogado, mas Deus intencionava transformá-lo no construtor do grande templo que vinha sendo vagarosamente edificado ao longo dos séculos. Dificuldades, pobreza e disciplina severa foram a escola que a Sabedoria infinita usou a fim de preparar Lutero para sua missão de vida.

O pai de Lutero era um homem de mente ativa. Seu bom senso infalível o levou a desconfiar do sistema monástico. Ficou descontente quando Lutero entrou para um monastério sem sua permissão. Levou dois anos para o pai se reconciliar com o filho e, mesmo depois disso, sua opinião continuava a mesma.

Os pais de Lutero tentaram instruir os filhos no conhecimento de Deus. Trabalhavam com fervor e

constância a fim de prepará-los para uma vida útil. Às vezes, eram rígidos demais, mas o próprio reformador encontrava mais para aprovar do que para condenar em sua disciplina.

Na escola, Lutero foi tratado de forma dura e até com violência. Com frequência, passava fome. Os conceitos sombrios e supersticiosos sobre a religião da época o deixavam cheio de temor. Ele se deitava à noite com o coração pesado, constantemente aterrorizado com o pensamento de que Deus era um tirano cruel em vez de um Pai celestial bondoso.

Quando ingressou na Universidade de Erfurt, o futuro parecia mais alegre do que em seus primeiros anos de vida. Por meio de economia e trabalho duro, seus pais haviam se tornado mais abastados e tinham condições de proporcionar ao filho toda a ajuda necessária. Amigos sábios e cuidadosos reduziram, até certo ponto, os efeitos melancólicos de sua formação anterior. Com boas influências, sua mente rapidamente se desenvolveu. A atenção consistente a seus estudos logo o colocou no topo dentre seus colegas.

Lutero não deixava de começar cada dia com oração. De seu coração, emanava continuamente um pedido de orientação. Com frequência, dizia: “Orar bem é a melhor parte do estudo.”[1]

Certo dia, enquanto estava na biblioteca da universidade, descobriu um livro que nunca havia visto – uma Bíblia em latim. Ele já tinha ouvido porções dos evangelhos e das epístolas, mas achava que aqueles trechos fossem a Bíblia inteira. Pela primeira vez, estava diante da Palavra de Deus

inteira. Com respeito e admiração, abriu as páginas sagradas e leu por si só as palavras da vida, parando para exclamar: “Ah, se Deus concedesse um livro desse para mim!”[2] Anjos estavam a seu lado. Raios de luz da parte de Deus revelaram tesouros da verdade para sua compreensão. Como nunca antes, a convicção profunda de ser pecador tomou conta dele.

Paz com Deus

O desejo de ter paz com Deus o levou a se dedicar à vida monástica. Como parte dessa escolha, precisava desempenhar as tarefas mais humildes e mendigar de casa em casa. Suportou com paciência essa humilhação, crendo ser necessária por causa de seus pecados.

Lutero amava estudar a Palavra de Deus. Encontrou uma Bíblia acorrentada a uma parede do monastério e, com frequência, ia até lá, privando-se do sono e tirando até mesmo o tempo que usava para fazer suas pobres refeições.

Levava uma vida muito rígida, tentando dominar os males de sua natureza por meio de jejuns, vigílias e açoites. Posteriormente, disse: “Se um monge pudesse ganhar o Céu por meio de obras monásticas, sem dúvida eu teria esse direito. [...] Se continuasse por muito tempo, minha autonegação acabaria me levando à morte.”[3] Mesmo com todos esses esforços, seu coração pesado não encontrava alívio. Por fim, quase sucumbiu ao desespero.

Quando parecia que toda esperança havia terminado, Deus lhe concedeu um amigo. Staupitz abriu a Palavra de Deus à mente de Lutero e o incentivou a tirar os olhos do eu

e se concentrar em Jesus. “Em vez de se torturar por causa de seus pecados, lance-se nos braços do Redentor. Confie nEle, na justiça da vida de Cristo, na expiação de Sua morte. [...] O Filho de Deus [...] Se tornou homem para lhe dar a certeza do favor de Deus. [...] Ame Aquele que o amou primeiro.”[4] Essas palavras causaram profunda impressão na mente de Lutero. Paz sobreveio a seu coração aflito.

Depois de ser ordenado sacerdote, Lutero foi chamado para ser professor na Universidade de Wittenberg. Começou a lecionar sobre Salmos, os evangelhos e as epístolas para multidões de ouvintes atentos. Staupitz, seu supervisor, o instigou a assumir o púlpito e pregar. Lutero, porém, sentia-se indigno de falar às pessoas em lugar de Cristo. Foi somente após uma longa batalha que cedeu ao pedido de seus amigos. Era poderoso na Palavra, e a graça de Deus repousava sobre ele. Apresentava a verdade com tamanha clareza e tanto poder que convencia o entendimento de quem o ouvia, e seus fervorosos apelos tocavam o coração.

Lutero ainda era um verdadeiro filho da igreja papal e jamais pensava que seria diferente. Foi visitar Roma e fez a jornada a pé, passando a noite nos monastérios ao longo do caminho. Ficou surpreso com o esplendor e o luxo que viu. Os monges viviam em quartos elegantes, usavam roupas dispendiosas e se banqueteavam com ricos alimentos. A mente de Lutero começou a ficar perplexa.

Finalmente, à distância, viu a cidade sobre as sete colinas. Prostrou-se com o rosto em terra, exclamando: “Santa Roma, eu a saúdo!”[5] Ele visitou as igrejas, ouviu padres e monges narrarem seus contos fantásticos e realizou todas as cerimônias exigidas. Em todos os lugares, aquilo que viu

o deixou pasmo – males em meio ao clero, piadas indecentes feitas por oficiais da igreja. Encheu-se de horror pelo vocabulário baixo usado até mesmo durante a missa. Deparou-se com intemperança e imoralidade. Escreveu: “Ninguém é capaz de imaginar os pecados e atos vergonhosos cometidos em Roma. [...] Eles têm o hábito de dizer: ‘Se existe inferno, Roma foi construída em cima dele.’”[6]

Verdade na Escadaria de Pilatos

O papa havia prometido uma indulgência para todos que escalassem de joelhos a “escadaria de Pilatos”, a qual se afirmava que fora trazida milagrosamente de Jerusalém a Roma. Certo dia, enquanto Lutero escalava os degraus, uma voz semelhante a um trovão parecia dizer: “O justo viverá pela fé” (Rm 1:17). Ele se levantou envergonhado e cheio de horror. Naquele momento, percebeu com clareza maior do que nunca como era errado confiar nas obras humanas para a salvação. Afastou então o rosto de Roma. A partir de então, a separação cresceu até ele encerrar toda e qualquer conexão com a igreja papal.

Após retornar de Roma, Lutero recebeu o título de doutor em divindade. Agora estava livre para se dedicar às Escrituras que tanto amava. Fizera o voto solene de ser fiel à pregação da Palavra de Deus, não das doutrinas dos papas. Não era mais um mero monge, mas um arauto autorizado da Bíblia, chamado como pastor para alimentar o rebanho de Deus, faminto e sedento pela verdade. Declarou com firmeza que os cristãos não deveriam aceitar nenhuma outra doutrina além da que fosse baseada na autoridade das Sagradas Escrituras.

Ávidas multidões o escutavam com toda atenção. As boas-novas do amor do Salvador, a certeza de perdão e paz por meio de Seu sangue expiatório faziam o coração se regozijar. Em Wittenberg, uma luz começou a brilhar, cujos raios se tornariam cada vez mais brilhantes até o fim dos tempos.

No entanto, sempre há conflito entre a verdade e o erro. O próprio Salvador declarou: "Não vim trazer paz, mas espada" (Mt 10:34). Alguns anos após o início da Reforma, Lutero disse: "Deus [...] me impulsionou a prosseguir. [...] Quero viver em paz, mas sou lançado em meio a levantes e revoluções."[7]

Indulgências à Venda

A Igreja Católica colocou a graça de Deus à venda. Pressionada para conseguir recursos a fim de construir a basílica de São Pedro em Roma, a igreja começou a vender indulgências sob a autoridade do papa. Um templo seria construído para adorar a Deus, pago por meio de crime. Foi isso que despertou os inimigos mais bem-sucedidos do papado e levou à batalha que abalou o trono papal e a tríplice coroa sobre a cabeça do pontífice.

Tetzel foi o oficial designado para vender indulgências na Alemanha. Ele era condenado por ofensas vergonhosas contra a sociedade e a lei de Deus, mas foi contratado para liderar os projetos de obtenção de recursos para o papa na Alemanha. Contou mentiras gritantes e contos fantasiosos a fim de enganar o povo ignorante e supersticioso. Se as pessoas tivessem acesso à Palavra de Deus, não seriam enganadas. Mas a igreja as impedia de ter contato com as Escrituras. [8]

Quando Tetzel chegava a uma cidade, um mensageiro ia à frente anunciando: “A graça de Deus e do santo padre está às portas.” [9] As pessoas recebiam o enganador blasfemo como se fosse o próprio Deus. Do púlpito da igreja, Tetzel glorificava as indulgências como se fossem o dom mais precioso do Senhor. Declarava que, por meio de seus certificados de perdão, todos os pecados que o comprador desejasse cometer seriam perdoados e “nem mesmo arrependimento seria necessário”. [10] Ele garantia a seus ouvintes que as indulgências tinham poder para salvar os mortos. No momento em que o dinheiro tilintasse no fundo de sua mala, a alma pela qual o indivíduo pagara sairia do purgatório e trilharia o caminho do C éu. [11]

Ouro e prata enchiam os tesouros de Tetzel. Era mais fácil obter a salvação comprada com dinheiro do que aquela que exigia arrependimento, fé e diligente esforço para resistir ao pecado e vencê-lo (ver o Apêndice).

Lutero ficou horrorizado. Muitos de sua congregação compraram os certificados de perdão. Logo começaram a procurar seu líder espiritual, confessando pecados e esperando ser perdoados, não por lamentarem e quererem mudar, mas por causa da indulgência. Lutero se recusava a fazer isso e advertiu as pessoas, dizendo que, a menos que se arrependessem e mudassem de vida, morreriam em seus pecados. Elas voltavam a Tetzel reclamando que seu confessor havia recusado os certificados, e algumas exigiram o dinheiro de volta com ousadia. Irado, o frade proferiu maldições terríveis, ordenou que fogueiras fossem acendidas nas praças públicas e declarou que ele “havia recebido do papa a ordem de queimar todos os hereges que

ousassem se opor a suas santíssimas indulgências”. [12]

Começa a Obra de Lutero

Lutero pregou no púlpito em tom de advertência solene. Explicou ao povo como o pecado ofendia a Deus e como era impossível a qualquer um, por meio das próprias obras, reduzir a culpa ou evitar seu castigo. Nada, a não ser o arrependimento diante de Deus e a fé em Cristo são capazes de salvar o pecador. A graça de Jesus não pode ser comprada – é um presente gratuito. Ele aconselhava as pessoas a não comprar indulgências, mas a olhar, por meio da fé, para o Redentor crucificado. Contava sobre sua dolorosa experiência e garantia a seus ouvintes que era por meio da fé em Cristo que encontrariam alegria e paz.

Como Tetzel continuava a fazer suas promessas ímpias, Lutero decidiu protestar de maneira mais eficaz. Havia relíquias no castelo da igreja de Wittenberg que eram exibidas às pessoas em determinados dias santos. Todos que visitavam a igreja nesses dias e confessavam seus pecados recebiam remissão completa. Um dia antes da mais importante dessas ocasiões, a festa de Todos os Santos, Lutero se uniu à multidão que já estava a caminho da igreja. Ele afixou na porta da igreja as noventa e cinco teses contra a doutrina das indulgências.

Sua contestação atraiu a atenção de todos. As teses eram lidas e repetidas em todas as direções, despertando grande agitação em toda a cidade. Os argumentos mostravam que Deus nunca havia confiado ao papa, nem a homem nenhum, o poder de perdoar pecados e remover sua pena. Mostravam com clareza que Deus concede livremente Sua graça a todo aquele que a busca com arrependimento e fé.

As teses de Lutero se espalharam por toda a Alemanha e, dentro de poucas semanas, haviam ecoado por toda a Europa. Muitos católicos romanos devotos leram as teses com alegria, reconhecendo nelas a voz de Deus. Sentiam que o Senhor havia começado a agir para deter a crescente maré de corrupção proveniente de Roma. Príncipes e magistrados se alegravam em segredo, porque um limite estava sendo colocado sobre o poder arrogante que negava o direito de apelar às decisões.

Os astutos líderes eclesiásticos ficaram enraivecidos ao ver que seus lucros corriam perigo. O reformador enfrentou acusações amargas. “Quem não sabe”, respondeu, “que é raro alguém sugerir uma ideia nova sem [...] ser acusado de incitar contendas? [...] Por que Cristo e todos os mártires foram condenados à morte? Porque [...] promoveram ideias novas sem primeiro pedir humildemente o conselho dos líderes religiosos estabelecidos.” [13]

As acusações dos inimigos de Lutero, a representação errônea de suas intenções e os ataques cheios de ódio a seu caráter sobrevieram a ele como um dilúvio. A princípio, o reformador tinha a confiança de que os líderes se uniriam alegremente a ele na reforma. Olhando para o futuro, vira um dia melhor se aproximando da igreja.

Entretanto, o encorajamento de alguns líderes havia se transformado em crítica. Muitos oficiais da Igreja e do Estado logo perceberam que a aceitação das verdades acabaria por minar a autoridade de Roma, deteria os milhares que fluíam para seus tesouros e diminuiria o luxo dos líderes papais. Ensinar o povo a buscar salvação somente em Cristo destituiria o papa de seu trono e

acarretaria a destruição de sua autoridade também. Por isso, eles se colocaram contra Cristo e a verdade, opondo-se ao homem enviado para levar luz até eles.

Lutero tremia ao olhar para si – um homem se opondo aos poderosos da Terra. "Quem sou eu", escreveu, "para me opor à majestade do papa, perante quem [...] tremem os reis da Terra e o mundo inteiro? [...] Ninguém é capaz de saber o que meu coração tem sofrido ao longo desses dois anos, a tristeza e até mesmo o desespero no qual afundei." [14] Quando o apoio humano falhou, ele olhou somente para Deus. Poderia se apoiar com toda segurança em Seu onipotente braço.

Lutero escreveu a um amigo: "Seu primeiro dever é começar pela oração. [...] N ão espere nada pelos próprios esforços e por seu entendimento. Confie somente em Deus e na influência de Seu Espírito." [15] Essa é uma importante lição para aqueles que sentem que Deus os chamou para apresentar aos outros verdades vitais para este tempo. Ir contra os poderes do mal exige algo mais do que intelecto e sabedoria humana.

Somente a Bíblia

Quando os inimigos apelavam para os costumes e as tradições, Lutero os enfrentava somente com a Bíblia. Eram argumentos aos quais não conseguiam responder. De seus sermões e escritos, provinham raios de luz que despertavam e iluminavam milhares. A Palavra de Deus era como espada de dois gumes, cortando seu caminho para o interior do coração das pessoas. Os olhos do povo, direcionados tanto para cerimônias humanas como para sacerdotes terrenos, agora se voltavam, pela fé, para o

Cristo crucificado.

Esse amplo interesse despertou o temor das autoridades papais. Lutero foi convocado a comparecer perante Roma a fim de responder pela acusação de heresia. Seus amigos sabiam muito bem o perigo que o ameaçava naquela cidade corrupta, já embriagada com o sangue dos mártires de Jesus. Solicitaram que ele fosse interrogado na Alemanha.

Isso foi providenciado, e um representante do papa, ou legado, foi designado para ouvir o caso. As instruções a esse oficial explicavam que Lutero já deveria ser declarado herege. Portanto, o legado deveria "acusá-lo e prendê-lo sem qualquer demora". Tinha poder para "exilá-lo de qualquer parte da Alemanha; banir, amaldiçoar e excomungar todos os que tivessem qualquer ligação com ele", ou seja, excluir todos, sem importar a posição que ocupassem no Estado ou na Igreja, com exceção do imperador, que houvessem negligenciado seu dever de prender Lutero, bem como seus seguidores, e entregá-los à vingança de Roma. [16]

O documento não revelava nenhum vestígio de princípio cristão ou até mesmo de justiça comum. Lutero não teve a oportunidade de explicar ou defender sua posição. Ainda assim, foi declarado herege e, no mesmo dia, aconselhado, acusado, julgado e condenado.

No momento em que Lutero muito necessitava do conselho de um amigo verdadeiro, Deus enviou Melâncton para Wittenberg. O bom senso de Melâncton, aliado a um caráter puro e justo, conquistava a admiração de todos. Logo ele se tornou o amigo da maior confiança de Lutero. Sua bondade, cautela e exatidão ajudaram a complementar

a coragem e energia de Lutero.

O julgamento ocorreria em Augsburgo , e o reformador partiu a pé. Havia ameaças de que ele seria assassinado no caminho; por isso, seus amigos imploraram que ele não fosse. Mas Lutero respondeu: “Sou como Jeremias, homem de lutas e contendas. No entanto, quanto mais aumentam as ameaças, mais se multiplica minha alegria. [...] Eles já destruíram minha honra e reputação. [...] Quanto à minha alma, não podem tomá-la. Todo aquele que deseja proclamar a palavra de Cristo ao mundo deve esperar a morte a qualquer momento”. [17]

A notícia da chegada de Lutero a Augsburgo deu grande satisfação ao representante do papa. Parecia que o herege perturbador que havia despertado a atenção do mundo não escaparia do poder de Roma. O representante tinha a intenção de forçar Lutero a se retratar. Caso isso falhasse, ele enviaria o reformador a Roma a fim de partilhar do mesmo destino de Huss e Jerônimo. Assim, por meio de seus agentes, tentou fazer Lutero comparecer sem salvo-conduto, confiando em sua misericórdia. Mas o reformador se recusou a fazer isso. Só compareceu à presença do embaixador do papa quando recebeu o documento que prometia a proteção por parte do imperador.

Como estratégia, os delegados do papa decidiram conquistar Lutero parecendo tratá-lo com bondade. O embaixador alegou grande amizade, mas exigiu que Lutero se submetesse completamente à igreja e abrisse mão de todas as suas ideias, sem argumentar, nem questionar. Em sua réplica, Lutero expressou sua consideração pela igreja, seu desejo de conhecer a verdade e sua disposição para

responder não apenas a todas as objeções, mas àquilo que ensinava e a submeter suas doutrinas ao arbítrio das principais universidades. Ele também protestou contra a exigência do cardeal de se retratar sem ficar comprovado que estava errado.

A única resposta que recebeu foi: “Retrate-se! Retrate-se!” O reformador mostrou que sua posição contava com o apoio das Escrituras. Ele não podia renunciar à verdade. O embaixador, incapaz de refutar os argumentos de Lutero, o sobrecarregou com uma tempestade de acusações, ataques, bajulação, citações da tradição e os dizeres dos pais da igreja, sem dar ao reformador a oportunidade de se pronunciar. Por fim, Lutero conseguiu a permissão relutante de apresentar sua resposta por escrito.

Ao escrever para um amigo, disse: “Aquilo que é escrito pode ser submetido ao julgamento de outros. Além disso, maior é a chance de trabalhar com os temores, se não da consciência, de um déspota arrogante e tagarela, que, de outra maneira, dominaria por meio de suas palavras arrogantes.” [18]

Na audiência seguinte, Lutero fez uma apresentação clara, concisa e vigorosa de seus pontos de vista, fundamentada nas Escrituras. Após ler o documento em voz alta, ele o entregou ao cardeal, que o jogou de lado e o desconsiderou, dizendo se tratar de um aglomerado de palavras vãs e citações irrelevantes. Então Lutero enfrentou o altivo oficial no terreno dele, usando as tradições e os ensinos da igreja, derrotando por completo os argumentos do cardeal.

O oficial quase perdeu o domínio de si mesmo. Irado, gritou: “Retrate-se! Caso contrário, o mandarei para Roma.”

Por fim, declarou, em tom nervoso e arrogante: “Retrate-se, ou não volte nunca mais.” [19]

O reformador saiu imediatamente com seus amigos, deixando claro que o embaixador não deveria esperar nenhuma retratação de sua parte. Não era isso que o cardeal intencionava. Sozinho agora com aqueles que o apoiavam, olhou perplexo para os outros diante do fracasso inesperado de seus planos.

A vasta assembleia que ali estava teve a oportunidade de comparar os dois homens e julgar por si só o espírito que cada um havia demonstrado, bem como a força e veracidade de seus posicionamentos. O reformador era simples, humilde e firme, tendo a verdade a seu lado. O representante do papa se revestia de importância própria, era jactancioso, irracional e não tinha um único argumento bíblico. Ainda assim, exigia em volume máximo: “Retrate-se ou irá para Roma.”

Fuga de Augsburgo

Os amigos de Lutero argumentaram que, como era inútil ficar, ele deveria retornar o mais rápido possível para Wittenberg e fazê-lo com grande cuidado. Assim, ele partiu de Augsburgo a cavalo antes de raiar o dia, acompanhado apenas de um guia que o magistrado havia providenciado. Trilhou em segredo as ruas escuras da cidade. Inimigos vigilantes e cruéis tramavam destruí-lo. Foram momentos de ansiedade e fervorosa oração. Ele chegou a um pequeno portão no muro da cidade. Abriram o portão para Lutero. Então ele e o guia passaram. Antes do representante de Roma ficar sabendo que Lutero havia ido embora, ele já estava além do alcance de seus perseguidores.

A notícia da fuga de Lutero encheu o representante de surpresa e raiva. Ele esperava receber grande honra por sua firmeza ao lidar com aquele perturbador da igreja. Em uma carta a Frederico, eleitor da Saxônia, denunciou amargamente Lutero, exigindo que a autoridade enviasse o reformador a Roma ou o banisse da Saxônia.

Até então, o eleitor tinha pouco conhecimento sobre as doutrinas reformadas, mas havia ficado profundamente impressionado com a força e a clareza das palavras de Lutero. Até que alguém provasse que o reformador estava errado, Frederico estava determinado a protegê-lo. Em resposta ao oficial, respondeu: “Uma vez que o doutor Martinho compareceu perante sua presença em Augsburgo, o senhor deve se dar por satisfeito. Não esperamos que tente obrigá-lo a se retratar sem primeiro convencê-lo de seus erros. Nenhum homem culto de nosso território me informou que a doutrina de Martinho é sacrílega, anticristã ou herege.” [20] O eleitor percebia que a igreja necessitava de uma obra de reforma. Em segredo, ele ficou feliz porque uma influência melhor estava surgindo dentro da igreja.

Somente um ano havia se passado desde que o reformador afixara as teses na igreja do castelo, porém seus escritos despertaram renovado interesse pelas Sagradas Escrituras por toda parte. Alunos se aglomeravam na universidade, vindos não só de todas as partes da Alemanha, mas também de outras terras. Ao ver Wittenberg pela primeira vez, jovens “levantavam as mãos ao céu e louvavam a Deus por ter feito a luz da verdade brilhar a partir dessa cidade”. [21]

Na época, Lutero estava apenas parcialmente convertido

dos erros de Roma. Entretanto, escreveu: “Estou lendo os decretos dos pontífices e [...] não sei se o papa é o próprio anticristo ou seu apóstolo, já que Cristo é representado de forma tão incorreta e é crucificado por meio dele.” [22]

Roma foi ficando cada vez mais irada com os ataques de Lutero. Oponentes fanáticos, até mesmo doutores das universidades eclesiásticas, declaravam que quem matasse o monge ficaria isento de pecados. Mas Deus era sua defesa. Suas doutrinas eram ouvidas por toda parte – “em cabanas e conventos, [...] nos castelos dos nobres, nas universidades e em palácios reais”. [23]

Na mesma época, Lutero descobriu que Huss, o reformador boêmio, havia defendido a grande verdade da justificação pela fé antes dele. Lutero declarou: “Todos nós – Paulo, Agostinho e eu – temos sido hussitas sem o saber! [...] A verdade foi pregada [...] há um século e queimada!”[24]

Acerca das universidades, Lutero escreveu: “Temo que as universidades se tornem grandes portões do inferno, a menos que trabalhem com afinco para explicar as Sagradas Escrituras e inculcá-las no coração dos jovens. [...] Qualquer instituição que não envolva as pessoas constantemente com a Palavra de Deus se torna corrupta.” [25]

Esse apelo circulou por toda a Alemanha. Despertou a nação inteira. Os adversários de Lutero instigaram o papa a agir de maneira decisiva contra ele. Um decreto de condenação imediata foi promulgado. Caso o reformador e seus seguidores não se retratassem, seriam todos excomungados.

Uma Crise Terrível

Essa foi uma terrível crise para a Reforma. Lutero não era cego à tempestade que estava prestes a sobrevir, mas confiava que Cristo seria seu apoio e escudo. “Não sei, nem quero saber o que está para acontecer. [...] Nenhuma folha cai sem a vontade de nosso Pai. Quanto mais Ele cuida de nós! Pequena coisa é morrer pela Palavra, uma vez que o próprio Verbo que Se fez carne morreu”. [26]

Quando o decreto papal chegou às mãos de Lutero, ele disse: “Desprezo-o e o ataco por ser ímpio e falso. [...] É que nele está condenado. Já sinto mais liberdade no coração, pois sei, afinal, que o papa é o anticristo e que seu trono é o do próprio Satanás.” [27]

As ordens de Roma tiveram seu efeito. Os fracos e supersticiosos tremeram perante o decreto do papa, e muitos sentiram que a vida era preciosa demais para correr risco. A obra do reformador estava perto do fim?

Lutero continuava destemido. Com poder tremendo, devolveu a sentença de condenação para Roma. Na presença de uma multidão formada por pessoas de todos os níveis da sociedade, Lutero queimou o edito do papa. Disse: “Uma disputa séria acaba de começar. Até agora só brinquei com o papa. Comecei esta obra em nome de Deus. Ela terminará sem mim, e pelo poder do Senhor. [...] Quem sabe se Deus não me escolheu e chamou e se eles não deveriam ter medo de, ao me desprezarem, estarem desprezando o próprio Deus? [...] O Senhor nunca escolheu como profeta o sumo sacerdote ou qualquer outro indivíduo de elevada posição. Pelo contrário, em geral, escolhia pessoas humildes e desprezadas, até mesmo o pastor de rebanho Amós. Em todas as eras, o povo de Deus precisou

repreender os grandes – reis, príncipes, sacerdotes e sábios – arriscando a própria vida. [...] Não digo que sou profeta, mas afirmo que deveriam temer exatamente o fato de eu estar sozinho, enquanto eles são muitos. Tenho certeza de que a Palavra de Deus está comigo, não com eles.”[28]

Lutero também travou uma batalha terrível consigo mesmo antes de finalmente decidir separar-se da igreja: “Quanta dor me causou, muito embora tivesse as Escrituras a meu lado, justificar para mim mesmo a ousadia de me posicionar sozinho contra o papa e identificá-lo como o anticristo! Quantas vezes não fiz a mim mesmo as perguntas tão frequentes nos lábios dos defensores do papa: ‘Só você tem sabedoria? Todos os outros estariam errados? Como será, então, se for você quem estiver errado, envolvendo em seu erro tantas pessoas que receberão a condenação eterna?’ Foi assim que lutei comigo mesmo e contra Satanás, até que Cristo, com Sua voz infalível, fortaleceu meu coração contra essas dúvidas.”[29]

Um novo edito foi promulgado, declarando a separação final entre o reformador e a Igreja Católica Romana, dizendo que ele havia sido amaldiçoado pelo C éu. Todos aqueles que aceitassem suas doutrinas seriam incluídos na mesma condenação.

Qualquer pessoa usada por Deus a fim de apresentar verdades que se aplicam de maneira especial a seu tempo enfrenta oposição. Havia uma verdade presente nos dias de Lutero. Há uma verdade presente para a igreja hoje. No entanto, assim como os oponentes de Lutero, a maioria das pessoas da atualidade não deseja a verdade. Aqueles que apresentam a verdade para este tempo não devem esperar

ser recebidos de maneira mais favorável que os primeiros reformadores. O grande conflito entre a verdade e o erro, entre Cristo e Satanás, se intensificará até o fim da história deste mundo (Jo 15:19, 20; Lc 6:26).

---

[1] J. H. Merle D’Aubigné, , livro 2, cap. 2.
[2] Ibid.
[3] Ibid., livro 2, cap. 3.
[4] Ibid., livro 2, cap. 4.
[5] Ibid., livro 2, cap. 6.
[6] Ibid., livro 2, cap. 6.
[7] Ibid., livro 5, cap. 2.
[8] Ver John C. L. Giesler, , período 4, seção 1, parágrafo 5.
[9] D’Aubigné, livro 3, cap. 1.
[10] Ibid., livro 3, cap. 1.
[11] Ver K. R. Hagenbach, , v. 1, p. 96.
[12] D’Aubigné, livro 3, cap. 4.
[13] Ibid., livro 3, cap. 6.
[14] Ibid.
[15] Ibid., livro 3, cap. 7.
[16] Ibid., livro 4, cap. 2.
[17] Ibid., livro 4, cap. 4.
[18] W. Carlos Martyn, , p. 271, 272.
[19] D’Aubigné, ed. Londres, livro 4, cap. 8.
[20] Ibid., livro 4, cap. 10.
[21] Ibid.
[22] Ibid., livro 5, cap. 1.
[23] Ibid., livro 6, cap. 2.
[24] James A. Wylie, , livro 6, cap. 1.
[25] D’Aubigné, livro 6, cap. 3.
[26] D’Aubigné, 3 ed. Londres, Walther, 1840, livro 6, cap. 9.
[27] Ibid., livro 6, cap. 9.
[28] Ibid., livro 6, cap. 10.
[29] Martyn, p. 372, 373.

Defensor da Verdade

Carlos V, um novo imperador, subiu ao trono da Alemanha. O eleitor da Saxônia, grande responsável por colocar Carlos no trono, insistiu para que ele não tomasse nenhuma providência contra Lutero antes de ouvi-lo. Isso colocou o imperador em uma posição desconcertante e embaraçosa. Os seguidores do papa só ficariam satisfeitos com a morte de Lutero. O eleitor havia declarado "que o Dr. Lutero deveria receber um salvo-conduto, a fim de poder comparecer perante um tribunal de juízes instruídos, piedosos e imparciais".[1]

A assembleia se reuniu na cidade de Worms. Pela primeira vez, os príncipes da Alemanha conheceriam seu jovem monarca em assembleia. Oficiais da Igreja e do Estado, bem como embaixadores de terras estrangeiras se reuniram todos em Worms. No entanto, o assunto que despertava o mais profundo interesse era o reformador. Carlos havia instruído o eleitor a levar Lutero com ele, garantindo proteção e prometendo o livre debate das questões em disputa. Lutero escreveu para o eleitor: "Se o imperador está me chamando, não posso duvidar de que esse seja o chamado do próprio Deus. Se têm a intenção de lançar mãos de violência contra mim [...] coloco a questão nas mãos do Senhor. [...] Se não for da vontade dEle me salvar, minha vida pouca importância tem. [...] Espere tudo de mim

[...] menos fugir ou me retratar. Fugir não posso e me retratar, muito menos."[2]

À medida que circulava a notícia de que Lutero compareceria perante a assembleia, houve uma empolgação geral. Aleandro, o representante do papa, ficou alarmado e enfurecido. Assumir um caso para o qual o papa já havia pronunciado sentença de condenação seria uma demonstração de desprezo pela autoridade papal. Além disso, os poderosos argumentos daquele homem poderiam colocar muitos dos príncipes contra o papa. Aleandro insistiu para que Carlos não permitisse que Lutero comparecesse a Worms e convenceu o imperador a ceder.

Insatisfeito com sua vitória, Aleandro se esforçou para condenar Lutero, acusando o reformador de "sedição, rebelião, impiedade e blasfêmia". Mas suas palavras fortes revelaram o espírito por trás de suas ações. "Ele é movido por ódio e vingança", era a opinião geral.[3]

Com zelo renovado, Aleandro induziu o imperador a colocar em prática as decisões papais. Vencido pela insistência, Carlos o convidou a apresentar sua causa perante a assembleia. Os favoráveis ao reformador estavam apreensivos em relação ao que Aleandro diria. O eleitor da Saxônia não estava presente, mas alguns dos participantes do concílio tomaram notas do discurso de Aleandro.

Acusado de heresia

Com erudição e eloquência, Aleandro se determinou a minar a reputação de Lutero, retratando-o como inimigo da Igreja e do Estado. "Nos erros de Lutero", declarou, há o suficiente para justificar a queima de "cem mil hereges".

“O que são todos esses luteranos? Um bando de professores insolentes, padres corruptos, monges imorais, advogados ignorantes e nobres degradados. [...] Como é superior a eles em número, habilidade e poder o grupo católico! Um decreto unânime desta ilustre assembleia iluminará os ignorantes, advertirá os imprudentes, dará rumo aos indecisos e fortalecerá os fracos.”[4]

As pessoas continuam a usar os mesmos argumentos contra aqueles que ousam apresentar os ensinos claros da Palavra de Deus. “Quem são estes pregadores de novas doutrinas? São incultos, poucos em número e da classe mais pobre. Todavia, alegam ter a verdade e ser o povo escolhido de Deus. São ignorantes e enganados. Quão superior em número e influência é nossa igreja.” Esses argumentos não são em nada mais válidos agora do que eram na época do reformador.

Lutero não estava lá para superar o defensor do papa com as verdades claras e convincentes da Palavra de Deus. A maior parte da assembleia sentia-se inclinada não só a condenar a ele e a doutrina que ensinava, mas, se possível, eliminar toda a heresia. Tudo que Roma podia pronunciar em defesa própria já havia sido dito. A partir de então, o contraste entre a verdade e o erro se tornaria mais claro, à medida que uma guerra aberta começasse a se desenvolver.

O Senhor, porém, tocou um membro da assembleia para que fizesse um relato verdadeiro das consequências da tirania papal. O duque Jorge da Saxônia se levantou naquele ajuntamento de príncipes e especificou, com terrível precisão, os enganos e as abominações da igreja.

"Abusos [...] clamam contra Roma. Toda vergonha foi colocada de lado e o único interesse da igreja é [...] dinheiro, dinheiro e mais dinheiro [...] de tal modo que pregadores que deveriam ensinar a verdade nada proferem além de falsidades. Elas não são apenas toleradas, como também recompensadas, porque, quanto maiores as mentiras, maiores são seus ganhos. É dessa fonte podre que fluem tais águas poluídas. A indecência dá as mãos à ganância. [...] É triste dizer, mas o escândalo causado pelo clero é que lança tantas pobres pessoas à condenação eterna. Precisamos efetuar uma reforma geral."[5] O fato de o orador ser um inimigo resoluto do reformador conferiu influência ainda maior a suas palavras.

Anjos de Deus enviaram raios de luz às trevas do erro e abriram os corações à verdade. O poder da verdade divina controlou até mesmo os inimigos da Reforma e preparou o caminho para a grande obra que estava prestes a acontecer. A voz dAquele que é maior do que Lutero foi ouvida na assembleia.

Uma comissão foi designada para preparar uma lista de opressões papais que sobrecarregavam pesadamente o povo alemão. Ela foi apresentada ao imperador, com o pedido de que ele tomasse medidas para corrigir os abusos. A solicitação dizia: "É nosso dever impedir a ruína e a desonra de nosso povo. Por esse motivo, com humildade, porém em tom urgente, pedimos que ordene uma reforma geral e use seu poder para colocá-la em vigor."[6]

Convocado a Comparecer

Então o concílio reivindicou que Lutero comparecesse diante da assembleia. Por fim, o imperador consentiu, e

Lutero foi convocado. Com a convocação, ele também recebeu um salvo-conduto. Um mensageiro levou esses documentos a Wittenberg, com a instrução de levar o reformador para Worms.

Cientes do preconceito e do ódio existentes contra Lutero, seus amigos temiam que o salvo-conduto não fosse respeitado. Ele respondeu: "Cristo me dará Seu Espírito para vencer esses ministros do erro. Eu os desprezei em vida e triunfarei sobre eles por meio de minha morte. Estão ocupados em Worms tentando me forçar a me retratar e esta será minha retratação: Eu disse no passado que o papa era o vicário de Cristo, mas agora afirmo que ele é adversário do Senhor e apóstolo do diabo."[7]

Além do mensageiro imperial, três amigos se determinaram a acompanhar Lutero. O coração de Melâncton estava unido ao de Lutero e queria segui-lo. Entretanto, Lutero negou suas súplicas. O reformador o instruiu: "Se eu não voltar e meus inimigos me condenarem à morte, continue a ensinar e permaneça firme na verdade. Labute em meu lugar. [...] Se você sobreviver, minha morte terá pouca importância."[8]

Presságios agourentos encheram a mente das pessoas. Todos haviam ficado sabendo que os escritos de Lutero tinham sido condenados em Worms. O mensageiro, temeroso quanto à segurança de Lutero no concílio, perguntou se ele ainda assim desejava prosseguir. O reformador respondeu: "Embora condenado em todas as cidades, eu irei."[9]

Em Erfurt, Lutero passou pelas ruas que tantas vezes havia trilhado, visitou sua cela no convento e pensou nas lutas

que levaram a seu coração a luz que agora inundava toda a Alemanha. As pessoas insistiram para que ele pregasse. Lutero tinha sido proibido de fazê-lo, mas o mensageiro lhe deu permissão. Então o frade que, no passado, havia trabalhado como escravo nos piores deveres do convento, assumiu o púlpito.

O povo ouviu em êxtase. Lutero partiu o pão da vida para aquelas pessoas famintas. Exaltou a Cristo, mostrando como Ele é superior a papas, oficiais da igreja, imperadores e reis. Lutero não fez nenhuma alusão à sua situação de perigo. Em Cristo, perdeu a si mesmo de vista. Escondeu-se atrás do Homem do Calvário, buscando apenas apresentar a Jesus como o Redentor dos pecadores.

Coragem de Mártir

Enquanto o reformador seguia seu caminho, uma multidão zelosa se reuniu a seu redor, e vozes amistosas o advertiram contra as autoridades católicas. "Vão queimá-lo", disseram alguns, "e reduzirão seu corpo a cinzas, assim como fizeram com John Huss." Lutero respondeu: "Mesmo que acendam uma fogueira por todo o caminho de Worms a Wittenberg, [...] eu andarei através dela em nome do Senhor. Comparecerei perante eles, [...] confessando o Senhor Jesus Cristo."[10]

A posição de Lutero em relação a Worms despertou forte comoção. Amigos tremiam por sua segurança, e os inimigos temiam pelo êxito de sua causa. Os seguidores do papa arranjaram alguns que o instigassem a ir para o castelo de um cavaleiro amigo, onde, alegavam eles, todas as dificuldades poderiam ser resolvidas com boa vontade. Amigos descreveram os perigos que o ameaçavam. Lutero

permaneceu impassível e declarou: “Ainda que houvesse tantos demônios em Worms quanto telhas em cima das casas, eu entraria na cidade.”[11]

Quando ele chegou a Worms, uma vasta multidão se aglomerou nos portões para lhe dar as boas-vindas. A emoção era intensa. “Deus será minha defesa”, disse Lutero ao descer de sua carruagem. Sua chegada encheu de assombro os defensores de Roma. O imperador convocou os participantes do concílio. Que rumo deveriam tomar? Um católico rígido declarou: “Já debatemos este assunto por tempo demais. Que sua majestade imperial se livre desse homem de uma vez por todas. Sigismundo não mandou John Huss ser queimado? Não somos obrigados nem a dar salvo-conduto para um herege, nem a respeitar tal documento”. “Não”, disse o imperador. “Cumpriremos nossa promessa.”[12] Então decidiram que o reformador seria ouvido.

Todos na cidade estavam ansiosos para ver o notável homem. Lutero, cansado da viagem, necessitava de tranquilidade e descanso. Mas desfrutou poucas horas de alívio quando nobres, cavaleiros, padres e cidadãos se reuniram avidamente ao redor dele. Em meio a esses nobres, havia aqueles que exigiram do imperador que fizesse uma reforma nos abusos da igreja. Tanto amigos quanto inimigos foram ver o monge destemido. Sua feição era firme e corajosa. Seu rosto pálido e magro tinha uma expressão bondosa e até mesmo alegre. O profundo fervor de suas palavras carregava consigo um poder que nem mesmo seus inimigos eram capazes de resistir por completo. Alguns se convenceram de que havia nele uma

influência divina. Outros declararam, assim como os fariseus a respeito de Cristo: “Ele tem demônio” (Jo 10:20, ARA).

No dia seguinte, um oficial do império foi enviado para levar Lutero ao auditório da assembleia. Todas as ruas estavam lotadas de espectadores ávidos por ver o monge que ousara resistir ao papa. Um velho general, herói de muitas batalhas, disse-lhe com bondade: “Pobre monge, você agora está prestes a fazer uma resistência mais nobre do que eu ou qualquer outro capitão já fizemos nas mais sangrentas de nossas batalhas. Mas, se sua causa é justa, [...] vá em frente em nome de Deus e nada tema. O Senhor não o abandonará.”[13]

Perante o Concílio

O imperador se assentou no trono, cercado pelos indivíduos mais importantes do império. Martinho Lutero deveria agora responder por sua fé. “Esse comparecimento em si já foi uma vitória clara sobre o papado. O papa havia condenado o homem, e agora ele estava diante de um tribunal que, por intermédio desse ato em si, se colocou acima do papa. O papa o havia banido e excluído da sociedade humana. Mesmo assim, ele havia sido convocado em linguagem respeitosa e foi recebido perante a mais distinta assembleia do mundo. [...] Roma já estava descendo do trono e foi a voz de um monge que causou sua humilhação.”[14]

O reformador de origem humilde parecia perplexo e envergonhado. Vários príncipes se aproximaram dele, sussurando: “Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma .” Outro acrescentou: “Por Minha causa vocês serão levados à presença de

governadores e de reis [...]. Mas, quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizê-lo. Naquela hora, lhes será dado o que dizer" (Mt 10:28, 18-20).

Silêncio profundo recaiu sobre a assembleia lotada. Então um oficial do império se levantou e, apontando para os escritos de Lutero, exigiu que o reformador respondesse a duas perguntas: se ele reconhecia que eram de sua autoria e se tinha a intenção de se retratar das opiniões que expressavam. Após a leitura dos títulos dos livros, Lutero respondeu à primeira pergunta, reconhecendo que os escritos eram de sua autoria. "Quanto à segunda indagação", afirmou, "eu agiria de maneira precipitada se respondesse sem refletir. Posso dizer menos do que a ocasião requer ou mais do que a verdade exige. Por esse motivo, peço à sua majestade imperial, com toda humildade, que me conceda tempo, para que eu responda sem ofender a Palavra de Deus." [15]

A resposta de Lutero convenceu a assembleia de que ele não agia por emoção ou impulso. Tamanha calma e controle de si, inesperados em alguém tão ousado e firme, permitiram que ele respondesse posteriormente com sabedoria e dignidade que surpreenderam seus oponentes e serviram como repreensão à altiva arrogância deles.

No dia seguinte, Lutero deveria dar sua resposta final. Por um instante, seu coração desanimou. Seus inimigos pareciam triunfar. Nuvens se formaram ao seu redor e pareciam separá-lo de Deus. Em angústia de espírito, ele derramou seus clamores alquebrados, de coração rendido ao Único capaz de compreendê-los por completo.

“Ó Deus todo-poderoso e eterno”, implorou ele, “se eu depositar minha confiança somente na força deste mundo, então tudo estará acabado. [...] Minha hora final chegou, minha condenação foi pronunciada. [...] Ó Deus, ajuda-me contra toda a sabedoria do mundo. [...] A causa é Tua [...] e ela é justa e eterna. Ó, Senhor, ajuda-me! Fiel e imutável Deus, não deposito minha confiança em homem nenhum. [...] O Senhor me escolheu para esta obra. [...] Permaneça ao meu lado, por amor ao Teu tão amado Jesus Cristo, que é minha defesa, meu escudo e minha fortaleza.” [16]

No entanto, não foi o medo de sofrimento pessoal, tortura ou morte que o encheram de pavor. Lutero sentia sua inadequação. Por causa de suas fraquezas, a causa da verdade poderia sofrer perda. Ele lutou com Deus não pela própria segurança, mas pelo triunfo do evangelho. Em sua necessidade absoluta, ele se apegou à fé em Cristo, o poderoso Libertador. Ele não compareceria diante do concílio sozinho. A paz voltou a seu coração, e ele se alegrou por ter a permissão de exaltar a Palavra de Deus diante dos governantes das nações.

Lutero pensou em sua resposta, examinou as passagens em seus escritos e extraiu das Escrituras provas adequadas para defender seus posicionamentos. Então, colocando a mão esquerda sobre o volume sagrado, ergueu a mão direita ao céu e fez o voto de “permanecer fiel ao evangelho e confessar livremente sua fé, mesmo que precisasse selar o testemunho com seu sangue”. [17]

Novamente Perante a Assembleia

Quando Lutero foi convocado novamente perante a assembleia, estava calmo e pacífico, mas, ao mesmo

tempo, corajoso e nobre, como testemunha de Deus entre os grandes da Terra. O oficial do império exigiu uma decisão. Ele desejava se retratar? Lutero deu sua resposta em tom humilde, sem violência ou descontrole. Seu aspecto era modesto e respeitoso, porém demonstrava confiança e alegria que surpreenderam a assembleia.

“Sereníssimo imperador, ilustres príncipes e graciosos nobres”, começou Lutero, “compareço à sua presença hoje para cumprir a ordem que me foi dada ontem. [...] Se, por ignorância, eu violar os costumes e as formalidades da corte, peço que me perdoem, pois não fui criado nos palácios reais, mas na reclusão de um convento.” [18]

Então afirmou que, em algumas de suas obras publicadas, havia escrito sobre a fé e as boas obras e até mesmo alguns de seus inimigos as consideraram benéficas. Retratar-se delas seria o mesmo que condenar verdades aceitas por todos. A segunda categoria de escritos consistia daqueles que expunham as corrupções e os abusos do papado. Revogá-las equivaleria a fortalecer a tirania de Roma e abrir uma porta ainda mais larga para sacrilégios maiores. Na terceira categoria, ele havia atacado indivíduos que defenderam males existentes. Em relação a estes, Lutero admitiu abertamente que fora mais violento do que o apropriado. Entretanto, nem mesmo esses livros ele poderia revogar, pois os inimigos da verdade usariam isso como oportunidade para subjugar o povo de Deus com crueldade ainda maior.

Continuou: “Defendo-me assim como fez Cristo, ‘Se Eu disse algo de mal, denuncie o mal’ (Jo 18:23). [...] Pela misericórdia de Deus, apelo a ti, sereníssimo imperador, e a

vós, ilustríssimos príncipes e a todos os homens instruídos que provem, com base nos escritos dos profetas e apóstolos, que estou errado. Assim que me convencerem disso, eu me retratarei de cada erro e serei o primeiro a pegar meus livros e lançá-los ao fogo. [...]

"Longe de me sentir desanimado, eu me alegro ao ver que o evangelho é hoje, assim como no passado, causa de perturbaç ão e dissensão. Esse é o caráter e o destino da Palavra de Deus. 'Não pensem que vim trazer paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada', disse Jesus Cristo (Mt 10:34). [...] Tomem cuidado para que, achando que estão dando fim a todas as dissensões, não persigam a santa Palavra de Deus, trazendo sobre vocês um temível dilúvio de perigos intransponíveis, desastres presentes e desolação eterna." [19]

Lutero havia falado em alemão. Em seguida, pediram que repetisse as mesmas palavras em latim. Mais uma vez, ele fez seu discurso com a mesma clareza de antes. A orientação divina o guiou nisso. Erros e superstições tanto haviam cegado muitos dos presentes que, a princípio, eles não reconheceram a força do raciocínio de Lutero. A repetição, porém, permitiu que entendessem claramente as ideias apresentadas.

Aqueles que, teimosamente, fecharam os olhos à luz ficaram enfurecidos com o poder das palavras de Lutero. O porta-voz da assembleia disse irado: "Você não respondeu à pergunta que lhe foi feita. [...] Deve dar uma resposta clara e precisa. [...] Vai se retratar ou não?"

O reformador respondeu: "Já que sua serena majestade e suas altezas exigem de mim uma resposta clara, simples e

precisa, eu lhes darei e é a seguinte: N ão posso sujeitar minha fé nem ao papa, nem a concílios, pois é tão claro quanto a luz do dia que eles erraram com frequência e contradisseram uns aos outros. A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras [...] , pois não é seguro para um cristão falar contra sua consciência. Aqui estou. Não há nada mais que possa fazer. Que Deus me ajude. Amém.” [20]

Assim se posicionou o justo homem. Sua grandeza e pureza de caráter, sua paz e alegria de coração deixaram claro para todos que ele testemunhava da superioridade da fé que vence o mundo.

Em sua primeira resposta, Lutero falou em tom respeitoso, quase submisso. Os seguidores do papa pensaram que o adiamento era apenas o primeiro passo rumo à retratação da fé. O próprio Carlos, ao observar com certo desprezo o corpo abatido do monge, suas roupas humildes e a simplicidade de sua fala, declarou: “Esse monge nunca fará de mim um herege.” A coragem e a firmeza que ele demonstrava, bem como o poder de seu raciocínio, encheram a todos de surpresa. O imperador exclamou com admiração: “Este monge fala com bravura no coração e coragem inabalável!”

Os defensores de Roma perderam a controvérsia. Tentaram manter seu poder não apelando para as Escrituras, mas por meio de ameaças – o argumento infalível de Roma. O porta-voz da assembleia disse: “Se você não se retratar, o imperador e os estados do império vão se reunir para decidir que providência devem tomar contra um herege incorrigível.”

Lutero disse com toda calma: “Que Deus seja meu ajudador, pois não posso me retratar de nada.” [21]

Pediram a ele que deixasse o ambiente enquanto os príncipes deliberavam. A recusa persistente de Lutero em se sujeitar poderia afetar a história da igreja por eras. Decidiram dar a ele mais uma oportunidade de se retratar. Mais uma vez, perguntaram-lhe se renunciaria a suas doutrinas. “Não tenho outra resposta a dar além daquela que já pronunciei”, disse ele.

Os líderes papais ficaram pasmos ao ver que o poder deles não intimidou um humilde monge. Lutero havia falado com toda dignidade e calma cristã. Suas palavras eram livres de sentimentalismo e equívocos. Ele perdera a si mesmo de vista, sentindo apenas que estava na presença dAquele que é infinitamente superior a papas, reis e imperadores. O Espírito de Deus se fez presente, impressionando o coração dos chefes do império.

Vários príncipes reconheceram com ousadia que a causa de Lutero era justa. Outro grupo não expressou as próprias convicções, porém no futuro se tornaram defensores destemidos da Reforma.

O eleitor Frederico ouviu o discurso de Lutero com profunda emoção. Com alegria e orgulho, testemunhou a coragem e calma do doutor e decidiu se posicionar com firmeza ainda maior em defesa de Lutero. Viu que o poder da verdade havia derrotado a sabedoria de papas, reis e autoridades eclesiásticas.

Quando o representante do papa viu o efeito que o discurso de Lutero havia provocado, decidiu usar todos os

meios a seu dispor para ocasionar a queda do reformador. Com eloquência e habilidades diplomáticas, ele apresentou ao jovem imperador o perigo de sacrificar a amizade e o apoio de Roma pela causa de um monge insignificante.

No dia posterior à resposta de Lutero, Carlos anunciou à assembleia sua determinação de exaltar e proteger a religião católica. Tinha a intenção de usar medidas vigorosas contra Lutero e as heresias que ele ensinava: "Sacrificarei meus reinos, meus tesouros, meus amigos, meu corpo, meu sangue, minha alma e minha vida [...], mas [...] tratarei tanto ele quanto seus seguidores como hereges obstinados, por meio de excomunhão, banimento oficial e todos os meios calculados para destruí-los." [22] Contudo, declarou o imperador, o salvo-conduto de Lutero deveria ser respeitado. Ele precisaria ter a permissão de voltar para casa em segurança.

Salvo-conduto Ameaçado

Mais uma vez os representantes do papa exigiram que o imperador desconsiderasse o salvo-conduto de Lutero. "O Reno deve receber suas cinzas, assim como recebeu as de John Huss há um século." [23] Mas os príncipes da Alemanha, conquanto fossem inimigos confessos de Lutero, protestaram contra tamanha violação da fé pública. Lembraram os desastres que sucederam a morte de Huss. Não ousariam trazer sobre a Alemanha a repetição daqueles terríveis males.

Respondendo à proposta infame, Carlos disse: "Mesmo que a honra e a fé desapareçam do mundo inteiro, elas ainda encontrarão um refúgio no coração dos príncipes." [24] Os inimigos papais de Lutero continuaram a incitá-lo a tratar

o reformador assim como Sigismundo fizera com Huss. Mas recordando a cena na qual, em assembleia pública, Huss apontou para suas cadeias e lembrou o monarca de suas promessas de salvo- conduto, Carlos V declarou: “Eu não gostaria de corar como Sigismundo.” [25]

No entanto, Carlos rejeitou deliberadamente as verdades que Lutero apresentou. Ele não se disporia a sair do caminho dos costumes para trilhar a vereda da verdade e da justiça. Assim como seus pais, ele também defenderia o papado. Ao fazê-lo, rejeitou aceitar a luz que ia além daquela que seus pais haviam aprendido.

Muitos hoje se apegam às tradições de seus antepassados. Quando o Senhor envia mais luz, recusam-se a aceitá-la porque seus pais não o fizeram. Deus não poderá nos aprovar se olharmos para nossos pais a fim de decidir qual é nosso dever, em vez de examinar a Palavra da Verdade por nossa conta. Prestaremos conta pela luz adicional que agora brilha sobre nós da Palavra de Deus.

Por meio de Lutero, o poder divino havia falado ao imperador e aos príncipes da Alemanha. O Espírito de Deus suplicou com muitos pela última vez naquela assembleia. Assim como Pilatos fizera séculos antes, Carlos V cedeu ao orgulho humano e resolveu rejeitar a luz da verdade.

As ameaças contra Lutero circulavam por toda parte, despertando comoção em toda a cidade. Cientes da crueldade enganosa de Roma, muitos amigos resolveram impedir que o reformador fosse sacrificado. Centenas de nobres se comprometeram a protegê-lo. Cartazes foram colocados nas portas das casas e em espaços públicos, alguns condenando Lutero, outros o defendendo. Um deles

trazia as significativas palavras: “Ai de ti, ó terra cujo rei é criança ” (Ec 10:16, ARA). O entusiasmo popular a favor de Lutero convenceu o imperador e a assembleia de que qualquer injustiça cometida contra ele colocaria em risco a paz do império e a estabilidade do trono.

Esforços para Transigir com Roma

Frederico da Saxônia escondeu cuidadosamente seu real sentimento em relação a Lutero. Ao mesmo tempo, guardou o reformador com vigilância constante, observando seus movimentos e os de seus inimigos. No entanto, muitos outros não esconderam sua simpatia em relação a Lutero. Spalatin escreveu: “O quartinho do doutor não conseguia comportar todos os visitantes que apareciam.” [26] Até mesmo aqueles que não tinham fé em suas doutrinas não conseguiam deixar de admirar a integridade que o levara a correr risco de morte, em vez de violar a própria consciência.

Alguns tentaram avidamente induzir Lutero a concordar em fazer concessões a Roma. Nobres e príncipes lhe disseram que, se ele mantivesse o julgamento contra a igreja e os concílios, seria banido do império e não teria defesa alguma. Mais uma vez, insistiram para que se sujeitasse ao juízo do imperador. Assim ele não teria nada a temer. Em resposta, Lutero disse: “Consinto de todo o coração que o imperador, os príncipes e até mesmo o mais vil cristão examinem e julguem minhas obras. Mas com uma condição: que usem a Palavra de Deus como padrão. A humanidade nada mais tem a fazer além de lhe obedecer.”

Em outro apelo, disse: “Consinto em renunciar a meu salvo-conduto. Coloco minha pessoa e minha vida nas mãos

do imperador, mas a Palavra de Deus nunca!” [27] Disse que estava disposto a se submeter a um concílio geral, mas somente se o concílio decidisse de acordo com as Escrituras. “No que diz respeito à Palavra de Deus, qualquer cristão é tão bom juiz quanto o papa, mesmo se um milhão de concílios ficarem ao lado do papa.” [28] Tanto amigos quanto inimigos finalmente se convenceram de que esforços adicionais para conciliar as duas partes seriam inúteis.

Se o reformador tivesse cedido em um único ponto, Satanás e seus anjos teriam conquistado a vitória. Sua firmeza inabalável foi o meio de libertar a igreja. A influência desse homem que ousou pensar e agir por si mesmo afetaria a igreja e o mundo não só em uma época, mas em todas as gerações futuras.

Logo o imperador ordenou que Lutero voltasse para casa. Sua condenação viria em seguida. Nuvens ameaçadoras pairavam sobre seu caminho; porém, ao deixar Worms, seu coração estava cheio de alegria e louvor.

Após a partida, Lutero queria deixar claro que sua firmeza não consistia em rebelião. Escreveu para o monarca: “Estou pronto, com a maior disposição, para obedecer à vossa majestade, em honra ou desonra, para viver ou morrer, sem nenhuma exceção a não ser a Palavra de Deus, pela qual o ser humano vive. [...] Quando há interesses eternos envolvidos, Deus não quer que uma pessoa se submeta à outra. Isso se dá porque tal submissão em questões espirituais acaba sendo uma forma de adoração, a qual só pode ser prestada ao Criador.” [29]

Na jornada partindo de Worms, líderes importantes da

igreja receberam de bom grado o monge excomungado e governantes civis honraram o homem a quem o imperador havia denunciado. Insistiram para que pregasse e, a despeito do banimento imperial, mais uma vez ele assumiu o púlpito. Disse: “Nunca prometi acorrentar a Palavra de Deus, nem o farei.” [30]

Não muito depois de Lutero partir de Worms, os líderes católicos conseguiram convencer o imperador a promulgar um edito contra ele. O reformador foi denunciado como “o próprio Satanás em forma humana e vestido com roupas de monge”. [31] Assim que o salvo-conduto expirou, todos foram proibidos de abrigá-lo, de lhe dar comida ou bebida, ou de ajudá-lo com qualquer palavra ou ato. Lutero deveria ser entregue às autoridades e seus seguidores também seriam presos e perderiam suas propriedades. Seus escritos deveriam ser destruídos e, por fim, todos que ousassem agir de forma contrária ao decreto seriam incluídos em sua condenação. O eleitor da Saxônia e os príncipes mais favoráveis a Lutero haviam partido de Worms pouco depois do reformador e o decreto do imperador foi aprovado pela assembleia que ainda se encontrava ali. Os apoiadores de Roma não poderiam estar mais felizes. Eles imaginaram que o destino da Reforma estava selado.

Deus usa Frederico da Saxônia

Um olho vigilante seguia os movimentos de Lutero e um coração verdadeiro e nobre resolveu resgatá-lo. Deus deu a Frederico da Saxônia um plano para salvar a vida do reformador. Na viagem para casa, Lutero foi separado de seus companheiros e logo foi levado para o meio da floresta até o castelo de Wartburg, uma fortaleza isolada nas

montanhas. Seu esconderijo era um segredo tão bem guardado que nem o próprio Frederico sabia para onde Lutero tinha sido levado. Essa ignorância foi planejada. Enquanto o eleitor não soubesse de nada, não poderia revelar nada. Satisfeito com a certeza de que o reformador estava seguro, ele se contentou.

Primavera, verão e outono se passaram, chegou o inverno e Lutero permanecia prisioneiro. Aleandro e seus seguidores se vangloriavam de seu sucesso. A luz do evangelho parecia prestes a se extinguir. Mas a luz do reformador brilharia com intensidade ainda maior.

Segurança em Wartburg

Na segurança amistosa do castelo de Wartburg, Lutero se alegrou por se ver liberto do calor e tumulto da batalha. Entretanto, por estar acostumado a uma vida ativa e cheia de conflitos, não conseguia suportar permanecer inativo. Naqueles dias solitários, a condição da igreja se levantou diante dele. Temia ser chamado de covarde por se retirar da luta. Então se repreendeu por ser ocioso e autocondescendente.

Ao mesmo tempo, porém, todos os dias ele realizava mais do que parecia possível a um só homem fazer. Sua pena nunca ficou parada. Seus inimigos ficavam pasmos e confusos com as provas tangíveis de que ele continuava ativo. Diversos folhetos de sua autoria circularam pela Alemanha. Ele também traduziu o Novo Testamento para o alemão. De sua rochosa Patmos, continuou a proclamar o evangelho por quase um ano e a repreender os erros de sua era.

Deus havia retirado seu servo do palco da v I da pública. No isolamento tranquilo de seu retiro montanhoso, Lutero foi privado de todo apoio terreno e excluído de louvores humanos. Isso o salvou do orgulho e da autoconfiança que tantas vezes o sucesso traz.

Quando as pessoas se alegram na liberdade que a verdade lhes traz, Satanás tenta afastar os pensamentos e as afeições delas de Deus e uni-las a agentes humanos, para que honrem o instrumento e ignorem a mão que dirige os acontecimentos que o Senhor escolhe. Com muita frequência, os líderes religiosos que são louvados assim começam a confiar em si mesmos. As pessoas tendem a olhar para eles em busca de orientação, em vez de examinar a Palavra de Deus. O Senhor queria resguardar a Reforma desse perigo. Olhos humanos procuravam Lutero como o intérprete da verdade. Ele foi retirado de tal maneira que todos os olhos só poderiam se dirigir ao Autor eterno da verdade.

---

[1] J. H. Merle D’Aubigné, , v. 6, cap. 11.

[2] Ibid., v. 7, cap. 1.

[3] Ibid.

[4] Ibid., v. 7, cap. 3.

[5] Ibid., v. 7, cap. 4.

[6] Ibid.

[7] Ibid., v. 7, cap. 6.

[8] Ibid., v. 7, cap. 7.

[9] Ibid.

[10] Ibid.

[11] Ibid.

[12] Ibid., v. 7, cap. 8.

[13] Ibid.

[14] Ibid.

[15] Ibid.

[16] Ibid.

[17] Ibid.
[18] Ibid.
[19] Ibid.
[20] Ibid.
[21] Ibid.
[22] Ibid., v. 7, cap. 9.
[23] Ibid.
[24] Ibid.
[25] Jacques Lenfant, , v. 1, p. 422.
[26] W. Carlos Martyn, , v. 1, p. 404.
[27] D’Aubigné, v. 7, cap. 10.
[28] Martyn, v. 1, p. 410.
[29] D’Aubigné, v. 7, cap. 11.
[30] Martyn, v. 1, p. 420.
[31] D’Aubigné, v. 7, cap. 11.

A Luz se Acende na Suíça

Algumas semanas depois de Lutero nascer na cabana de um mineiro, na Saxônia, Ulrico Zuínglio veio ao mundo na choupana de um pastor de ovelhas em meio aos Alpes. Criado entre as cenas da grandiosidade da natureza, mesmo durante a infância sua mente se impressionava com a majestade de Deus. Ao lado de sua avó, ouviu algumas histórias preciosas da Bíblia que ela havia aprendido com as lendas e tradições da igreja.

Aos treze anos de idade, Zuínglio foi para Berna, que, na época, contava com a melhor escola da Suíça. Ali, porém, um perigo surgiu. Os frades fizeram esforços determinados para seduzi-lo à vida monástica. Por meio de intervenção divina, seu pai recebeu informações quanto ao plano dos frades. Reconheceu que a utilidade futura de seu filho estava em jogo e o instruiu a voltar para casa.

Zuínglio obedeceu à ordem, mas não conseguiu se contentar por muito tempo em permanecer em seu vale natal e logo retomou os estudos, viajando, depois de um tempo, para Basileia. Ali Zuínglio ouviu pela primeira vez o evangelho da graça de Deus. Wittembach, professor de línguas antigas, havia sido levado às Sagradas Escrituras

enquanto estudava grego e hebraico. Muitos raios de luz divina encheram a mente dos alunos sob sua instrução. Ele ensinava que a morte de Cristo é o único resgate do pecador. Para Zuínglio, essas palavras foram como o primeiro raio de luz que antecede a aurora.

Zuínglio logo foi chamado para fora de Basileia a fim de começar a obra de sua vida inteira. Sua primeira função foi cuidar de uma paróquia nos Alpes. Ordenado padre, ele "se dedicou de todo o coração à busca da verdade divina". [1]

Quanto mais examinava as Escrituras, mais claramente via o contraste entre a verdade e os falsos ensinos de Roma. Ele se sujeitou à Bíblia e a aceitou como a Palavra de Deus, a única regra suficiente e infalível. Entendeu que as Escrituras precisam ser a própria intérprete. Buscou todos os auxílios disponíveis para obter uma compreensão correta de seu significado e pediu a ajuda do Espírito Santo. "Comecei a pedir a Deus Sua luz", escreveu posteriormente, "e as Escrituras se tornaram muito mais fáceis para mim." [2]

A doutrina que Zuínglio pregava não tinha vindo de Lutero. Era a doutrina de Cristo. Ele disse: "Se Lutero prega a Cristo, então ele faz o que eu estou fazendo. [...] Nunca escrevi uma palavra para Lutero, nem ele para mim. E por quê? [...] Para demonstrar o quanto o Espírito está em união consigo mesmo, uma vez que nós dois, sem nenhuma combinação, ensinamos a doutrina de Cristo com tamanha uniformidade." [3]

Em 1516, Zuínglio foi convidado para pregar em um convento em Einsiedeln. Ali ele exerceria uma influência como reformador que se estenderia muito além de seus Alpes natais.

Dentre as principais atrações de Einsiedeln, havia uma imagem da virgem Maria. As pessoas diziam que ela tinha poder para realizar milagres. Acima do portão do convento estava a inscrição: “Aqui se pode obter remissão completa dos pecados.” [4] Multidões provenientes de todas as partes da Suíça e até mesmo da França e da Alemanha iam até o altar da virgem. Zuínglio aproveitou a oportunidade para proclamar liberdade por meio do evangelho para esses escravos da superstição.

Disse: “Não imagine que Deus está neste templo mais do que em qualquer outra parte da criação. [...] Obras inúteis, longas peregrinações, ofertas, imagens ou apelos à virgem ou aos santos seriam capazes de obter para vocês a graça de Deus? [...] Como uma capa brilhante, uma cabeça lisa e uma roupa longa e esvoaçante ou chinelos bordados em ouro poderiam ajudar a perdoar pecados?” “Cristo”, afirmou, “que no passado foi ofertado na cruz é o sacrifício e a vítima que pagou a dívida por toda a eternidade dos pecados daqueles que creem.” [5]

Para muitos, foi um amargo desapontamento ficar sabendo que sua difícil jornada tinha sido em vão. Não conseguiam compreender o perdão livremente oferecido por meio de Cristo. Estavam satisfeitos com a maneira que Roma os dirigia. Era mais fácil confiar a salvação aos sacerdotes e ao papa do que buscar pureza de coração.

Entretanto, outras pessoas receberam com alegria as boas-novas da redenção por intermédio de Cristo e, com fé, aceitaram o sangue do Salvador como sua expiação. Foram para casa e contaram aos outros sobre a preciosa luz que haviam recebido. Dessa maneira, a verdade viajou de

cidade em cidade e o número de peregrinos ao altar da virgem diminuiu drasticamente. As ofertas também foram reduzidas, bem como o salário de Zuínglio, que vinha delas. Mas isso só o levou a se alegrar por ver que o poder da superstição estava se quebrando. A verdade começava a ganhar espaço no coração das pessoas.

Chamado a Zurique

Após três anos, Zuínglio foi chamado para pregar na catedral de Zurique, a cidade mais importante da Confederação Suíça. A influência que ele exerceu ali seria amplamente sentida. Os clérigos começaram a instruí-lo quanto a seus deveres:

"Faça todo esforço possível para recolher a renda dos membros, sem deixar de lado nem mesmo o mais simples deles. [...] Seja diligente em aumentar os recursos provenientes dos enfermos, das missas e, de modo geral, de toda função da igreja." "Quanto à administração dos sacramentos, a pregação e o cuidado do rebanho, [...] você pode usar um substituto, especialmente na pregação." [6]

Zuínglio ouviu em silêncio essa instrução e disse em resposta: "A vida de Cristo foi escondida do povo por tempo demais. Pregarei todo o evangelho de São Mateus. [...] Consagrarei meu ministério à glória de Deus, ao louvor de Seu Filho, à real salvação das pessoas e a seu crescimento na verdadeira fé."

As pessoas se aglomeravam em grande número para ouvir suas pregações. Ele começou seu ministério abrindo o evangelho e explicando sobre a vida, os ensinos e a morte de Cristo. Dizia: "É a Cristo que desejo conduzir vocês – a

Cristo, a verdadeira fonte de salvação.” Estadistas, eruditos, artesãos e camponeses ouviam suas palavras. Sem temor, ele repreendia os males e as corrupções dos tempos. Muitos voltavam da catedral louvando a Deus. Comentavam: “Este homem é pregador da verdade. Ele será nosso Moisés, para nos tirar dessas trevas do Egito.” [7]

Depois de um tempo, surgiu oposição. Os monges o incomodavam com perguntas e o tratavam com desdém. Outros recorriam a insultos e ameaças. Mas Zuínglio suportava tudo com paciência.

Quando Deus está Se preparando para quebrar as cadeias da ignorância e da superstição, Satanás exerce seu maior poder para manter as pessoas na escuridão e prender suas cadeias com firmeza ainda maior. Roma trabalhava com energia renovada para colocar seu mercado em funcionamento por todo o mundo cristão, oferecendo perdão em troca de dinheiro. Cada pecado tinha seu preço e a igreja dava às pessoas livre licença para praticar crimes, se isso mantivesse cheios os tesouros da igreja. Assim os dois movimentos avançavam: Roma dando licença para o pecado e o transformando em sua fonte de renda, e os reformadores condenando o pecado e apontando para Cristo como o sacrifício e libertador.

Venda de Indulgências na Suíça

Na Alemanha, o infame Tetzel administrava a venda de indulgências. Na Suíça, a igreja colocou as vendas sob o controle de Sansão, um monge italiano. Sansão já havia levantado grandes somas de recursos alemães e suíços para encher o tesouro papal. Então viajava pelo país para sugar dos pobres camponeses sua parca renda e exigir ricos

presentes dos abastados. Quando chegou com suas mercadorias a uma cidade próxima a Einsideln, Zuínglio imediatamente começou a se opor a ele. Zuínglio obteve tamanho êxito em expor as mentiras do frade que Sansão precisou ir embora e partir para outras cidades. Depois, Zuínglio pregou zelosamente contra aqueles que tentavam vender o perdão de Deus. Quando Sansão se aproximou do local, usou uma artimanha esperta para conseguir entrar. Mas as pessoas o mandaram embora sem a venda de nenhum perdão, e ele logo deixou a Suíça.

A praga, ou peste negra, assolou toda a Suíça no ano de 1519. Muitos reconheceram como era inútil e sem valor o perdão que haviam comprado. Ansiavam por um fundamento mais sólido para sua fé. Em Zurique, Zuínglio contraiu a doença e circulou por muitos lugares o boato de que ele estava morto. Naquela hora terrível, ele olhou com fé para a cruz do Calvário, confiando no sacrifício todo-suficiente para remir os pecados. Quando voltou das garras da morte, passou a pregar o evangelho com intensidade ainda maior do que antes. O povo em si tinha acabado de cuidar de enfermos e moribundos. Isso os levou a valorizar o evangelho como nunca antes.

Zuínglio havia chegado a uma compreensão mais clara das verdades do evangelho e tinha experimentado de forma mais completa seu poder renovador na própria vida. “Cristo”, dizia ele, “comprou para n ó s a redenção eterna. [...] Seu sofrimento é [...] um sacrifício eterno e tem poder eterno para curar. Satisfez a justiça divina para sempre, para todos os que confiam nEle com fé firme e inabalável. [...] Onde quer que haja fé em Deus, existe também o zelo

instando e levando as pessoas à prática de boas obras.” [8]

Passo a passo, a Reforma ganhou aceitação em Zurique. Alarmados, os inimigos do movimento se levantaram para fazer oposição aberta. Lançaram repetidos ataques a Zuínglio, tentando silenciar aquele que ensinava heresias. O bispo de Constan ça enviou três delegados ao concílio de Zurique, acusando Zuínglio de colocar em risco a paz e a ordem da sociedade. Se a autoridade da igreja fosse colocada de lado, insistia, o resultado seria anarquia absoluta.

O concílio se recusou a agir contra Zuínglio e Roma preparou um novo ataque. O reformador exclamou: “Deixe que venham. Eu os temo assim como os despenhadeiros rochosos temem as ondas que bramam a seus pés.” [9] Os esforços dos oficiais da igreja só ajudaram a causa que eles tentavam derrubar. A verdade continuou a se espalhar. Na Alemanha, seus seguidores, desanimados pelo desaparecimento de Lutero, se animaram mais uma vez quando viram o progresso do evangelho na Suíça. À medida que a Reforma se estabelecia em Zurique, seus frutos passaram a ser vistos de forma mais plena na redução do crime e na promoção da ordem.

Debate com Representantes de Roma

Quando eles viram o pouco êxito que a perseguição havia obtido em acabar com a obra de Lutero, os representantes de Roma decidiram que fariam um debate com Zuínglio. Eles garantiriam a vitória ao escolher não só o local do combate, mas também os juízes que decidiriam entre os dois lados. E se conseguissem colocar Zuínglio sob seu poder, dariam um jeito de não deixá-lo escapar. Essa

intenção, porém, foi cuidadosamente escondida.

O debate foi marcado para ser realizado em Baden. Mas o concílio de Zurique, suspeitando dos planos dos representantes de Roma e alertados pelas fogueiras acesas nos cantões papais para queimar aqueles que aceitavam o evangelho, proibiram seu pastor de se aventurar em uma situação tão perigosa. Ir a Baden, onde o sangue dos mártires pela verdade havia acabado de ser derramado era o mesmo que ir ao encontro da morte certa. Oekolampad e Haller foram escolhidos para representar os reformadores, ao passo que o célebre Dr. Eck, apoiado por muitos teólogos e oficiais da igreja, defenderia Roma.

O lado romano escolheu todos os secretários e ninguém mais tinha permissão de fazer anotações, sob pena de morte. Ainda assim, um estudante que participou do debate fazia, a cada noite, um registro dos argumentos apresentados naquele dia. Dois outros alunos se encarregavam de levar os papéis para Zuínglio em Zurique, com cartas diárias de Oekolampad. A fim de evitar ser apanhados pelos guardas nas portas das cidades, esses mensageiros levavam cestos de galinha na cabeça e recebiam permissão para passar sem problemas.

Myconius conta que Zuínglio “labutou mais com pensamentos profundos, noites insones e conselhos que transmitia para Baden do que o teria feito caso estivesse debatendo pessoalmente, cercado por inimigos”. [10]

Os representantes de Roma chegaram a Baden usando roupas suntuosas e brilhando com suas joias. Comiam com luxo ao redor de mesas repletas de caras iguarias e dos melhores vinhos. Em contraste, os reformadores se

alimentavam de comida simples e barata que não os mantinha por muito tempo à mesa. O estalajadeiro de Oekolampad às vezes o espreitava em seu quarto. Como sempre o encontrava estudando ou orando, relatou que o herege era, pelo menos, “muito piedoso”.

Na conferência, “Eck subiu com arrogância a um púlpito de esplêndida decoração, ao passo que o humilde Oekolampad, pobremente vestido, foi forçado a se assentar em frente a seu adversário em um tamborete simples de madeira”. A voz alta de Eck e sua certeza sem limites nunca o deixaram. Por defender a fé, seria recompensado com uma alta soma de dinheiro. Quando não tinha bons argumentos, recorria a insultos e até a xingamentos.

Oekolampad, modesto e desconfiado de si mesmo, não apreciava o combate. No entanto, embora fosse de conduta gentil e cortês, provou ser capaz e inabalável. Apegou-se com firmeza às Escrituras. Afirmou: “O costume não tem força nenhuma em nossa Suíça, a menos que concorde com a constituição. Em questões de fé, a Bíblia é nossa constituição.” [11]

O raciocínio calmo e claro do reformador, apresentado com tamanha gentileza de modéstia, apelou às mentes que se incomodaram com as declarações jactanciosas de Eck.

A discussão prosseguiu por dezoito dias. Os representantes de Roma alegaram vitória. A maioria dos delegados tomou o partido de Roma. O concílio então pronunciou que os reformadores foram derrotados e declarou que Zuínglio e seus companheiros deveriam ser excomungados da igreja. Mas a disputa resultou em nova energia para a causa protestante. Não muito tempo depois,

as importantes cidades de Berna e Basileia se declararam em prol da Reforma.

---

[1] James A. Wylie, , v. 8, cap. 5.
[2] Ibid., v. 8, cap. 6.
[3] J. H. Merle D'Aubigné, , v. 8, cap. 9.
[4] Ibid., v. 8, cap. 5.
[5] Ibid.
[6] Ibid., v. 8, cap. 6.
[7] Ibid.
[8] Ibid., v. 8, cap. 9.
[9] Wylie, v. 8, cap. 11.
[10] D'Aubigné, v. 11, cap. 13.
[11] Ibid.

Progresso na Alemanha

O desaparecimento misterioso de Lutero incomodou toda a Alemanha. Rumores absurdos circulavam e muitos acreditavam que ele tinha sido assassinado. Houve grande luto, e muitos fizeram o voto solene de vingar sua morte.

A princípio, os inimigos de Lutero se regozijaram com sua suposta morte, mas se encheram de temor quando descobriram que ele estava cativo. Um deles afirmou: “A única maneira que nos resta de nos salvarmos é acendendo tochas para caçar Lutero pelo mundo inteiro, restaurando-o à nação que clama por ele.” [1] A notícia de que ele estava a salvo, embora prisioneiro, acalmou o povo, que lia seus escritos com interesse maior do que nunca antes. Um número cada vez maior de pessoas tomou partido do homem heroico que tinha defendido a Palavra de Deus.

A semente que Lutero havia semeado se espalhou por toda parte. Sua ausência realizou uma obra que sua presença não tinha conseguido realizar. Agora que o grande líder estava ausente, outros obreiros deram um passo à frente para que o trabalho iniciado com tamanha nobreza não se detivesse.

Satanás tentava enganar e destruir o povo apresentando uma contrafação no lugar da obra verdadeira. Assim como

surgiram falsos cristos no primeiro século, apareceram falsos profetas no século 16.

Alguns homens imaginavam que haviam recebido revelações especiais do C éu e que Deus os havia incumbido de levar adiante a Reforma a qual, segundo alegavam, Lutero tinha começado muito fracamente. Na verdade, eles estavam desfazendo a obra que o reformador já realizara. Rejeitaram o princípio da Reforma de que a Palavra de Deus é a única regra de fé e prática. Em lugar desse guia infalível, eles substituíram a Bíblia pelo padrão incerto dos próprios sentimentos e de suas impressões pessoais.

As pessoas naturalmente inclinadas ao fanatismo se aliaram a estes. Os atos dos extremistas despertaram forte comoção. Lutero havia levado o povo a sentir a necessidade de se reformar, e alguns indivíduos honestos de verdade foram desencaminhados pelas falsas alegações dos novos “profetas”.

Os líderes do movimento se aproximaram de Melâncton dizendo: “Deus nos enviou para instruir o povo. Conversamos diretamente com o Senhor. Sabemos o que irá acontecer. Em suma, somos apóstolos e profetas e apelamos ao Dr. Lutero.”

Os reformadores ficaram perplexos. Melâncton disse: “De fato há espíritos extraordinários nesses homens. Mas que espíritos? [...] De um lado, vamos tomar cuidado para não apagar o Espírito de Deus; em contrapartida, não podemos permitir que sejamos enganados pelo espírito de Satanás.” [2]

O Fruto do Novo Ensino se Torna Visível

Os falsos profetas levaram o povo a negligenciar a Bíblia

ou a deixá-la completamente de lado. Os alunos, deixando de lado toda moderação, largaram os estudos e saíram da universidade. Os homens que, na opinião deles, eram aptos para reavivar e controlar a obra da Reforma só conseguiram levá-los quase que à ruína. Os apoiadores de Roma voltaram a sentir-se confiantes e exclamaram, em tom de triunfo: "Só mais uma batalha e tudo será nosso."

No castelo de Wartburg, Lutero ficou sabendo do que estava acontecendo. Disse com profunda preocupação: "Sempre esperava que Satanás nos enviaria essa praga." [3] Reconheceu o verdadeiro caráter daqueles falsos "profetas". A oposição do papa e do imperador não causou tanta perplexidade e aflição quanto esses acontecimentos. Os supostos "amigos" da Reforma haviam se transformado em seus piores inimigos, despertando contendas e causando confusão.

O Espírito de Deus havia impulsionado Lutero adiante e o levado além de si mesmo. Mesmo assim, muitas vezes, ele tremia diante das consequências que sua obra poderia ter: "Se eu soubesse que minhas doutrinas prejudicaram uma pessoa, apenas uma, por mais humilde e desconhecida – o que é impossível, já que se trata do próprio evangelho – eu preferiria dez vezes morrer a não me retratar das mesmas." [4]

Wittenberg estava sucumbindo sob o poder do fanatismo e da falta de lei. Por toda a Alemanha, os inimigos de Lutero o culpavam por isso. Em amarga angústia, ele indagou: "Será este, então, o fim da grande obra da Reforma?" Mas enquanto lutava com Deus em oração, a paz inundou seu coração. "A obra não é minha, mas Tua", disse. No entanto,

determinou-se a voltar para Wittenberg.

Ele havia sido condenado pelo império. Seus inimigos estavam livres para matá-lo e seus amigos eram proibidos de abrigá-lo. Mas, quando viu que a obra do evangelho estava em perigo, saiu destemidamente em nome do Senhor para batalhar em prol da verdade. Em uma carta ao eleitor, Lutero escreveu: “Vou para Wittenberg sob uma proteção muito superior à estendida por príncipes e eleitores. Não peço o apoio de sua alteza e, longe de desejar sua proteção, prefiro protegê-lo de mim. [...] Não há espada que possa ajudar essa causa a prosseguir. Deus deve fazer tudo sozinho .” Em uma segunda carta, Lutero acrescentou: “Estou pronto para receber o desprazer de sua alteza e a ira do mundo inteiro. Os habitantes de Wittenberg não são meu rebanho? E, se necessário, não devo eu me expor ao perigo de morte por causa deles?” [5]

O Poder da Palavra

Logo se espalhou por Wittenberg a notícia de que Lutero havia voltado e iria pregar. A igreja ficou lotada. Com grande sabedoria e gentileza, ele instruiu e reprovou:

“A liturgia da missa é má. Deus Se opõe a ela e deve ser abolida. [...] Mas não devemos afastar ninguém dela à força. [...] A Palavra [...] de Deus deve agir, não nós. [...] Temos o direito de falar, não de agir. Preguemos; o resto pertence a Deus. Se eu recorresse à força, o que ganharia? Deus toma posse do coração e, quando o conquista, ganha tudo. [...]

“Eu pregarei, debaterei e escreverei, mas não forçarei ninguém, pois a fé é um ato voluntário. [...] Eu me levantei contra o papa, as indulgências e aqueles que apoiavam o

papado, mas sem violência, nem tumulto. Coloquei em evidência a Palavra de Deus; preguei e escrevi – foi só isso que eu fiz. Ainda assim, enquanto eu dormia, [...] a palavra que eu havia pregado subverteu o sistema papal de tal modo que nenhum príncipe ou imperador lhe causou tanto dano assim. Contudo, eu não fiz nada. Foi a Palavra sozinha que fez tudo.” [6] A Palavra de Deus quebrou o encantamento da empolgação fanática. O evangelho trouxe pessoas desencaminhadas de volta à verdade.

Vários anos depois, o fanatismo irrompeu com resultados mais terríveis. Lutero disse: “Para eles, as Sagradas Escrituras não passam de letras mortas e começam a clamar: ‘O Espírito! O Espírito!’ Mas de maneira nenhuma seguirei aonde o espírito deles conduz.” [7]

Thomas Münzer, o mais ativo dentre os fanáticos, era um homem de habilidade considerável, mas não havia aprendido a verdadeira religião. “Era tomado pelo desejo de reformar o mundo e se esqueceu, assim como acontece com todos os fanáticos, de que a reforma deveria começar com ele próprio.” [8] Não estava disposto a ser o segundo, nem mesmo em relação a Lutero. Alegava que o próprio Deus lhe ordenara que introduzisse a verdadeira reforma: “Aquele que possui o espírito, possui a verdadeira fé, mesmo que nunca veja as Escrituras nesta vida .” [9]

Os mestres fanáticos se permitiam ser governados por impressões, aceitando qualquer pensamento e impulso como a voz de Deus. Milhares de pessoas aceitaram as doutrinas de Münzer. Logo ele declarou que quem obedecia a príncipes estava tentando servir tanto a Deus quanto a Satanás.

Os ensinos revolucionários de Münzer levavam as pessoas a romper com toda forma de controle. Seguiram-se cenas terríveis de conflito, e os campos da Alemanha se encharcaram de sangue.

Agonia de Alma

Os príncipes favoráveis ao papa declararam que a rebelião era fruto das doutrinas de Lutero. Essa acusação trouxe grande aflição ao reformador, ao ver que a causa da verdade era motivo de desgraça por ser classificada com o pior tipo de fanatismo. Em contrapartida, os líderes da revolta odiavam Lutero. Além de ter negado suas reivindicações de inspiração divina, o reformador os chamara de rebeldes contra as autoridades civis. Em retaliação, eles o denunciaram como um impostor vil.

Os apoiadores de Roma esperavam ver a queda da Reforma. E culpavam Lutero até mesmo pelos erros que ele tentava fervorosamente corrigir. Os fanáticos, alegando falsamente que estavam sendo tratados com injustiça, ganharam simpatia. As pessoas começaram a vê-los como mártires. Dessa maneira, aqueles que se opunham à Reforma recebiam simpatia e louvor. Essa foi uma obra do mesmo espírito de rebelião que mostrou sua face pela primeira vez no C éu.

Satanás tenta constantemente enganar as pessoas e lev á -las a chamar o pecado de justiça e a justiça de pecado. A contrafação da santidade, uma santificação falsa, continua a demonstrar o mesmo espírito dos dias de Lutero, desviando a mente das Escrituras e induzindo as pessoas a seguir sentimentos e impressões, em lugar da lei de Deus.

Destemido, Lutero defendeu o evangelho dos ataques que vinha sofrendo. Com a Palavra de Deus, guerreou contra a autoridade usurpada do papa, ao mesmo tempo em que permaneceu firme como uma rocha contra o fanatismo que tentou se aliar à Reforma.

Esses dois elementos de oposição deixavam as Sagradas Escrituras de lado, exaltando a sabedoria humana como fonte de verdade. O racionalismo idolatra a razão e a transforma no padrão para a prática religiosa. O romanismo alega ter uma linha intacta de inspiração dos apóstolos, dando-lhe a oportunidade de esconder extravag â ncias e corrupção debaixo da comissão “apostólica”. A inspiração que Münzer reivindicava vinha da própria imaginação. O verdadeiro cristianismo aceita a Palavra de Deus como teste de toda e qualquer inspiração.

Quando voltou de Wartburg, Lutero concluiu a tradução do Novo Testamento, e logo o evangelho passou a circular entre o povo da Alemanha no próprio idioma. Todos que amavam a verdade receberam essa tradução com grande alegria.

Os padres se alarmaram diante do pensamento de que agora o povo comum teria condições de debater a Palavra de Deus com eles, o que exporia a própria ignorância. Roma lançou mão de toda sua autoridade para impedir que as Escrituras se espalhassem. Mesmo assim, quanto mais proibia a Bíblia, mais as pessoas queriam saber o que ela realmente ensinava. Todos os que sabiam ler a carregavam consigo e só se satisfaziam ao memorizar grandes trechos das Escrituras. Lutero começou imediatamente a tradução do Antigo Testamento.

Os escritos do reformador eram recebidos de bom grado tanto nas cidades quanto nas vilas. “Aquilo que Lutero e seus amigos registravam, outros se encarregavam de fazer circular. Monges convencidos de que seus votos monásticos eram ilegítimos, mas ignorantes demais para proclamar a Palavra de Deus [...] vendiam os livros de Lutero e de seus amigos. A Alemanha logo foi inundada por esses ousados vendedores de livros.” [10]

Estudo da Bíblia por Toda Parte

À noite, os professores das escolas das vilas liam a Palavra em voz alta para pequenos grupos junto a lareiras. Todas as vezes, alguns corações se convenciam da verdade.
“A explicação das Tuas palavras ilumina e dá discernimento aos inexperientes” (Sl 119:130).

Os seguidores do papa que haviam delegado o estudo das Escrituras aos padres e monges agora os chamavam para refutar os novos ensinos. No entanto, ignorantes das Escrituras, os sacerdotes e frades eram completamente derrotados. “Infelizmente”, disse um escritor católico, “Lutero convenceu seus seguidores a não depositar sua fé em nenhum outro guia além das Sagradas Escrituras.”[11]
Multidões se reuniam para ouvir homens com pouca educação formal pregarem a verdade. A ignorância vergonhosa dos grandes se tornava óbvia à medida que os ensinos simples da Palavra de Deus refutavam seus argumentos. Trabalhadores, soldados, mulheres e até crianças estavam mais bem familiarizados com a Bíblia do que padres e eruditos cultos.

Jovens de mente nobre se dedicaram ao estudo, investigando as Escrituras e analisando obras-primas da

antiguidade. Com a mente ativa e coragem no coração, esses jovens logo adquiriram um conhecimento tão grande que, por um bom tempo, ninguém era capaz de competir com eles. As pessoas encontraram nos novos ensinos algo que satisfazia o desejo de seu coração e se afastaram daqueles que os alimentaram por tanto tempo com cascas inúteis de ritos supersticiosos e tradições humanas.

Quando se levantou a perseguição contra os que ensinavam a verdade, eles seguiram as palavras de Cristo: “Quando forem perseguidos num lugar, fujam para outro” (Mt 10:23). Às vezes, os fugitivos encontravam uma porta hospitaleira aberta para eles e pregavam a Cristo, dentro de igrejas, em casas particulares ou a céu aberto. A verdade se espalhava com poder irresistível.

As autoridades civis e eclesiásticas recorreram a prisão, tortura, fogo e espada, mas sem sucesso. Milhares de cristãos selaram a fé com sangue, porém a perseguição só servia para disseminar a verdade. O fanatismo que Satanás tentou aliar à Reforma só tornou mais claro o contraste entre a obra do inimigo e a de Deus.

---

[1] J. H. Merlde D’Aubigné, , v. 9, cap. 1.
[2] Ibid., v. 9, cap. 7.
[3] Ibid.
[4] Ibid.
[5] Ibid., v. 9, cap. 8.
[6] Ibid.
[7] Ibid., v. 10, cap. 10.
[8] Ibid., v. 9, cap. 8.
[9] Ibid., v. 10, cap. 10.
[10] Ibid., v. 9, cap. 11.
[11] Ibid.

O Protesto dos Príncipes

Um dos testemunhos mais nobres que já aconteceu em prol da Reforma foi o protesto que os príncipes cristãos da Alemanha fizeram na Dieta de Espira em 1529. A coragem e a firmeza desses homens resultou na liberdade de consciência das gerações seguintes e deu à igreja reformada o nome de protestante.

A intervenção divina vinha contendo as forças que se opunham à verdade. Carlos V estava determinado a esmagar a Reforma, mas sempre que levantava a mão para golpeá-la, era forçado a dirigir o golpe para outra parte. Vez após vez, em momentos críticos, o exército turco aparecia na fronteira, ou o rei da França ou até mesmo o papa guerreavam contra ele. Dessa maneira, em meio aos conflitos e tumultos das nações, a Reforma foi deixada de lado, para se fortalecer e espalhar.

Finalmente, porém, os governantes católicos se uniram contra os reformadores. O imperador convocou uma dieta, ou concílio, para se reunir em Espira em 1529, com o propósito de acabar com as heresias. Como os métodos pacíficos haviam falhado, Carlos estava pronto para usar a espada.

Os adeptos de Roma demonstraram abertamente sua hostilidade em relação aos reformadores. Melâncton disse:

“Somos aquilo que o mundo odeia e tenta afastar. Mas Cristo olhará para Seu pobre povo e o preservará.” [1] O povo de Espira estava sedento pela Palavra de Deus e, apesar de ser proibido, milhares se aglomeravam nos cultos realizados na capela do eleitor da Saxônia. Isso fez a crise acontecer mais rápido. A tolerância religiosa já tinha sido estabelecida por lei, e os estados nos quais a Reforma era forte resolveram se opor a qualquer restrição de seus direitos. No lugar de Lutero, estavam seus cooperadores e os príncipes que Deus havia levantado para defender Sua causa. Frederico da Saxônia havia morrido, mas o duque João, seu sucessor, havia recebido a Reforma com alegria e demonstrava grande coragem.

Os padres exigiam que os estados que haviam aceitado a Reforma se sujeitassem à jurisdição romana. Os reformadores, por sua vez, não podiam consentir que Roma readquirisse o controle sobre as terras que tinham recebido a Palavra de Deus.

Por fim, propôs-se que, onde a Reforma não havia sido estabelecida, o edito de Worms fosse colocado em vigor. E “onde os habitantes não se conformasse m com ele sem perigo de revolta, deveriam pelo menos não introduzir nenhuma reforma nova, [...] nem se opor à celebração da missa, [e] não permitir que nenhum católico romano aderisse ao luteranismo”. Essa medida foi aprovada no concílio, para a grande satisfação dos padres e oficiais da igreja.

Questões Importantes em Risco

Se esse edito fosse colocado em prática, “a Reforma não poderia se ampliar, [...] nem se estabelecer em alicerces

sólidos [...] onde já existia”. [2] A liberdade seria proibida. Não haveria permissão para ninguém se converter. A esperança do mundo parecia prestes a se extinguir.

Os evangélicos olhavam uns para os outros com grande desânimo: “O que podemos fazer?” “Os líderes da Reforma devem se sujeitar e aceitar o edito? [...] Os príncipes luteranos receberam a garantia do livre exercício de sua religião. O mesmo privilégio foi estendido a todos os seus súditos que haviam aceitado os pontos de vista reformados antes da aprovação do edito. Isso não deveria satisfazê-los? [...]

“Felizmente, eles olhavam para o princípio sobre o qual esse acordo se baseava e agiram pela fé. Qual era o princípio? Era o direito de Roma de forçar a consciência e proibir o livre estudo. Mas eles e seus súditos protestantes não desfrutariam liberdade religiosa? Sim, mas como um favor especialmente concedido no acordo, não como direito. [...] Se aceitassem o arranjo proposto, estariam praticamente admitindo que a liberdade religiosa deveria se confinar à Saxônia reformada. E para o restante da cristandade, o livre estudo da Bíblia e a profissão da fé reformada seriam crimes punidos com a masmorra e a fogueira. Consentiriam em restringir a liberdade religiosa a determinados locais? [...] Os reformadores seriam capazes de afirmar que eram inocentes em relação ao sangue de centenas e milhares que precisariam abrir mão da própria vida em terras católicas em decorrência do acordo?” [3]

“Rejeitemos este decreto”, disseram os príncipes. “Em questões de consciência, a maioria não tem poder.” Proteger a liberdade de consciência é dever do estado, e

esse é o limite das autoridades em questões religiosas.

Os governantes católicos se determinaram a acabar com aquilo que chamaram de “ousada obstinação”. Os representantes das cidades livres foram solicitados a declarar se aceitavam os termos da proposta. Eles pediram um adiamento, mas este lhes foi recusado. Quase metade se posicionou ao lado dos reformadores, sabendo que essa decisão os marcava para condenação e perseguição futura. Um deles disse: “Ou negamos a Palavra de Deus, ou seremos queimados.” [4]

O Nobre Posicionamento dos Príncipes

O rei Fernando, representante do imperador, tentou a arte da persuasão. “Implorou aos príncipes que aceitassem o decreto, garantindo-lhes que o imperador ficaria muito satisfeito com eles.” Mas aqueles homens fiéis responderam com toda calma: “Obedeceremos ao imperador em tudo que possa contribuir para a manutenção da paz e a honra de Deus.”

O rei finalmente anunciou que “a única opção que lhes restava era se sujeitar à maioria”. Depois de dizer isso, deixou o ambiente, sem dar aos reformadores nenhuma oportunidade de réplica. “Eles enviaram representantes implorando ao rei que voltasse.” Este respondeu apenas: “Está definido. A submissão é a única alternativa.” [5]

O partido imperial acreditava presunçosamente que a causa do imperador e do papa era forte, ao passo que a posição dos reformadores era fraca. Se os reformadores dependessem somente do auxílio humano, de fato seriam tão impotentes quanto o lado católico supunha. Mas eles

apelaram “do relatório da Dieta [Concílio] para a Palavra de Deus, e do imperador Carlos para Jesus Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores”.

Como Fernando havia se recusado a honrar as convicções da consciência deles, os príncipes decidiram não permitir que sua ausência os detivesse. Em vez disso, levaram o protesto imediatamente para o concílio nacional. Elaboraram uma declaração solene e a apresentaram para a dieta:

“Protestamos por meio destas palavras [...] que, para nós e para nosso povo, nem consentimos nem aceitamos de maneira nenhuma o decreto proposto em tudo aquilo que é contrário a Deus, à Sua santa Palavra, ao direito de nossa consciência e à salvação de nossa alma. [...] Por esse motivo, rejeitamos o jugo que nos é imposto. [...] Ao mesmo tempo, esperamos que sua majestade imperial se comporte em relação a nós como um príncipe cristão que ama a Deus acima de todas as coisas. E nos declaramos prontos para oferecer a ele, bem como a vocês, graciosos nobres, todo o afeto e toda a obediência que correspondem a nosso justo e legítimo dever.” [6]

A maioria ficou espantada e alarmada pela ousadia dos protestantes. Dissensão, guerra e derramamento de sangue pareciam inevitáveis. Apesar disso, os reformadores, confiando no braço onipotente de Deus, estavam “cheios de coragem e firmeza”.

“Os princípios contidos neste celebrado protesto [...] constituem a própria essência do protestantismo. [...] O protestantismo coloca o poder da consciência acima do governo e a autoridade da Palavra de Deus acima da igreja

visível. [...] Diz, assim como os profetas e apóstolos: ‘ É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens’ (At 5:29). Na presença da coroa de Carlos V, ele exalta a coroa de Jesus Cristo.” [7] O protesto de Espira foi um testemunho solene contra a intolerância religiosa e uma declaração do direito de todas as pessoas adorarem a Deus de acordo com a própria consciência.

A experiência desses nobres reformadores contém uma lição para todas as eras que viriam. Satanás continua se opondo às Escrituras como guia para a vida. As pessoas de nosso tempo necessitam retornar ao grande princípio protestante – a Bíblia e a Bíblia somente como regra de fé e do dever.

Satanás ainda trabalha para destruir a liberdade religiosa. O poder anticristão que os protestantes de Espira rejeitaram agora procura restabelecer sua supremacia perdida.

A Dieta de Augsburgo

O rei Fernando negou uma audiência aos príncipes evangélicos; mas, a fim de silenciar as dissensões que estavam perturbando o império, no ano seguinte ao protesto de Espira, Carlos V convocou uma dieta em Augsburgo. Ele anunciou que tinha a intenção de presidi-la pessoalmente e convocou os líderes protestantes.

Os conselheiros do eleitor da Saxônia insistiram para que ele não comparecesse à dieta: “Não é o mesmo que arriscar tudo se fechar dentro dos muros de uma cidade com um inimigo poderoso?” Mas outros declararam nobremente: “Que os príncipes tão somente se portem com coragem e a causa de Deus será salva.” “Deus é fiel; Ele não nos

abandonará”, disse Lutero. [8]

O eleitor começou a jornada para Augsburgo. Muitos prosseguiram com o rosto triste e o coração perturbado. Mas Lutero, que os acompanhou até Coburgo, reavivou sua fé cantando o hino que escreveu naquela viagem: “Castelo forte é nosso Deus”. Muitos corações pesados já sentiram alívio ao som desse cântico inspirador.

Os príncipes reformados haviam decidido apresentar uma declaração de seus pontos de vista com evidências extraídas das Escrituras. Confiaram a tarefa de prepará-la a Lutero, Melâncton e seus companheiros. Os protestantes aceitaram a Confissão e se reuniram para assinar o nome no documento.

Os reformadores tomaram o cuidado de não misturar sua causa a questões políticas. Quando os príncipes cristãos foram adiante para assinar a Confissão, Melâncton objetou dizendo: “São os teólogos e ministros que devem propor essas coisas. Reservemos a autoridade dos poderosos da Terra para outras questões.” João da Saxônia respondeu: “Deus não permita que me excluas. Estou resolvido a fazer o que é direito, sem me incomodar com minha coroa. Quero confessar o Senhor. Meu chapéu eleitoral e meu arminho não me são tão preciosos quanto a cruz de Jesus Cristo.” Outro príncipe disse, ao pegar a pena: “Se a honra do meu Senhor Jesus Cristo assim o solicitar, estou pronto [...] para deixar meus bens e minha vida para trás.” “Prefiro renunciar a meus súditos e minhas terras e até o país de meus pais apenas com uma vara na mão”, continuou, “a aceitar qualquer outra doutrina além da que está contida na Confissão.” [9]

Chegou o momento designado. Carlos V, cercado pelos eleitores e príncipes, separou tempo para ouvir os reformadores protestantes. Naquela elevada assembleia formal, os reformadores apresentaram com clareza as verdades do evangelho e apontaram os erros da Igreja Católica. A ocasião foi chamada de "o maior dia da Reforma e um dos mais gloriosos da história do cristianismo e da humanidade".[10]

Lutero havia se apresentado sozinho em Worms. Agora, em seu lugar, estavam os príncipes mais poderosos do império. Ele escreveu: "Sinto uma alegria que não cabe em mim por ter vivido até esta hora, a fim de ver Cristo publicamente exaltado por fiéis tão ilustres em uma assembleia sobremodo gloriosa."

Aquilo que o imperador havia proibido que se pregasse no púlpito foi proclamado no palácio. O que muitos consideravam inapropriado até mesmo para os servos ouvirem foi escutado com estupefação pelos mestres e senhores do império. Príncipes coroados eram os pregadores, e o sermão foi a verdade real de Deus. "Desde a era apostólica, nunca houve uma obra maior ou uma confissão mais magnífica." [11]

Um dos princípios que Lutero defendia com maior firmeza era que ninguém deveria lançar mão do poder secular em apoio à Reforma. Ele se alegrou porque os príncipes do império confessaram o evangelho; mas, quando estes propuseram uma união em aliança defensiva, o reformador declarou que "a doutrina do evangelho deveria ser defendida apenas por Deus. [...] De acordo com o ponto de vista de Lutero, todas as precauções políticas sugeridas

tinham origem em temores inapropriados e na desconfiança pecaminosa”. [12]

Posteriormente, ao se referir à liga que os príncipes reformados haviam sugerido, Lutero afirmou que a única arma naquele conflito deveria ser “a espada do Espírito”. Escreveu para o eleitor da Saxônia: “Nossa consciência não pode aprovar a aliança proposta. A cruz de Cristo deve ser carregada. Que Sua Alteza não tema. Ainda faremos mais por meio de nossas orações do que todos os nossos inimigos são capazes de fazer com suas vanglórias”. [13]

Do local secreto de oração, vinha o poder que abalou o mundo da Reforma. Em Augsburgo, Lutero “não passava um dia sem dedicar no mínimo três horas à oração”. Na privacidade de seu quarto, ele era ouvido derramando a alma perante Deus em palavras “cheias de adoração, temor e esperança”. Para Melâncton, escreveu: “Se a causa é injusta, abandone-a. Se a causa é justa, por que desonrar as promessas dAquele que nos manda dormir sem medo?” [14] Os reformadores protestantes edificaram sobre Cristo. As portas do inferno não conseguiriam prevalecer contra eles!

---

[1] J. H. Merle D’Aubigné, , v. 13, cap. 5.
[2] Ibid.
[3] James A. Wylie, , v. 9, cap. 15.
[4] D’Aubigné, v. 13, cap. 5.
[5] Ibid.
[6] D’Aubigné, v. 13, cap. 6.
[7] Ibid.
[8] Ibid., v. 14, cap. 2.
[9] Ibid., v. 14, cap. 6.
[10] Ibid., v. 14, cap. 7.
[11] Ibid.
[12] D’Aubigné, ed. Londres, v. 10, cap. 14.
[13] Ibid., v. 14, cap. 1.

[14] Ibid., v. 14, cap. 6.

Aurora na França

Após o protesto de Espira e a Confissão de Augsburgo, seguiram-se anos de conflitos e trevas. Enfraquecido por divisões, o protestantismo parecia fadado à destruição.

Entretanto, no momento em que o imperador parecia triunfar, foi surpreendido pela derrota. Foi forçado a pelo menos estender tolerância às doutrinas que tanto quisera destruir ao longo da vida. Viu seus exércitos serem desperdiçados em batalhas, seus recursos se exaurirem e muitos reinos ameaçarem se revoltar, ao passo que a fé que havia tentado suprimir crescia por toda parte. Carlos V estava batalhando contra o Poder onipotente. Deus dissera: “Haja luz”, mas o imperador havia tentado manter a escuridão intocada. Desgastado com o longo conflito, abdicou do trono e se refugiou em um monastério.

Muitas das regiões da Suíça, ou cantões, aceitaram a fé reformada, mas outras se agarraram aos ensinos de Roma. A perseguição resultou em guerra civil. Zuínglio e muitos outros que haviam aderido à Reforma caíram no sangrento campo de Capela. Roma estava triunfante e, em muitos lugares, parecia prestes a recuperar tudo que havia perdido. Deus, porém, não havia abandonado Sua causa, nem Seu povo. Em outras terras, levantou obreiros para levar a

reforma adiante.

Na França, um dos primeiros a receber a luz foi Lefèvre, professor na Universidade de Paris. Ao pesquisar literatura antiga, sua atenção se voltou para a Bíblia, e ele introduziu alguns alunos ao estudo do livro sagrado. Lef è vre havia começado a preparar a história dos santos e mártires, de acordo com as lendas da igreja, e já tinha feito progresso considerável quando, pensando que a Bíblia poderia ajudá-lo nesse projeto, começou a estudá-la. Ali realmente encontrou santos, mas não do tipo apresentado pelo calendário da Igreja Católica Romana. Desgostoso, deixou de lado a obra que ele mesmo havia se designado a fazer e passou a se dedicar ao estudo da Palavra de Deus.

Em 1512, antes de Lutero ou Zuínglio haverem começado a obra da reforma, Lef é vre escreveu: “É Deus quem dá, pela fé, a justiça que somente pela graça nos justifica para a vida eterna.” [1] E, ao passo que ensinava que a glória da salvação pertence somente a Deus, também afirmava que o dever da obediência pertence ao ser humano.

Alguns dos alunos de Lef è vre ouviram com atenção suas palavras e continuaram a declarar a verdade por muito tempo depois da voz do mestre se silenciar. Um deles foi William Farel. Filho de pais religiosos e um devoto seguidor de Roma, ele era zeloso em destruir todos aqueles que se opunham à igreja. Mais tarde, contou: “Eu rangia os dentes como um lobo furioso sempre que ouvia alguém falar algo contra o papa.” No entanto, adoração aos santos, o culto em altares e o adorno de relicários santos com presentes não conseguiam levar paz a seu coração. A convicção do pecado veio sobre ele, e nenhum ato de penitência era

capaz de extingui-la. Ele ouviu as palavras de Lef è vre: “A salvação é de graça.” “É somente a cruz de Cristo que abre os portais do C éu e fecha as portas do inferno .” [2]

Por meio de uma conversão semelhante à de Paulo, Farel deixou a escravidão da tradição e passou a desfrutar a liberdade dos filhos de Deus. “Em vez de ter o coração assassino de um lobo à espreita”, ele voltou, segundo relata, “tranquilamente como um cordeiro manso e inofensivo, com o coração totalmente afastado do papa e entregue a Jesus Cristo.” [3]

Ao passo que Lef è vre espalhou a luz para seus alunos, Farel saiu para pregar a verdade em público. Uma autoridade da igreja, o bispo de Meaux, logo se uniu a eles. Outros professores se aliaram à proclamação do evangelho e conquistaram seguidores desde os lares dos artesãos e camponeses até o palácio do rei. A irmã de Francisco I aceitou a fé reformada. Com grande esperança, os reformadores aguardavam com expectativa o momento em que a França seria ganha para o evangelho.

O Novo Testamento em Francês

Suas esperanças, porém, não se concretizariam. Provas e perseguições estavam à frente dos discípulos de Cristo. Entretanto, um período de paz interrompeu o decorrer dos acontecimentos, permitindo que reunissem forças para enfrentar a tempestade vindoura, e a Reforma fez rápido progresso. Lef è vre começou a traduzir o Novo Testamento e, na mesma época em que a Bíblia luterana em alemão saía do prelo em Wittenberg, o Novo Testamento em francês foi publicado em Meaux. Logo os camponeses de Meaux tinham as Sagradas Escrituras. Os trabalhadores nos

campos e os artesãos nas oficinas alegravam seus labores diários conversando sobre as preciosas verdades da Bíblia. Embora pertencessem à classe mais humilde – os plebeus sem escolarização que trabalhavam duro –, o poder reformador e exaltado da graça divina era visível na vida deles.

A luz que se acendeu em Meaux enviou seus raios para lugares distantes. Todos os dias, crescia o número de conversos. Por um tempo, o rei conteve a ira da hierarquia da igreja, mas os líderes papais finalmente prevaleceram. As fogueiras foram acesas e muitos testemunharam da verdade em meio às chamas.

Pelos nobres corredores do castelo e do palácio havia pessoas da realeza que valorizavam a verdade acima das riquezas, de posições e até mesmo da própria vida. Louis de Berquin vinha de berço nobre, era dedicado aos estudos, polido nas maneiras e de moral imaculada. “Ele coroou todas essas outras virtudes olhando para o luteranismo com ódio especial.” Mas Deus o guiou à Bíblia, e ele ficou surpreso ao encontrar ali “não as doutrinas de Roma, mas as de Lutero”. Então se entregou à causa do evangelho.

Os apoiadores de Roma na França o colocaram na prisão por heresia, mas o rei o libertou. Por anos, o rei Francisco vacilou entre Roma e a Reforma. As autoridades papais encarceraram Berquin três vezes, porém em todas o rei mandou soltá-lo, recusando-se a sacrificá-lo ao ódio dos líderes da igreja. Berquin recebeu repetidas advertências quanto ao perigo que o ameaçava na França, e apelaram para que ele seguisse os passos daqueles que haviam encontrado segurança no exílio voluntário.

A Ousadia de Berquin

Contudo, o zelo do Berquin só se fortaleceu. Ele decidiu partir para medidas mais ousadas. Além de se posicionar em defesa da verdade, ele atacaria os erros. Seus adversários mais ativos eram os monges cultos do departamento de teologia da Universidade de Paris, uma das mais elevadas autoridades eclesiásticas da nação. Com base nos escritos desses doutores, Berquin extraiu doze proposições e declarou publicamente que eram “contrárias à Bíblia”, apelando ao rei que agisse como juiz da controvérsia.

O rei ficou feliz por ter a oportunidade de humilhar o orgulho daqueles monges arrogantes. Então ele ordenou que os religiosos católicos defendessem sua causa usando a Bíblia. Pouco auxílio encontrariam nessa “arma”; tortura e fogueira eram as armas que melhor sabiam usar. Eles se viram prestes a cair no abismo para o qual tinham a esperança de empurrar Berquin. Começaram a olhar em volta, em busca de um meio de escape.

“Na mesma época, uma imagem da virgem, que ficava na esquina de uma das ruas, foi mutilada.” Multidões se aglomeraram no local, lamentando iradas. O rei ficou profundamente emocionado. “Isso é fruto das doutrinas de Berquin”, proclamaram os monges. “Tudo está prestes a ser lançado abaixo – a religião, as leis e o próprio trono – por essa conspiração luterana.”[4]

O rei se retirou de Paris, deixando os monges livres para fazer o que quisessem. Berquin foi julgado e condenado à morte. Para impedir que Francisco interviesse e o salvasse, executaram a sentença no mesmo dia em que foi

pronunciada. Ao meio-dia, uma grande multidão se reuniu para testemunhar o acontecimento, e muitos ficaram pasmos ao ver que a vítima escolhida vinha de uma das melhores e mais corajosas famílias nobres da França. Perplexidade, indignação, escárnio e ódio amargo escureciam o rosto da crescente multidão, mas em uma face nenhuma sombra repousava. O mártir só tinha consciência da presença do Senhor.

O rosto de Berquin brilhava com a luz do C éu. Ele vestia “uma capa de veludo, uma jaqueta de cetim adamascado e calças douradas”. [5] Estava prestes a testemunhar de sua fé na presença do Rei dos reis, e nenhum sinal de lamento contradiria sua alegria.

À medida que a procissão se movia vagarosamente pelas ruas lotadas, o povo observava com espanto seu olhar de alegre triunfo. Diziam: “Ele parece alguém sentado em um templo, meditando somente em coisas santas.”

Berquin na Estaca

Na estaca, Berquin tentou proferir algumas palavras ao povo, mas os monges começaram a gritar, e os soldados a desferir suas armas. Assim, o barulho sufocou a voz do mártir. Dessa maneira, em 1529, a autoridade eclesiástica mais elevada da culta Paris “deu ao populacho da França revolucionária de 1793 o exemplo abominável de reprimir no cadafalso as palavras sagradas dos que estão à beira da morte”. [6] Berquin foi estrangulado e seu corpo, consumido nas chamas.

Os mestres da fé reformada partiram para outros campos. Lef è vre seguiu para a Alemanha. Farel voltou para sua

cidade natal no leste da França, a fim de espalhar a luz no lar de sua infância. A verdade que ele ensinava encontrou ouvintes. Logo foi expulso da cidade. Viajava então de vila em vila, ensinando em casas e prados escondidos. Encontrava abrigo nas florestas e em meio às cavernas rochosas que conhecera quando menino.

Assim como nos dias dos apóstolos, a perseguição tinha “servido para o progresso do evangelho” (Fp 1:12). Afastados de Paris e de Meaux, “os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem” (At 8:4). Dessa maneira, a luz encontrou caminho em muitas províncias remotas da França.

O Chamado de Calvino

Em uma das escolas de Paris, havia um jovem calado e pensativo, conhecido por sua vida irrepreensível, seu vigor intelectual e sua devoção religiosa. Sua inteligência e seu esforço o transformaram no orgulho do colégio, e as pessoas achavam que João Calvino se transformaria em um dos mais eficazes defensores da igreja.

Mas um raio de luz divina invadiu as paredes do escolasticismo e das superstições que envolviam Calvino. Olivetan, primo de Calvino, havia se unido à Reforma. Os dois discutiram juntos as questões que afligiam a cristandade. Olivetan, o protestante, disse: “Há somente duas religiões no mundo. Aquela [...] que os seres humanos inventaram, na [...] qual nos salvamos por meio de cerimônias e boas obras; a outra é a religião revelada na Bíblia, que nos ensina a procurar salvação somente pela livre graça de Deus.”

“Não aceito nenhuma de suas novas doutrinas!”, exclamou Calvino. “Você pensa que eu vivi no erro a vida inteira?” [7] Todavia, quando ficou sozinho em seu quarto, Calvino pensou nas palavras do primo. Viu-se sem intercessor na presença do justo e santo Juiz. As orações aos santos, as boas obras, as cerimônias da igreja – nada disso tinha poder para expiar pecados. Confissões e penitências eram incapazes de reconciliar o pecador com Deus.

Testemunho Junto à Fogueira

Certo dia, quando por acaso estava em uma praça pública, Calvino testemunhou a queima de um herege. Em meio às torturas dessa morte horrenda e sob a terrível condenação da igreja, o mártir demonstrou fé e coragem, as quais o jovem estudante dolorosamente contrastou com o próprio desespero e a escuridão que sentia. Ele sabia que os “hereges” fundamentavam a fé na Bíblia. Decidiu estudá-la e descobrir o segredo da alegria deles.

Nas Escrituras, Calvino encontrou a Cristo. “Ó Pai!”, clamou. “O sacrifício de Jesus aplacou Tua ira, o sangue dEle lavou minhas impurezas, Sua cruz tirou minha maldição, Sua morte fez expiação por mim. [...] Tu tocaste meu coração para que eu me afastasse em desgosto de todos os outros méritos, a não ser os de Jesus.” [8]

Calvino então tomou a resolução de dedicar a vida ao evangelho. Mas era de natureza tímida e queria se dedicar aos estudos. No entanto, os apelos fervorosos de seus amigos finalmente o fizeram concordar em se tornar professor público. Suas palavras eram como orvalho que cai para refrescar a terra. Na época, ele estava em uma cidade provinciana sob a proteção da princesa Margarida , que

amava o evangelho e estendia sua proteção aos discípulos da verdade bíblica. A obra de Calvino começou com as pessoas dentro de seus lares. Aqueles que ouviam a mensagem levavam as boas-novas aos outros. Calvino prosseguiu, estabelecendo o alicerce das igrejas que produziriam testemunhas destemidas da verdade.

Paris receberia mais um convite para aceitar o evangelho. A cidade havia rejeitado o chamado de Lef è vre e Farel, mas novamente todas as classes da grande capital ouviriam a mensagem. O rei ainda não havia se posicionado por completo ao lado de Roma contra a Reforma. Margarida resolveu pregar a fé reformada em Paris. Ela ordenou que um ministro protestante pregasse nas igrejas. Quando as autoridades papais proibiram que isso acontecesse, a princesa abriu o palácio. Foi anunciado que todos os dias seria pregado um sermão, e o povo estava convidado a comparecer. Milhares se reuniam diariamente.

Então o rei ordenou que duas das igrejas de Paris fossem abertas. Nunca antes a cidade fora tão tocada pela Palavra de Deus. Temperança, pureza, ordem e diligência começaram a tomar o lugar da embriaguez, imoralidade, das contendas e da ociosidade. Embora muitos aceitassem o evangelho, a maioria do povo o rejeitava. Os líderes que favoreciam o papado conseguiram retomar sua influência. Mais uma vez, as igrejas foram fechadas, e as fogueiras se acenderam.

Calvino continuava em Paris. Por fim, as autoridades decidiram levá-lo para as chamas. Ele não fazia ideia do perigo que corria quando amigos entraram apressados em seu quarto com a notícia de que havia oficiais a caminho

para prendê-lo. Naquele mesmo instante, ouviram uma forte batida na porta exterior. Não havia nenhum momento a perder. Alguns amigos detiveram os oficiais à porta, enquanto outros ajudaram o reformador a descer pela janela. Ele foi às pressas para a cabana de um trabalhador amigo da Reforma. Disfarçado com as roupas de seu anfitrião e com uma enxada no ombro, Calvino começou sua jornada. Viajou para o sul e, mais uma vez, encontrou refúgio no território da princesa Margarida.

Calvino não conseguiria permanecer inativo por tanto tempo. Assim que a tempestade se acalmou um pouco, ele partiu para um novo campo de atividade em Poitiers, onde algumas pessoas já eram favoráveis aos novos pontos de vista. Gente de todas as classes ouvia o evangelho com alegria. À medida que o número de ouvintes cresceu, os reformadores pensaram que seria mais seguro se reunir fora da cidade. Como ponto de encontro, escolheram uma caverna na qual as árvores e rochas dependuradas os mantinham completamente escondidos. Naquele lugar recluso, eles liam e explicavam a Bíblia. Lá os protestantes franceses celebraram a ceia do Senhor pela primeira vez. Aquela pequena igreja enviou vários evangelistas fiéis para outros lugares.

Mais uma vez, Calvino voltou para Paris, mas encontrou quase todas as portas fechadas para sua obra. Por fim, decidiu ir para a Alemanha. Logo depois que saiu da França, os protestantes enfrentaram problemas. Os reformadores franceses resolveram convocar a nação inteira por meio de um golpe ousado contra as superstições de Roma. Cartazes atacando a liturgia da missa foram espalhados por toda a

França na mesma noite. Esse movimento zeloso, mas desprovido de sabedoria, deu aos católicos romanos o pretexto de que precisavam para destruir os "hereges", classificando-os como agitadores perigosos para o trono e para a paz da nação.

Um dos cartazes foi afixado na porta do quarto de dormir do rei. A ousadia sem precedentes de infiltrar essas mensagens chocantes na presença real deixou o monarca furioso. Ele expressou sua raiva nestas terríveis palavras: "Prendam, sem distinção, todos os suspeitos de luteresia. Exterminarei todos." [9] O rei decidiu colocar sua influência completamente ao lado de Roma.

Um Reinado de Terror

Um dos presos foi um homem pobre que muitas vezes tinha a incumbência de chamar os cristãos para as reuniões secretas. Ameaçado de morte imediata na estaca, ele recebeu a ordem de levar o emissário papal à casa de cada protestante da cidade. O medo das chamas tomou conta dele, e o homem concordou em trair seus irmãos. Morin, o detetive real, acompanhado do traidor, passou devagar e silenciosamente pelas ruas da cidade. Quando chegavam à casa de um luterano, o traidor fazia um sinal, mas não dizia nada. A procissão parava, soldados entravam na casa, arrastavam a família para fora, acorrentavam seus membros e o terrível séquito prosseguia em busca de novas vítimas. "Morin fez a cidade inteira tremer. [...] Foi um reinado de terror." [10]

As vítimas foram colocadas para morrer sob cruel tortura, com a ordem de abaixar o fogo a fim de prolongar a agonia. Mas morreram como vencedoras, com o compromisso

inabalado e a paz desanuviada. Os perseguidores sentiram-se derrotados. “Toda a cidade de Paris pôde ver o tipo de gente que as novas opiniões produziam. Não há púlpito como a pira de um mártir. A alegria serena que iluminava a face daqueles cristãos enquanto prosseguiam [...] para o local de execução [...] fez um apelo de eloquência irresistível em prol do evangelho.” [11]

Os protestantes foram acusados de tramar o massacre aos católicos, da derrubada do governo e do assassinato do rei. Os acusadores não eram capazes de apresentar nem um pingo de evidência para apoiar suas alegações. Enquanto isso, as crueldades feitas aos inocentes protestantes se acumulavam como um imenso peso de castigo devido e, em séculos posteriores, acarretou exatamente a queda que os acusadores haviam predito para o rei, seu governo e seus súditos. Na verdade, quem fez isso foram infiéis e os próprios defensores do papa. A repressão do protestantismo traria esses desastres terríveis à França.

Suspeita, desconfiança e terror se espalharam para todas as classes da sociedade. Centenas fugiram de Paris, exilando-se de sua terra natal. Em muitos casos, a partida foi o primeiro indício de que a pessoa era favorável à fé reformada. Os oficiais que apoiavam o papa olhavam em volta perplexos ao se dar conta dos “hereges” inesperados que haviam sido tolerados no meio deles.

Proibição da Imprensa

O rei Francisco I se deleitava em reunir eruditos de todos os países em sua corte. No novo zelo de erradicar as heresias, esse patrono do conhecimento proclamou um edito abolindo a impressa em toda a França! Francisco I foi

um dos muitos exemplos da história a demonstrar que cultura intelectual não impede a manifestação de intolerância religiosa e perseguição.

Os padres exigiam sangue para expiar o insulto feito ao alto C éu por causa da condenação da missa. O dia ٢١ de janeiro de ١٥٣٥ foi escolhido para a terrível cerimônia. Na frente de todas as portas , havia uma tocha acesa em honra ao “santo sacramento”. Antes do dia raiar, a procissão se formou no palácio do rei.

“O bispo de Paris levava a hóstia debaixo de um magnífico dossel [...] carregado por quatro príncipes da realeza. [...] Após o anfitrião, ia o rei. [...] Naquele dia, Francisco I não usou coroa, nem veste real.” [12] Diante de cada altar, ele se prostrava em humilhação, não pelos vícios que contaminavam sua alma, nem pelo sangue inocente que manchava suas mãos, mas pelo “pecado mortal” de seus súditos que haviam ousado condenar a liturgia da missa.

O rei apareceu no grande saguão do palácio do bispo. Em palavras de tocante eloquência, lamentou “o crime, a blasfêmia, o dia de tristeza e desgraça” que tinham sobrevindo à nação. E ntão conclamou todos os súditos leais a ajudarem a erradicar a “heresia” mortal que ameaçava a França de ruína. Lágrimas embargaram sua voz e toda a assembleia chorou, exclamando em conjunto: “Viveremos e morreremos pela religião católica!” [13]

“A graça que traz salvação” aparecera, mas a França, iluminada por seu brilho, lhe deu as costas, escolhendo as trevas em lugar da luz. Chamaram o mal de bem e o bem de mal, até caírem vítimas do próprio engano. Rejeitaram, deliberadamente, a luz que poderia salv á-los do engano e

de manchar o coração com a culpa por sangue inocente.

Mais uma vez, a procissão se formou. “ À curta distância uns dos outros, foram construídos cadafalsos nos quais determinados cristãos protestantes seriam queimados vivos. Tudo foi organizado para que o fogo fosse aceso no momento em que o rei se aproximasse e a procissão parasse a fim de testemunhar a execução.” [14] Não havia hesitação por parte das vítimas. Quando pediram a um que se retratasse, ele respondeu: “Só creio naquilo que os profetas e apóstolos pregaram muito tempo atrás e no que todos os santos acreditaram. Minha fé tem uma confiança em Deus capaz de resistir a todos os poderes do inferno .” [15]

Quando chegaram ao palácio, a multidão se dispersou. O rei e os oficiais da igreja se retiraram, parabenizando-se porque a obra continuaria até a “heresia” ser destruída por completo.

O evangelho da paz que a França rejeitou realmente seria extirpado, mas as consequências seriam terríveis. Em 21 de janeiro de 1793, outra procissão passou pelas ruas de Paris. “Mais uma vez, o rei era a figura principal, mais uma vez houve alvoroço e gritaria, mais uma vez o clamor por mais vítimas foi ouvido, mais uma vez houve cadafalsos negros, mais uma vez as cenas do dia terminaram com execuções horrendas. Luís XVI, lutando contra seus carcereiros e capatazes, foi arrastado até o bloco e segurado à força até o machado cair e sua cabeça cortada rolar pelo cadafalso.” [16] Quase no mesmo lugar, dois mil e oitocentos seres humanos morreram guilhotinados.

A Reforma havia apresentado ao mundo a Bíblia aberta. O amor infinito revelara à humanidade os princípios do C éu.

Quando a França rejeitou o dom do C éu, plantou as sementes da ruína. A operação inevitável de causa e consequência resultaram na Revolução Francesa e no Reinado do Terror.

O ousado e zeloso Farel tinha sido forçado a fugir de sua terra natal para a Suíça. Todavia, continuou a exercer forte influência sobre a Reforma na França. Com o auxílio de outros eLivross, Farel traduziu os escritos dos reformadores alemães para o francês e, assim como a Bíblia, esses documentos eram impressos em grande quantidade. Vendedores itinerantes de livros vendiam as obras por toda a França.

Farel começou sua obra na Suíça exercendo o papel humilde de professor, introduzindo cuidadosamente as verdades da Bíblia. Alguns acreditavam em seus ensinos, mas os padres se levantaram para deter a obra e incitaram pessoas supersticiosas para se opor a ela. “Esse não pode ser o evangelho de Cristo”, inflamavam os sacerdotes, “pois sua pregação não traz paz, mas guerra.” [17]

Farel prosseguia de vila em vila, suportando fome, frio e fadiga, arriscando a própria vida em todos os lugares. Ele pregava no mercado, nas igrejas e, às vezes, nos púlpitos das catedrais. Mais de uma vez, foi espancado até quase morrer. Mesmo assim, continuava trabalhando. Uma após a outra, viu cidades e vilas que antes eram fortalezas do catolicismo abrir as portas ao evangelho.

Farel tinha o desejo de fincar o estandarte protestante em Genebra. Se essa cidade fosse conquistada, poderia se tornar o centro da Reforma na França, Suíça e Itália. Muitas das cidades e dos vilarejos vizinhos já haviam se tornado

protestantes.

Com apenas um companheiro, entrou em Genebra. Mas só recebeu permissão para pregar dois sermões. Os padres o chamaram a comparecer diante de um concílio da igreja e foram com armas escondidas debaixo da roupa, determinados a lhe tirar a vida. Reuniram uma turba furiosa para garantir sua morte caso conseguisse escapar do concílio. No entanto, a presença de magistrados e de uma força armada o salvou. No início da manhã seguinte, ele foi levado para o outro lado do lago, até um lugar seguro. Assim terminou seu primeiro esforço de evangelizar Genebra.

A tentativa seguinte envolveu um instrumento mais humilde – um jovem de aparência tão simples que até os professos amigos da reforma tratavam com frieza. O que alguém assim poderia fazer onde Farel tinha sido rejeitado? “Deus [...] escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte” (1Co 1:27).

Froment, o Professor

Froment começou sua obra como professor. As verdades que ensinava às crianças na escola eram repetidas por elas em casa. Logo os pais apareceram para ouvir o que a Bíblia explicava. Novos Testamentos e folhetos eram distribuídos de graça. Depois de um tempo, Froment também teve de fugir, mas as verdades que havia ensinado foram internalizadas na mente das pessoas. A Reforma agora estava plantada. Os pregadores retornaram, e finalmente a adoração protestante foi estabelecida em Genebra.

A cidade já havia se declarado favorável à Reforma

quando Calvino entrou por suas portas. Ele estava a caminho de Basileia, mas foi forçado a fazer um desvio, passando por Genebra.

Farel reconheceu a mão de Deus naquela visita. Embora Genebra tivesse aceitado a fé reformada, a obra de regeneração precisava ser realizada pelo poder do Espírito Santo, não por decretos de concílios. Embora o povo de Genebra tivesse derrubado a autoridade de Roma, não estava tão pronto para renunciar aos vícios que haviam fincado profundas raízes durante o domínio católico.

Em nome de Deus, Farel apelou solenemente ao jovem evangelista que permanecesse e trabalhasse ali. Calvino recuou alarmado. Ele não queria confrontar o espírito ousado e até mesmo violento dos habitantes de Genebra. Desejava encontrar um lugar tranquilo para estudar, onde pudesse instruir e edificar as igrejas por meio de material impresso. Mas não ousou recusar. Parecia-lhe “que a mão de Deus estava estendida do C éu, para tomar posse dele e o segurar para sempre no lugar de onde estava tão impaciente para sair”. [١٨]

A Trovoada da Condenação

As condenações do papa trovejaram contra Genebra. Como a pequena cidade seria capaz de resistir à poderosa hierarquia que havia forçado reis e imperadores a se sujeitar?

Passados os primeiros triunfos da Reforma, Roma convocou novas forças para destruí-la. Criou a ordem dos jesuítas, o mais cruel, inescrupuloso e poderoso de todos os defensores do sistema papal. Amortecidos para as súplicas

da afeição natural e com a consciência completamente silenciada, seus membros não reconheciam nenhum governo, nenhum laço, a não ser os da própria ordem (ver o Apêndice).

O evangelho de Cristo havia capacitado seus seguidores a suportar sofrimento, frio, fome, labuta e pobreza, exaltando a verdade em face da tortura, masmorra e fogueira. O jesuitismo inspirou seus seguidores com um fanatismo que lhes permitiu suportar perigos semelhantes e reunir todas as armas do engano contra o poder da verdade. Não havia crime grande demais a se cometer, nem engano vil demais para praticar ou disfarce difícil demais para assumir. Seu objetivo calculado era derrubar o protestantismo e restabelecer a supremacia papal.

Revestiam-se de uma aparência de santidade, visitando prisões e hospitais, cuidando dos doentes e pobres, levando sobre si o nome santo de Jesus, que andou fazendo o bem. Contudo, debaixo do exterior imaculado, com frequência ocultavam intenções criminosas e mortais.

Um princípio fundamental da ordem é que o fim justifica os meios. Mentira, roubo, perjúrio e assassinato eram louváveis quando ajudavam a cumprir os objetivos da igreja. Disfarçados, os jesuítas se infiltraram nos gabinetes de Estado, tornavam-se conselheiros reais e moldavam a política das nações. Tornavam-se servos a fim de desempenhar o papel de espias contra seus patrões. Fundavam faculdades para príncipes e nobres, bem como escolas para o povo comum. Atraíam os filhos de pais protestantes a observar os ritos católicos. Assim, a liberdade pela qual os pais trabalharam e sangraram era

traída pelos filhos. Onde quer que fosse um jesuíta, seguia-se um reavivamento católico.

Para lhes dar maior poder, o papa promulgou um decreto reinstituindo a Inquisição. Mais uma vez, as autoridades da igreja estabeleceram esse terrível tribunal e atrocidades terríveis demais para ver a luz do dia foram repetidas em suas masmorras secretas. Em muitos países, milhares de milhares dos melhores da nação, os mais intelectuais e eruditos, foram mortos ou forçados a fugir para outras terras (ver o Apêndice).

Vitórias da Reforma

Roma usava métodos como esses para apagar a luz da Reforma e restaurar a ignorância da era das trevas. No entanto, pelas bênçãos de Deus e os esforços de homens nobres que ele levantou para seguirem Lutero, o protestantismo não foi derrubado. O movimento não devia sua força ao poderio militar dos príncipes. As nações mais humildes e menos poderosas se tornaram sua fortaleza. Foram a pequena Genebra; a Holanda, que lutava contra a tirania da Espanha; e a gélida Suécia, coberta de neve, que conquistaram vitórias para a Reforma.

Por quase trinta anos, Calvino trabalhou em Genebra para espalhar a Reforma por toda a Europa. Seu comportamento não era irrepreensível, nem suas doutrinas desprovidas de erro. Mas ele foi essencial na proclamação de verdades de importância especial, em manter a força do protestantismo contra a rápida maré de retorno do papado e na promoção da simplicidade e pureza de vida nas igrejas reformadas.

Publicações e professores saíam de Genebra para espalhar

as doutrinas reformadas. Os perseguidos de todas as terras buscavam em Genebra instrução e ânimo. A cidade de Calvino se tornou um refúgio para os reformadores caçados de toda a Europa ocidental. Genebra os recebia de braços abertos e, quando encontravam um lar ali, abençoavam a cidade adotada com suas habilidades, sua erudição e sua fé profunda. John Knox, o corajoso reformador escocês, muitos dos puritanos ingleses, os protestantes da Holanda e da Espanha e os huguenotes da França – todos eles carregaram a tocha de Genebra para iluminar a escuridão de sua terra natal.

---

[1] James A. Wylie, , v. 13, cap. 1.
[2] Ibid., v. 13, cap. 2.
[3] J. H. Merle D'Aubigné, , v. 12, cap. 3.
[4] Ibid., v. 13, cap. 9.
[5] D'Aubigné, , v. 2, cap. 16.
[6] Wylie, v. 13, cap. 9.
[7] Ibid., v. 13, cap. 7.
[8] W. Carlos Martyn, , v. 3, cap. 13.
[9] D'Aubigné, v. 2, cap. 30.
[10] Ibid., v. 4, cap. 10.
[11] Wylie, v. 13, cap. 20.
[12] Ibid., v. 13, cap. 21.
[13] D'Aubigné, v. 4, cap. 12.
[14] Wylie, v. 13, cap. 21.
[15] D'Aubigné, v. 4, cap. 12.
[16] Wylie, v. 13, cap. 21.
[17] Ibid., v. 14, cap. 3.
[18] D'Aubigné, v. 9, cap. 17.

Holanda e Escandinávia

Na Holanda, a tirania de Roma resultou em protesto muito cedo. Vários séculos antes de Lutero, dois bispos denunciaram destemidamente o papa após serem mandados como enviados a Roma. Lá descobriram o verdadeiro caráter da "Santa Sé": "Você se coloca no templo de Deus. Em vez de pastor, se tornou um lobo para as ovelhas. [...] Enquanto deveria ser servo dos servos, conforme se denomina, tenta se tornar senhor dos senhores. [...] Traz desprezo aos mandamentos de Deus."[1]

Ao longo dos séculos, outros se levantaram para ecoar esse protesto. Traduziram a Bíblia valdense para o holandês. Declararam "que havia nela grande benefício; nada de piadas, fábulas, falas insignificantes, nem mentiras, mas somente as palavras da verdade". Foi isso que os amigos da antiga fé escreveram no século 12. [2]

As perseguições de Roma começaram, mas o número de fiéis continuou a se multiplicar, declarando que a Bíblia é a única autoridade infalível em questões religiosas e que "ninguém deveria ser forçado a crer, mas ser ganho por meio da pregação". [3]

Os ensinos de Lutero encontraram homens fiéis e fervorosos na Holanda para pregar o evangelho. Menno Simons, que recebeu educação católica romana e foi

ordenado padre, era completamente ignorante em relação à Bíblia e se recusava a lê-la por temer se tratar de heresia. Tentou silenciar a voz de sua consciência por meio de uma vida pecaminosa, mas não conseguiu. Depois de um tempo, foi atraído ao estudo do Novo Testamento. Leu também os escritos de Lutero, e esse estudo o levou a aceitar a fé reformada.

Pouco depois, viu um homem ser condenado à morte por ter sido rebatizado. Isso o levou a estudar o tema do batismo infantil na Bíblia. Viu que o arrependimento e a fé são condições necessárias para o batismo.

Menno deixou a Igreja Católica e dedicou a vida ao ensino das verdades que havia aceitado. Tanto na Alemanha quanto na Holanda, surgiu um grupo de fanáticos que transgredia a ordem pública, a decência e tendia a se revoltar contra o governo. Menno se opôs aos falsos ensinos e planos bárbaros dos fanáticos. Por 25 anos, viajou pela Holanda e pelo norte da Alemanha, exercendo ampla influência e demonstrando com a própria vida os princípios que ensinava. Era um homem íntegro, humilde e manso, sincero e fervoroso. Muitas pessoas se converteram por intermédio de sua obra.

Na Alemanha, o imperador Carlos V havia proibido a Reforma, mas os príncipes restringiram a tirania do monarca. Na Holanda, o poder dele era maior e decretos de perseguição rapidamente sucederam um ao outro. Ler a Bíblia, ouvi-la ou pregá-la, orar a Deus em segredo, não se prostrar diante de uma imagem, cantar um salmo – todas essas coisas eram passíveis de pena de morte. Milhares foram executados durante o reinado de Carlos e Filipe II.

Em certa ocasião, uma família inteira foi levada diante dos inquisidores, acusada de não ir à missa e adorar a Deus em casa. O filho mais novo respondeu: “Nós nos ajoelhamos e pedimos a Deus que ilumine nossa mente e perdoe nossos pecados. Oramos por nosso rei, para que seu governo seja próspero e sua vida seja feliz. Pedimos por nossos oficiais, para que Deus os preserve.” O pai e um dos filhos foram condenados à fogueira. [4]

Além dos homens, mulheres e meninas também demonstravam coragem inabalável. “Havia esposas que permaneciam ao lado do marido na estaca. Enquanto ele suportava o fogo, elas sussurravam palavras de consolo ou cantavam salmos para animá-los.” “Moças condenadas a ser enterradas vivas se deitavam na sepultura como se estivessem indo para o quarto dormir à noite. Outras se dirigiam ao cadafalso e ao fogo vestidas com as melhores roupas, como se estivessem prontas para seu casamento”. [5]

A perseguição aumentou o número de testemunhas em prol da verdade. Ano após ano, o imperador incitava essa obra cruel, mas não teve sucesso em erradicar a Reforma. Guilherme de Orange finalmente concedeu liberdade de adoração a Deus na Holanda.

Reforma na Dinamarca

O evangelho entrou pacificamente nos países do norte. Estudantes de Wittenberg voltavam para casa levando a fé reformada à Escandinávia. Os escritos de Lutero também espalharam a luz. O ousado povo do norte se afastou das corrupções de Roma para receber de bom grado as verdades cheias de vida da Bíblia.

Mesmo quando criança, Tausen, “o reformador da Dinamarca”, demonstrou que tinha uma mente brilhante e entrou para um monastério. Ao examiná-lo, viram que ele tinha talento promissor para ser muito útil à igreja. O jovem estudante recebeu permissão para escolher uma universidade da Alemanha ou da Holanda para estudar, sob uma condição: ele não poderia ir para Wittenberg por causa de sua perigosa heresia. Foi isso que os frades decretaram.

Tausen se dirigiu para Col ônia , um dos redutos do catolicismo. Logo se incomodou com os ensinos místicos transmitidos ali. Mais ou menos na mesma época, leu os escritos de Lutero com alegria e ansiava ser instruído pessoalmente pelo reformador. Caso o fizesse, porém, correria o risco de perder o apoio de seu superior. Logo tomou sua decisão e não demorou muito para se tornar aluno em Wittenberg.

Quando Tausen voltou para a Dinamarca, não revelou seu segredo, mas tentou conduzir seus amigos a uma fé mais pura. Ele abriu a Bíblia e pregou Cristo para eles, mostrando que Jesus é a única esperança de salvação para o pecador. Seu supervisor no monastério, que tinha grandes esperanças de que ele se tornasse um defensor de Roma, ficou muito irado. Retirou Tausen imediatamente do monastério e o mudou para outro, confinando-o à sua cela. Por entre as grades, Tausen partilhava o conhecimento da verdade com seus companheiros. Se aqueles padres dinamarqueses fossem familiarizados com o plano da igreja para lidar com as heresias, nunca mais se ouviria falar de Tausen novamente. Entretanto, em vez de confiná-lo a uma masmorra subterrânea, eles o expulsaram do monastério.

Um decreto real recém-proclamado oferecia proteção a quem ensinava a nova doutrina. Tausen encontrou igrejas abertas para ele, e o povo se aglomerava para ouvir. O Novo Testamento em dinamarquês circulava amplamente. Os esforços para extinguir a obra acabaram resultando em sua ampliação. Não demorou muito e a Dinamarca declarou que havia aceitado a fé reformada.

Progresso na Suécia

Também na Suécia, dois jovens de Wittenberg levaram a água da vida aos seus conterrâneos. Dois líderes da Reforma sueca, Olavo e Lourenço Petri, foram alunos de Lutero e Melâncton. Assim como o grande reformador, Olavo cativava o povo com sua eloquência. Já Lourenço, como Melâncton, era reflexivo e calmo. Ambos demonstravam coragem inabalável. Os sacerdotes católicos incitaram o povo ignorante e supersticioso. Várias vezes, Olavo Petri mal escapou com vida. No entanto, esses reformadores contavam com a proteção do rei, que estava comprometido com o movimento de reforma e recebeu de bom grado esses talentosos auxiliadores na batalha contra Roma.

Na presença do rei e dos homens mais importantes da Suécia, Olavo Petri defendeu a fé reformada com grande habilidade. Declarou que os cristãos só deveriam aceitar os ensinos dos pais da igreja quando estes estivessem de acordo com as Escrituras e que a Bíblia apresenta as doutrinas essenciais da fé de maneira clara, a fim de que todos sejam capazes de compreendê-la.

Esses acontecimentos nos mostram “o tipo de homens que formavam o exército dos reformadores. Não eram indivíduos iletrados, barulhentos, de mentalidade fechada e que

gostavam de discutir. Longe disso! Eram homens que haviam estudado a Palavra de Deus e sabiam usar muito bem as “armas” que o arsenal divino lhes providenciara. Eram eruditos e teólogos, homens que dominavam completamente todo o sistema da verdade evangélica, capazes de conquistar uma vitória fácil sobre os falsos argumentos das escolas e autoridades de Roma”. [6]

O rei da Suécia aceitou a fé protestante e a assembleia nacional votou em seu favor. A pedido do rei, os dois irmãos, Olavo e Lourenço Petri, começaram a tarefa de traduzir a Bíblia inteira. A assembleia ordenou que, em todo o reino, os ministros deveriam explicar as Escrituras, e as crianças deveriam aprender a ler a Bíblia nas escolas.

Liberta da opressão de Roma, a nação alcançou força e grandeza que nunca havia tido. Um século depois, essa nação antes tão frágil livrou a Alemanha durante o terrível conflito da Guerra dos Trinta Anos. Foi o único país da Europa que ousou estender a mão em auxílio. Todo o norte da Europa parecia prestes a se submeter novamente à tirania de Roma. Todavia, o exército sueco permitiu que a Alemanha conquistasse tolerância aos protestantes e restaurasse a liberdade de consciência nos países que haviam aceitado a Reforma.

---

[1] Gerard Brandt, , v. 1, p. 6.
[2] Ibid., p. 14.
[3] W. Carlos Martyn, , v. 2, p. 87.
[4] James A. Wylie, , v. 18, cap. 6.
[5] Ibid.
[6] Ibid., v. 10, cap. 4.

A Verdade Avança na Grã-Bretanha

Enquanto Lutero abria a Bíblia até então fechada ao povo da Alemanha, o Espírito de Deus movia Tyndale a fazer o mesmo na Inglaterra. Wycliffe havia traduzido a Bíblia do texto em latim, o qual continha muitos erros. O preço dos manuscritos era tão alto que foram produzidos poucos.

Em 1516, o Novo Testamento foi publicado pela primeira vez em seu idioma original, o grego. Essa impressão corrigiu muitos erros das versões antigas e transmitia o significado com maior clareza. Levou muitos dos eruditos a terem um conhecimento maior da verdade e deu nova energia à obra da Reforma. Em grande parte, porém, o povo comum continuava excluído da Palavra de Deus. Tyndale completaria a obra de Wycliffe de dar a Bíblia ao povo da Inglaterra.

Ele pregava destemidamente suas convicções. Ao argumento católico de que a igreja dera a Bíblia e somente ela podia explicá-la, Tyndale respondeu: “Longe de nos dar as Escrituras, são vocês que as têm escondido de nós. São vocês que queimam aqueles que as ensinam e, se pudessem, queimariam a própria Bíblia também.” [1]

A pregação de Tyndale despertou grande interesse. Mas os

padres tentaram destruir sua obra. “O que se pode fazer?”, exclamou. “Não posso estar em todos os lugares. Ah, se os cristãos tivessem as Sagradas Escrituras no próprio idioma, eles mesmos seriam capazes de resistir a esses enganadores astutos. Sem a Bíblia, é impossível firmar o povo na verdade.” [2]

Um novo propósito tomou conta de sua mente. “O evangelho não deveria falar a língua da Inglaterra entre nós? [...] Ao meio-dia deveria a igreja ter menos luz do que na aurora, quando surgiu? [...] Os cristãos devem ler o Novo Testamento em sua língua materna.” [3] Somente por intermédio da Bíblia o povo conseguiria chegar à verdade.

Em uma discussão com Tyndale, um católico culto exclamou: “Ficaríamos melhor sem as leis de Deus do que sem as leis do papa.” Tyndale respondeu: “Desafio o papa e todas as suas leis. E se Deus poupar minha vida, em poucos anos garantirei que um garoto que conduz o arado saiba mais da Bíblia do que você.” [4]

O Novo Testamento em Inglês

Expulso de casa pela perseguição, Tyndale foi para Londres e, por um tempo, trabalhou sem ser perturbado. Mais uma vez, porém, os oficiais católicos o forçaram a ir embora. Toda a Inglaterra parecia fechada contra ele. Na Alemanha, ele começou a publicar o Novo Testamento em inglês. Quando era proibido de imprimir em uma cidade, ia para outra. Por fim, chegou a Worms, onde Lutero havia defendido o evangelho perante a assembleia alguns anos antes. Havia muitos amigos da Reforma naquela cidade. Três mil exemplares do Novo Testamento logo foram concluídos, e uma nova edição se seguiu.

A Palavra de Deus foi levada em segredo para Londres e circulou pelo país inteiro. Autoridades católicas tentaram reprimir a verdade, mas falharam. O bispo de Durham comprou o estoque inteiro de um vendedor com a intenção de queimar as Bíblias, achando que isso pudesse prejudicar a obra. Mas o dinheiro que a venda proporcionou comprou o material para a produção de uma nova edição de melhor qualidade. Posteriormente, quando Tyndale foi preso, ofereceram-lhe a liberdade caso revelasse o nome daqueles que o ajudaram com as despesas de publicação das Bíblias. Ele respondeu que o bispo de Durham fizera mais do que qualquer outro, ao pagar um alto valor pelos livros que havia em estoque.

Tyndale finalmente testemunhou da fé com a morte de mártir, mas as "armas" que preparou capacitaram outros soldados a batalharem ao longo dos séculos, até chegar aos nossos dias.

Latimer disse no púlpito que a Bíblia deveria ser lida na língua do povo. "Não escolhamos nenhum caminho lateral, mas permitamos que a Palavra de Deus nos dirija. Não sigamos os passos [...] dos nossos pais, nem busquemos aquilo que eles fizeram, mas o que deveriam ter feito." [5]

Barnes e Frith, Ridley e Cranmer, líderes da Reforma inglesa, eram homens cultos, de reputação impecável por seu zelo e sua piedade dentro da religião católica. Eles se opuseram ao papado porque conheciam os erros da "Santa S é".

Autoridade Infalível das Escrituras

O grande princípio que esses reformadores defendiam – o

mesmo dos valdenses, de Wycliffe, Huss, Lutero, Zuínglio e seus seguidores – era a autoridade infalível das Escrituras. Era pelos ensinos da Bíblia que testavam todas as doutrinas e afirmações. A fé na Palavra de Deus sustentava esses santos homens ao abrirem mão da própria vida na fogueira. “Tende bom ânimo”, exclamou Latimer para o mártir a seu lado quando as chamas estavam prestes a silenciar a voz de ambos. “Hoje, pela graça de Deus, acenderemos tamanha vela na Inglaterra que, creio eu, jamais se extinguirá.” [6]

Por centenas de anos, após as igrejas da Inglaterra se sujeitarem a Roma, as igrejas escocesas mantiveram sua liberdade. No século 12, porém, o catolicismo se estabeleceu ali também e em nenhum país as trevas foram mais densas. Mesmo assim, raios de luz chegavam para penetrar na escuridão. Os lolardos vinham da Inglaterra com a Bíblia e os ensinos de Wycliffe e muito conseguiram fazer para preservar o conhecimento do evangelho. Com o início da Reforma, chegaram os escritos de Lutero e o Novo Testamento em inglês de Tyndale. Esses mensageiros percorriam em silêncio montanhas e vales, soprando nova vida à tocha da verdade que quase se apagara, desfazendo a obra que quatro séculos de opressão haviam consolidado.

De repente, porém, ao se aperceber do perigo, os líderes católicos levaram para a estaca alguns dos mais nobres homens da Escócia. Enquanto morriam, essas testemunhas encheram o coração das pessoas de toda aquela terra com a determinação implacável de se livrar das cadeias de Roma.

John Knox

Hamilton e Wishart, com grande número de discípulos

mais humildes, abriram mão da própria vida e foram martirizados na fogueira. Mas, das cinzas de Wishart, outro homem se levantou, e a este as chamas não silenciariam. Sob a orientação divina, ele daria fim ao poder de Roma sobre a Escócia.

John Knox se afastou das tradições da igreja para se alimentar das verdades da Palavra de Deus. Os ensinos de Wishart confirmaram sua decisão de abandonar Roma e se unir aos reformadores perseguidos.

Seus amigos insistiram para que pregasse, mas ele tremia de medo diante dessa responsabilidade. Somente após dias de doloroso conflito interior Knox consentiu. No entanto, depois de aceitar a posição, prosseguiu com coragem infalível. Esse reformador de coração sincero não temia ninguém. Quando foi colocado face a face com a rainha da Escócia, John Knox não se deixou conquistar por seus favores, nem perdeu a coragem diante das ameaças. A rainha disse que ele havia ensinado o povo a aceitar uma religião proibida pelo Estado e, assim, havia transgredido o mandamento de Deus que ordenava aos súditos obediência aos governantes. Knox respondeu com firmeza: “Se todos os descendentes de Abraão tivessem seguido a religião de faraó, de quem foram súditos por muitos anos, eu lhe pergunto, madame, que religião haveria no mundo? Ou se todos nos dias dos apóstolos tivessem seguido a religião dos imperadores romanos, que religião haveria na face da Terra?”

Maria disse: “Você interpreta as Escrituras de um jeito, e eles [os católicos romanos] de outro. Em quem devo acreditar e quem será o juiz?”

“Você deve acreditar em Deus, que fala com clareza em Sua Palavra”, respondeu o reformador. “A Palavra de Deus é clara em si mesma. Se qualquer obscuridade aparecer em algum trecho, o Espírito Santo, que nunca Se contradiz, vai explicá-la com mais nitidez em outras partes.” [7]

Correndo risco de vida e com coragem inabalável, o destemido reformador prosseguiu em sua missão até a Escócia ficar livre do catolicismo.

Na Inglaterra, a instituição do protestantismo como a religião nacional reduziu a perseguição, mas não a deteve por completo. Muitas das formas de Roma foram mantidas. Os protestantes rejeitaram a supremacia do papa; porém, em seu lugar, entronizaram o rei como cabeça da igreja. A religião ainda se afastava muito da pureza do evangelho. Os protestantes ingleses ainda não compreendiam o conceito de liberdade religiosa. Embora as autoridades protestantes dificilmente recorressem às crueldades terríveis de que Roma lançava mão, não reconheciam o direito de todos adorarem a Deus de acordo com a própria consciência. Os dissidentes sofreram perseguição por centenas de anos.

Expulsão de Milhares de Pastores

No século 17, milhares de pastores foram expulsos, e as pessoas foram proibidas de participar de qualquer culto religioso que a igreja não aprovasse. Nas profundezas reclusas da floresta, os filhos perseguidos do Senhor se reuniam para derramar o coração em oração e louvor. Muitos sofreram pela fé. As cadeias estavam lotadas, e famílias eram separadas. Mesmo assim, a perseguição não foi capaz de silenciar seu testemunho. Muitos foram levados a atravessar o oceano até a América do Norte, onde

estabeleceram os fundamentos da liberdade civil e religiosa.

Em uma masmorra lotada de criminosos, John Bunyan respirava a atmosfera celestial. Lá ele escreveu sua excelente alegoria da jornada do peregrino da terra da destruição até a cidade celestial. Os livros e já guiaram muitos pés ao caminho da vida.

Em uma época de trevas espirituais, Whitefield e os irmãos Wesley surgiram como portadores da luz de Deus. Sob o regime da igreja estatal, o povo havia caído em uma condição que pouco diferia do paganismo. As classes mais altas zombavam da vida piedosa; as classes mais baixas se refestelavam nos vícios. A igreja não tinha coragem, nem fé para apoiar a causa da verdade, que sofria dificuldades.

Justificação pela Fé

As pessoas haviam praticamente perdido de vista a grande doutrina da justificação pela fé que Lutero ensinara com tanta clareza. O princípio católico da confiança nas boas obras para a salvação havia assumido seu lugar. Whitefield e os irmãos Wesley buscavam com sinceridade o favor de Deus. Eles haviam aprendido que poderiam conquistá-lo por meio de uma vida de retidão e pela obediência às regras da igreja.

Certa vez, quando Carlos Wesley adoeceu e esperava a morte em breve, alguém lhe perguntou o que o levava a ter esperança de vida eterna. Ele respondeu: “Despendi meus melhores esforços para servir a Deus.” O amigo não parecia muito satisfeito com a resposta. Wesley pensou: “O quê? [...] Ele vai tirar de mim os meus esforços? Não tenho nada mais em que confiar.” [8] Era nesse tipo de escuridão que a

igreja havia caído, afastando as pessoas de sua única esperança de salvação: o sangue do Redentor crucificado.

Wesley e seus companheiros chegaram à compreensão de que a lei de Deus se estende aos pensamentos tanto quanto às palavras e ações. Por meio de esforços zelosos e em atitude de oração, tentavam subjugar os males do coração natural. Levavam uma vida de humilhação e negação do eu, seguindo com cuidado todas as práticas que imaginavam ser capazes de ajud á -los a se tornar santos o bastante para ganhar o favor divino. Mas seus esforços falharam em libertá-los da condenação do pecado ou de quebrar seu poder.

O fogo da verdade divina já havia praticamente se extinguido nos altares do protestantismo, mas estava prestes a ser aceso novamente pela antiga tocha entregue pelos cristãos da Boêmia. Alguns deles, que haviam encontrado segurança na Saxônia, mantiveram viva a fé. Por meio desses cristãos, a luz chegou a Wesley.

Jo ão e Carlos Wesley foram enviados a uma missão na América do Norte. Um grupo de morávios também estava a bordo do navio. Na jornada, enfrentaram tempestades violentas. Jo ão , face a face com a morte, percebeu que não havia encontrado a certeza de paz com Deus. Os alemães demonstraram calma e confiança que ele não conhecia.

“Bem antes disso”, contou João Wesley, “eu havia observado a grande seriedade de sua conduta. [...] Agora havia a oportunidade de ver se eles seriam livrados do espírito de temor, bem como do de orgulho, raiva e vingança. No meio do salmo com o qual haviam começado seu culto, o mar invadiu o navio, quebrou em pedaços a

vela principal e se derramou sobre o convés como se o grande abismo houvesse nos tragado. Gritos terríveis começaram entre os ingleses. Os alemães continuaram a cantar com toda calma. Perguntei a um deles depois: ‘Vocês não ficaram com medo?’ Ele respondeu: ‘Graças a Deus, não’. Então indaguei: ‘Mas suas mulheres e crianças não ficaram com medo?” Ele respondeu, cheio de tranquilidade: ‘Não. Nossas mulheres e crianças não têm medo da morte.’” [9]

Coração “Estranhamente Aquecido”

Quando voltou para a Inglaterra, Wesley obteve uma compreensão mais clara da fé bíblica, por meio da instrução de um morávio. Na reunião da sociedade morávia em Londres, alguém leu para ele uma declaração de Lutero. Enquanto Wesley ouvia, a fé ganhou vida dentro dele. “Senti meu coração estranhamente aquecido”, contou. “Senti que confiava em Cristo e somente nEle para a salvação. Deus me deu então a certeza de que havia limpado os pecados, até mesmo os , e salvado da lei do pecado e da morte.” [10]

Assim, ele descobriu que a graça que ele tanto havia se esforçado para conquistar por meio de oração, jejum e negação de si mesmo era um presente, “sem dinheiro e sem preço”. Seu coração inteiro se encheu com o desejo de espalhar por toda parte o glorioso evangelho da livre graça de Deus. “Verei o mundo inteiro como meu rebanho”, disse. “Em qualquer parte do planeta onde eu estiver, considerarei meu solene, correto e apropriado dever declarar as boas-novas da salvação a todos aqueles que estiverem dispostos a ouvir.” [11]

Ele continuou com o estilo de vida rigoroso, negando o eu,

mas agora isso não era mais a de sua fé, mas seus ; não a , mas o da santidade. A graça de Deus em Cristo se revela por meio da obediência. Wesley dedicou a vida a pregar as grandes verdades que recebeu: a justificação por meio da fé no sangue expiatório de Cristo e o poder renovador do Espírito Santo no coração, que produz fruto em uma vida que segue o exemplo de Cristo.

Na época da universidade, George Whitefield e os irmãos Wesley eram chamados desdenhosamente de “metodistas” pelos colegas de estudo mundanos – um nome considerado digno de honra hoje. O Espírito Santo os instigou a pregar a Cristo crucificado e milhares experimentaram a conversão genuína. Era necessário proteger essas ovelhas dos lobos vorazes. João Wesley não tinha a menor intenção de criar uma nova denominação, mas organizou os conversos por meio daquilo que foi chamado de Conexão Metodista.

A oposição que esses pregadores enfrentaram por parte da igreja instituída era misteriosa e cheia de provas, mas a verdade encontrava entrada onde as portas até então haviam permanecido fechadas. Alguns pastores despertaram de seu estupor moral e se tornaram pregadores zelosos em seus distritos.

Na época de Wesley, pessoas de diferentes dons não concordavam em todos os pontos doutrinários. Em certa ocasião, as diferenças entre Whitefield e os irmãos Wesley ameaçaram causar divisão entre eles ; porém, como haviam aprendido a mansidão na escola de Cristo, o autocontrole e a boa vontade das duas partes os uniram novamente. Não tinham tempo para discutir enquanto erros e pecados os cercavam por todos os lados.

Salvo da Morte

Pessoas influentes tentaram detê-los. Muitos pastores eram hostis e fecharam as portas de suas igrejas à fé pura. Os pastores que denunciavam os reformadores no púlpito incitaram elementos das trevas e do mal. Jo ão Wesley foi poupado da morte vez após vez por milagre da misericórdia divina. Quando parecia não haver escapatória, um anjo em forma humana aparecia a seu lado, a turba recuava e o servo de Cristo saía em segurança para longe do perigo.

Ao falar sobre um desses livramentos, Wesley afirmou: “Embora muitos tenham tentado me pegar pelo colarinho ou por minhas roupas para me derrubar, não conseguiram colocar as mãos em mim. Somente um conseguiu agarrar um bolso do meu colete com firmeza e logo este acabou em suas mãos. O outro bolso, dentro do qual havia uma nota bancária, só ficou parcialmente rasgado. [...] Um homem forte atrás de mim me golpeou diversas vezes com um grande galho de carvalho. Se tivesse me acertado somente uma vez na parte de trás da cabeça, não precisaria fazer mais nenhum esforço. Todas as vezes, porém, o golpe foi desviado. Não sei como, pois eu não conseguia me mexer nem para a esquerda, nem para a direita.” [12]

Os metodistas daquela época suportavam zombaria, perseguição e, por vezes, violência. Em alguns casos, as pessoas afixavam cartazes convidando aqueles que queriam quebrar as janelas e roubar as casas dos metodistas para se reunirem em determinado horário e local. Descrentes desenvolveram uma perseguição sistemática contra um grupo de pessoas cujo único defeito era tentar conduzir os pecadores para o caminho da

santidade.

Até certo ponto, o declínio espiritual na Inglaterra até a época de Wesley era consequência do ensino de que Cristo havia acabado com a lei moral e que os cristãos não tinham obrigação de guardá-la. Outros alegavam que era desnecessário os ministros insistirem para que o povo obedecesse a seus ensinos, uma vez que aqueles a quem Deus havia escolhido para a salvação seriam “levados a uma vida de piedade e virtude”, ao passo que os destinados à condenação eterna “não teriam poder para obedecer à lei divina”.

Outros acreditavam que “aqueles que o Senhor escolheu para salvar não podem cair da graça, nem perder o favor divino”. Isso os levava à terrível conclusão de que “as ações ímpias que cometem não são verdadeiramente pecaminosas [...] e, em consequência, não têm motivo nem para confessar os pecados, nem para se afastar deles por meio do arrependimento”. [13] Assim, concluíam que até mesmo um dos piores pecados “que todos consideram uma enorme transgressão da lei divina não é pecado aos olhos de Deus” se cometido por um dos escolhidos do Senhor. “Eles não podem fazer nada que desagrada a Deus, nem proibido pela lei.”

Essas doutrinas chocantes são, em essência, as mesmas que o ensino posterior de que não existe lei divina imutável como padrão do que é correto, mas que a moralidade seria algo que a própria sociedade decide, estando, portanto, constantemente sujeita a mudanças. Todas essas ideias foram inspiradas por Satanás, que, entre os habitantes sem pecado do C éu, começou a obra de minar as justas

restrições da lei de Deus.

A doutrina de que os decretos divinos torna imutável o caráter das pessoas já levou muitos a rejeitarem a lei de Deus. Wesley rejeitava com firmeza essa doutrina que conduzia a uma vida desregrada. “A graça de Deus se manifestou salvadora a ” (Tt 2:11). “Deus, nosso Salvador, [...] deseja que os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens: o homem Jesus Cristo, o qual Se entregou a Si mesmo como resgate por ” (1Tm 2:3-6). Cristo é “a verdadeira luz, que ilumina os homens” (Jo 1:9). As pessoas perdem a salvação pela própria recusa voluntária em aceitar o dom da vida.

Em Defesa da Lei de Deus

Em resposta à alegação de que a morte de Cristo havia abolido os dez mandamentos com a lei cerimonial, Wesley declarou: “A lei moral, contida nos dez mandamentos e reforçada pelos profetas não foi anulada. Existe uma lei que nunca pode ser quebrada, pois permanece tão firme quanto as testemunhas fiéis no C éu .”

Wesley declarou que a lei e o evangelho estavam em perfeita harmonia. “De um lado, a lei abre caminho continuamente para o evangelho e nos aponta para ele. Em contrapartida, o evangelho nos leva continuamente a cumprir a lei com maior exatidão. Por exemplo, a lei requer que amemos a Deus e ao próximo, que sejamos mansos, humildes e santos. Sentimos que não somos capazes de fazer essas coisas. [...] Mas temos a promessa divina de nos dar esse amor e nos fazer andar em humildade, mansidão e santidade. Nós nos apropriamos desse evangelho, dessas

boas-novas. [...] A justiça da lei se cumpre em nós por meio da fé em Cristo Jesus. [...]

"Entre os piores inimigos do evangelho de Cristo", disse Wesley, "estão aqueles que [...] ensinam os outros a transgredirem [...] não só um mandamento, sem se importar se é o menor ou o maior, mas todos os mandamentos de uma vez. [...] Honram a Jesus assim como Judas ao dizer 'Saudações, Rabi' e então beijá-Lo. [...] Não é nada menos que traí- Lo com um beijo falar de Seu sangue ao mesmo tempo em que se tira Sua coroa, fazendo pouco de qualquer parte de Sua lei sob a pretensão de fazer avançar Seu evangelho." [14]

Harmonia Entre a Lei e o Evangelho

Para aqueles que afirmavam que "a pregação do evangelho cumpre todos os propósitos da lei", Wesley respondia: "Ela não cumpre o primeiro propósito da lei, que é convencer as pessoas do pecado e despertar aqueles que ainda estão adormecidos à beira do inferno. [...] Logo, é absurdo oferecer médico para aqueles que estão bem ou pelo menos imaginam estarem bem. Primeiro é preciso convencê-los de que estão doentes. Caso contrário, não apreciarão seus esforços. É igualmente absurdo oferecer Cristo para aqueles cujo coração está inteiro, sem nunca ter se quebrado." [15]

Enquanto pregava o evangelho da graça de Deus, Wesley, assim como seu Mestre Jesus, tentava "tornar grande e gloriosa a Sua lei" (Is 42:21). E ele viveu o suficiente para ver os magníficos resultados. Ao final dos mais de cinquenta anos que dedicou ao ministério, seus seguidores chegavam a mais de meio milhão de pessoas. No entanto, só

saberemos quantos foram libertados da degradação do pecado a uma vida mais elevada e pura mediante seus esforços quando toda a família de remidos se reunir no reino de Cristo. Sua vida apresenta uma lição inestimável para todos os cristãos.

Se tão somente a fé, o zelo infatigável, o sacrifício pessoal e a dedicação desse servo de Cristo se refletissem nas igrejas da atualidade!

---

[1] J. H. Merle D'Aubigné, , v. 18, cap. 4.

[2] Ibid.

[3] Ibid.

[4] Anderson, (ed. rev. 1862), p. 19.

[5] Hugh Latimer, “First Sermon Preached Before King Edward VI”.

[6] , v. 1, p. xiii.

[7] David Laig, , v. 2, p. 281, 284.

[8] John Whitehead, , p. 102.

[9] Ibid., p. 10.

[10] Ibid., p. 52.

[11] Ibid., p. 74.

[12] John Wesley, v. 3, p. 297, 298.

[13] McClintock e Strong, , verbete “Antinomians”.

[14] Wesley, sermão 35.

[15] Ibid.

O Reinado do Terror na França

Algumas nações receberam a Reforma de braços abertos, como uma mensagem do Céu. Outras terras excluíram a luz do conhecimento bíblico quase completamente. Em certo país, verdade e erro lutaram pelo domínio por séculos. Até que, por fim, a verdade do C éu foi empurrada para fora. Os limites colocados pelo Espírito de Deus foram removidos de um povo que havia desprezado o dom de Sua graça. E o mundo inteiro viu o que acontece quando as pessoas rejeitam a luz de maneira obstinada.

Na França, a guerra contra a Bíblia levou à Revolução, legítimo resultado do fato de Roma ter proibido as Escrituras (ver o Apêndice). O movimento apresentou a ilustração mais vívida que o mundo já viu das consequências do ensino da igreja de Roma.

Em Apocalipse, João aponta para os terríveis resultados que sobreviriam de maneira especial à França em decorrência do domínio do "homem da iniquidade":

"Exclua, porém, o pátio exterior; não o meça, pois ele foi dado aos gentios. Eles pisarão a cidade santa durante quarenta e dois meses. Darei poder às Minhas duas testemunhas, e elas profetizarão durante mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. [...] Quando eles tiverem terminado o seu testemunho, a besta que vem do

Abismo os atacará. E irá vencê-los e matá-los. Os seus cadáveres ficarão expostos na rua principal da grande cidade, que figuradamente é chamada Sodoma e Egito, onde também foi crucificado o seu Senhor. [...] Os habitantes da Terra se alegrarão por causa deles e festejarão, enviando presentes uns aos outros, pois esses dois profetas haviam atormentado os que habitam na Terra. Mas, depois dos três dias e meio, entrou neles um sopro de vida da parte de Deus, e eles ficaram em pé, e um grande terror tomou conta daqueles que os viram" (Ap 11:2, 3, 7, 8, 10, 11).

Os "quarenta e dois meses" e "mil duzentos e sessenta dias" são a mesma coisa, correspondendo ao período em que Roma oprimiria a igreja de Cristo. Os 1.260 anos começaram em 538 d.C. e terminaram em 1798 (ver o Apêndice). Na ocasião, o exército francês prendeu o papa, e este morreu no exílio. Desde então, a hierarquia papal nunca mais conseguiu exercer o poder que tinha antes.

A perseguição da igreja não continuou ao longo dos 1.260 anos completos. Em misericórdia por Seu povo, Deus encurtou o período dessa ardente prova por influência da Reforma.

As "duas testemunhas" representam as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, testemunhas importantes da origem e permanência da lei de Deus e também do plano da salvação.

"Elas profetizarão [...] vestidas de pano de saco." Quando a Bíblia foi proibida e seu testemunho foi pervertido, quando aqueles que ousavam proclamar suas verdades eram traídos, torturados, martirizados por sua fé ou forçados a

fugir em busca de segurança, as “testemunhas” fiéis profetizaram em “pano de saco”. Foi também nos períodos mais sombrios que Deus concedeu sabedoria e autoridade a cristãos fiéis para declarar Sua verdade (ver o Apêndice).

“Se alguém quiser causar-lhes dano, da boca deles sairá fogo que devorará os seus inimigos. É assim que deve morrer qualquer pessoa que quiser causar-lhes dano” (Ap 11:5). Pisotear a Palavra de Deus tem consequências mortais!

“Quando eles tiverem terminado [estiverem terminando] o seu testemunho” (v. 7). Quando as duas testemunhas estivessem se aproximando do fim de sua obra de obscuridade, “a besta que vem do Abismo” guerrearia contra elas. Encontramos aqui uma nova manifestação de poder satânico.

Embora professasse reverência pela Bíblia, a prática de Roma era manter as Escrituras trancadas em uma língua desconhecida, escondidas do povo. Sob seu domínio, as testemunhas profetizaram vestidas de “pano de saco”. Mas “a besta que vem do Abismo” faria guerra aberta e determinada contra a Palavra de Deus.

A “grande cidade” em cujas ruas as testemunhas seriam mortas e onde o cadáver delas ficaria é o Egito espiritual. De todas as nações na história bíblica, o Egito foi a que negou com maior ousadia a existência do Deus vivo e resistiu a Suas ordens. Nenhum governante jamais ousou se rebelar contra o Céu com arrogância maior que o rei do Egito, o faraó: “Quem é o Senhor, para que eu Lhe obedeça e deixe Israel sair?” (Êx 5:2). Isso é ateísmo; e a nação representada pelo Egito na profecia ecoaria uma negação

semelhante em relação ao Deus vivo, demonstrando um espírito semelhante de rebeldia.

"A grande cidade" da profecia também é comparada a Sodoma espiritual. A corrupção de Sodoma ficou evidente de maneira especial por meio da impureza sexual aberta. Essa também seria uma característica da nação que cumpriria esse texto bíblico.

Assim, de acordo com o profeta, pouco antes de 1798, algum poder de caráter satânico surgiria para guerrear contra a Bíblia. E na terra onde "as duas testemunhas" da Palavra de Deus seriam silenciadas, o ateísmo de faraó e a luxúria sexual de Sodoma ficariam evidentes.

Cumprimento Notável da Profecia

Essa profecia se cumpriu de maneira notável na história da França durante a Revolução de 1793. "A França se destaca na história do mundo como o único estado no qual, por decreto da Assembleia Legislativa, foi declarado que Deus não existe. Toda a população da capital e a maioria de outros lugares, tanto mulheres quanto homens, dançaram e cantaram de alegria em aceitação desse anúncio."[1]

A França também demonstrou a característica que distinguiu Sodoma. O historiador apresenta em conjunto o ateísmo e a sexualidade libertina do país: "Em íntima associação com essas leis que afetavam a religião estava o decreto que reduzia a união do casamento – o vínculo mais sagrado que os seres humanos podem formar, e cuja permanência contribui com a maior força para a estabilidade da sociedade – a nada mais que um contrato civil de caráter temporário, entre quaisquer duas pessoas

que poderiam contraí-lo e deixá-lo de lado no momento em que assim o desejassem. [...] Sophie Arnoult, atriz famosa por dizeres espirituosos, descreveu o casamento daquela era como ‘o sacramento do adultério’.”[2]

Inimizade Contra Cristo

“Onde também foi crucificado o seu Senhor.” Isso também se cumpriu na França. Em nenhum outro país, a verdade enfrentou oposição mais cruel. Por meio da perseguição realizada contra aqueles que se posicionaram em prol do evangelho, a França crucificou a Cristo na pessoa de Seus discípulos.

Século após século, o sangue dos santos foi derramado. Enquanto os valdenses entregavam a vida nas montanhas de Piemonte “pelo testemunho de Jesus Cristo”, os albigenses na França davam um testemunho semelhante. Os discípulos da Reforma foram condenados à morte com terríveis torturas. Reis e nobres, mulheres de berço abastado e delicadas donzelas refestelaram seus olhos com a agonia moribunda dos mártires de Jesus. Os corajosos huguenotes derramaram o sangue em muitos confrontos difíceis. Protestantes eram caçados como se fossem animais selvagens.

Alguns descendentes dos antigos cristãos que permaneceram na França do século 18, escondidos nas montanhas do sul, ainda exaltavam a fé de seus pais. Foram arrastados a uma vida inteira de escravidão nas galeras. Os mais refinados e inteligentes dos franceses foram acorrentados, em terrível tortura, em meio a ladrões e assassinos. Outros eram executados a sangue frio enquanto se ajoelhavam em oração. Seu país, desolado pela espada,

pelo machado e pela fogueira “converteu-se em um vasto e sombrio deserto”. Essas atrocidades não aconteceram [...] em nenhuma Idade das Trevas, mas na brilhante era de Luís XIV. A ciência era cultivada, a literatura prosperava, o clero da corte real e da capital era formado por homens educados e eloquentes que faziam grande demonstração das graças da mansidão e da caridade”. [3]

O Mais Atroz dos Crimes

Entretanto, o mais atroz dentre os terríveis atos desses horrendos séculos foi o massacre de São Bartolomeu. O rei da França, incitado por sacerdotes e oficiais da igreja, concedeu permissão para o ato. Um sino tocando no meio da noite foi o sinal para o extermínio. Milhares de protestantes, dormindo dentro de seus lares, confiando na honra de seu rei, foram arrastados para fora e assassinados.

O massacre prosseguiu por sete dias em Paris. Por ordem do rei, estendeu-se a todas as cidades nas quais havia protestantes. Nobres e camponeses, velhos e jovens, mães e filhos foram esquartejados juntos. Por toda a França, setenta mil dos melhores cidadãos da nação morreram.

“Quando a notícia do massacre chegou a Roma, o regozijo entre o clero não conhecia limites. O cardeal de Lorraine recompensou o mensageiro com mil moedas de ouro; o cânon de Santo Ângelo ecoou uma alegre saudação. Sinos tocaram em todos os campanários, fogueiras transformaram a noite em dia e o papa Gregório XIII, acompanhado por cardeais e outras autoridades da igreja, seguiram em longa procissão até a igreja de São Luís, onde o cardeal de Lorraine cantou . [...] Uma medalha foi fabricada para comemorar o massacre. [...] Um padre francês [...] se

referiu a esse evento como ‘dia de tamanha felicidade e júbilo, no qual o santíssimo papa recebeu a notícia e se dirigiu solenemente para render graças a Deus e a São Luís’.” [4]

O mesmo espírito que conduziu o massacre de São Bartolomeu também dirigiu as cenas da Revolução. Jesus Cristo foi chamado de impostor, e o clamor dos franceses infiéis foi “Acabem com o Miserável”, em refer ê ncia a Cristo. Blasfêmia e maldade andavam de mãos dadas. Em tudo isso, a França honrava a Satanás, ao passo que Cristo, com Suas características de verdade, pureza e amor altruísta, era “crucificado”.

“Quando eles tiverem terminado o seu testemunho, a besta que vem do Abismo os atacará. E irá vencê-los e matá-los” (Ap 11:7). O poder ateu que governou a França durante a Revolução e o Reinado do Terror de fato travou esse tipo de guerra contra Deus e Sua Palavra. A Assembleia Nacional aboliu a adoração a Deus. As Bíblias eram confiscadas e queimadas em público. O governo aboliu as instituições da Bíblia. Eliminou o dia de descanso semanal e, em seu lugar, as pessoas dedicavam cada décimo dia a celebrações profanas. O batismo e a comunhão foram proibidos. Frases colocadas sobre túmulos declaravam que a morte não passava de um sono eterno.

Toda forma de culto religioso foi proibida, com exceção da adoração à “liberdade” e ao país. O “bispo constitucional de Paris foi trazido adiante [...] para declarar à Convenção que a religião a qual ele havia ensinado por tantos anos era, em todos os aspectos, uma fábula inventada pelo clero sem nenhum fundamento nem na história, nem na verdade

sagrada. Em termos explícitos e solenes, negou a existência do Deus a cuja adoração ele fora consagrado”. [5]

“Os habitantes da Terra se alegrarão por causa deles e festejarão, enviando presentes uns aos outros, pois esses dois profetas haviam atormentado os que habitam na Terra” (Ap 11:10). A França infiel silenciou a voz condenadora das duas testemunhas de Deus. A palavra da verdade ficou “morta” em suas ruas e aqueles que odiavam a lei do Senhor se alegraram. As pessoas desafiaram publicamente o Deus do C éu.

Ousadia Blasfema

Um dos “sacerdotes” da nova ordem disse: “Deus, se Tu existes, vinga Teu nome profanado. Eu Te desafio! Tu permaneces em silêncio. Não ousas mandar Teus trovões. Depois disto, quem crerá em Tua existência?” [6] Que eco da declaração de faraó: “Quem é o Senhor, para que eu Lhe obedeça e deixe Israel sair?” (Êx 5:2).

“Diz o tolo em seu coração: ‘Deus não existe’. Corromperam-se e cometeram atos detestáveis; não há ninguém que faça o bem” (Sl 14:1). E o Senhor declara: “Não irão longe, porém; como no caso daqueles, a sua insensatez se tornará evidente a todos” (2Tm 3:9). Depois que a França renunciou à adoração do Deus vivo, desceu à idolatria degradante da adoração à deusa da razão, uma mulher imoral. E isso aconteceu na assembleia representativa da nação! “Uma das cerimônias dessa época insana não se iguala a nenhuma outra em absurdo, bem como no insulto a Deus. As portas da Convenção foram abertas. [...] Os membros do governo da cidade entraram em solene processão, cantando um hino de louvor à

liberdade e escoltando, como objeto de sua adoração futura, uma mulher velada, a quem chamaram de deusa da razão. Ela foi conduzida à frente, onde foi exibida com grande cerimônia e colocada bem em frente ao presidente. As pessoas a reconheceram como uma das dançarinas da ópera."

A Deusa da Razão

"Por toda a naç ão, onde quer que os habitantes desejavam mostrar que haviam aderido plenamente à Revolução, as pessoas imitavam essa apresentação da deusa da Razão." [7]

Quando a "deusa" foi trazida para dentro da Convenção, o orador a tomou pela mão, voltou-se para a assembleia e disse: "Mortais, parem de tremer diante dos trovões impotentes de um Deus criado por seus temores. De agora para frente, não reconheçam nenhum deus além da Razão. Ofereço-lhes sua mais nobre e pura imagem. Se precisam ter ídolos, sacrifiquem somente a esta. [...]

"A deusa, depois de ser abraçada pelo presidente, se assentou em um veículo magnífico e foi levada para a catedral de Notre Dame, a fim de tomar o lugar de Deus. Ali foi elevada em um grande altar e adorada por todos os presentes." [8]

A igreja havia começado a obra que o ateísmo estava terminando, conduzindo a França a passos largos para a ruína. Ao se referir aos horrores da Revolução, os escritores dizem que esses excessos foram culpa dos reis e da igreja (ver o Apêndice). Para se fazer real justiça, é necessário atribuí-los apenas à igreja. O sistema papal havia

envenenado a mente dos reis contra a Reforma. O espírito de Roma inspirava a crueldade e a opressão que emanavam do trono.

Em todos os lugares onde as pessoas aceitavam o evangelho, a mente era desperta. Homens e mulheres começavam a se livrar das cadeias que os haviam mantido na escravidão da ignorância e das superstições. Os reis percebiam isso e temiam perder o poder.

Roma aproveitou cada oportunidade para inflamar esses temores. Em 1525, o papa disse ao regente da França: "Esta mania [o protestantismo] derrotará e destruirá não só a religião, mas todos os estados, toda a nobreza, todas as leis, ordens e posições." Um oficial do papa advertiu o rei: "Os protestantes subverterão toda a ordem civil, bem como a religiosa. [...] O trono corre tanto risco quanto o altar." [9] Roma conseguiu colocar a França contra a Reforma.

Os ensinos da Bíblia teriam implantado no coração das pessoas os princípios da justiça, temperança e verdade, os quais consistem na pedra fundamental da prosperidade de uma nação. "O pecado é uma vergonha para qualquer povo" (Pv 14:34). "O trono se firma pela justiça" (Pv 16:12; Is 32:17). O indivíduo que obedece à lei de Deus é o que mais respeita e obedece verdadeiramente às leis do país. Mas a França proibiu a Bíblia. Século após século, cristãos íntegros, dotados de força intelectual e moral, que tinham fé suficiente para sofrer pela fé, trabalharam como escravos nas galeras dos navios, morreram queimados ou apodreceram em celas subterrâneas. Por 250 anos após o início da Reforma, milhares só encontraram segurança ao partir da França.

“Dificilmente houve uma geração de franceses durante aquele longo período que não visse os discípulos do evangelho fugirem da fúria insana do perseguidor, levando consigo a inteligência, a arte, a indústria, a ordem, nos quais costumavam ser os melhores do país, para enriquecer as terras onde encontravam refúgio. [...] Se a França houvesse permanecido com todos aqueles a quem repeliu, que [...] país grandioso, próspero e feliz – um padrão para as nações – ela teria sido! Mas um fanatismo cego e implacável caçou de seu solo todo mestre da virtude, todo promotor da ordem, todo defensor honesto do trono. [...] Por fim, a ruína do estado foi completa.” [10] A Revolução, com todos os seus horrores, foi o resultado.

O Que Poderia Ter Sido

“Com a fuga dos huguenotes, um declínio generalizado se instalou na França. Prósperas cidades manufatureiras caíram em decadência. [...] Estima-se que, na época em que a Revolução começou, duzentos mil pobres em Paris clamavam por caridade das mãos do rei. Somente os jesuítas prosperavam na nação decadente.” [11]

O evangelho teria dado à França a solução para os problemas que levavam perplexidade ao clero, ao rei e aos legisladores que finalmente fizeram a nação afundar em ruína. Sob o domínio de Roma, porém, as pessoas haviam perdido de vista as lições de sacrifício pessoal e amor altruísta pelo bem dos outros, ensinadas pelo Salvador. Os ricos não recebiam repreensão nenhuma por oprimir os pobres , e os pobres não eram ajudados em nada em sua condição de miséria. O egoísmo dos ricos e poderosos se tornou cada vez mais opressor. Ao longo de séculos, os ricos

defraudavam os pobres, e os pobres odiavam os ricos.

Em muitas províncias, as classes trabalhadoras ficavam à mercê dos donos das propriedades onde moravam de aluguel e eram forçados a se submeter a exigências exorbitantes. As classes média e baixa pagavam impostos elevados às autoridades civis e ao clero. “Os fazendeiros e camponeses podiam passar fome que seus opressores não ligavam. [...] A vida dos trabalhadores agrícolas consistia em trabalho infindável e miséria sem alívio. Suas queixas [...] eram tratadas com desprezo insolente. [...] Os juízes eram conhecidos por aceitar suborno. [...] Menos de metade dos impostos chegava ao tesouro real ou eclesiástico. Os cobradores ficavam com o restante e desperdiçavam em vergonhosa autocondescendência. E aqueles que assim empobreciam seus compatriotas não precisavam pagar impostos e tinham direito, por lei ou costume, a todos os privilégios do estado. [...] Para que pudessem gratificar seus desejos egoístas, milhões eram condenados a uma vida degradante e sem esperança” (ver o Apêndice).

Por mais de meio século antes da Revolução, o rei Luís XV ocupou o trono. Ele era bem conhecido como um monarca preguiçoso, superficial e autoindulgente. Com o estado em dificuldades financeiras e o povo exasperado, não era necessário ser profeta para prever um terrível desfecho. Os conselheiros do rei insistiam quanto à necessidade de reforma, mas ele não dava ouvidos. A destruição que sobreviria à França foi bem retratada pela resposta egoísta do rei: “Depois de mim, o dilúvio!”

Roma havia influenciado os reis e as classes dominantes a manter o povo em cativeiro, com a intenção de atar a alma

tanto dos governantes quanto das pessoas comuns em suas cadeias. A degradação moral era mil vezes mais terrível do que o sofrimento físico que resultava dessa política. Privadas da Bíblia e completamente entregues ao egoísmo, as pessoas eram envoltas em ignorância e afundaram no vício, sem qualquer aptidão para governar a si próprias.

Consequências Colhidas com Sangue

Em vez de manter o povo comum em cega submissão a seus ensinos, a obra de Roma acabou por transformá-lo em infiéis e revolucionários. As pessoas desprezavam o catolicismo romano como enganos dos padres. Mas o único Deus que conheciam era o deus de Roma. Achavam que a ganância e a crueldade de Roma eram fruto da Bíblia e não queriam saber dela por nada.

Roma havia representado incorretamente o caráter de Deus; por isso, o povo passou a rejeitar tanto a Bíblia quanto seu Autor. Em reação, Voltaire e seus associados colocaram a Palavra do Senhor totalmente de lado e espalharam seus ensinos anticristãos. Roma havia conservado as pessoas debaixo de sua pisada de ferro; então o povo, revoltado, passou a se livrar de toda e qualquer restrição. Enraivecidos, os indivíduos rejeitaram tanto a verdade quanto os erros.

No início da Revolução, embora relutante, o rei concedeu ao povo mais representação política do que a nobreza e o clero somados. Assim, a balança do poder estava nas mãos do povo, mas este não se achava preparado para usá-lo com sabedoria e moderação. Os cidadãos irados estavam determinados a se vingar. Os oprimidos colocaram em prática a lição que haviam aprendido sob a tirania e se

tornaram opressores daqueles que os tinham oprimido.

A França ceifou uma colheita de sangue por sua submissão a Roma. No local onde a França católica havia acendido sua primeira fogueira, a Revolução ergueu a primeira guilhotina. No lugar onde os primeiros mártires da fé protestante foram queimados no século 16, as primeiras vítimas foram guilhotinadas no século 18. Quando a nação se livrou das amarras da lei de Deus, afundou em revolta e anarquia. A guerra contra a Bíblia é conhecida na história mundial como o Reinado do Terror. Aquele que triunfava hoje era condenado amanhã.

Rei, clero e nobres foram forçados a se submeter às atrocidades de uma população enlouquecida. Aqueles que decretaram a morte do rei logo se seguiram a ele no cadafalso. Uma matança generalizada foi decretada contra qualquer um suspeito de hostilidade à Revolução. A França se tornou um vasto campo para massas rivais, tomadas pela fúria de suas paixões. "Em Paris, uma revolta sucedia a outra, e os cidadãos eram divididos em uma série de facções que pareciam não ter outra intenção além de exterminar umas às outras. [...] O país estava quase falido, os exércitos clamavam por pagamento, os habitantes de Paris passavam fome, as províncias estavam perdendo tudo para ladrões armados, e a civilização quase se extinguiu em meio à anarquia e imoralidade irrestrita."

O povo aprendera bem demais as lições de crueldade e tortura que Roma havia ensinado com tanta diligência. Dessa vez, não foram os discípulos de Jesus que foram arrastados para a estaca. Muito tempo atrás, eles haviam morrido ou sido forçados ao exílio. "Os cadafalsos ficaram

vermelhos com o sangue dos padres. As galés e as prisões, lotadas de huguenotes no passado, agora se encheram de seus perseguidores. Acorrentados ao banco e trabalhando no remo, os sacerdotes católicos romanos sentiram na pele todo o sofrimento que sua igreja causara de maneira tão generalizada aos bondosos hereges” (ver o Ap êndice).

“Então vieram os dias [...] nos quais espiões espreitavam em cada esquina, a guilhotina trabalhava duro e por muito tempo todas as manhãs, as cadeias estavam tão superlotadas quanto os pavilhões de um navio de escravos, o esgoto corria espumando com sangue até o rio Sena. [...] Longas fileiras de cativos eram metralhadas com balas de canhão. Buracos apareciam na parte inferior das embarcações lotadas. [...] Centenas de jovens rapazes e moças de dezessete anos de idade eram assassinados por aquele governo repugnante. Soldados arrancavam bebês do peito e os jogavam de lança em lança em suas fileiras” (ver o Apêndice).

Tudo isso era exatamente o que Satanás queria. Sua política é o engano, e seu propósito é trazer miséria à humanidade, a fim de desfigurar a obra divina e macular o propósito divino de amor, tudo isso para causar tristeza no Céu. Então, por meio de suas enganosas artes, ele leva as pessoas a jogarem a culpa em Deus, como se todas essas desgraças fossem resultado do plano do Criador. Quando as pessoas descobriram que o catolicismo romano era um engano, ele as incitou a considerar todas as religiões uma farsa e a Bíblia, uma fábula.

O Erro Fatal

O erro fatal que provocou tamanha miséria na França foi a

ignorância de uma grande verdade: a verdadeira liberdade só pode ser encontrada dentro dos limites da lei de Deus. “Se tão somente você tivesse prestado atenção às Minhas ordens, sua paz seria como um rio, sua retidão, como as ondas do mar” (Is 48:18).

Aqueles que se recusam a dar ouvidos à lição do Livro de Deus são convidados a lê-la na história.

Quando Satanás usou a igreja de Roma para afastar as pessoas da obediência, ele disfarçou sua obra. O Espírito de Deus impediu que seus planos alcançassem plenos resultados. O povo não conectou a consequência à sua causa e não descobriu a fonte de sua miséria. Durante a Revolução, o Concílio Nacional rejeitou abertamente a lei de Deus. E no Reinado do Terror que se seguiu, todos conseguiram ver a operação de causa e consequência.

A transgressão de uma lei justa e reta resulta em ruína. O Espírito de Deus, que em Seu papel de restrição coloca limites no poder cruel de Satanás, foi retirado em sua maior parte. E aquele que se alegra com a miséria humana recebeu permissão para fazer o que queria. Os que haviam escolhido a rebelião foram deixados para colher seus frutos. Crimes encheram a Terra. Das províncias devastadas e cidades arruinadas ecoou um terrível clamor de amarga angústia. A França foi abalada como se tivesse sofrido um terremoto. Religião, lei, ordem social, a família, o Estado e a Igreja – tudo foi derrubado pela mão ímpia que havia se levantado contra a lei de Deus.

As duas testemunhas fiéis de Deus, mortas pelo poder blasfemo “que vem do Abismo ” , não permaneceriam em silêncio por muito tempo. “ Mas, depois dos três dias e

meio, entrou neles um sopro de vida da parte de Deus, e eles ficaram em pé, e um grande terror tomou conta daqueles que os viram” (Ap 11:11). Em 1793, o decreto que colocou a Bíblia de lado foi aprovado pela Assembleia francesa. Três anos e meio depois, a mesma entidade adotou uma resolução rescindindo esses decretos. As pessoas reconheceram a necessidade da fé em Deus e em Sua Palavra como o fundamento da virtude e da moralidade.

Em relação às “duas testemunhas” [o Antigo e o Novo Testamentos], o profeta declarou ainda: “Então eles ouviram uma forte voz dos céus que lhes disse: ‘Subam para cá’. E eles subiram para os céus numa nuvem, enquanto os seus inimigos olhavam” (Ap 11:12). As duas testemunhas de Deus foram honradas como nunca antes. Em 1804, a Sociedade Bíblia Britânica e Estrangeira foi organizada, sucedida por organizações semelhantes por todo o continente europeu. Em 1816, foi fundada a Sociedade Bíblica Norte-Americana. Desde então, a Bíblia foi traduzida para muitas centenas de línguas e dialetos (ver o Apêndice).

Antes de 1792, as missões em terras estrangeiras recebiam pouca atenção. Mas, no fim do século 18, ocorreu uma grande mudança. As pessoas ficaram insatisfeitas com o racionalismo e reconheceram a necessidade de revelação divina e de uma religião vivida. A partir de então, as missões em outras terras passaram por um crescimento sem precedentes (ver o Apêndice).

O avanço na imprensa ajudou a fazer a Bíblia circular. Com a quebra de antigos preconceitos e do exclusivismo nacional, bem como com a perda do poder secular do papa, abriu-se o caminho para a Palavra de Deus entrar. A Bíblia

hoje já chegou a todas as partes do globo.

O infiel Voltaire disse: “Estou cansado de ouvir as pessoas repetirem que doze homens estabeleceram a religião cristã. Provarei que um homem será suficiente para derrubá-la.” Milhões se uniram à guerra contra a Bíblia. No entanto, ela está longe da destruição. Onde havia cem cópias nos dias de Voltaire, hoje há cem mil exemplares do Livro de Deus. Nas palavras de um dos primeiros reformadores: “A Bíblia é uma bigorna que já desgastou muitos martelos.”

Tudo aquilo que se constrói sobre a autoridade humana será derrubado; mas as coisas fundamentadas sobre a rocha da Palavra de Deus permanecerão para sempre.

---

[1] , novembro de 1870.

[2] Sir Walter Scott, , v. 1, cap. 17.

[3] James A. Wylie, , v. 22, cap. 7.

[4] Henry White, , cap. 14, parágrafo 34.

[5] Scott, v. 1, cap. 17.

[6] Lacretelle, , v. 11, p. 309; em: Sir Archibald Alison, , v. 1, cap. 10.

[7] Scott, v. 1, cap. 17.

[8] M. A. Thiers, , v. 2, p. 370, 371.

[9] D’Aubigné, , v. 2, cap. 36.

[10] Wylie, v. 13, cap. 20.

[11] Ibid.

Liberdade no Novo Mundo

Embora a Igreja Anglicana tenha rejeitado a autoridade e o credo de Roma, aceitou em sua adoração muitas das cerimônias católicas. Circulava a alegação de que as coisas que a Bíblia não proibia não eram más em si mesmas. A observância dessas cerimônias teve a tendência de estreitar o abismo que separava as igrejas reformadas de Roma, e algumas pessoas alegavam que esse processo ajudaria os católicos a aderir à fé protestante.

Outros discordavam. Eles viam esses costumes como estandartes da escravidão da qual já haviam sido libertados. Argumentavam que, em Sua Palavra, Deus havia estabelecido as regras que governam Sua adoração e que as pessoas não tinham liberdade para acrescentar a elas ou eliminar qualquer uma. Roma começou exigindo aquilo que Deus não havia proibido e acabou proibindo aquilo que Ele explicitamente requeria.

Muitos consideravam os costumes da Igreja Anglicana uma forma óbvia de idolatria e não podiam participar de sua adoração. Mas a igreja, com o apoio das autoridades civis, não permitia dissidências. Cultos não autorizados foram proibidos sob pena de cárcere, exílio ou morte.

Os puritanos eram caçados, perseguidos e presos. Não conseguiam ver nenhuma promessa de dias melhores.

Alguns, enquanto tentavam encontrar refúgio na Holanda, foram traídos nas mãos de seus inimigos. No entanto, a perseverança deles finalmente foi recompensada e encontraram abrigo nas amistosas praias dos Países Baixos.

Deixaram a casa e o emprego. Eram estrangeiros em uma terra estranha, forçados a trabalhar em ofícios com os quais não estavam familiarizados para garantir a sobrevivência. Mas eles não perderam tempo em ociosidade, nem com reclamações. Agradeceram a Deus pelas bênçãos e sentiam-se felizes por poderem adorar sem medo.

Deus Governa os Acontecimentos

Quando a mão de Deus parecia apontar para que atravessassem o mar e se dirigissem a uma terra na qual poderiam fundar um governo para si e dar aos filhos a herança da liberdade religiosa, eles seguiram adiante no caminho que o Senhor conduziu. Perseguição e exílio abriam caminho para a liberdade.

Ao precisarem se separar pela primeira vez da Igreja Anglicana, os puritanos fizeram uma aliança como o povo livre de Deus "para andar juntos em todos os Seus caminhos revelados ou a serem revelados para eles". [1] Esse era o princípio vital do protestantismo. Com essa intenção, os peregrinos partiram da Holanda a fim de encontrar um lar no Novo Mundo. O pastor John Robinson, em seu discurso de despedida, disse aos eLivross:

"Recomendo-lhes perante Deus e Seus benditos anjos a não me seguirem além do que segui a Cristo. Se o Senhor lhes revelar qualquer coisa por outro instrumento Seu, estejam prontos a aceitá-lo assim como sempre estiveram

dispostos a aceitar qualquer verdade de meu ministério; pois tenho grande confiança de que o Senhor tem mais luz e verdade que ainda irromperá de Sua santa Palavra.” [2]

“Da minha parte, não poderia me sentir pior diante da condição das igrejas reformadas que [...] agora não vão além daquilo que a Reforma lhes trouxe. Os luteranos não podem ir além daquilo que Lutero viu. [...] E os calvinistas permanecem exatamente onde foram deixados por aquele grande homem de Deus, que ainda não conseguia enxergar todas as coisas. [...] Embora esses líderes fossem luzes acesas e resplendentes em sua época, ainda não compreendiam todo o conselho de Deus, mas se vivessem em nossos dias, estariam tão dispostos a aceitar a luz adicional quanto a luz que primeiro receberam.” [3]

“Lembrem-se da promessa e aliança que fizeram com Deus e uns com os outros de aceitar qualquer luz e verdade que chegar a vocês de Sua Palavra escrita. Com isso, porém, imploro que tomem cuidado quanto ao que aceitarão como verdade, comparando e ponderando com outros textos bíblicos da verdade antes de aceitar. Pois não é possível que o mundo cristão tenha saído tão recentemente de densas trevas anticristãs e já tenha encontrado plena perfeição de conhecimento assim de repente.” [4]

O desejo de ter liberdade de consciência inspirou os peregrinos a atravessar o oceano, suportar as dificuldades da falta de civilização e estabelecer as bases de uma poderosa nação. No entanto, eles ainda não compreendiam o princípio de liberdade religiosa. A liberdade que tanto sacrificaram para obter não estavam prontos para dispensar

aos outros. A doutrina de que Deus concedeu à igreja o direito de controlar a consciência, definir e punir as heresias é um dos erros mais profundamente enraizados do papado. Os reformadores não estavam completamente livres do espírito de intolerância vindo de Roma. A escuridão densa que envolveu a cristandade ainda não havia desaparecido por completo.

Os colonos formaram uma espécie de igreja estatal e autorizaram os oficiais do governo a eliminar a heresia. Tamanho poder secular estava nas mãos da igreja. Isso levou ao resultado inevitável de perseguição.

Roger Williams

Assim como os primeiros peregrinos, Roger Williams foi para o Novo Mundo em busca de sua liberdade religiosa. Ao contrário deles, porém, reconhecia aquilo que tão poucos até então haviam entendido: que essa liberdade é direito absoluto de todos. Buscava a verdade com devoção. Williams "foi a primeira pessoa do cristianismo moderno a estabelecer um governo civil baseado na doutrina da liberdade de consciência". [5] Ele declarou: "Os oficiais públicos ou governamentais podem decidir quais são nossas responsabilidades uns para com os outros. Entretanto, quando tentam decretar os deveres de qualquer indivíduo perante Deus, estão fora de lugar; e ninguém pode se sentir seguro, pois fica claro que, se a autoridade tiver esse poder, tem poder para promulgar um conjunto de opiniões e crenças hoje e outro amanhã. Isso foi feito na Inglaterra por diferentes reis e rainhas e na Igreja Católica Romana por diferentes papas e concílios." [6]

As pessoas tinham obrigação de frequentar a igreja

instituída, sob pena de multa ou prisão. Roger Williams acreditava que “obrigar qualquer um a se unir com aqueles que creem de maneira diferente é uma violação aberta dos direitos naturais da pessoa. Arrastar os não religiosos e relutantes para a adoração pública parece simplesmente exigir que sejam hipócritas. [...] ‘Ninguém deve ser forçado a cultuar’, ou, acrescentou, ‘a apoiar qualquer tipo de adoração contra a própria vontade’”. [7]

As pessoas respeitavam Roger Williams, porém não podiam tolerar sua exigência por liberdade religiosa. Para evitar a prisão, ele foi forçado a fugir para a floresta deserta durante o frio e as tempestades de inverno.

Ele conta: “Por catorze semanas, tive sérias dificuldades com o clima rigoroso, sem comida, nem cama para dormir”. Contudo, “os corvos me alimentaram no deserto” e uma árvore oca proporcionou abrigo. [8] Prosseguiu em sua dolorosa fuga pela neve e floresta fechada até encontrar segurança em meio a uma tribo de índios cuja confiança e afeição havia conseguido conquistar.

Roger Williams lançou as bases do primeiro Estado moderno ao reconhecer o direito “que todas as pessoas deveriam ter de liberdade para adorar a Deus de acordo com a luz da própria consciência”. [9] Seu pequeno Estado, Rhode Island, cresceu e prosperou até seus princípios fundamentais – liberdade civil e religiosa – se tornarem as pedras fundamentais da República Norte-Americana.

Documento de Liberdade

A Declaração de Independência Norte-Americana afirmou: “Defendemos que estas verdades são evidentes em si

mesmas, a saber, que todos os seres humanos foram criados iguais; que receberam de seu Criador certos direitos inalienáveis; que entre esses direitos estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade.” A Constituição garante que o governo não pode violar a consciência individual: “O Congresso não fará nenhuma lei a respeito do estabelecimento de qualquer religião, nem proibindo o livre exercício da mesma.”

“Os criadores da Constituição reconheceram o princípio eterno de que o relacionamento de uma pessoa com Deus está acima de qualquer legislação humana e que os direitos de consciência não devem ser violados. [...] Trata-se de um princípio inato que nada pode erradicar.” [10]

Espalhou-se por toda a Europa a notícia acerca de uma terra na qual todos podiam desfrutar os resultados do próprio trabalho e obedecer à sua consciência. Milhares rumaram para as praias do Novo Mundo. Vinte anos após a chegada dos primeiros peregrinos em Plymouth (1620), vinte mil haviam se estabelecido na Nova Inglaterra.

“Eles nada pediam da terra além do retorno razoável do próprio labor. [...] Suportaram com paciência as dificuldades da falta de civilização, regando a árvore da liberdade com lágrimas e com o suor de seu rosto, até ela fincar raízes profundas na terra.”

A Maior Garantia de Grandeza Nacional

Tanto o lar, quanto a escola e a igreja ensinavam os princípios bíblicos. Os frutos das Escrituras eram demonstrados com clareza na economia, inteligência, pureza e temperança. Por anos, “não se via um bêbado,

nem se ouvia um palavrão, nem mesmo se encontrava um mendigo”. [11] Os princípios da Bíblia são a maior garantia da grandeza de uma nação. As frágeis colônias cresceram e se transformaram em Estados poderosos. O mundo então notou a prosperidade de “uma Igreja sem papa e um Estado sem rei”.

Contudo, um número cada vez maior de pessoas era atraído à América do Norte por motivos diferentes dos que levaram os peregrinos para lá. Eram indivíduos que buscavam apenas vantagens materiais.

Os primeiros colonos permitiam que somente membros da igreja votassem ou tivessem cargo no governo. Aceitaram essa medida a fim de preservar a pureza do Estado. No entanto, isso acabou resultando na corrupção da igreja. Muitos se uniam à igreja sem realizar uma mudança no coração. Até mesmo no ministério havia indivíduos que nada conheciam do poder renovador do Espírito Santo. Desde os dias de Constantino até o presente, a tentativa de edificar a igreja usando o auxílio do Estado pode aparentar levar o mundo para mais perto da igreja, mas, na verdade, acaba levando a igreja para mais perto do mundo.

As igrejas protestantes dos Estados Unidos, assim como as da Europa, falharam em avançar no caminho da Reforma. A maioria, assim como os judeus dos tempos de Cristo ou os católicos da época de Lutero, sentia-se contente em crer da mesma maneira que seus antepassados. Dessa maneira, erros e superstições eram perpetuados. A Reforma morreu aos poucos, até haver uma necessidade quase tão grande de reforma dentro da igrejas protestantes quanto na Igreja Católica Romana dos tempos de Lutero. As igrejas

protestantes tinham a mesma reverência por opiniões humanas e substituíam a Palavra de Deus por teorias humanas. As pessoas negligenciavam o estudo das Escrituras; e, assim, continuaram se apegando a doutrinas sem fundamento bíblico.

O orgulho e a extravagância eram incentivados sob a aparência de religião e as igrejas se corromperam. Tradições que arruinariam milhões ganhavam raízes. A igreja exaltava essas tradições, em lugar de contender fervorosamente pela “fé de uma vez por todas confiada aos santos”.

Assim se desgastaram os princípios pelos quais os reformadores tanto haviam sofrido.

---

[1] J. Brown, , p. 74.

[2] W. Carlos Martyn, , v. 5, p. 70.

[3] D. Neal, , v. 1, p. 269.

[4] Martyn, vol. 5, p. 70, 71.

[5] George Bancroft, , v. 1, cap. 15, parágrafo 16.

[6] Martyn, v. 5, p. 340.

[7] Bancroft, v. 1, cap. 15, parágrafo 2.

[8] Martyn, v. 5, p. 349, 350.

[9] Ibid., v. 5, p. 354.

[10] Congressional Documents (USA), número de série 200, documento nº 271.

[11] Bancroft, v. 1, cap. 19, parágrafo 25.

Promessas do Retorno de Cristo

P promessa da segunda vinda de Cristo para completar a grande obra da redenção é o principal tema das Sagradas Escrituras. Desde que Adão e Eva saíram do jardim do Éden, os filhos da fé aguardam a vinda do Prometido que os levará novamente ao paraíso perdido.

Enoque, a sétima geração desde os que viveram no Éden, que andou com Deus por três séculos, declarou: “Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de Seus santos, para julgar a todos” (Jd 14, 15). Na noite de seu sofrimento, Jó exclamou: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim Se levantará sobre a Terra. [...] Verei a Deus. Eu O verei com os meus próprios olhos; eu mesmo, e não outro!” (Jó 19:25-27).

Os poetas e profetas da Bíblia escreveram acerca da vinda de Cristo em palavras cheias de fogo. “Regozijem-se os céus e exulte a Terra [...] diante do Senhor, porque Ele vem, vem julgar a Terra; julgará o mundo com justiça e os povos, com a Sua fidelidade!” (Sl 96:11-13).

Isaías disse: “Este é o nosso Deus; nós confiamos nEle, e Ele nos salvou. Este é o Senhor, nós confiamos nEle; exultemos e alegremo-nos, pois Ele nos salvou” (Is 25:9).

O Salvador consolou Seus discípulos com a certeza de que voltaria: "Na casa de Meu Pai há muitos aposentos [...]. Vou preparar-lhes lugar. E se Eu for [...], voltarei e os levarei para Mim" (Jo 14:2, 3). "Quando o Filho do homem vier em Sua glória, com todos os anjos, assentar-Se-á em Seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dEle" (Mt 25:31, 32).

Anjos repetiram para os discípulos a promessa do retorno de Cristo: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este Jesus, que dentre vocês foi elevado aos Céus, voltará da mesma forma como O viram subir" (At 1:11). E Paulo testemunhou: "Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o Senhor descerá dos Céus" (1Ts 4:16). João, o profeta de Patmos, disse: "Eis que Ele vem com as nuvens, e todo olho O verá" (Ap 1:7).

Então o longo domínio do mal será quebrado: "O reino do mundo" se tornará "de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre" (Ap 11:15). "O Soberano, o Senhor, fará nascer a justiça e o louvor diante de todas as nações" (Is 61:11).

Então o reino de paz do Messias será fundado: "O Senhor consolará Sião e olhará com compaixão para todas as ruínas dela; Ele tornará seus desertos como o Éden, seus ermos, como o jardim do Senhor" (Is 51:3).

Em todas as eras, a vinda do Senhor tem sido a esperança de Seus verdadeiros seguidores. Em meio ao sofrimento e à perseguição, "a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo" era sua "bendita esperança" (Tt 2:13). Paulo falou sobre a ressurreição que acontecerá por ocasião do advento do Salvador, quando os

mortos em Cristo se levantarão e serão levados com os vivos para se encontrar com o Senhor no ar. “E assim”, diz ele, “estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras” (1Ts 4:17, 18).

Em Patmos, João, o discípulo amado, ouviu a promessa: “Sim, venho em breve!” E sua resposta é a oração da igreja: “Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

No calabouço, na fogueira e na forca, onde cristãos fiéis e mártires testemunharam da verdade, ecoa pelos séculos a expressão de sua fé e esperança. Um desses cristãos disse: “Tendo a certeza da ressurreição pessoal de Cristo e, consequentemente, da nossa ressurreição por ocasião de Sua vinda, eles, por esse motivo, desprezavam a morte e estavam acima dela.” [1] Os valdenses nutriam a mesma fé. Wycliffe, Lutero, Calvino, Knox, Ridley e Baxter olhavam com fé para a vinda do Senhor. Essa era a esperança da igreja na época dos apóstolos, da “igreja do deserto” e dos reformadores.

A profecia não só prediz o modo e o propósito da segunda vinda de Cristo, como também nos diz como podemos saber que esse dia está próximo. “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas” (Lc 21:25). “O sol escurecerá e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes celestes serão abalados. Então se verá o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória” (Mc 13:24-26). Foi assim que João, o revelador, descreveu o primeiro dos sinais que antecedem o segundo advento: “Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue” (Ap 6:12).

O Terremoto que Abalou o Mundo

Essa profecia se cumpriu em 1755, no mais terrível terremoto já registrado (ver o Apêndice). Conhecido como o terremoto de Lisboa, atingiu a Europa, África e América. As pessoas o sentiram na Groenlândia, nas Antilhas, na Ilha da Madeira, Noruega, Suécia, Grã-Bretanha e Irlanda. Abrangeu uma área de no mínimo dez milhões de quilômetros quadrados. Na África, o abalo foi quase tão grave quanto na Europa. A maior parte da capital da Argélia foi destruída. Uma onda gigantesca varreu a Espanha e a África, engolindo cidades.

Montanhas, "algumas das mais altas de Portugal, foram subitamente abaladas desde o alicerce, conforme parecia, e algumas delas se abriram no cume, que se rachou e partiu de modo assustador. Partes imensas foram jogadas para baixo nos vales próximos. Algumas pessoas contam que viram chamas saindo dessas montanhas". [2]

Em Lisboa, houve "o barulho de um trovão subterrâneo e logo em seguida um terremoto violento derrubou a maior parte da cidade. Em apenas cerca de seis minutos, sessenta mil pessoas morreram. O mar primeiro recuou e deixou seca a faixa de areia. Então rolou para dentro, subindo quinze metros ou mais acima de seu nível normal". [3]

"O terremoto aconteceu em um dia santo, no qual as igrejas e os conventos estavam repletos de pessoas. Bem poucos escaparam."[4] O terror das pessoas foi indescritível. Ninguém chorou. Era maior que as lágrimas. Elas corriam de um lado para o outro, frenéticas em horror e perplexidade, batendo no rosto e no peito, clamando: "Misericórdia! O mundo está acabando!" As mães se esqueciam dos filhos e

corriam em volta com imagens de crucifixos. Infelizmente, muitos correram para as igrejas em busca de proteção. Inutilmente tentaram ficar perto do pão e do vinho. Em vão, as pobres criaturas abraçaram os altares. Imagens, padres e a população foram enterrados na mesma ruína comum.

O Escurecimento do Sol e da Lua

Vinte e cinco anos depois, ocorreu o sinal seguinte mencionado na profecia: o escurecimento do Sol e da Lua. Ao conversar com Seus discípulos no monte das Oliveiras, Jesus apontou com clareza para o momento do cumprimento dessa profecia. “ aquela tribulação, ‘o Sol escurecerá e a Lua não dará a sua luz’” (Mc 13:24). Os 1.260 dias, ou anos, terminaram em 1798. Um quarto de século antes, a perseguição havia praticamente se extinguido. Após essa perseguição, o Sol escureceria. Em 19 de maio de 1780 essa profecia se cumpriu.

Uma testemunha de Massachusetts descreveu o acontecimento da seguinte maneira: “Uma nuvem negra e densa se espalhou por todo o céu, com exceção de uma pequena borda no horizonte e ficou escuro como normalmente acontece às nove horas de uma noite de verão. [...]

“Temor, ansiedade e pavor aos poucos encheram a mente das pessoas. As mulheres ficaram às portas, encarando a paisagem escura. Os homens voltaram do trabalho nos campos. O carpinteiro deixou suas ferramentas, o ferreiro sua oficina e o comerciante seu balcão. As escolas dispensaram os alunos, e as crianças correram com medo para casa. Viajantes pediram abrigo na fazenda mais próxima. ‘O que vem em seguida?’ era a pergunta em cada

lábio e coração. Parecia que o furacão estava prestes a assolar a terra ou que havia chegado o dia do juízo, o fim de todas as coisas.

"As pessoas acenderam velas e o fogo das lareiras queimava com tanto brilho quanto em uma noite de outono sem luar. [...] As aves voaram para os poleiros, o gado se reuniu e abaixou no pasto, sapos coaxavam, pássaros cantavam suas músicas noturnas e morcegos voavam. Mas os seres humanos sabiam que a noite ainda não havia chegado. [...]

"Congregações se reuniram em muitos [...] lugares. Os textos dos sermões improvisados em todos os lugares eram aqueles que pareciam mostrar que as trevas eram o cumprimento de uma profecia bíblica. [...] A escuridão alcançou densidade máxima pouco depois das onze horas." [5]

"Na maior parte do país, ficou tão escuro durante o dia que as pessoas não sabiam dizer que horas eram olhando em relógio de parede ou de pulso, não conseguiam comer, nem fazer as tarefas domésticas sem a luz de velas." [6]

Lua como Sangue

"Quando a noite chegou, sua escuridão foi tão estranha e aterrorizante quanto as trevas do dia. Embora fosse quase lua cheia, nenhum objeto ficava visível sem o auxílio de luz artificial. Quando as pessoas viam essas luzes nas casas vizinhas e em outros lugares à distância, era como se estivessem contemplando uma espécie de escuridão egípcia que parecia não deixar passar claridade quase nenhuma." [7] Se todos os corpos celestes do Universo tivessem sido envoltos em cortinas espessas que não deixam a luz passar

ou se extinguido por completo, as trevas não teriam sido mais completas.” [8] Quando passou de meia-noite, a escuridão desapareceu, e a Lua, ao ficar visível pela primeira vez, tinha a aparência de sangue.

Dezenove de maio de 1780 entrou para a história como “o dia escuro”. Desde os tempos de Moisés, não foi registrada nenhuma escuridão semelhante em densidade, extensão e duração. A descrição das testemunhas ecoa as palavras do profeta Joel registradas 2.500 anos antes: “O Sol se tornará em trevas, e a Lua em sangue, antes que venha o grande e temível dia do Senhor” (Jl 2:31).

Cristo disse: “Quando começarem a acontecer estas coisas, levantem-se e ergam a cabeça, porque estará próxima a redenção de vocês.” Ele mostrou a Seus seguidores as árvores em flor da primavera: “Quando elas brotam, vocês mesmos percebem e sabem que o verão está próximo. Assim também, quando virem estas coisas acontecendo, saibam que o Reino de Deus está próximo” (Lc 21:28, 30, 31).

Na igreja, porém, o amor por Cristo e a fé em Sua vinda haviam se esfriado. Aqueles que afirmavam ser o povo de Deus estavam cegos para as instruções do Salvador acerca dos sinais de Seu aparecimento. Negligenciaram a doutrina do segundo advento até ela ser, em grande medida, ignorada e esquecida, em especial nos Estados Unidos. A devoção desgastante por ganhar dinheiro, a corrida em busca de popularidade e poder levaram o povo a adiar para um futuro bem distante o dia solene no qual o mundo conforme o conhecemos irá passar.

O Salvador predisse a condição espiritual vulgar dos

crentes que predominaria pouco antes de Seu segundo advento. O conselho de Cristo para quem vivesse nesse tempo foi: “Tenham cuidado, para não sobrecarregar o coração de vocês de libertinagem, bebedeira e ansiedades da vida, e aquele dia venha sobre vocês inesperadamente. [...] Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem” (Lc 21:34, 36).

Era importante alertar as pessoas a se prepararem para os acontecimentos solenes ligados ao fechamento da porta da graça. “Como é grande o dia do Senhor! Como será terrível! Quem poderá suportá-lo?” (Jl 2:11). Quem será capaz de permanecer de pé quando vier Aquele que tem olhos “tão puros que não suportam ver o mal” e não podem “tolerar a maldade” (Hc 1:13)? “Castigarei o mundo por causa da sua maldade, os ímpios pela sua iniquidade. Darei fim à arrogância dos altivos e humilharei o orgulho dos cruéis” (Is 13:11). “Nem a sua prata nem o seu ouro poderão livrá-los”; “a riqueza deles será saqueada, suas casas serão demolidas” (Sf 1:18, 13).

Chamado para o Preparo

Com a aproximação do grande dia, a Palavra de Deus conclama Seu povo a se voltar para Ele com arrependimento.

“O dia do Senhor está chegando. Está próximo!” “Toquem a trombeta em Sião, decretem jejum santo, convoquem uma assembleia sagrada. Reúnam o povo, consagrem a assembleia; ajuntem os anciãos, reúnam as crianças [...]. Que os sacerdotes, que ministram perante o Senhor, chorem entre o pórtico do templo e o altar.” “Agora,

porém [...] voltem-se para Mim de todo o coração, com jejum, lamento e pranto." "Rasguem o coração, e não as vestes. Voltem-se para o Senhor, o seu Deus, pois Ele é misericordioso e compassivo, muito paciente e cheio de amor; arrepende-Se, e não envia a desgraça" (Jl 2:1, 15-17, 12, 13).

A fim de preparar um povo para permanecer firme no dia de Deus, uma grande obra de reforma deveria ser feita. Em Sua misericórdia, o Senhor estava prestes a enviar uma mensagem para despertar aqueles que afirmavam ser o Seu povo e conduzi-lo a se preparar para a vinda de Jesus.

Encontramos essa advertência em Apocalipse 14. Ali uma mensagem em três partes é representada sendo proclamada por seres celestiais e seguida imediatamente pela vinda do Filho do homem para colher "a safra da terra" (Ap 14:15). O profeta viu um anjo "que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo. Ele disse em alta voz: 'Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a Terra, o mar e as fontes das águas'" (Ap 14:6, 7).

Essa mensagem faz parte do "evangelho eterno". Deus confiou a nós a obra de pregação. Santos anjos direcionam, mas são os servos de Cristo na Terra que fazem o trabalho de proclamar o evangelho. Homens e mulheres fiéis, obedientes aos impulsos do Espírito de Deus e aos ensinos de Sua Palavra deveriam anunciar essa advertência. Eles são os que buscam o conhecimento de Deus, considerando a sabedoria divina "mais proveitosa do que a prata e rende mais do que o ouro" (Pv 3:14). "O Senhor confia os Seus

segredos aos que O temem, e os leva a conhecer a Sua aliança” (Sl 25:14).

Uma Mensagem Dada por Homens Humildes

Se os teólogos eruditos fossem guardas fiéis, que buscam as Escrituras com diligência e oração, eles teriam percebido a chegada do tempo. As profecias teriam revelado a eles os acontecimentos prestes a ocorrer. Em vez disso, porém, foram pessoas humildes que deram a mensagem. Aqueles que negligenciam buscar a luz quando ela está a seu alcance são deixados na escuridão. Mas o Salvador diz: “Quem Me segue, nunca andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8:12). Deus envia uma estrela de brilho celeste para essa pessoa a fim de guiá-la em toda a verdade.

Na época da primeira vinda de Cristo, os sacerdotes e escribas da cidade santa poderiam ter reconhecido os “sinais dos tempos” e anunciado a vinda do Messias prometido. Miqueias identificou Sua cidade natal e Daniel apontou para o tempo de Sua chegada (Mq 5:2; Dn 9:25). Os líderes judeus não tinham desculpas válidas para não saber. Sua ignorância era resultado de negligência pecaminosa.

Com o mais profundo interesse, os anciãos de Israel deveriam estar estudando o local, o tempo e as circunstâncias do maior acontecimento da história do mundo: a chegada do Filho de Deus. As pessoas deveriam estar vigiando, para que pudessem receber o Redentor do mundo. Contudo, em Belém, dois viajantes exaustos de Nazaré andaram toda a extensão da estreita rua até a extremidade leste da cidade sem encontrar refúgio para passar a noite. Nenhuma porta se abriu para recebê-los. Em

um rústico estábulo preparado para o gado, eles finalmente encontraram abrigo e ali nasceu o Salvador do mundo.

Deus designou anjos para levar as alegres novas àqueles que já estavam prontos para recebê-las e que as contariam com alegria aos outros. Cristo havia descido para assumir a natureza humana, a fim de suportar agonia infinita enquanto se fazia oferta pelo pecado. No entanto, os anjos queriam que o Filho do Altíssimo, mesmo em Sua humilhação, aparecesse perante o mundo com dignidade e glória compatíveis com Seu caráter. Os poderosos da Terra se reuniriam na capital de Israel para saudar Sua chegada? Anjos O apresentariam para aqueles que estivessem aguardando Sua chegada?

Um anjo visitou a Terra a fim de ver quem estava preparado para dar as boas-vindas a Jesus. Mas não ouviu voz de louvor agradecendo porque o tempo da vinda do Messias havia chegado. O anjo pairou sobre a cidade escolhida e sobre o templo onde a presença de Deus aparecera por eras, mas até ali encontrou a mesma indiferença. Com pompa e orgulho, os sacerdotes ofereciam sacrifícios maculados. Com voz alta, os fariseus falavam com o povo ou faziam orações orgulhosas nas esquinas das ruas. Reis, filósofos e rabinos – todos desconheciam o maravilhoso fato de que o Redentor estava prestes a aparecer.

Pasmo, o anjo mensageiro estava prestes a voltar para o C éu com a vergonhosa notícia quando descobriu um grupo de pastores cuidando do rebanho. Enquanto olhavam para o céu estrelado, pensavam na profecia do Messias por vir e ansiavam pela chegada do Redentor do mundo. Ali estava

um grupo preparado para receber a mensagem celestial. De repente, a glória celestial inundou toda a planície, revelando uma companhia imensurável de anjos. Então, como se a alegria fosse grande demais para apenas um mensageiro trazer do C éu, muitas vozes se uniram em um hino que, um dia, todas as nações dos salvos cantarão: “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens aos quais Ele concede o Seu favor” (Lc 2:14).

Que lição há nessa maravilhosa história de Belém! Como repreende nossa descrença, nosso orgulho e nossa autossuficiência! Como nos ensina a vigiar, para que também não falhemos em reconhecer os sinais dos tempos e perder da mesma maneira nossa hora de oportunidade.

Não foi somente em meio aos humildes pastores que os anjos encontraram pessoas aguardando a chegada do Messias. Em terras pagãs também havia aqueles que O buscavam: homens ricos, nobres e sábios – os filósofos do Oriente. Nas Escrituras hebraicas, haviam aprendido sobre a Estrela que se levantaria de Jacó. Aguardaram com expectativa a chegada dAquele que seria não só a “consolação de Israel”, mas também “luz para revelação aos gentios” (Lc 2:25, 32) e “luz para [...] a salvação até aos confins da Terra” (At 13:47). A estrela enviada pelo C éu guiou os estranhos gentios até o local de nascimento do recém-nascido Rei.

É aos que O aguardam ansiosamente que Cristo “aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação ” (Hb 9:28). Assim como aconteceu com a notícia do nascimento do Salvador, Deus não confiou a mensagem do segundo advento aos líderes religiosos do

povo. Eles recusaram a luz do C éu e, por isso, não f izeram parte do grupo que o apóstolo Paulo descreveu: “Mas vocês, irmãos, não estão nas trevas, para que esse dia os surpreenda como ladrão. Vocês todos são filhos da luz, filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas” (1Ts 5:4, 5).

Os líderes religiosos deveriam ter sido os primeiros a receber a notícia da chegada do Salvador, os primeiros a anunciar que Ele estava próximo. No entanto, estavam descuidados e desatentos; e o povo, adormecido em seus pecados. Jesus viu Sua igreja como uma figueira estéril, coberta com uma capa de folhas; porém, sem nenhum fruto precioso. Faltava-lhes o espírito de verdadeira humildade, penitência e fé. Em seu lugar, havia orgulho, formas religiosas, egoísmo e opressão. Uma igreja apostatada fecha os olhos aos sinais dos tempos. Deixa a Deus e separa-se de Seu amor. Por haver se recusado a aceitar as condições, as promessas divinas não se cumpriram nela.

Muitos dos que diziam ser seguidores de Cristo se negaram a aceitar a luz do C éu. Assim como os judeus de tanto tempo atrás, não reconheceram o tempo de oportunidade. O Senhor passou por eles e revelou Sua verdade àqueles que, assim como os pastores de Belém e os magos do Oriente, seguiam toda a luz que haviam recebido.

---

[1] Veja Daniel T. Taylor, , p. 33.

[2] Sir Charles Lyell, , p. 495.

[3] Ibid.

[4] , verbete “Lisbon” (ed. 1831).

[5] , abril de 1899, v. 3, nº 4, p. 53, 54.

[6] William Gordon, , v. 3, p. 57.

[7] Isaiah Thomas, , v. 10, n º 472 (25 de maio de 1780).

[8] Carta do Dr. Samuel Tenney, de Exeter, New Hampshire, de dezembro de 1785, em , 1792, primeira série, v. 1, p. 97.

Nova Luz no Novo Mundo

Um fazendeiro honesto e direito que desejava sinceramente conhecer a verdade foi o homem que Deus escolheu para liderar a proclamação da segunda vinda de Cristo. Assim como muitos outros reformadores, Guilherme Miller lutou com a pobreza e aprendeu lições de negação do eu.

Mesmo quando criança, Miller demonstrava força intelectual acima da média. Enquanto crescia, sua mente era ativa e bem desenvolvida, e ele tinha uma sede profunda por conhecimento. Amava estudar e adquiriu o hábito de pensar com cuidado e fazer análises profundas. Essas coisas o transformaram em um homem sensato e de mente ampla. Seu caráter moral era excelente e desfrutava uma reputação invejável. Tinha um bom desempenho nas várias posições civis e militares que exerceu. Riqueza e honra pareciam aguardá-lo no futuro.

Durante a infância, respondia bem às questões religiosas. No início da vida adulta, porém, começou a andar com deístas, [1] cuja influência foi muito forte por serem, em sua maior parte, bons cidadãos, humanos e caridosos. Por viverem em meio a uma sociedade cristã, o caráter deles tinha sido moldado, até certo ponto, pelo ambiente. Prestavam tributo à Bíblia pelas qualidades que haviam

conquistado seu respeito; porém, eles pervertiam esses aspectos positivos a fim de influenciar as pessoas contra a Palavra de Deus. Miller adotou seus pontos de vista.

A interpretação das Escrituras que as pessoas defendiam naquela época apresentavam dificuldades que lhe pareciam insolúveis. Porém, essa nova crença, que deixava a Bíblia de lado, não oferecia nada melhor, e ele não conseguia se sentir satisfeito. Quando Miller tinha 34 anos de idade, o Espírito Santo impressionou seu coração, mostrando-lhe que era pecador. Ele não tinha certeza de felicidade além da sepultura. O futuro parecia escuro e sombrio. Ao falar sobre os sentimentos dessa época, ele contou:

"Os céus eram como bronze sobre a minha cabeça e a terra era como ferro debaixo de meus pés. [...] Quanto mais eu pensava, mais incoerentes eram minhas conclusões. Tentei parar de pensar, mas não conseguia controlar meus pensamentos. Sentia-me verdadeiramente infeliz, mas não conseguia entender o motivo. Estava triste e queixoso, mas não sabia a quem culpar. Eu sabia que existia o errado, mas não sabia como nem onde encontrar o certo."

Miller Encontra um Amigo

"De repente", diz ele, "o caráter do Salvador apareceu rapidamente em minha mente. Pareceu que poderia existir um ser tão bom e compassivo que Ele próprio expiaria nossas transgressões e assim nos salvaria do sofrimento da pena do pecado. [...] Mas então veio a dúvida: Como podemos provar que esse Ser existe? Fora da Bíblia, eu não conseguia encontrar nenhuma evidência da existência de tal Salvador, nem mesmo de uma vida futura. [...]

“Vi que a Bíblia falava exatamente sobre o tipo de Salvador do qual eu necessitava e fiquei perplexo ao ver como um livro não inspirado era capaz de desenvolver princípios adaptados com tamanha perfeição às necessidades de um mundo caído. Fui forçado a admitir que as Escrituras precisam ser a revelação de Deus. Elas se tornaram o meu deleite; e, em Jesus, eu encontrei um amigo. O Salvador Se transformou, para mim, no primeiro entre dez mil. As Escrituras, que até então pareciam escuras e contraditórias, agora passaram a ser lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho . [...] Descobri que o Senhor Deus é uma rocha em meio ao oceano da vida. A Bíblia se transformou em meu principal objeto de estudo e posso dizer com toda veracidade que a examinei com grande deleite. [...] Eu me perguntei por que não tinha visto sua beleza e glória antes e fiquei surpreso por tê-la rejeitado no passado. [...] Perdi todo o desejo de ler outras coisas e dediquei meu coração a obter sabedoria da parte de Deus.” [2]

Miller declarou publicamente sua fé. Mas seus amigos descrentes apareceram com todo tipo de argumentos que ele próprio tantas vezes havia usado contra as Escrituras. Miller raciocinou que, se a Bíblia é a revelação de Deus, então ela deveria ser consistente consigo mesma. Resolveu estudar as Escrituras e ver se cada aparente contradição podia encontrar harmonia.

Deixando os comentários de lado, comparou texto com texto, com o auxílio das referências às margens e de uma concordância. Começando com Gênesis, leu versículo por versículo. Quando encontrava qualquer coisa que não

estivesse clara, ele comparava com todas as outras passagens que pareciam se referir ao assunto. Permitia que cada palavra tivesse sua influência sobre o texto. Assim, sempre que chegava a um trecho de difícil compreensão, encontrava uma explicação em alguma outra parte das Escrituras. Enquanto estudava, orava com fervor para que Deus iluminasse sua mente e então vivenciou a verdade das palavras do salmista: “A explicação das Tuas palavras ilumina e dá discernimento aos inexperientes” (Sl 119:130).

Com intenso interesse, ele estudou Daniel e Apocalipse e descobriu que era possível entender os símbolos proféticos. Viu que todos os variados símbolos, cada metáfora, ilustração, etc. podiam ser explicados pelo contexto imediato ou definidos em outros textos bíblicos e assim entendidos de maneira literal. Encontrou elo após elo da corrente da verdade, recompensando seus esforços. Passo a passo, descobriu o significado das grandes profecias bíblicas. Anjos do C éu guiavam sua mente.

Ele ficou satisfeito ao perceber que a Palavra de Deus não ensinava o ponto de vista popular de um milênio terreno antes do fim do mundo. Essa doutrina, que aponta para mil anos de justiça e paz antes da vinda do Senhor, é contrária aos ensinos de Cristo e de Seus apóstolos, os quais declararam que o joio e o trigo cresceriam juntos até a colheita, o fim do mundo, e que “os perversos e impostores irão de mal a pior” (2Tm 3:13).

A Vinda Pessoal de Cristo

A igreja da época dos apóstolos não ensinava que o mundo se converteria e Cristo reinaria apenas espiritualmente. Os cristãos não acreditavam, de modo

geral, dessa maneira até o início do século 18. Essa doutrina ensinava as pessoas a esperar a vinda do Senhor no futuro muito distante e impedia que percebessem os sinais anunciando Sua aproximação. Isso levou muitos a negligenciar o preparo para o encontro com seu Senhor.

Miller descobriu que a Bíblia ensina claramente a vinda literal e pessoal de Cristo. "Dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus" (1Ts 4:16). "Verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória" (Mt 24:30). "Assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem" (v. 27). "Quando o Filho do homem vier em Sua glória, com todos os anjos" (25:31). "E Ele enviará os Seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os Seus eleitos" (24:31).

Quando Jesus voltar, os justos mortos serão ressuscitados, e os justos vivos serão transformados. "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e aquilo que é mortal se revista de imortalidade" (1Co 15:51-53). "Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre" (1Ts 4:16, 17).

Na condição presente, nós somos mortais e corruptíveis,

mas o reino de Deus será incorruptível. Logo, em nossa situação atual, não podemos entrar no reino do Senhor. Quando Jesus voltar, Ele dará a imortalidade a Seu povo e então o chamará para herdar o reino que tem sido dele apenas por promessa até então.

Escrituras e Cronologia

Esses textos bíblicos e outros provaram com clareza para Miller que o reino universal de paz e o estabelecimento do reino de Deus na Terra ocorreriam apenas depois do segundo advento de Jesus. Além disso, a condição do mundo ao redor de Miller correspondia à descrição profética dos últimos dias. Ele foi forçado a concluir que o tempo da Terra conforme a conhecemos está quase acabando.

Ele relatou: “Outro tipo de evidência que afetou grandemente meus pensamentos foi a cronologia das Escrituras. [...] Descobri que os acontecimentos preditos, que haviam se cumprido no passado, com frequência ocorriam dentro de certo tempo determinado. [...] Eventos [...] que no passado eram apenas profecias [...] se cumpriram em harmonia com as predições do tempo.” [3]

Quando encontrou períodos cronológicos na Bíblia que se estendiam até a segunda vinda de Cristo, não p ô de deixar de considerá-los “tempos anteriormente estabelecidos” (At 17:26) que Deus havia revelado aos Seus servos. “As [coisas] reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre” (Dt 29:29). O Senhor declarou que “não faz coisa alguma sem revelar o Seu plano aos Seus servos, os profetas” (Am 3:7). As pessoas que estudam a Bíblia podem ter certeza de que encontrar ão a Palavra de Deus apontando para o maior evento da história humana.

"Tive plena convicção", conta Miller, "de que toda Escritura inspirada por Deus é útil; que [...] foi escrita por homens santos movidos pelo Espírito Santo e para nossa instrução, a fim de que, por meio da paciência e do consolo das Escrituras tenhamos esperança. [...] Logo senti que, por tentar entender o que Deus, em Sua misericórdia, achou por bem nos revelar, eu não tinha o direito de ignorar os períodos proféticos." [4]

A profecia que parecia revelar o do segundo advento com maior clareza era Daniel 8:14: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (ARA). Fazendo das Escrituras a própria intérprete, Miller descobriu que, nas profecias simbólicas, um dia representa um ano (ver o Apêndice). Ele percebeu que o período de 2.300 dias proféticos, ou anos literais, se estenderia muito além do fim da era judaica; portanto, não poderia se referir ao santuário daquela época.

Miller aceitou o ponto de vista defendido por muitos de que, na era cristã, a Terra é o "santuário". Então ele chegou à conclusão de que a purificação do santuário em Daniel 8:14 representava a purificação da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo. Miller concluiu ainda que, se conseguisse encontrar a data de partida correta das 2.300 tardes e manhãs, o momento do segundo advento seria revelado.

Descobrindo a Linha do Tempo Profética

Miller continuou a examinar as profecias, dedicando noites e dias inteiros ao estudo do que então lhe parecia muito importante. No oitavo capítulo de Daniel, ele não conseguia encontrar nenhuma pista quanto ao ponto de início das

2.300 tardes e manhãs. O anjo Gabriel, embora tenha recebido a ordem de fazer Daniel entender a visão, só lhe deu uma explicação parcial. Quando a terrível perseguição que sobreviria à igreja foi revelada ao profeta, ele não conseguiu suportar tudo. Daniel ficou “exausto e doente por vários dias”. “Fiquei assustado com a visão”, conta. “Estava além da compreensão humana” (Dn 8:27).

No entanto, Deus dissera ao anjo: “Dê a esse homem o significado da visão”(Dn 8:16). Em obediência, o anjo retornou a Daniel, dizendo: “Agora vim para dar-lhe percepção e entendimento. [...] Por isso, preste atenção à mensagem para entender a visão” (9:22, 23). Um ponto importante do capítulo 8 havia ficado sem explicação, a saber, os 2.300 dias. Por isso, quando o anjo retomou a explanação, abordou principalmente a questão temporal:

“Setenta semanas estão decretadas para o seu povo e sua santa cidade [...]. Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o líder, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas. Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis. Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, e já não haverá lugar para Ele. [...] Com muitos Ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana Ele dará fim ao sacrifício e à oferta” (Dn 9:24-27).

Deus havia enviado o anjo a Daniel para explicar o ponto que ele não havia conseguido entender: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” As primeiras palavras do anjo foram: “Setenta semanas estão decretadas para o seu povo e sua santa cidade.” A

palavra traduzida por significa literalmente “cortadas”. Setenta semanas, 490 anos, deveriam ser cortados de maneira especial para os judeus.

Dois Períodos Temporais que Começam Juntos

Do que elas seriam cortadas? Como as 2.300 tardes e manhãs são o único período temporal mencionado no capítulo 8, as setenta semanas precisam fazer parte dos 2.300 dias. Os dois períodos precisam começar juntos e as setenta semanas iniciam “a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém”. Se a data dessa ordem fosse encontrada, então se saberia o ponto de início das 2.300 tardes e manhãs.

No capítulo 7 de Esdras, encontramos o decreto, promulgado por Artaxerxes, rei da Pérsia, em 457 a.C. Três reis desempenharam um papel em emitir e completar o decreto, levando-o à conclusão exigida pela profecia para marcar o início dos 2.300 anos. Tomando o ano 457 a.C., quando o decreto foi completo, como a data de sua “promulgação”, todos os pontos da profecia de setenta semanas haviam se cumprido com clareza (ver o Apêndice).

“A partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o príncipe, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas” – 69 semanas ou 483 anos. O decreto de Artaxerxes entrou em vigor no outono de 457 a.C. A partir dessa data, 483 anos se estenderam até o outono de 27 d.C. Nesse momento, a profecia se cumpriu. No outono de 27 a.C., Cristo foi batizado por João e recebeu a unção do Espírito. Após o batismo, Ele foi para a Galileia “proclamando as boas-novas de Deus. ‘O é chegado’, dizia Ele” (Mc 1:14, 15).

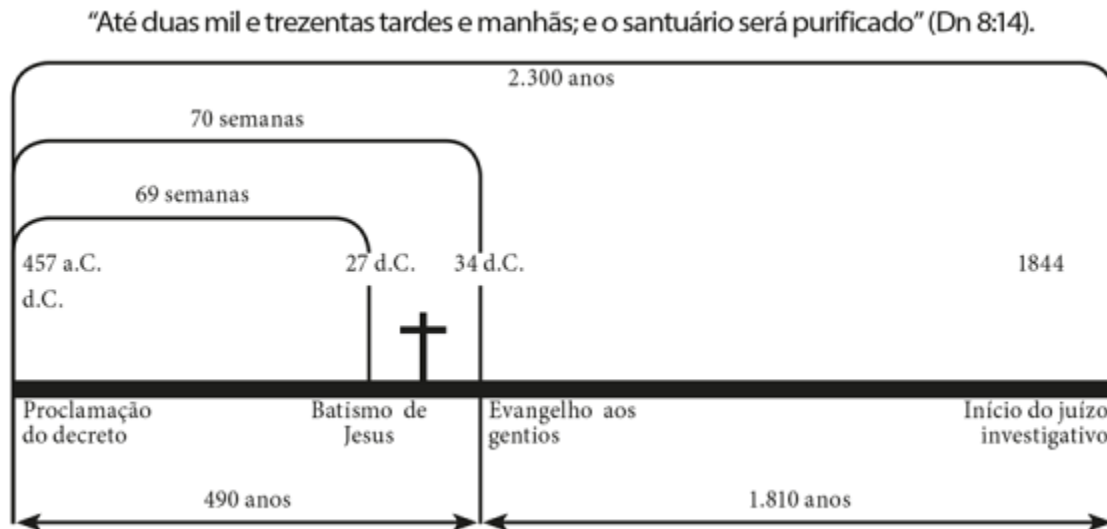
O Evangelho é Levado ao Mundo

"Com muitos Ele fará uma aliança que durará uma semana" – os últimos sete anos do período marcado para os judeus. Durante esse tempo, de 27 a 34 d.C., Cristo e Seus discípulos fizeram o convite do evangelho de maneira especial aos judeus. A instrução do Salvador aos apóstolos foi: "Não se dirijam aos gentios, nem entrem em cidade alguma dos samaritanos. Antes, dirijam-se às ovelhas perdidas de Israel" (Mt 10:5, 6).

"No meio da semana Ele dará fim ao sacrifício e à oferta" (Dn 9:27). Em 31 d.C., três anos e meio após Seu batismo, nosso Senhor foi crucificado. Com o grande sacrifício oferecido no Calvário, o símbolo se cumpriu. Todos os sacrifícios e todas as ofertas do sistema cerimonial chegariam ao fim.

Os 490 anos dados aos judeus terminaram em 34 d.C. Naquela época, por meio de ações do Sinédrio judaico, a nação selou a rejeição ao evangelho matando Estêvão e perseguindo os seguidores de Cristo. Então a mensagem de salvação foi além do povo escolhido para o mundo inteiro. Os discípulos, forçados a fugir de Jerusalém por causa da perseguição, "pregavam a palavra por onde quer que fossem" (At 8:4).

Até aqui, todos os pontos da profecia se cumpriram de maneira extraordinária. O início das setenta semanas foi estabelecido, sem sombra de dúvida, em 457 a.C., e o período terminou em 34 d.C. Como as setenta semanas (490 anos) foram cortadas das 2.300 tardes e manhãs, restaram 1.810 dias. A partir de 34 d.C., 1.810 anos se estendem até 1844. Logo, os 2.300 dias de Daniel 8:14

terminariam em 1844. Ao fim desse grande período profético, aconteceria a purificação do santuário – que quase todos acreditavam que aconteceria durante o segundo advento (ver o diagrama).

Conclusão Surpreendente

A princípio, Miller não fazia ideia de que chegaria à conclusão que estava diante dele. Ele mal conseguia crer nos resultados de sua investigação. No entanto, as evidências das Escrituras eram claras demais para ser ignoradas.

Em 1818, chegou à solene conclusão de que, em cerca de 25 anos, Cristo voltaria para resgatar Seu povo. Miller conta: "Nem preciso mencionar a alegria que encheu meu coração diante dessa alegre perspectiva, nem como ansiei profundamente participar do júbilo dos remidos. [...] Ah, como a verdade pareceu brilhante e gloriosa! [...]

"Então surgiu com toda a força o questionamento dentro de mim em relação a meu dever quanto ao mundo, levando em conta as evidências que haviam mexido tanto com

minha mente.” [5] Ele não conseguia deixar de sentir que tinha o dever de levar aos outros a luz que havia recebido. Esperava enfrentar oposição dos descrentes, mas tinha a confiança de que todos os cristãos se alegrariam na esperança do encontro com o Salvador. Ainda assim, hesitou em apresentar a esperança do glorioso livramento, esperado para um momento tão breve, temeroso de estar errado e iludir os outros. Isso o levou a revisar as evidências e analisar com cuidado todas as objeções que conseguiu imaginar. Após fazer isso por cinco anos, teve a convicção de que seu ponto de vista estava correto.

“Vá e Conte ao Mundo”

Ele conta: “Enquanto eu prosseguia em minhas atividades cotidianas, não parava de ecoar em meus ouvidos: ‘Vá e conte ao mundo do perigo que corre’. Este texto vinha constantemente à minha lembrança: ‘Quando eu disser ao ímpio que é certo que ele morrerá, e você não falar para dissuadi-lo de seus caminhos, aquele ímpio morrerá por sua iniquidade, mas eu considerarei você responsável pela morte dele’ (Ez 33:8). Eu sentia que, se os ímpios fossem advertidos de maneira eficaz, grande número se arrependeria; mas, se não fossem advertidos, o sangue deles seria cobrado das minhas mãos.” [6] As palavras continuavam a ecoar em sua mente: “Vá e conte ao mundo; cobrarei o sangue deles das suas mãos.” Ele esperou nove anos, e o fardo pesava cada vez mais em seu coração, até que, em 1831, pela primeira vez, ele expressou publicamente a razão de sua fé.

Miller tinha então cinquenta anos de idade. Não estava acostumado a falar em público, mas Deus abençoou seus

esforços. Sua primeira pregação iniciou um despertamento religioso. Treze famílias inteiras, com exceção de dois indivíduos, se converteram. As pessoas insistiam para que fosse falar em outros lugares e, em quase todos, os pecadores se convertiam. Os cristãos sentiam-se tocados a se dedicar mais. Deístas e escarnecedores foram levados a reconhecer a verdade da Bíblia. Sua pregação despertou a mente do público e obstruiu o mundanismo crescente e a imoralidade daquela era.

Em muitos lugares, as igrejas protestantes de quase todas as denominações o receberam de bom grado. Em geral, os convites de pregação vinham dos pastores. Ele tinha a regra de não trabalhar em nenhum lugar para onde não fora convidado, mas logo percebeu que não conseguiria aceitar nem metade dos convites que apareciam. Muitos estavam convencidos de que a vinda de Cristo era certa e estava próxima e que necessitavam se preparar para o acontecimento.

Em grandes cidades, alguns donos de bares transformaram seus estabelecimentos em salas de reunião. Locais dedicados a jogos de azar fechavam. Escarnecedores e até as pessoas mais imorais e desavergonhadas mudavam de vida. As mais variadas denominações marcavam cultos de oração quase que de hora em hora, com homens de negócios se reunindo ao meio-dia para louvor e oração. Não houve empolgação extravagante. A obra de Miller, assim como a dos primeiros reformadores, tendia a convencer o entendimento das pessoas e despertar a consciência, em vez de meramente incitar as emoções.

Em 1833, Miller ganhou licença de pregação na Igreja

Batista. Grande número de ministros da denominação aprovava sua obra, e ele prosseguiu com seus esforços com apoio formal da parte deles. Viajava e pregava sem parar, sem nunca receber o suficiente para cobrir os gastos de viagem aos locais para onde era convidado. Por isso, a pregação cobrou um preço alto de suas finanças pessoais.

"As Estrelas Cairão do C éu"

Em 1833, cumpriu-se o último dos sinais que Jesus havia prometido como indicativo de que o segundo advento estava próximo: "As estrelas cairão do céu" (Mt 24:29). E em Apocalipse João declarou: "As estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte" (Ap 6:13). Essa profecia se cumpriu dramaticamente por meio da grande chuva de meteoros que ocorreu no dia 13 de novembro de 1833, a queda de estrelas mais abrangente e causadora de espanto já registrada. "Nunca caiu uma chuva mais pesada do que os meteoros sobre a Terra; leste, oeste, norte e sul – era tudo igual. Em poucas palavras, o céu inteiro parecia em movimento. [...] Das duas da manhã até ser dia claro, com o céu perfeitamente sereno e sem nuvens, um jogar constante de luzes deslumbrantemente brilhantes continuou por todo o céu." [7] "Parecia que todos os corpos celestes haviam se unido em um ponto quase que acima de nossa cabeça e estivessem caindo ao mesmo tempo, com a velocidade de um raio, em todas as partes do horizonte. Ainda assim, as estrelas não se esgotavam. Milhares rapidamente seguiam os rastros de milhares, como se houvessem sido criadas para aquela ocasião." [8] "Seria impossível ver um cumprimento mais adequado da imagem

da figueira deixando cair os figos quando balançada por um forte vento.” [9]

No [Jornal do Comércio], de Nova York, publicado em 14 de novembro de 1833, saiu um longo artigo referente a esse acontecimento: “Nenhum filósofo ou erudito já registrou um evento, suponho eu, como o da manhã de ontem. Um profeta o predisse há 1.800 anos com exatidão, se nos dermos ao trabalho de compreender a queda das estrelas [...] no único sentido em que pode ser literalmente verdadeiro.”

Assim o último sinal da vinda de Cristo se cumpriu, daqueles que Ele havia mencionado aos discípulos: “Assim também, quando virem todas estas coisas, saibam que Ele está próximo, às portas” (Mt 24:33). Muitos dos que testemunharam a queda das estrelas entenderam que se tratava de um anúncio do juízo vindouro.

Em 1840, outro cumprimento notável das profecias atraiu a atenção de muitos. Dois anos antes, Josias Litch havia publicado uma explicação de Apocalipse 9, predizendo a queda do império otomano “em 1840 d.C., em algum momento do mês de agosto”. Poucos dias antes de acontecer, ele escreveu: “Terminará em 11 de agosto de 1840, ocasião em que podemos esperar a desintegração do poder otomano em Constantinopla”. [10]

Predição Cumpr ida

No exato momento especificado, a Turquia aceitou a proteção dos poderes aliados da Europa e assim se colocou sob o controle das nações cristãs. Esse evento cumpriu de forma exata a predição (ver o Apêndice). Grande número de

pessoas se convenceu de que os princípios de interpretação profética que Miller e seus colaboradores adotavam estavam corretos. Pessoas cultas e importantes se uniram a Miller na pregação e publicação de seus pontos de vista. De 1840 a 1844, a obra cresceu rapidamente.

Guilherme Miller tinha uma mente forte e poderosa. Além disso, acrescentava à sua capacidade a sabedoria do C éu, ao se conectar com a Fonte de toda sabedoria. Sua vida era respeitada onde quer que as pessoas valorizassem a integridade e a excelência moral. Com humildade cristã, ele era atencioso e bondoso com todos, pronto para ouvir os outros e levar em conta seus argumentos. Testava todas as teorias pela Palavra de Deus. Essa argumentação sensata e seu conhecimento das Escrituras o tornavam capaz de refutar os erros.

No entanto, assim como os primeiros reformadores também descobriram, os líderes religiosos populares não aceitaram as verdades que ele apresentava. Como esses homens não eram capazes de provar seus pontos de vista por meio das Escrituras, recorriam a doutrinas humanas – as tradições dos Pais. Entretanto, a Palavra de Deus era o único testemunho que os pregadores da verdade do advento aceitavam. Seus oponentes usavam zombaria e escárnio para colocar em descrédito aqueles que aguardavam com alegria o retorno de seu Senhor e tentavam não apenas ter uma vida santa, mas também preparar os outros para Sua vinda. Os caluniadores faziam parecer pecado estudar as profecias da vinda de Cristo e do fim do mundo. Dessa maneira, ministros populares minavam a fé na Palavra de Deus. Seus ensinos levavam as pessoas a rejeitar o Senhor

e muitos se sentiam livres para condescender com desejos mundanos. Então os autores desse mal colocavam toda a culpa nos adventistas.

Enquanto Miller atraía multidões de ouvintes inteligentes, a imprensa religiosa quase não mencionava seu nome, a não ser para ridicularizá-lo ou condená-lo. Encorajados pelos líderes religiosos, os incrédulos recorriam a todo tipo de piada blasfema sobre Miller e sua obra. O homem de cabelos grisalhos que deixara um lar confortável para viajar por conta própria a fim de levar ao mundo a advertência solene de que o juízo se aproximava era denunciado como fanático.

Interesse e Descrença

O interesse continuou a aumentar. De dezenas e centenas, as congregações haviam crescido a muitos milhares. Depois de um tempo, porém, levantou-se uma oposição contra esses conversos, e as igrejas começaram a disciplinar aqueles que aceitavam as ideias de Miller. Isso os levou a responder: “Se estamos errados, por favor, mostre-nos qual é nosso erro. Mostre-nos com a Palavra de Deus que estamos equivocados. Já fomos muito ridicularizados. Isso jamais poderá nos convencer de que estamos errados. Somente a Palavra de Deus é capaz de nos fazer mudar de opinião. Chegamos a nossas conclusões com cautela e oração, à medida que encontramos as evidências nas Escrituras.” [11]

Quando a maldade das pessoas levou Deus a trazer um dilúvio sobre a Terra, Ele primeiro deixou que soubessem de Suas intenções. Por 120 anos, ouviram a advertência para que se arrependessem, porém não creram. Achavam graça

do mensageiro de Deus. Se a mensagem de Noé era verdadeira, então por que o mundo inteiro não viu e acreditou? As palavras de um homem contra a sabedoria de milhares! Não creram na advertência, nem se abrigaram na arca.

Os escarnecedores apontaram para a sequência imutável das estações e para o céu azul que nunca havia derramado chuva. Com desdém, declaravam que Noé era um louco fanático. Prosseguiram em seus caminhos maus com intensidade ainda maior do que antes. Todavia, no momento designado, o juízo de Deus veio sobre aqueles que rejeitaram Sua misericórdia.

Céticos e Descrentes

Cristo declarou que, da mesma forma que as pessoas nos dias de Noé “nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem” (Mt 24:39). Enquanto o professo povo de Deus se une ao mundo, enquanto a concupiscência do mundo se tornar a concupiscência da igreja, enquanto todos olharem para o futuro esperando muitos anos de prosperidade temporal – então, tão repentinamente quanto o disparo do relâmpago, virá o fim de suas errôneas expectativas. Assim como Deus enviou Noé para advertir o mundo quanto à chegada do dilúvio, também enviou mensageiros escolhidos para proclamar que o juízo final estava próximo. E da mesma forma que os contemporâneos de Noé riram em escárnio das predições do pregador da justiça, nos dias de Miller, muitos dentre o professo povo de Deus zombaram das palavras de advertência.

Não pode haver evidência mais convincente de que as

igrejas se afastaram de Deus do que seu ódio contra esse mensageiro enviado pelo C éu.

Aqueles que tinham aceitado a doutrina do advento sentiram que havia chegado o momento de se posicionar. “As coisas eternas se tornaram reais para eles. [...] O C éu se tornou próximo e sentiram que eram culpados diante de Deus .” [12] Os cristãos perceberam que o tempo era curto e que precisavam realizar depressa aquilo que precisava ser feito pelos outros. A eternidade parecia se abrir diante deles. O Espírito de Deus lhes deu poder para fazer os apelos de preparo para o dia do Senhor. Sua vida diária era uma repreensão aos membros mornos das igrejas. Estes não queriam ser incomodados em seus prazeres, na corrida por dinheiro e na ambição por honras mundanas. É por isso que se opuseram à fé do advento.

Oponentes tentaram desanimar a investigação das Escrituras, ensinando que as profecias eram seladas. Dessa maneira, os protestantes seguiram os passos dos católicos. As igrejas protestantes alegavam que uma parte importante da Palavra, aquela destinada de maneira específica para nosso tempo, não podia ser entendida. Ministros declaravam que Daniel e o Apocalipse eram mistérios além da compreensão.

Mas Cristo havia destacado as palavras do profeta Daniel a Seus discípulos: “Quem lê, ” (Mt 24:15). E o Apocalipse sim ser compreendido. “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos Seus servos o que em breve há de acontecer. [...] aquele que as palavras desta profecia e felizes aqueles que e o que nela está escrito, porque o tempo está próximo” (Ap 1:1, 3, itálicos acrescentados).

“Feliz aquele que lê” – há quem não leia; “e felizes aqueles que ouvem” – há alguns que se recusam a ouvir qualquer coisa relacionada às profecias; “e guardam o que nela está escrito” – muitos se recusam a colocar em prática as instruções do Apocalipse. Nenhum desses pode clamar para si as bênçãos prometidas.

Como alguém ousa ensinar que o Apocalipse está além da compreensão humana? Trata-se de um mistério revelado, de um livro aberto. O Apocalipse dirige a mente para Daniel. Ambos apresentam instruções importantes acerca dos acontecimentos do fim da história deste mundo.

João viu os perigos, os conflitos e o livramento final do povo de Deus. Ele registrou as mensagens finais que devem amadurecer a seara da Terra, sejam os feixes para o celeiro celestial ou os para o fogo da destruição, a fim de que os que se voltassem do erro para a verdade pudessem ser instruídos em relação aos perigos e conflitos que estariam adiante deles.

Por que, então, há tanta ignorância em relação a essa parte importante dos Escritos Sagrados? Isso é resultado de esforços deliberados feitos pelo príncipe das trevas para esconder das pessoas as partes da Bíblia que revelam seus enganos. Por esse motivo, Cristo, o Revelador, prevendo a batalha contra o Apocalipse, pronunciou uma bênção sobre todo aquele que ler, ouvir e guardar a profecia.

---

[1] Deísmo: a crença de que Deus existe e criou o mundo, mas depois disso não assumiu mais nenhum controle nem demonstrou preocupação pela vida das pessoas; a crença de que a razão é suficiente para o conhecimento da verdade, rejeitando assim a revelação ( ).

[2] S. Bliss, , p. 65-67.

[3] Ibid., p. 74, 75.

[4] Ibid.

[5] Ibid., p. 76, 77, 81.
[6] Ezequiel 33:8, 9; Bliss, p. 92.
[7] R. M. Devens, , cap. 28, parágrafos 1 a 5.
[8] F. Reed, , 13 de dezembro de 1833.
[9] "The Old Countryman", , 26 de novembro de 1833.
[10] Josiah Litch, , 1 º de agosto de 1840.
[11] Bliss, p. 250, 252.
[12] Ibid., p. 146.

O Grande Desapontamento

Era após era, a obra de Deus apresenta semelhança notável em cada grande movimento religioso ou de reforma. Os princípios de como o Senhor lida com as pessoas são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente encontram paralelo nos do passado, e a experiência da igreja em eras anteriores traz lições para nosso tempo.

Por meio de Seu Espírito, Deus dirigiu Seus servos na Terra de maneira especial para fazer avançar a obra da salvação. Os seres humanos são instrumentos nas mãos de Deus. Ele dá a cada um luz suficiente para realizar a obra com a qual lhe incumbiu. Mas ninguém nunca teve plena compreensão dos propósitos divinos na obra em seu tempo. Os representantes de Deus não entendem por completo todos os aspectos da mensagem que proclamam em Seu nome. Nem mesmo os profetas entendiam plenamente as revelações que o Senhor lhes havia confiado. O sentido sempre foi revelado aos poucos, de era em era.

Pedro diz, acerca da salvação: “Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram, procurando saber para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava, quando lhes predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias

que se seguiriam àqueles sofrimentos. A eles foi revelado que estavam ministrando, não para , mas para ” (1Pe 1:10-12, itálicos acrescentados). Que lição para o povo de Deus da era cristã! Aqueles homens santos de Deus “investigaram e examinaram” as revelações que Deus concedeu para as gerações que ainda não haviam nascido. Que repreensão para a indiferença amante do mundo que se contenta em declarar que ninguém é capaz de compreender as profecias.

Às vezes, a mente dos servos de Deus fica tão cega pelas tradições e pelos falsos ensinos que eles só conseguem entender parcialmente as coisas reveladas em Sua Palavra. Mesmo quando o Salvador estava com os discípulos, estes acreditavam no conceito popular de que o Messias seria um príncipe terreno que exaltaria Israel e o transformaria em um império universal. Não conseguiam compreender as palavras de Cristo que prediziam Seu sofrimento e Sua morte.

“O Tempo é Chegado”

Cristo tinha enviado os discípulos com a seguinte mensagem: “‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!’” (Mc 1:15). Essa mensagem estava baseada na profecia de Daniel 9. As “sessenta e nove semanas” se estenderiam até “o Ungido, o Líder” e os discípulos aguardavam com expectativa a fundação do reino do Messias em Jerusalém para governar sobre o mundo inteiro.

Eles pregavam a mensagem que Jesus lhes havia concedido, embora não compreendessem seu significado. Embora a proclamação deles estivesse baseada em Daniel

9:25, não viam no versículo seguinte que o Ungido seria “morto”. Fixaram o coração na glória de um império terreno, e isso cegou seu entendimento. No exato momento em que esperavam ver seu Senhor subir ao trono de Davi, eles testemunharam Sua prisão, Seus açoites, Sua zombaria, condenação e crucifixão. Que desespero e angústia oprimiram o coração daqueles discípulos!

Cristo havia chegado no exato momento predito. Cada detalhe das Escrituras tinha se cumprido. A Palavra e o Espírito de Deus confirmaram a comissão divina de Seu Filho. Ainda assim, a mente dos discípulos foi obscurecida pela dúvida. Se Jesus realmente havia sido o Messias verdadeiro, por que eles afundaram em tamanho luto e desapontamento? Essa foi a pergunta que torturou a alma dos discípulos durante as horas sem esperança daquele sábado entre a morte e a ressurreição.

Entretanto, Deus não os abandonara. “Embora eu esteja morando nas trevas, o Senhor será a minha luz. [...] Ele me fará sair para a luz; contemplarei a Sua justiça” (Mq 7:8, 9). “A luz raia nas trevas para o íntegro, para quem é misericordioso, compassivo e justo” (Sl 112:4). “Transformarei as trevas em luz diante deles e tornarei retos os lugares acidentados. Essas são as coisas que farei; não os abandonarei” (Is 42:16).

A proclamação feita pelos discípulos estava correta: “O tempo é chegado . [...] O Reino de Deus está próximo” (Mc 1:15). Quando o “tempo” terminou – as sessenta e nove semanas que se estenderiam até o Messias, “o Ungido” – Cristo havia recebido a unção do Espírito após ser batizado por João. O “reino de Deus” não era um império terreno,

como os discípulos haviam sido ensinados a crer. Nem consistia naquele reino futuro e imortal no qual “todos os governantes O adorarão e Lhe obedecerão” (Dn 7:27).

A expressão “reino de Deus” se refere tanto ao reino da graça quanto ao reino da glória. O apóstolo diz: “Assim, aproximemo-nos do com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça” (Hb 4:16). A existência de um trono subentende a existência de um reino. Cristo usa a expressão “reino dos C éus” para designar a obra da graça no coração humano. Assim, o trono da glória representa o reino de glória (Mt ٢٥:٣١ , 32). Esse reino ainda é futuro. Só será fundado após a segunda vinda de Cristo.

Quando o Salvador entregou a própria vida e clamou: “Está consumado!” (Jo 19:30), confirmou a promessa de salvação feita ao casal pecador no Éden. O reino da graça, que existira até então pela promessa de Deus, foi fundado.

Assim, a morte de Cristo – o acontecimento que os discípulos enxergavam como a destruição da esperança deles –, na verdade, estava garantindo essa esperança para sempre. Embora tenha ocasionado um desapontamento cruel, foi a prova de que sua crença estava correta. O evento que os encheu de desespero abriu a porta de esperança para todos os fiéis de Deus em todas as eras.

Misturado ao ouro puro do amor dos discípulos por Jesus se encontrava o metal barato de ambições egoístas. A atenção deles estava fixada no trono, na coroa e na glória. O orgulho em seu coração e a sede por glória mundana impediram que entendessem as palavras do Salvador que lhes revelava a natureza verdadeira de Seu reino e apontava para Sua

morte. Esses erros resultaram na provação que Deus permitiu para corrigi-los. O Senhor confiaria aos discípulos o evangelho glorioso de Seu Cristo ressurreto. A fim de prepará-los para essa obra, permitiu essa experiência que pareceu tão amarga.

Após a ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos no caminho para Emaús e “explicou-lhes o que constava a respeito dEle em todas as Escrituras”(Lc 24:27). Queria alicerçar a fé deles na “palavra profética” “confirmada” (2Pe 1:19 [ARA]), não só por meio de Seu testemunho pessoal, mas também pelas profecias do Antigo Testamento. E, como primeiro passo para lhes dar esse conhecimento, Jesus direcionou a atenção dos discípulos para “Moisés e todos os profetas” do Antigo Testamento.

Do Desespero à Certeza

De uma maneira mais completa do que nunca, os discípulos acharam “Aquele sobre quem Moisés escreveu na Lei, e a respeito de quem os profetas também escreveram” (Jo 1:45). Certeza e fé límpida substituíram a incerteza e o desespero. Passaram pela provação mais profunda possível para eles e viram como a Palavra de Deus havia se cumprido de maneira triunfante. Depois disso, o que poderia abalar sua fé? Em sua mais profunda tristeza, foram “firmemente encorajados” e encontraram uma esperança que era “como âncora da alma, firme e segura” (Hb 6:18, 19).

O Senhor diz: “O Meu povo jamais será envergonhado” (Jl 2:26, ARA). “O choro pode persistir uma noite, mas de manhã irrompe a alegria” (Sl 30:5). No dia da ressurreição, esses discípulos encontraram o Salvador, e o coração deles

ardeu enquanto ouviam Suas palavras. Antes de Sua ascensão, Jesus os instruiu: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16:15), acrescentando: “E Eu estarei sempre com vocês” (Mt 28:20). No dia do Pentecostes, o Consolador prometido veio, e o coração dos fiéis vibrou com a presença vívida do Senhor que havia ascendido ao Céu.

A Mensagem dos Discípulos e a Mensagem de 1844

A experiência dos discípulos na segunda vinda de Cristo encontra uma contraparte na experiência daqueles que anunciaram Sua segunda vinda. Assim como os discípulos pregaram: “O tempo é chegado . [...] O Reino de Deus está próximo”, Miller e seus companheiros proclamaram que o último período profético da Bíblia estava prestes a terminar, que o juízo logo aconteceria e que o reino eterno seria fundado depressa. A pregação dos discípulos acerca do tempo era baseada nas setenta semanas de Daniel 9. A mensagem que Miller e seus companheiros proclamavam anunciava o fim das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, das quais as setenta semanas faziam parte. A pregação de ambas era baseada em uma parte diferente do mesmo período profético.

Assim como os primeiros discípulos, Guilherme Miller e seus companheiros não entendiam totalmente a mensagem que transmitiam. Erros profundamente enraizados na igreja impediram que interpretassem de forma correta um aspecto importante da profecia. Por isso, embora anunciassem a mensagem que Deus os havia confiado, por não compreenderem todo o seu significado, sofreram um desapontamento.

Miller adotou o ponto de vista muito disseminado de que a Terra é o “santuário” e acreditava que a “purificação do santuário” representava a purificação da Terra pelo fogo quando Jesus voltasse. Logo, concluiu, o fim das 2.300 tardes e manhãs revelaria o tempo do segundo advento.

A purificação do santuário era o último rito que o sumo sacerdote realizava no ciclo anual de adoração. Consistia na obra de fechamento da expiação – a retirada ou o afastamento dos pecados de Israel. Ilustrava, de antemão, a obra final de nosso Sumo Sacerdote no C éu removendo ou apagando os pecados de Seu povo, os quais estão registrados nos livros celestiais. Esse serviço envolve investigação, uma obra de juízo e ocorre logo antes da vinda de Cristo nas nuvens dos céus, pois, quando Ele vier, todos os casos já estarão decididos. “Eis que venho em breve! A Minha recompensa está comigo, e Eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez” (Ap 22:12). Essa é a obra de juízo que a primeira mensagem angélica de Apocalipse 14:7 anuncia: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo”.

Aqueles que proclamaram essa advertência deram a mensagem correta no tempo certo. Assim como os discípulos estavam equivocados quanto ao reino que seria fundado ao fim das “setenta semanas”, os adventistas erraram quanto ao acontecimento que ocorreria ao fim das “2.300 tardes e manhãs”. Nos dois casos, erros populares cegaram a mente à verdade. Ambos os grupos cumpriram a vontade de Deus ao entregar a mensagem que Ele havia concedido e ambos sofreram um desapontamento por não compreenderem totalmente a mensagem.

No entanto, o Senhor cumpriu Sua vontade ao permitir que a advertência do juízo fosse proferida dessa maneira. Em Seu plano, a mensagem seria uma prova para purificar a igreja. Os corações estavam fixados neste mundo ou em Cristo e no C éu? Estavam prontos para se afastar de suas ambições mundanas e receber com alegria o advento de seu Senhor?

O desapontamento também provaria o coração daqueles que afirmavam ter aceitado a advertência. Abririam mão apressadamente de sua experiência e deixariam de lado a confiança na Palavra de Deus quando fossem chamados a suportar o escárnio do mundo e o teste da tardança e do desapontamento? Por não terem entendido de imediato o agir de Deus, rejeitariam as verdades que o testemunho claro de Sua Palavra sustentava?

Essa prova lhes ensinaria o perigo de aceitar interpretações humanas, em lugar de fazer da Bíblia a própria intérprete. Levaria os filhos da fé a um estudo mais minucioso da Palavra, a examinar os fundamentos de sua fé com mais cautela e a rejeitar tudo que não estivesse baseado nas Escrituras, por mais aceito que fosse pelo mundo cristão.

As coisas que pareciam escuras na hora da prova depois se tornariam claras. A despeito do sofrimento que resultou de seus erros, eles aprenderiam, por meio de uma abençoada experiência, que “o Senhor é cheio de compaixão e misericórdia” (Tg 5:11) e todos os Seus caminhos “são amor e fidelidade para com os que cumprem os preceitos da Sua aliança” (Sl 25:10).

Amor pela Vinda de Cristo

A primeira mensagem angélica de Apocalipse 14 prediz um grande despertamento religioso. Retrata um anjo “que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo”. “Em alta voz” ele proclama: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas” (Ap 14:6, 7).

Um anjo representa tanto o caráter elevado da obra que a mensagem realizaria como o poder e a glória que a acompanhariam. O voo do anjo “pelo céu”, a “alta voz” e o fato de ir “a toda nação, tribo, língua e povo” mostram o alcance rápido e mundial do movimento. Quanto ao tempo em que isso deve acontecer, anuncia a abertura do juízo.

Essa mensagem faz parte do evangelho que só poderia ser proclamado nos últimos dias, pois somente então seria verdade que a hora do juízo . Daniel recebeu a ordem de fechar a parte da profecia ligada aos últimos dias e selá-la “até o tempo do fim” (Dn 12:4). Somente nesse tempo seria possível proclamar uma mensagem sobre o juízo, baseada no cumprimento dessas profecias.

Paulo advertiu a igreja a não aguardar a vinda de Cristo em seus dias. Somente após a grande apostasia e o grande

reinado do “homem do pecado” poderíamos esperar o advento de nosso Senhor (2Ts 2:3). O “homem do pecado” – também “mistério da iniquidade”, “filho da perdição” e “a apostasia” – representa o papado, o qual manteria sua supremacia por 1.260 anos. Esse período chegou ao fim em 1798. A vinda de Cristo não poderia acontecer antes desse tempo. A palavra de cautela dada por Paulo abrange toda a era cristã até o ano de 1798. A mensagem da segunda vinda de Cristo deveria ser proclamada após esse período.

Nenhuma mensagem dessa natureza foi anunciada em eras passadas. Conforme vimos, Paulo não a pregou. Ele apontou para a vinda do Senhor em um futuro então distante. Os reformadores não a proclamaram. Martinho Lutero disse que o juízo ocorreria cerca de trezentos anos depois de sua época. Desde 1798, porém, o livro de Daniel perdeu o selo, e muitos têm proclamado a mensagem de que o juízo está próximo.

Proclamação Simultânea em Diversos Países

Assim como a Reforma do século 16, o movimento adventista apareceu em diferentes países na mesma época. Deus dirigiu pessoas de fé a estudar as profecias e elas encontraram evidências convincentes de que o fim estava próximo. Grupos isolados de cristãos chegaram à crença de que a vinda do Salvador estava às portas , somente por meio do estudo das Escrituras.

Três anos depois de Miller chegar a suas conclusões acerca das profecias, o Dr. Joseph Wolff, “o missionário ao mundo”, começou a proclamar o breve retorno do Senhor. Alemão, filho de pais judeus, ele sentiu a convicção, desde muito jovem, de que a religião cristã era verdadeira. Ele ouvia com

atenção as conversas na casa de seu pai, nas quais judeus devotos se reuniam para conversar sobre a esperança de seu povo, a glória do Messias vindouro e a restauração de Israel. Certo dia, ao ouvir menção a Jesus de Nazaré, o menino perguntou quem Ele era.

"Um judeu de enorme talento", foi a resposta do pai. "Mas por fingir ser o Messias, o tribunal judaico o sentenciou à morte."

O garoto perguntou: "Por que Jerusalém está destruída e nós estamos em cativeiro?"

"Ai, ai!", respondeu o pai. "Porque os judeus mataram os profetas."

Imediatamente veio à mente do menino o pensamento: "Talvez Jesus também tenha sido um profeta e os judeus O mataram, embora fosse inocente." Conquanto fosse proibido de entrar em igrejas cristãs, com frequência, ele se demorava do lado de fora a fim de ouvir as pregações. Quando tinha apenas sete anos de idade, o menino estava se gabando para um vizinho cristão do triunfo futuro de Israel, na ocasião em que o Messias viesse. O velhinho disse com bondade: "Caro menino, eu vou lhe contar quem foi o verdadeiro Messias. Foi Jesus de Nazaré [...] a quem seus antepassados crucificaram. [...] Vá para casa e leia o capítulo 53 de Isaías e você se convencerá de que Jesus Cristo é o Filho de Deus." [1]

Ele foi para casa e leu a passagem bíblica. Ficou surpreso ao ver como esta havia se cumprido com perfeição em Jesus de Nazaré. As palavras daquele cristão seriam verdadeiras? O garoto pediu ao pai uma explicação para aquela profecia,

mas a resposta foi um silêncio tão severo que ele nunca mais ousou se referir ao assunto.

Quando tinha apenas onze anos de idade, saiu de casa para estudar, escolher sua religião e seu ofício. Sozinho e sem dinheiro, precisava se virar por conta própria. Estudava com afinco, sustentando-se por meio de aulas de hebraico. Ele aceitou a fé católica e foi continuar seus estudos no Colégio da Propaganda Fide, em Roma. Ali atacou abertamente os abusos da igreja e apelou por uma reforma. Depois de um tempo, foi mandado embora de Roma. Ficou claro que ele nunca se sujeitaria ao domínio católico romano. Seguiu para a Inglaterra e se uniu à Igreja Anglicana. Após dois anos de estudo, em 1821 foi enviado em sua missão.

Wolff entendeu que as profecias apontavam para a segunda vinda de Cristo com poder e glória. Enquanto tentava conduzir seu povo a Jesus de Nazaré, o Messias prometido, e mostrar a eles que Sua primeira vinda, além de representar o sacrifício pelo pecado, também lhes ensinava sobre a segunda vinda.

Wolff acreditava que a vinda do Senhor estava muito próxima. Sua interpretação dos períodos proféticos identificavam o acontecimento com poucos anos de diferença na predição de Miller. “O Senhor [...] não nos deixou os sinais dos tempos para que conhecêssemos pelo menos a aproximação de Sua vinda, assim como sabemos que o verão se aproxima pelas folhas da figueira? Saberemos o suficiente [...] pelos sinais dos tempos para nos convencer a nos preparar para Seu retorno, assim como Noé preparou a arca.” [2]

Contra as Interpretações Populares

Acerca do sistema popular de interpretação das Escrituras, Wolff escreveu: “A maior parte da igreja cristã se afastou do sentido claro das Escrituras e [...] supõe que, onde lê deveria ler ; e onde se lê deve interpretar ; e se diz , significa ; e sobre a vinda do compreende o progresso de suas ; e subir ao monte da casa do Senhor quer dizer ” [3]

De 1821 a 1845, Wollf viajou para o Egito, Etiópia, Palestina, Síria, Pérsia, Bucara, [4] Índia e Estados Unidos.

Poder da Palavra

O Dr. Wolff viajou pelos países mais desprovidos de civilização sem proteção alguma, suportando dificuldades e cercado por perigos incontáveis. Passou fome, foi vendido como escravo, foi três vezes condenado à morte, sofreu ataques de ladrões e houve ocasiões em que quase morreu de sede. Certa vez, foi destituído de todas as suas posses e precisou viajar centenas de quilômetros a pé pelas montanhas, com a neve assolando seu rosto e os pés descalços amortecidos pelo chão congelado.

Quando as pessoas o advertiam a não sair desarmado em meio a tribos selvagens hostis, ele respondia que estava “munido de armas” – “oração, zelo por Cristo e confiança em Seu auxílio”. “Também estou cercado pelo amor de Deus e do próximo no coração, com a Bíblia em mãos.” “Sinto que meu poder está na Palavra e que sua força pode me sustentar.” [5]

Ele continuou a trabalhar até a mensagem haver se espalhado por boa parte do mundo povoado. Em meio a judeus, turcos, persas, hindus e outras nações e raças, ele

distribuiu a Palavra de Deus em diversos idiomas e, em todos os lugares, anunciava a vinda do Messias.

Em Bucara, encontrou um povo isolado que defendia a doutrina do breve retorno do Senhor. Os árabes do Iêmen, contou, “possuem um livro chamado , o qual prediz a segunda vinda de Cristo e Seu reinado em glória. Eles esperam que acontecimentos grandiosos ocorram no ano de 1840”. “Encontrei filhos de Israel da tribo de Dã [...] que esperam, com os filhos de Recabe, a chegada iminente do Messias nas nuvens do céu.” [6]

Outro missionário encontrou uma crença semelhante na Tartária, região da Europa oriental. Um sacerdote t ártaro lhe perguntou quando Cristo viria pela segunda vez. Quando o missionário respondeu que não sabia nada a esse respeito, o padre pareceu surpreso ao encontrar tamanha ignorância em um professor da Bíblia. Afirmou que, de acordo com suas crenças, baseadas nas profecias, Cristo voltaria por volta de 1844.

A Mensagem do Advento na Inglaterra

Já em 1826 a mensagem do advento começou a ser pregada na Inglaterra. De modo geral, ela não envolvia o ensino do tempo exato do retorno de Jesus. Mesmo assim, a verdade do breve retorno de Cristo em poder e glória era proclamada por toda parte. Um escritor inglês afirmou que cerca de setecentos ministros da Igreja Anglicana estavam pregando “esse evangelho do reino”.

A Grã-Bretanha recebeu a mensagem apontando para o ano de 1844 como o momento da volta do Senhor também. Publicações adventistas dos Estados Unidos recebiam ampla

circulação. Em 1842, Robert Winter, inglês que havia aceitado a fé adventista no continente americano, retornou para seu país natal a fim de espalhar as novas do retorno do Senhor. Muitos se uniram a ele na obra em várias partes da Inglaterra.

Na América do Sul, Lacunza, jesuíta da Espanha, aceitou a verdade do breve retorno de Cristo. Na tentativa de evitar a condenação de Roma, ele publicou sua versão sob o pseudônimo de Rabino Ben-Ezra, que afirmava ser um judeu convertido. Por volta de 1825, seu livro foi traduzido para o inglês e ajudou a aprofundar o interesse já despertado na Inglaterra

A Revelação Desponta para Bengel

Na Alemanha, Bengel, pastor luterano e estudioso da Bíblia, ensinava a doutrina do breve retorno de Cristo. Enquanto preparava um sermão baseado em Apocalipse 21, a luz da segunda vinda de Cristo surgiu em sua mente e as profecias do Apocalipse se abriram para seu entendimento. A importância e a glória das cenas proféticas o sobrecarregaram, e ele precisou se afastar do assunto por um tempo. No púlpito, a lembrança veio à tona vividamente. A partir de então, ele se dedicou ao estudo das profecias e logo passou a crer que a volta de Cristo estava próxima. A data que marcou para o tempo do segundo advento diferia em poucos anos da que Miller defendeu mais tarde.

Os escritos de Bengel se espalharam em seu estado, Würtemberg, e em outras partes da Alemanha. Os alemães ouviram a mensagem do advento na mesma época em que ela atraía a atenção em outras terras.

Em Genebra, na Suíça, Gaussen pregou o segundo advento. Quando iniciou o ministério, sentia-se inclinado a duvidar. Quando jovem, havia se interessado pelas profecias. Após ler [História Antiga], de Rollin, ele leu o segundo capítulo de Daniel. Ficou perplexo ao perceber como as profecias haviam se cumprido com exatidão. Aquele era um indício de que as Escrituras de fato eram inspiradas. Ele não poderia continuar se satisfazendo com o racionalismo e, ao estudar a Bíblia, encontrou uma fé positiva.

Ele passou a crer que a vinda do Senhor estava próxima. Impressionado com a importância dessa verdade, sentiu o desejo de apresentá-la ao povo. No entanto, a crença popular de que ninguém era capaz de compreender as profecias de Daniel consistia em um grave obstáculo. Assim como Farel fizera antes dele ao evangelizar em Genebra, finalmente decidiu começar com as crianças, na esperança de interessar os pais por meio delas. Contou: “Reúno um público de crianças. Se o grupo cresce e vejo que elas ouvem, se agradam e se interessam, que entendem e explicam o assunto, com certeza tenho um segundo círculo em breve. E, dentro de pouco tempo, os adultos veem que vale a pena dedicar tempo para se assentar e estudar. Quando isso acontece, a causa vence”. [7]

Quando falava às crianças, pessoas mais velhas vinham para ouvir. Os assentos de sua igreja ficavam cheios de ouvintes, pessoas de posição e saber, bem como de estrangeiros e desconhecidos que visitavam Genebra. Por sua vez, eles levavam a mensagem a outras partes.

Incentivado por isso, Gaussen publicou suas lições com a

esperança de promover o estudo dos livros proféticos. Posteriormente, tornou-se professor na faculdade de teologia; mas, aos domingos, continuava sua obra de falar às crianças e instruí-las nas Escrituras. De sua cátedra professoral, por meio da imprensa e como mestre dos pequeninos, por muitos anos ele atuou como um instrumento para chamar a atenção do povo às profecias que mostravam a proximidade da vinda do Senhor.

Crianças Pregadoras na Escandinávia

A mensagem do advento também foi proclamada na Escandinávia. Despertou muitas pessoas a confessar e abandonar seus pecados, pedindo perdão em nome de Cristo. Contudo, o clero da igreja estatal se opôs ao movimento e alguns dos que pregavam a mensagem foram lançados na prisão.

Em muitos lugares onde os oficiais silenciaram os pregadores do breve retorno do Senhor, Deus proclamou a mensagem por meio de criancinhas. Como eram menores de idade, o Estado não podia detê-las e tinham permissão de falar sem interferência.

Nos lares simples dos trabalhadores, as pessoas se reuniam para ouvir a advertência. Alguns dos pregadores infantis não tinham mais do que seis ou oito anos de idade. Embora sua vida demonstrasse que amavam o Salvador, normalmente manifestavam apenas a inteligência e capacidade que as crianças de sua idade costumam ter. Entretanto, quando se levantavam diante das pessoas, uma influência além de seus dons naturais as movia. Seu tom e seus modos mudavam e, com poder solene, davam o alerta do juízo: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a

hora do Seu juízo.”

As pessoas ouviam com tremor o Espírito de Deus falar aos corações. Muitos começaram a sondar as Escrituras; bêbados e imorais mudavam de vida; ocorreu uma mudança tão notável que até os pastores da igreja estatal precisaram admitir que a mão de Deus estava no movimento.

Era da vontade de Deus anunciar as novas da vinda do Salvador na Escandinávia e Ele colocou Seu Espírito em crianças para cumprir a obra. Quando Jesus Se aproximou de Jerusalém, as pessoas, intimidadas pelos sacerdotes e governantes, cessaram a alegre proclamação ao adentrarem as portas da cidade. Mas as crianças no pátio do templo aprenderam o refrão e bradaram: “Hosana ao Filho de Davi!” (Mt 21:8-16). Assim como Deus trabalhou por intermédio de crianças na época do primeiro advento de Cristo, atuou por meio delas ao dar a mensagem de Seu segundo advento.

A Mensagem se Espalha

Os Estados Unidos se tornaram o centro do grande movimento adventista. Os escritos de Miller e seus companheiros saíram de lá para chegar a terras distantes, onde quer que houvesse missionários pelo mundo. A mensagem do evangelho eterno se espalhou por toda parte: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo.”

As profecias que pareciam apontar para a vinda de Cristo na primavera de 1844 chamaram profundamente a atenção das pessoas. Muitos se convenceram de que os argumentos quanto aos períodos proféticos estavam corretos.

Sacrificando o orgulho da opinião, aceitavam a verdade com alegria. Alguns ministros deixaram salário e igreja para se unir à proclamação da vinda de Jesus. No entanto, eram poucos os pastores que aceitavam essa mensagem, por isso Deus a confiou principalmente a leigos humildes. Fazendeiros deixaram os campos; mecânicos, suas ferramentas; comerciantes, sua mercadoria; profissionais, os seus ofícios. Voluntariamente enfrentavam trabalho duro, pobreza e sofrimento a fim de conclamar as pessoas ao arrependimento e à salvação. Milhares aceitaram a mensagem do advento.

A Simplicidade da Bíblia Traz Convicção

Assim como João Batista, os pregadores miravam o machado na raiz da árvore e apelavam para que todos dessem “fruto que mostre o arrependimento” (Mt 3:8). Em forte contraste com a certeza de paz e segurança proveniente dos púlpitos populares, o testemunho simples das Escrituras levava convicção que poucos eram capazes de resistir por completo. Muitos se achegaram ao Senhor em arrependimento. O sentimento que haviam dedicado às coisas terrenas por tanto tempo agora se destinava ao C éu. Com o coração abrandado e submisso, uniram-se na proclamação da mensagem: “Temam a Deus e glorifiquem-n O, pois chegou a hora do Seu juízo.”

Pecadores perguntavam em lágrimas: “Que devo fazer para ser salvo?” Aqueles que haviam sido desonestos estavam ansiosos para consertar as coisas. Todos que encontravam paz em Cristo ansiavam por ver outros partilharem as mesmas bênçãos. O coração dos pais se voltou ao dos filhos, e o coração dos filhos ao dos pais (Ml

4:5, 6). Barreiras de orgulho e relutância foram derrubadas. As pessoas faziam confissões sinceras. Em toda parte, corações suplicavam diante de Deus. Muitos lutavam a noite inteira em oração para ter a certeza de que seus pecados haviam sido perdoados ou pela conversão de parentes e vizinhos.

Todas as classes, ricas e pobres, altas e baixas, estavam ansiosas por ouvir o ensino do segundo advento. O Espírito de Deus deu poder à Sua verdade. As pessoas sentiam a presença de santos anjos nessas reuniões, e muitos se uniam aos fiéis todos os dias. Multidões imensas ouviam em silêncio as solenes palavras. Céu e Terra pareciam se aproximar um do outro. As pessoas voltavam para casa com louvores nos lábios, e o alegre som ecoava pelo ar silencioso da noite. Ninguém que tivesse participado daquelas reuniões conseguiria esquecer as cenas do mais profundo interesse.

Oposição à Mensagem

A mensagem de um momento definido para a vinda de Cristo despertou forte oposição de muitas pessoas em todas as esferas da sociedade, do ministro no púlpito ao mais ousado e rebelde pecador. Muitos afirmavam que não eram contrários à doutrina da segunda vinda, apenas objetavam ao tempo definido. Mas o olho de Deus, que tudo vê, lia o coração de cada um. Aquelas pessoas não queriam ouvir que Cristo viria julgar o mundo com justiça. Suas obras não passariam na inspeção do Deus que sonda o coração e tinham medo de encontrar seu Senhor. Assim como os judeus na época do primeiro advento de Cristo, aquelas pessoas não estavam preparadas para receber Jesus. Além

de se recusar a ouvir os argumentos claros da Bíblia, ridicularizavam aqueles que aguardavam o Senhor. Satanás escarneceu de Cristo dizendo que Seu professo povo O amava tão pouco que não queria que Ele voltasse.

Aqueles que rejeitavam a fé do advento costumavam usar o argumento: “Ninguém sabe o dia, nem a hora.” A passagem bíblica diz: “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos C éus, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mt ٢٤:٣٦). Aqueles que aguardavam o Senhor davam uma explicação clara desse versículo e mostravam com toda clareza como seus oponentes o usavam de maneira equivocada.

Uma declaração do Salvador não deve ser usada para invalidar outra. Embora ninguém saiba o dia, nem a hora de Sua vinda, somos instruídos a saber quando ela está próxima. Recusar ou negligenciar saber o quanto Seu advento está perto será tão fatal para nós quanto foi para o povo dos dias de Noé não estar ciente da aproximação do dilúvio. Cristo disse: “Mas se você não estiver atento, virei como um ladrão e você não saberá a que hora virei contra você” (Ap 3:3).

Paulo fala sobre aqueles que aceitaram a advertência do Salvador: “Mas vocês, irmãos, não estão nas trevas, para que esse dia os surpreenda como ladrão. Vocês todos são filhos da luz, filhos do dia” (1Ts 5:4, 5).

Entretanto, aqueles que queriam uma desculpa para rejeitar a verdade se recusavam a ouvir essa explicação, e as palavras “ninguém sabe o dia, nem a hora” continuavam a ecoar na boca do escarnecedor e até do suposto ministro de Cristo. Quando as pessoas começavam a perguntar sobre

o caminho da salvação, líderes religiosos se intrometiam entre elas e a verdade, interpretando falsamente a Palavra de Deus.

Em geral, os mais devotos nas igrejas eram os primeiros a aceitar a mensagem. Onde quer que as pessoas não fossem controladas pelo clero, onde quer que buscassem a Palavra de Deus por si mesmas, só precisavam comparar a doutrina do advento com as Escrituras para se convencer de sua autoridade divina.

Muitos eram desencaminhados por maridos, esposas, pais ou filhos e levados a crer que era pecado até mesmo ouvir as “heresias” que os adventistas ensinavam. Deus enviou anjos para vigiar fielmente tais pessoas, pois outra luz brilharia sobre elas de Seu trono.

Aqueles que haviam aceitado a mensagem aguardavam a vinda de seu Salvador. O momento no qual esperavam encontrá-Lo estava quase chegando. Aproximavam-se dessa hora com calma e solenidade. Ninguém que tivesse passado por isso seria capaz de esquecer aquelas horas preciosas de espera. Algumas semanas antes do tempo, a maioria deixou de lado as atividades mundanas. Os cristãos sinceros sondavam cuidadosamente o coração como se, em poucas horas, sua vida terrena fosse chegar ao fim. Ninguém preparou “roupas de ascensão” (ver o Apêndice), mas todos sentiram necessidade de encontrar a certeza interna de que estavam prontos para o encontro com o Salvador. Suas vestes brancas eram a pureza de coração – um caráter purificado pelo sangue expiatório de Cristo. Ah, se tão somente o povo de Deus ainda demonstrasse a mesma busca de coração e a mesma fé intensa!

Deus desejava provar Seu povo. Sua mão cobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos. O momento de expectativa [isto é, que Cristo voltaria na primavera de 1844] passou e Jesus não voltou. Aqueles que aguardavam o Salvador sentiram amargo desapontamento. No entanto, Deus estava provando o coração daqueles que afirmavam estar aguardando Sua vinda. Muitos haviam agido por medo. Tais pessoas declararam que nunca tinham acreditado que Cristo viria. Estiveram entre os primeiros a ridicularizar a tristeza dos verdadeiros fiéis.

Mesmo assim, Jesus e todo o C éu olhavam com amor e simpatia para os fiéis desapontados. Se o véu que separa o visível do invisível pudesse ter se afastado um pouco, esses cristãos leais teriam visto anjos se aproximando deles para protegê-los das flechas de Satanás.

---

[1] , v. 1, p. 6, 7.

[2] Joseph Wolff, , p. 404, 405.

[3] , p. 96.

[4] Região remota do Turquestão, entre o Afeganistão e a Rússia.

[5] W. H. D. Adams, , p. 192, 201.

[6] , p. 377, 389.

[7] L. Gaussen, , v. 2, prefácio.

Colheita em Meio ao Vendaval

Guilherme Miller e seus companheiros haviam tentado ajudar as pessoas que afirmavam ser religiosas a ver a verdadeira esperança da igreja e sua necessidade de uma experiência cristã mais profunda. Também trabalhavam para ajudar os não conversos a enxergar a necessidade de arrependimento e conversão. “Eles não fizeram nenhuma tentativa de converter as pessoas a uma seita. Trabalhavam em meio a todos os grupos e denominações.” Miller disse: “Queria beneficiar a todos. Eu achava que todos os cristãos se alegrariam com a proximidade da vinda de Cristo e que aqueles que não conseguissem entender da mesma maneira que eu não amariam menos os que aceitassem essa doutrina. Não imaginava que haveria necessidade de reuniões separadas. [...] A maioria dos que se convertiam por causa de minhas pregações se uniam às diversas igrejas já existentes.”[1]

Quando, porém, os líderes religiosos se decidiram contra a doutrina do advento, negaram a seus membros o privilégio de ouvir as pregações sobre o segundo advento ou até mesmo de falar sobre sua esperança na igreja. Os fiéis amavam suas igrejas. Mas, quando viram que seu direito de investigar as profecias estava sendo retirado, sentiram que sua lealdade a Deus não permitiria que se sujeitassem. Assim, sentiram-se justificados em se separar. No verão de

1844, cerca de cinquenta mil haviam deixado suas igrejas.

Na maioria das igrejas, por anos, as pessoas se conformaram, de forma gradual, mas constante, a práticas cada vez mais mundanas e a um declínio na vida espiritual. Naquele ano, porém, houve sinais de uma queda acentuada em quase todas as igrejas do país. Tanto a imprensa religiosa quanto a secular comentaram bastante sobre o fato.

Barnes, autor de um comentário e pastor de uma das principais igrejas da Filadélfia, "afirmou que [...] agora não há , nem muito crescimento em graça aparente nos membros da igreja e ninguém aparece em seu gabinete para conversar sobre a salvação. [...] Há um aumento da mentalidade mundana. "[2]

Em fevereiro do mesmo ano, o professor Finney, do Oberlin College, declarou: "De modo geral, as igrejas protestantes do nosso país ou são descuidadas ou hostis a quase todas as reformas morais desta era. [...] A apatia espiritual está em toda parte e é temivelmente profunda. A imprensa religiosa de todo o país dá testemunho disso. [...] São muitos os membros da igreja que estão se tornando adoradores da moda, dando as mãos para os descrentes em festas de prazeres, danças, comemorações, etc. [...] Elas se afastaram muito do Senhor e Ele Se retirou delas".

Rejeição da Luz

A escuridão espiritual não acontece por causa de um afastamento arbitrário da divina graça de Deus, mas porque homens e mulheres rejeitam a luz. Pelo envolvimento com o mundo e esquecimento de Deus, o povo judeu ignorou o

advento do Messias. Em sua descrença, rejeitou o Redentor. Mesmo assim, Deus não retirou da nação judaica as bênçãos da salvação. Mas aqueles que rejeitam a verdade “fazem das trevas luz e da luz, trevas ” (Is 5:20).

Depois de rejeitar o evangelho, os judeus deram continuidade aos antigos ritos, mesmo admitindo que a presença de Deus não estava mais no meio deles. A profecia de Daniel apontava inegavelmente para o tempo da vinda do Messias e predisse com clareza Sua morte. Por isso, os judeus passaram a desencorajar seu estudo e, por fim, os rabinos pronunciaram uma maldição sobre todo aquele que tentasse calcular o tempo. Nos séculos desde então, o povo de Israel tem permanecido em cegueira e rebelião, indiferente à graciosa oferta de salvação divina, negligenciando as bênçãos do evangelho. Essa experiência nos dá uma solene e temível advertência de como é perigoso rejeitar a luz do Céu.

Todos aqueles que silenciam a convicção do dever porque ela interfere em seus desejos acabam por perder a capacidade de diferenciar entre a verdade e o erro. Separam-se de Deus. Quando as pessoas rejeitam a verdade divina, a igreja fica em trevas, a fé e o amor esfriam e começam os conflitos. Os membros das igrejas concentram seus interesses em iniciativas mundanas, e os pecadores se tornam mais endurecidos em sua rebelião.

A Primeira Mensagem Angélica

A primeira mensagem angélica de Apocalipse 14 tinha o propósito de separar de influências corruptoras aqueles que afirmavam ser o povo de Deus. Nessa mensagem, Deus enviou uma advertência à igreja que, se houvesse sido

aceita, teria corrigido os males que a estavam separando dEle. Se as pessoas tivessem aceitado a mensagem, humilhando o coração e se preparando para entrar em Sua presença, o Espírito de Deus teria sido derramado. Mais uma vez, a igreja alcançaria a união, a fé e o amor que tinha na época dos apóstolos, quando “uma era a mente e um o coração ” dos fiéis e quando “o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos ” (At 4:32; 2:47).

Se o povo de Deus tivesse aceitado a luz de Sua Palavra, teria alcançado a unidade que o apóstolo descreve: “a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”. Segundo ele, “há só corpo e só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4:3-5).

Aqueles que aceitaram a mensagem do advento vinham de diferentes denominações, e todas as barreiras denominacionais caíram por terra. Credos conflitantes se esfacelaram. A mensagem corrigiu os falsos pontos de vista em relação ao segundo advento. As pessoas consertaram os erros, e os corações se uniram em doce comunhão. O amor reinava com supremacia. Essa doutrina teria feito o mesmo para todos, caso todos a tivessem aceitado.

Em seu papel de sentinelas, os pastores deveriam ter sido os primeiros a reconhecer os indícios da volta de Jesus, mas falharam em aprender a verdade com base nos profetas ou nos sinais dos tempos. O amor a Deus e a fé em sua Palavra haviam esfriado, e a doutrina do advento só despertou sua descrença. Assim como nos tempos de Cristo, as pessoas rejeitaram o testemunho da Palavra de Deus com a pergunta: “Por acaso alguém das autoridades ou dos

fariseus creu nEle?” (Jo 7:48). Muitos desencorajavam o estudo das profecias, alegando que os livros proféticos eram selados e não podiam ser compreendidos. Vários depositavam sua confiança nos pastores e se recusaram a ouvir. Alguns se convenceram da verdade, mas não ousaram anunciá-la por medo de serem “expulso[s] da sinagoga” (Jo 9:22). A mensagem que Deus enviou para provar a igreja revelou quantos haviam colocado suas afeições neste mundo, em lugar de amar a Cristo.

A recusa em dar ouvidos ao primeiro anjo foi a causa da terrível condição de mundanismo, apostasia e morte espiritual que predominou nas igrejas em 1844.

A Segunda Mensagem Angélica

Em Apocalipse 14, um segundo anjo vem depois do primeiro, proclamando: “Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!” (Ap 14:8). O termo “Babilônia” vem de “Babel” e denota confusão. Nas Escrituras, designa várias formas de religião falsa ou apóstata. Apocalipse 17 retrata Babilônia como uma mulher – imagem que a Bíblia usa como símbolo da igreja: a boa mulher representando uma igreja pura, e uma mulher imoral, a igreja apostatada.

A Bíblia descreve a relação entre Cristo e Sua igreja como um casamento. O Senhor declara: “Eu Me casarei com você para sempre; Eu Me casarei com você com justiça” (Os 2:19). “Eu sou o vosso esposo” (Jr 3:14, ARA). E Paulo afirmou: “Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a Ele como uma virgem pura” (2Co 11:2).

Adultério Espiritual

Quando a igreja é infiel a Cristo e permite que coisas mundanas encham a vid a, a Bíblia compara essa prática à violação do voto conjugal. Usa essa figura para representar o pecado de Israel ao se afastar do Senhor. “Como a mulher que trai o marido, assim você tem sido infiel comigo, ó comunidade de Israel, declara o Senhor” (Jr 3:20). “Você, mulher adúltera! Prefere estranhos ao seu próprio marido!” (Ez 16:32).

O apóstolo Tiago disse: “Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus” (Tg 4:4).

A mulher (Babilônia) “estava vestida de azul e vermelho, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Segurava um cálice de ouro, cheio de coisas repugnantes e da impureza da sua prostituição. Em sua testa havia esta inscrição: Mistério: Babilônia, a Grande; a mãe das prostitutas”. O profeta afirma: “Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos, o sangue das testemunhas de Jesus” (Ap 17:4-6). Babilônia é “a grande cidade que reina sobre os reis da terra” (v. 18).

O poder que reinou sobre os reis da cristandade por séculos foi Roma. As cores azul e escarlate, o ouro, as pedras preciosas e pérolas retratam a magnificência que a orgulhosa igreja exibia. Nenhum outro poder poderia ser tão verdadeiramente caracterizado como embriagado “com o sangue dos santos” da mesma maneira que a igreja que perseguiu os seguidores de Cristo com tanta crueldade.

Babilônia também é acusada de conexão ilícita com os “reis da Terra”. Ao deixar o Senhor para trás e se aliar aos

pagãos, a igreja judaica se tornou prostituta; e Roma, ao buscar o apoio dos poderes mundanos, recebeu a mesma condenação.

Babilônia é “a das prostitutas”. Suas devem ser as igrejas que se apegam a seus ensinos e seguem seu exemplo de sacrificar a verdade a fim de formar uma aliança com o mundo. A mensagem anunciando a de Babilônia deve se aplicar a organizações religiosas que foram puras, mas se tornaram corruptas. Como essa mensagem ocorre após a advertência de juízo, precisa ser dada nos últimos dias. Logo, não pode se referir apenas à Igreja Católica Romana, pois ela está em condição decaída há muitos séculos.

Além disso, o povo de Deus é chamado para sair de Babilônia. Portanto, de acordo com esse texto bíblico, muitos que fazem parte do povo de Deus ainda devem estar em Babilônia. Em quais organizações religiosas encontramos hoje a maioria dos seguidores de Cristo? Nas igrejas que professam a fé protestante. Quando essas igrejas começaram, elas se posicionaram com toda nobreza em prol da verdade, e a bênção de Deus estava com elas. Entretanto, caíram por causa do mesmo desejo que arruinou Israel: a vontade de imitar as práticas dos descrentes e de conquistar sua amizade.

União com o Mundo

Muitas igrejas protestantes seguiram o exemplo de Roma de se conectar com os “reis da Terra”. As igrejas estatais fizeram isso por meio do relacionamento com os governos seculares e outras denominações o fizeram por meio da busca de aprovação do mundo. O termo “Babilônia” – confusão – é aplicado a esses grupos que afirmam extrair

suas doutrinas da Bíblia, mas que, em vez disso, se dividem em grupos incontáveis com crenças conflitantes.

Uma obra católica romana argumenta que “se a igreja de Roma pode ser culpada de idolatria em relação aos santos, sua filha, a Igreja Anglicana, deve ser culpada do mesmo, pois tem dez igrejas dedicadas a Maria para cada igreja dedicada a Cristo”. [3]

E o Dr. Hopkins declara: “Não há motivo nenhum para pensar que o espírito e as práticas anticristãs estão somente no que hoje é chamado de Igreja de Roma. As igrejas protestantes têm muito do anticristo nelas e estão longe de estar completamente reformadas da [...] corrupção e da maldade.” [4]

Em relação à separação da Igreja Presbiteriana de Roma, o Dr. Guthrie escreveu: “Há trezentos anos, nossas igrejas marcharam para fora das portas de Roma com a Bíblia aberta em seu estandarte e o lema: ‘Examinai as Escrituras’ em seu rolo”. Então faz a pergunta significativa: “Elas saíram de Babilônia?” [5]

O Primeiro Afastamento do Evangelho

De que maneira a igreja se afastou da mensagem simples do evangelho? Tornando-se semelhante ao paganismo, para que os pagãos aceitassem o cristianismo com mais facilidade. “Então, ao fim do segundo século, a maioria das igrejas assumiu nova forma. [...] Quando os antigos discípulos desceram à sepultura, seus filhos, assim como os novos conversos, [...] se levantaram e remodelaram a fé.” “Uma inundação pagã assolou a igreja, carregando seus costumes, suas práticas e seus ídolos para dentro dela.” [6] A

religião cristã conquistou o favor e o apoio de governantes seculares. Milhares aceitaram a forma do cristianismo. Mas muitos “permaneceram basicamente pagãos, adorando seus ídolos em segredo”. [7]

O mesmo processo não se repetiu em quase todas as igrejas que se denominam protestantes? Assim que os fundadores, que tinham o verdadeiro espírito de reforma, faleceram, seus descendentes “remodelaram a fé”. Recusando-se cegamente a aceitar qualquer verdade além da que seus antepassados viram, os filhos dos reformadores deixaram seu exemplo de autonegação e afastamento do mundo.

É triste notar o quanto as igrejas populares estão afastadas do padrão bíblico! Ao falar sobre dinheiro, John Wesley disse: “Não desperdice nenhuma parte de um talento tão precioso [...] em roupas desnecessárias ou caras ou em adornos inúteis. Não desperdice nenhuma parte dele em belas decorações para suas casas, em móveis desnecessários ou caros, em quadros dispendiosos, pinturas e enfeites. [...] Enquanto vocês estiverem vestidos ‘de púrpura e de linho finíssimo’ e ‘todos os dias’ se regalando ‘esplendidamente’ [Lc 16:19, ARA], sem dúvida muitos aplaudirão sua elegância e bom gosto, sua generosidade e hospitalidade. Mas fariam melhor em se contentar com a honra que vem de Deus.” [8]

Governantes, políticos, advogados, médicos e comerciantes entram para a igreja a fim de promover seus interesses mundanos. As organizações religiosas, enriquecidas pelos recursos desses mundanos batizados, passa a buscar ainda mais a popularidade. Constroem

templos esplêndidos e extravagantes. Pagam um salário elevado para um ministro talentoso entreter o povo. Seus sermões devem ser suaves e agradáveis para os ouvidos encantados pela moda. E assim ocultam pecados da moda sob uma aparência de piedade.

Um escritor do , de Nova York, falou o seguinte em relação ao metodismo: “A linha de separação entre o espiritual e o mundano se apaga em uma espécie de sombra e homens zelosos de ambas as partes estão trabalhando para acabar com todas as diferenças entre suas variedades de atos e divertimentos.”

Nessa onda de buscar prazeres, o sacrifício pessoal em prol de Cristo se perdeu quase que por completo. “Se há necessidade de recursos agora [...] não se deve pedir a ninguém que doe. Nada disso! Façamos um festival, um espetáculo um teatro, um jantar dos tempos antigos ou algo para comer – qualquer coisa que divirta as pessoas.”

Robert Atkins retratou o declínio espiritual na Inglaterra: “ está gravado na frente de cada igreja. E se tão somente eles soubessem e sentissem, poderia haver esperança. Mas não! Exclamam: ‘Somos ricos, cheios de bens e nada nos falta’.” [9]

O grande pecado de Babilônia é que ela tem dado a beber a todas as nações “do vinho da fúria da sua prostituição” (Ap 18:3). Esse vinho representa os falsos ensinos que ela aceitou em consequência de sua amizade com o mundo. Em retorno, exerce uma influência corruptora sobre o mundo ao ensinar doutrinas opostas às declarações simples da Bíblia.

Se o mundo não estivesse tão embriagado com o vinho de Babilônia, grande número de pessoas se convenceria e converteria pelas verdades claras da Palavra de Deus. Mas a fé religiosa parece tão confusa e contraditória que as pessoas não sabem em que acreditar. O pecado da falta de arrependimento por parte do mundo jaz à porta da igreja.

A segunda mensagem angélica não se cumpriu completamente em 1844. As igrejas vivenciaram, naquela ocasião, uma dissolução moral por recusar a luz da mensagem do advento, mas a queda não foi completa. À medida que continuam a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm afundado cada vez mais. No entanto, ainda não se pode dizer: “Caiu a grande Babilônia !” que fez “ as nações beberem do vinho da ira da sua prostituição!” (Ap 18:3, ARC). As igrejas protestantes estão incluídas na denúncia solene do segundo anjo. Mas a obra da apostasia não chegou a seu auge.

Antes da vinda do Senhor, Satanás trabalhará “com o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras”; e aqueles que “rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar ” serão deixados para aceitar o “poder sedutor, a fim de que creiam na mentira” (2Ts 2:9-11). Somente quando a igreja se unir completamente ao mundo é que a queda de Babilônia será completa. A mudança é progressiva, e o cumprimento final de Apocalipse 14:8 ainda é futuro.

A despeito das trevas espirituais nas igrejas que formam Babilônia, a maioria dos verdadeiros seguidores de Cristo ainda está nessas igrejas. Muitos nunca tiveram contato com as verdades especiais para este tempo. Vários anseiam por luz mais clara. Procuram a imagem de Cristo em suas

igrejas, mas não a encontram.

Apocalipse 18 aponta para o momento em que Deus chamará Seu povo que ainda está em Babilônia para se separar da comunhão com ela. Essa mensagem, a última que o mundo ouvirá, cumprirá sua obra. A luz da verdade brilhará sobre todos os que têm o coração aberto para recebê-la e todos os filhos do Senhor em Babilônia obedecerão ao chamado: “Saiam dela, vocês, povo Meu” (Ap 18:4).

---

[1] Bliss, , p. 328.

[2] , 23 de maio de 1844.

[3] Richard Challoner, , prefácio, p. 21, 22.

[4] Samuel Hopkins, “A Treatise on the Millenium”, , v. 2, p. 328.

[5] Thomas Guthrie, , p. 237.

[6] Robert Robinson, (ed. 1792), cap. 6, parágrafo 17, p. 51.

[7] Gavazzi, (ed. 1854), p. 278.

[8] Wesley, , sermão 50, “The Use of Money”.

[9] Second Advent Library, folheto n º 39.

Cumprimento das Profecias

Quando a primavera de 1844 passou – o primeiro momento em que as pessoas esperavam a vinda do Senhor – aqueles que haviam aguardado Sua vinda sentiram dúvida e incerteza. Muitos continuaram a examinar as Escrituras, buscando novamente evidências para sua fé. As profecias eram claras e certas ao apontar para a proximidade do retorno de Cristo. A bênção do Senhor na conversão e no reavivamento dos cristãos testemunhara que a mensagem vinha do Céu. Entremeadas às profecias que eles imaginavam se aplicar ao tempo do segundo advento estavam instruções incentivando-os a esperar com paciência e fé, pois aquilo que parecia obscuro seria esclarecido. Dentre essas profecias, estava Habacuque 2:1 a 4. No entanto, ninguém pareceu notar que essa profecia fala de uma aparente tardança. Após o desapontamento, o texto pareceu muito significativo: “A visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará. [...] O justo viverá pela sua fidelidade.”

A profecia de Ezequiel também confortou os fiéis: “Assim diz o Soberano, o Senhor: [...] Estão chegando os dias em que toda visão se cumprirá. [...] Falarei o que Eu quiser, e isso se cumprirá sem demora. [...] Tudo o que Eu disser se cumprirá ” (Ez 12:23, 25, 28).

Aqueles que aguardavam se alegraram. Deus, que

conhece o fim desde o princípio, havia concedido esperança a cada um deles. Sem passagens como essas, sua fé teria vacilado.

A parábola das dez virgens de Mateus 25 também ilustra a experiência do povo adventista. Aqui vemos a igreja dos últimos dias. Sua experiência é esclarecida por meio dos acontecimentos de um casamento oriental:

"O Reino dos Céus será, pois, semelhante a dez virgens que pegaram suas candeias e saíram para encontrar-se com o noivo. Cinco delas eram insensatas, e cinco eram prudentes. As insensatas pegaram suas candeias, mas não levaram óleo. As prudentes, porém, levaram óleo em vasilhas, junto com suas candeias. O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram. À meia-noite, ouviu-se um grito: 'O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo!'" (Mt 25:1-6).

A chegada do noivo representa a vinda de Cristo, conforme anunciado pela primeira mensagem angélica. A saída das virgens para encontrar o noivo corresponde à grande reforma que acompanharia a mensagem do breve retorno de Jesus. Nessa parábola, todas haviam levado suas lâmpadas, ou seja, a Bíblia, e saíram "para encontrar-se com o noivo". No entanto, ao passo que as insensatas "não levaram óleo", as prudentes "levaram óleo em vasilhas, junto com suas candeias". Haviam estudado as Escrituras e tinham uma experiência pessoal, uma fé em Deus que desapontamento e tardança não seriam capazes de derrubar. As outras reagiram à emoção, aos temores que a mensagem despertara. Mas dependiam da fé das "prudentes", satisfeitas com a luz vacilante da emoção, sem

a compreensão completa da verdade, nem uma obra genuína da graça no coração. Saíram para encontrar o Senhor esperando recompensa imediata, mas não estavam preparadas para a tardança e o desapontamento. Sua fé falhou.

"O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram." Essa grande espera pelo noivo representa a passagem do tempo, o desapontamento, a aparente demora. Aqueles que basearam a fé no conhecimento pessoal da Bíblia tinham uma rocha sobre a qual se firmar, que as ondas do desapontamento não seriam capazes de levar embora. "Todas ficaram com sono e adormeceram", um grupo abandonou a fé, ao passo que o outro esperou com paciência até a chegada de luz mais clara. Os superficiais não poderiam mais se apoiar na fé dos outros. Cada um deveria permanecer em pé ou cair por conta própria.

Surgimento do Fanatismo

Por volta dessa época, o fanatismo começou a aparecer. Alguns que alegavam crer no advento demonstravam zelo distorcido. Suas ideias fanáticas não ganharam a simpatia da maioria dos adventistas, porém trouxeram desgraça à causa da verdade.

Satanás estava perdendo seus servos e, a fim de dar uma má reputação à causa de Deus, trabalhou para enganar alguns que se consideravam fiéis, levando-os a extremos. Então seus seguidores estavam prontos para se apropriar de qualquer erro, qualquer ato estranho ou questionável e apresentá-lo da maneira mais exagerada possível, a fim de retratar o adventismo como se fosse uma desgraça. Quanto

mais pessoas professassem a fé no segundo advento, mais vantagem obteria, pois seu poder controlava o coração delas.

Satanás é “o acusador dos nossos irmãos” (Ap 12:10). Seu espírito inspira seus seguidores a vigiar em busca de defeitos no povo de Deus a fim de chamar atenção para eles, sem jamais mencionar suas boas ações.

Ao longo de toda a história da igreja, nenhuma reforma jamais foi adiante sem enfrentar sérios obstáculos. Em todas as igrejas fundadas por Paulo, alguns que alegavam ter aceitado a fé sempre traziam heresias. Lutero também sofreu com fanáticos que diziam que Deus havia falado diretamente com eles, colocando as próprias ideias acima das Escrituras. Muitos foram enganados pelos novos mestres e se uniram a Satanás para derrubar aquilo que Deus levara Lutero a edificar. Os irmãos Wesley viram a obra de Satanás arrastando pessoas desequilibradas e não santificadas para o fanatismo.

Guilherme Miller não simpatizava nem um pouco com o fanatismo. “O diabo”, dizia ele, “exerce grande poder sobre a mente de alguns hoje”. “Com frequência, encontro muito mais evidências de devoção genuína a Deus em um olho vivo, uma bochecha molhada e uma reação abafada do que em todo o barulho da cristandade.”[1]

Durante a Reforma, seus inimigos colocavam a culpa pelos males do fanatismo sobre aqueles que trabalhavam mais fervorosamente contra ele. Os que se opuseram ao movimento adventista seguiram uma prática semelhante. Sem se dar por satisfeitos apenas exagerando os erros dos fanáticos, eles espalhavam relatos que não chegavam nem

perto da verdade. Sua paz tinha sido perturbada pela proclamação de que Cristo estava prestes a vir. Eles temiam que fosse verdade, mas esperavam que não. Esse era o segredo de sua guerra contra os adventistas.

A pregação da primeira mensagem angélica tinha a tendência direta de conter o fanatismo. Aqueles que participaram desse movimento solene estavam em harmonia. O coração de cada um estava repleto de amor uns pelos outros e por Jesus, a quem esperavam ver em breve. A mesma fé e a mesma bendita esperança se provaram um escudo contra os ataques de Satanás.

Correção do Erro

"O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram. À meia-noite, ouviu-se um grito: 'O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo!'" No verão de 1844, os fiéis proclamaram essa mensagem usando exatamente as palavras das Escrituras.

O evento que levou a isso foi a descoberta de que o decreto de Artaxerxes para a restauração de Jerusalém, o ponto de início das 2.300 tardes e manhãs, entrou em vigor no outono de 457 a.C., não no início daquele ano, conforme se acreditara até então. Iniciando o cálculo no outono de 457, os 2.300 anos terminariam no outono de 1844. Os símbolos do Antigo Testamento também apontavam para o outono como o momento em que a "purificação do santuário" deveria ocorrer.

O sacrifício do cordeiro pascoal era uma sombra da morte de Cristo, símbolo cumprido não só em relação ao evento, mas também ao tempo. No décimo quarto dia do primeiro

mês judaico, exatamente no mesmo dia e mês em que, por séculos, o cordeiro pascoal era morto, Cristo instituiu a ceia do Senhor, festa que deveria celebrar Sua morte como "o Cordeiro de Deus". Naquela mesma noite, Ele foi levado para ser crucificado e morto.

Da mesma maneira, os símbolos relacionados ao segundo advento devem se cumprir no momento designado no cerimonial simbólico. A purificação do santuário, ou dia da expiação, acontecia no décimo dia do sétimo mês judaico. Nesse dia, o sumo sacerdote, depois de fazer expiação por todo o Israel e assim remover os pecados do santuário, saía e abençoava o povo. Por isso, acreditava-se que Cristo apareceria para purificar a Terra destruindo pecado e pecadores, bem como para abençoar com a imortalidade o povo que O aguardava. Acreditava-se que o décimo dia do sétimo mês – o grande dia da expiação, o momento da purificação do santuário, que, em 1844, caiu no dia 22 de outubro – seria o dia da volta do Senhor. As 2.300 tardes e manhãs terminariam no outono, e a conclusão parecia irresistível.

"Clamor da Meia-Noite"

Os argumentos eram acompanhados de forte convicção, e milhares de fiéis ecoaram o "clamor da meia- noite". Como uma grande onda, o movimento tomava conta de cidade em cidade, de vila em vila. O fanatismo desapareceu como a primeira geada diante da luz do sol. A obra foi como aqueles momentos nos quais o antigo Israel voltou para o Senhor, ao dar ouvidos às mensagens de repreensão de Seus servos. Havia pouco êxtase, mas muita sondagem profunda do coração, confissão de pecados e abandono do mundo. As

pessoas demonstravam total consagração ao Senhor, sem nada lhes deter.

De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum foi mais livre de imperfeições humanas e enganos satânicos do que o movimento adventista do outono de 1844.

Em resposta ao chamado: “O noivo se aproxima!”, aquelas que aguardavam “acordaram e prepararam suas candeias”. Estudaram a Palavra de Deus com uma intensidade de interesse diferente de tudo que se vira até então. Os primeiros a obedecer ao chamado não foram os mais talentosos, mas os mais humildes e devotos. Fazendeiros deixaram as searas nos campos, mecânicos largaram suas ferramentas e alegremente saíram para dar a advertências. As igrejas, de modo geral, fecharam as portas a essa mensagem, e um grande número de pessoas que a aceitou sofreu exclusão do rol de membros. Os descrentes que se aglomeravam nas reuniões adventistas sentiam o poder convencedor que acompanhava a mensagem: “O noivo se aproxima!” A fé trazia respostas a orações. Como gotas de chuva na terra sedenta, o Espírito da graça desceu sobre os que buscavam com sinceridade. Aqueles que esperavam se encontrar face a face com o Redentor sentiam alegria solene. O Espírito Santo sensibilizou os corações.

Foi chegando o momento em que aqueles que aceitaram a mensagem esperavam encontrar seu Senhor. Eles oravam com frequência uns com os outros. Encontravam-se em lugares afastados para conversar com Deus e, dos campos e bosques, a voz de intercessão subia aos C éus. Queriam ter a certeza da aprovação do Salvador mais do que de seu

alimento diário e, se uma única nuvem lhes obscurecia a mente, não descansavam até sentirem a segurança da graça perdoadora.

Desapontados de Novo

Mais uma vez, porém, o tempo em que esperavam Jesus voltar passou, e o Salvador não apareceu. Então eles se sentiram como Maria, quando ela chegou ao túmulo do Salvador, o encontrou vazio e exclamou em lágrimas: "Levaram embora o meu Senhor [...] e não sei onde O puseram" (Jo 20:13).

O temor de que a mensagem fosse verdadeira havia contido o mundo descrente. Mas, quando ninguém viu sinais da ira de Deus, as pessoas deixaram de lado seus temores e recomeçaram a zombaria e o escárnio. Grande número daqueles que alegavam crer renunciou a fé. Os escarnecedores convenceram os fracos e covardes a se unir a eles, e todos unidos declaravam que o mundo permaneceria exatamente como era por milhares de anos.

Os cristãos sinceros e fervorosos tinham aberto mão de tudo por Cristo. Acreditavam que haviam dado a última advertência ao mundo. Com desejo intenso, haviam clamado: "Vem, Senhor Jesus!" Mas a retomada do fardo das perplexidades da vida diante das sátiras do mundo escarnecedor foi uma prova terrível.

Quando Jesus entrou triunfantemente em Jerusalém, Seus seguidores acharam que Ele estava prestes a subir ao trono de Davi e livrar Israel de seus opressores. Com alta expectativa, muitos espalharam suas capas como tapete em Seu caminho ou colocaram grandes ramos de palmeira

à Sua frente. Os discípulos estavam cumprindo as intenções divinas, mas estavam fadados a um amargo desapontamento. Poucos dias se passaram até testemunharem a morte agonizante do Salvador e O deitarem na sepultura. Suas esperanças morreram com Jesus. Somente quando o Senhor saiu do túmulo eles conseguiram entender que as profecias haviam predito tudo aquilo.

No Tempo Certo

De maneira semelhante, Miller e seus companheiros cumpriram as profecias e anunciaram uma mensagem que a Inspiração predissera que deveria ser dada ao mundo. Eles não teriam conseguido dá-la caso tivessem entendido por completo as profecias que apontavam para seu desapontamento e apresentando outra mensagem que deveria ser pregada a todas as nações antes do retorno do Senhor. A primeira e a segunda mensagem angélicas foram proclamadas no momento certo e cumpriram a ordem que Deus havia designado para elas.

O mundo esperava que, se Cristo não voltasse, as pessoas deixariam de lado o adventismo. Muitos de fato largaram a fé, mas houve aqueles que permaneceram firmes. Os frutos do movimento adventista – o espírito de sondagem do coração, renúncia do mundo e reforma da vida – testemunhavam de que ele vinha de Deus. Não ousaram negar que o Espírito Santo havia abençoado a proclamação da segunda vinda. Não conseguiam encontrar erro nos períodos proféticos. Seus oponentes não obtiveram êxito em contestar sua interpretação das profecias. Não podiam concordar em renunciar às crenças que haviam chegado por

meio de estudo fervoroso das Escrituras, em atitude de oração, por mentes iluminadas pelo Espírito de Deus e corações ardendo com Seu poder vivo, as quais tinham resistido com firmeza aos argumentos de adversários cultos e eloquentes.

Os adventistas confiavam que Deus os havia conduzido a dar a advertência do juízo. Declararam: “Ela provou o coração daqueles que a ouviram [...] de modo que aqueles que examinaram o próprio coração soubessem de que lado [...] estariam quando o Senhor viesse. Se exclamariam: ‘Este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará’ (Is 25:9, ARA) ou se pediriam às rochas e montanhas que caíssem sobre eles e os escondessem da face dAquele que Se assenta no trono” (Ap 6:16). [2]

Guilherme Miller expressou o sentimento daqueles que ainda confiavam que Deus os havia conduzido: “Minha esperança no retorno de Cristo está tão forte quanto nunca. Fiz somente o que senti ser meu dever, após anos de solene reflexão. [...] Considerando apenas o fator humano, milhares foram levados a estudar as Escrituras por causa da pregação do tempo e, dessa maneira, se reconciliaram com Deus por meio da fé e da aspersão do sangue de Cristo.” [3]

Conservação da Crença

O Espírito de Deus permaneceu com aqueles que não negaram apressadamente a luz que haviam recebido, renunciando ao movimento adventista. “Por isso, não abram mão da confiança que vocês têm; ela será ricamente recompensada. Vocês precisam perseverar, de modo que, quando tiverem feito a vontade de Deus, recebam o que Ele prometeu; pois em breve, muito em breve ‘Aquele que vem

virá, e não demorará. Mas o Meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não Me agradarei dele’. Nós, porém, não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que creem e são salvos” (Hb 10:35-39).

Esse conselho é dirigido à igreja nos últimos dias. Subentende, de forma clara, que pareceria ter o Senhor adiado Sua vinda. As pessoas mencionadas na passagem haviam feito a vontade de Deus ao seguir a orientação de Seu Espírito e de Sua Palavra; porém, elas não entenderam o propósito de sua experiência. Foram tentadas a duvidar se Deus de fato as havia conduzido. As palavras: “Mas o Meu justo viverá pela fé” (Hb 10:38) se aplicavam a esse tempo. Abatidos pela esperança decepcionada, só poderiam se manter de p é pela fé em Deus e em Sua Palavra. A renúncia da fé e a negação do poder do Espírito Santo que havia acompanhado a mensagem corresponderia a voltar à condição de perdidos. O único caminho seguro seria valorizar a luz que já tinham recebido de Deus, continuar a examinar as Escrituras e aguardar com paciência, esperando por mais luz.

[1] Bliss, , p. 236, 237.

[2] , v. 8, n º 14 (13 de novembro de 1844).

[3] Bliss, p. 256, 255, 277, 280, 281.

"Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (Dn 8:14).

2.300 anos

70 semanas

69 semanas

457 a.C.
d.C.

27 d.C.

34 d.C.

1844

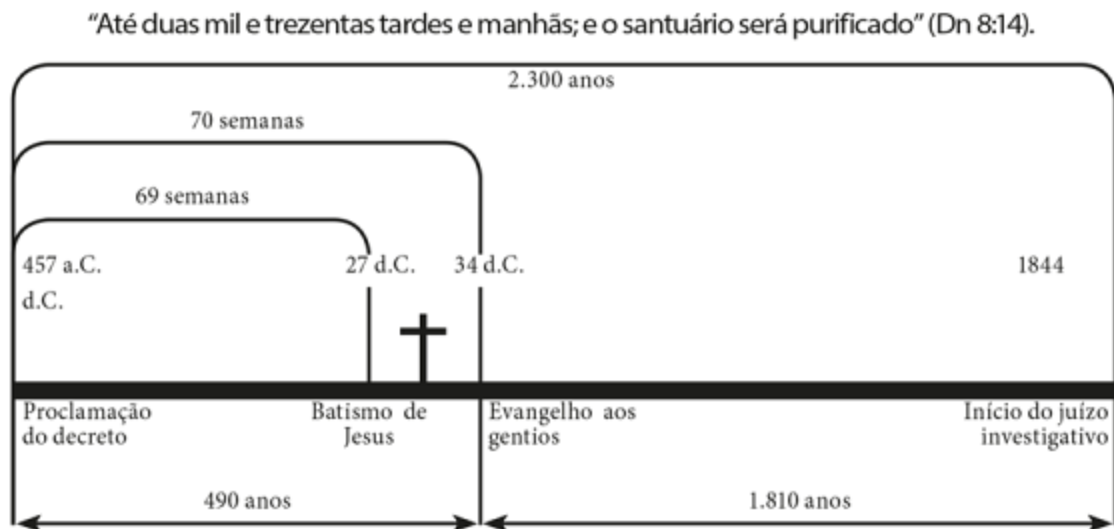
Proclamação do decreto

Batismo de Jesus

Evangelho aos gentios

Início do juízo investigativo

490 anos

1.810 anos

Desvendado o Mistério do Santuário

O texto bíblico que, acima de todos os outros, tinha sido não apenas o alicerce, mas a coluna central da fé adventista foi a declaração: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (Dn 8:14, ARA). Essas eram palavras familiares para todos aqueles que acreditavam no breve retorno do Senhor. Mas Cristo não voltou. Os fiéis sabiam que a Palavra de Deus não pode falhar. Então era sua interpretação das profecias que deveria estar equivocada. Mas onde estava o erro?

Deus havia conduzido Seu povo durante o grande movimento adventista. Portanto, o Senhor não permitiria que ele terminasse em trevas e desapontamento, condenado como falso e fanático. Embora muitos tenham abandonado os cálculos dos períodos proféticos e negado o movimento que se baseou neles, outros não se mostraram

dispostos a renunciar aos pontos de fé e à experiência que as Escrituras e o Espírito exaltaram. Era seu dever se apegar firmemente às verdades que já haviam compreendido. Com oração fervorosa, estudaram as Escrituras a fim de descobrir qual era o erro. Como não conseguiram encontrar erro nos cálculos dos períodos proféticos, examinaram mais de perto o tema do santuário.

Eles descobriram que não existe evidência bíblica para apoiar o ponto de vista popular de que a Terra é o santuário. No entanto, encontraram uma explicação completa nas Escrituras sobre o santuário, sua natureza, sua localização e seus ritos:

"Ora, a primeira aliança tinha regras para a adoração e também um santuário terreno. Foi levantado um tabernáculo; na parte da frente, chamada Lugar Santo, estavam o candelabro, a mesa e os pães da Presença. Por trás do segundo véu havia a parte chamada Lugar Santíssimo, onde se encontravam o altar de ouro para o incenso e a arca da aliança, totalmente revestida de ouro. Nessa arca estavam o vaso de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu e as tábuas da aliança. Acima da arca estavam os querubins da Glória, que com sua sombra cobriam a tampa da arca" (Hb 9:1-5).

O "santuário" era o tabernáculo que Moisés havia construído por ordem de Deus como morada terrena do Altíssimo. "E farão um santuário para Mim, e Eu habitarei no meio deles" (Êx 25:8) foi a instrução que Deus deu a Moisés. O tabernáculo era uma estrutura magnífica. Além do pátio externo, o tabernáculo em si consistia de dois cômodos ou compartimentos chamados lugar santo e

santíssimo, separados por uma bela cortina ou um véu. Um véu semelhante fechava a entrada do primeiro compartimento.

Lugares Santo e Santíssimo

No lugar santo, ficava um candelabro ao sul com sete lâmpadas iluminando tanto de dia quanto de noite. No lado norte, estava a mesa onde ficavam os pães da proposição. Em frente ao véu, separando o lugar santo do santíssimo, havia um altar de incenso feito de ouro, do qual uma nuvem de fragrância, com as orações de Israel, ascendia todos os dias diante de Deus.

No lugar santíssimo estava a arca, um baú revestido de ouro, a qual continha as tábuas com os dez mandamentos. Acima da arca, ficava o propiciatório, com dois anjos feitos de ouro maciço. Nesse compartimento, a presença divina aparecia na nuvem de glória entre os querubins.

Depois que os hebreus se estabeleceram em Canaã, o tabernáculo foi substituído pelo templo de Salomão. Embora fosse uma estrutura permanente e construída em maior escala, tinha as mesmas proporções e era mobiliado da mesma maneira. O santuário existiu dessa forma – com exceção do período em que permaneceu em ruínas nos tempos de Daniel – até os romanos o destruírem em 70 d.C. Esse é o único santuário na Terra sobre o qual a Bíblia fala – o santuário da primeira aliança. Mas a nova aliança não tem santuário?

Voltando-se mais uma vez para o livro de Hebreus, aqueles que buscavam a verdade descobriram que um segundo santuário, da nova aliança, era subentendido nas palavras

já citadas: “Ora, a primeira aliança tinha regras para a adoração e também um santuário terreno.” Voltando para o início do capítulo anterior, eles leram: “O mais importante do que estamos tratando é que temos um Sumo Sacerdote como esse, o qual Se assentou à direita do trono da Majestade nos C éus e serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hb ٨:١ , 2).

Aqui a Bíblia revela o santuário da nova aliança. Moisés fez o santuário da primeira aliança; já este foi construído pelo Senhor. No primeiro santuário, sacerdotes terrenos realizavam os ritos; neste, Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, ministra à destra de Deus. Um santuário ficava na Terra, o outro está no Céu.

O tabernáculo construído por Moisés seguiu um modelo. O Senhor instruiu: “Façam tudo como Eu lhe mostrar, conforme o modelo do tabernáculo e de cada utensílio” (Êx ٢٥:٩). “Tenha o cuidado de fazê-lo segundo o modelo que lhe foi mostrado no monte” (v. 40). O primeiro tabernáculo era “uma ilustração para os nossos dias, indicando [...] as ofertas e os sacrifícios oferecidos”. Seus lugares santos eram “cópias das coisas que estão nos C éus”. Os sacerdotes serviam “num santuário que é cópia e sombra daquele que está nos C éus”. “Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos C éus, para agora Se apresentar diante de Deus em nosso favor” (Hb 9:9, 23; 8:5; 9:24).

O santuário celestial é o grande original. O santuário que Moisés construiu era a cópia. O esplendor do tabernáculo terreno refletia as glórias do templo celestial, onde Cristo

ministra em nosso favor perante o trono de Deus. O santuário terreno e seus serviços ensinavam verdades importantes não apenas sobre o santuário celestial, mas também sobre a nossa redenção.

Os Dois Compartimentos

O lugar santo do santuário celestial é representado pelos dois compartimentos do santuário terrestre. João recebeu uma visão do templo de Deus no C éu. Ali ele viu ardendo “diante do trono [...] sete tochas de fogo”. Viu um anjo “que trazia um incensário de ouro [...]. A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro diante do trono” (Ap 4:5, ARA; 8:3). Nessa visão, o profeta contemplou o primeiro compartimento do santuário celestial e enxergou ali “sete tochas de fogo” e o “altar de ouro”, que o candelabro de ouro e o altar de incenso representavam no santuário terreno.

Mais uma vez, “foi aberto o santuário de Deus nos C éus” e ele olhou dentro do véu, no santíssimo. Ali contemplou “a arca da Sua aliança”, representada pelo móvel que Moisés construiu e guardava a lei de Deus (Ap 11:19).

Os fiéis, ao estudarem o assunto, encontraram provas da existência de um santuário no C éu. João declarou que tinha visto o santuário no C éu.

No templo celestial, dentro do lugar santíssimo, está a lei de Deus. A arca que guarda a lei é coberta pelo propiciatório, em frente ao qual Cristo suplica pelos pecadores, apresentando Seu sangue em resgate. Essas coisas representam a união entre justiça e misericórdia,

união esta que enche todo o C éu de surpresa. Este é o mistério da misericórdia que os anjos gostariam de compreender – que Deus pode ser justo ao mesmo tempo que justifica o pecador arrependido; o fato de Cristo ter Se rebaixado para elevar grande número de pessoas das ruínas e revesti-las com o manto imaculado de Sua justiça.

Zacarias falou sobre a obra de Cristo como nosso intercessor: “Ele construirá o templo do Senhor, será revestido de majestade e Se assentará em Seu trono [do Pai] para governar. Ele será sacerdote no trono. E haverá harmonia entre os dois” (Zc 6:13).

“Ele construirá o templo do Senhor”. Por meio de Seu sacrifício e de Sua mediação, Cristo é o alicerce e o edificador da igreja de Deus, como a “pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar- se um santuário santo no Senhor” (Ef 2:20, 21).

“Será revestido de majestade.” O cântico dos salvos será: “Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do Seu sangue. [...] A Ele sejam glória e poder para todo o sempre!” (Ap 1:5, 6).

“E Se assentará em Seu trono para governar. Ele será sacerdote no trono.” O reino da glória ainda não chegou. Somente quando a obra de mediador de Cristo terminar, Deus lhe dará um reino que “jamais terá fim” (Lc 1:33). Em Seu papel de sacerdote, Cristo não Se assentou com o Pai no trono. Diante do trono está Aquele que “tomou sobre Si as nossas enfermidades e sobre Si levou as nossas doenças”; “como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado”, a fim de poder ser “capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados” (Is 53:4; Hb

4:15; 2:18). As mãos feridas, o lado traspassado, os pés marcados rogam pela humanidade caída, cuja redenção Jesus comprou pagando um preço tão elevado.

“E haverá harmonia entre os dois.” O amor do Pai é a fonte da salvação para a raça perdida. Jesus disse aos discípulos: “O próprio Pai os ama” (Jo 16:27). Deus “em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19). “Deus amou o mundo que deu o Seu Filho unigênito” (Jo 3:16).

O Mistério é Solucionado

O “verdadeiro tabernáculo” no C éu é o santuário da nova aliança. Quando Cristo morreu, o ritual simbólico do santuário terreno terminou. Uma vez que Daniel ٨:١٤ se estende até nossa era, o santuário ao qual se refere precisa ser o santuário da nova aliança. Por isso, a profecia : “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (ARA) aponta para o santuário celestial.

Então o que seria essa purificação do santuário? Seria possível haver alguma coisa no C éu que necessita sse ser purificada? Hebreus 9 ensina com toda a clareza a purificação tanto do santuário terreno quanto do celestial: “De fato, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue não há perdão. Portanto, era necessário que as cópias das coisas que estão nos C éus fossem purificadas com esses sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios superiores” (Hb ٩:٢٢ , 23), ou seja, o precioso sangue de Cristo.

A Purificação do Santuário

A purificação no cerimonial verdadeiro no C éu deveria ser

realizada por meio do sangue de Cristo. “ Sem derramamento de sangue, não há remissão” (ARA). A remissão, ou descarte do pecado, é a obra a ser realizada.

Como pode então haver pecado conectado ao santuário celestial? Podemos encontrar a resposta olhando para o cerimonial simbólico, uma vez que os sacerdotes terrenos serviam na “cópia e sombra daquele que está nos C éus” (Hb ٨:٥).

A ministração no santuário terreno consistia em duas partes. Os sacerdotes ministravam todos os dias no lugar santo, ao passo que, uma vez por ano, o sumo sacerdote desempenhava uma obra especial de expiação no santíssimo, a fim de purificar o santuário. Dia após dia, os pecadores arrependidos levavam suas ofertas. Colocavam as mãos sobre a cabeça da vítima, transferindo os pecados de si para os sacrifícios inocentes. Então os animais eram mortos. “A vida da carne está no sangue” (Lv 17:11). A quebra da lei de Deus exigia a vida do transgressor. O sacerdote levava o sangue, que representava a vida do pecador cuja culpa a vítima carregava, para dentro do lugar santo e o aspergia em frente ao véu, atrás do qual estava a lei que o pecador havia transgredido. Essa cerimônia transferia o pecado de maneira simbólica para o santuário. Em alguns casos, o sacerdote não levava o sangue para o lugar santo, mas comia a carne do sacrifício. Ambas as cerimônias simbolizavam a transferência do pecado do pecador arrependido para o santuário.

Essa era a obra que acontecia ao longo do ano. Os pecados de Israel eram transferidos dessa maneira para o santuário e se tornava necessário um rito especial para

removê-los.

O Grande Dia da Expiação

Uma vez por ano, no grande dia da expiação, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo para a purificação do santuário. Dois bodes jovens eram trazidos e se lançava sortes sobre eles, “uma, para o Senhor, e a outra, para o bode emissário” (Lv 16:8, ARA). O bode para o Senhor era sacrificado como oferta pelos pecados do povo, e o sacerdote levava seu sangue além do véu e o aspergia em frente ao propiciatório e também no altar de incenso logo à frente do véu.

“Então colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessará todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas, todos os seus pecados, e os porá sobre a cabeça do bode. Em seguida enviará o bode para o deserto aos cuidados de um homem designado para isso. O bode levará consigo todas as iniquidades deles para um lugar solitário. E o homem soltará o bode no deserto” (Lv 16:21, 22). O bode expiatório nunca mais entraria no arraial de Israel.

A cerimônia tinha o propósito de impressionar os israelitas quanto à santidade de Deus e Seu ódio ao pecado. Todos os israelitas tinham a obrigação de examinar o próprio coração enquanto essa obra de expiação prosseguia. Todos os negócios eram deixados de lado e Israel passava o dia em oração, jejuando e sondando o coração.

Deus aceitava um substituto no lugar do pecador, mas o sangue da vítima não cancelava o pecado. Em vez disso, o pecado era transferido para o santuário. Ao oferecer o sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei,

confessava seu pecado e expressava fé no Redentor por vir, mas ainda não estava completamente livre da condenação da lei. No dia da expiação, o sumo sacerdote pegava um sacrifício da congregação e entrava no lugar santíssimo. Ele aspergia o sangue dessa oferta no propiciatório, diretamente sobre a lei, a fim de satisfazer suas exigências. Como mediador, tomava os pecados sobre si e os trazia para fora do santuário. Colocando as mãos sobre a cabeça do bode emissário, transferia simbolicamente todos esses pecados de si para o bode. Então o bode era levado embora, e se considerava que os pecados haviam sido separados do povo para sempre.

A Realidade Celestial

O que acontecia de maneira simbólica nos ritos do santuário terreno ocorre em realidade no santuário celestial. Após Sua ascensão, nosso Salvador começou a obra de Sumo Sacerdote: “Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos C éus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor” (Hb ٩:٢٤).

O cerimonial do sacerdote no primeiro compartimento, “atrás do véu” que separava o lugar santo do pátio exterior, representa a obra que Cristo começou quando ascendeu. No serviço diário, o sacerdote apresenta perante Deus o sangue da oferta pelo pecado e também o incenso que subia com as orações de Israel. De maneira semelhante, Cristo apresentou Seu sangue diante do Pai em súplica pelos pecados e Lhe ofereceu as orações dos fiéis arrependidos com a fragrância de Sua justiça. Esse foi o ministério no primeiro compartimento do santuário celestial.

Pela fé, os discípulos de Cristo O seguiram até esse primeiro compartimento quando Ele ascendeu ao C éu. Era nisso que suas esperanças se concentravam: “ Temos esta esperança como âncora da alma, firme e segura, a qual adentra o santuário interior, por trás do véu, onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar, tornando-Se Sumo Sacerdote para sempre”. “Pelo Seu próprio sangue, Ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção” (Hb 6:19, 20; 9:12).

Por dezoito séculos, essa obra prosseguiu no primeiro compartimento do santuário. O sangue de Cristo obteve perdão e aceitação dos pecados arrependidos junto ao Pai, mas seus pecados continuavam registrados nos livros. Assim como no cerimonial simbólico havia uma obra de expiação no fim do ano, antes que a obra de Cristo em prol da humanidade termine, há um trabalho de expiação a ser feito para remover os pecados do santuário. Isso começou quando as ٢.٣٠٠ tardes e manhãs terminaram. Nessa ocasião, nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo para purificar o santuário.

Uma Obra de Juízo

Na obra da nova aliança, os pecados dos pecadores arrependidos são colocados sobre Cristo pela fé e transferidos de fato para o santuário celestial. Assim como a purificação simbólica do santuário terreno era realizada por meio da remoção dos pecados que o poluíam, a purificação verdadeira do santuário celestial ocorre pela remoção ou pelo apagamento dos pecados registrados ali. No entanto, antes que isso aconteça, deve haver um exame dos livros de registro para determinar quem, por meio de

arrependimento e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. Logo, a purificação do santuário envolve uma obra de investigação – uma obra de juízo – antes da vinda de Cristo; pois, quando Ele vier, Sua recompensa estará consigo para dar a cada um segundo suas obras (Ap 22:12).

Assim, aqueles que seguiram a luz da palavra profética viram que, em lugar de vir à Terra no fim das 2.300 tardes e manhãs, em 1844, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial a fim de realizar a obra final de expiação em preparo para Sua vinda.

Quando Cristo, pelo poder de Seu sangue, remover os pecados de Seu povo do santuário celestial no término de Sua ministração, Ele os colocará sobre Satanás, que suportará a pena final. O bode emissário era mandado para uma terra desabitada, a fim de que nunca mais voltasse à congregação de Israel. Da mesma forma, Satanás será banido para sempre da presença de Deus e de Seu povo. Sua existência será apagada na destruição final tanto do pecado quanto dos pecadores.

O Que Cristo Está Fazendo Agora?

O assunto do santuário desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um sistema completo da verdade, conectado e harmonioso, mostrando que a mão de Deus havia dirigido o grande movimento adventista. Aqueles que aguardaram com fé Sua segunda vinda esperavam que Ele retornasse em glória. Entretanto, quando suas esperanças foram desapontadas, perderam Jesus de vista. Agora, no lugar santíssimo, mais uma vez eles viram seu Sumo Sacerdote, prestes a aparecer como rei e libertador. A luz do santuário iluminou o passado, o presente e o futuro. Embora tenham falhado em compreender a mensagem que lhes havia sido concedida, ela era correta.

O erro não estivera no cálculo dos períodos, mas no que aconteceria ao fim das 2.300 tardes e manhãs. No entanto, tudo que a profecia previra havia acontecido.

Cristo não viera à Terra, mas ao lugar santíssimo do templo celestial: "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem" – não para a Terra, mas – "dirigiu-se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele" (Dn 7:13, ARA).

Malaquias também predisse essa vinda: '"E então, de

repente, o Senhor que vocês buscam virá para o Seu templo; o mensageiro da aliança, Aquele que vocês desejam, virá', diz o Senhor dos Exércitos" (Ml 3:1). A chegada do Senhor a esse templo seria "súbita", inesperada para Seu povo. Eles não estavam procurando por Ele ali.

As pessoas não estavam prontas para encontrar seu Senhor. Ainda necessitavam de uma obra de preparação. À medida que, pela fé, seguissem o Sumo Sacerdote em Seu ministério, descobririam os novos deveres revelados. Havia outra mensagem de advertência e instrução a ser dada para a igreja.

Quem Pode Resistir?

O profeta escreveu: "Mas quem suportará o dia da Sua vinda? Quem ficará em pé quando Ele aparecer? [...] Ele Se assentará como um refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e prata. Assim trarão ao Senhor ofertas com justiça" (Ml 3:2, 3). Aqueles que estiverem vivos na Terra quando a intercessão de Cristo terminar terão que comparecer diante de Deus sem mediador. Suas vestes devem ser imaculadas, e seu caráter precisa estar purificado do pecado pelo sangue aspergido. Pela graça de Deus e o próprio esforço diligente, devem ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo investigativo está em andamento no C éu, enquanto os pecados dos pecadores arrependidos são removidos do santuário, o povo de Deus na Terra deve se envolver na obra especial de deixar o pecado de lado. Essa obra é apresentada na mensagem de Apocalipse ١٤. Quando essa atividade for concluída, os seguidores de Cristo estarão prontos para Sua vinda. Então a igreja que nosso Senhor

receber em Sua vinda será “sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável” (Ef 5:27).

“O Noivo se Aproxima!”

A vinda de Cristo como Sumo Sacerdote ao lugar santíssimo para a purificação do santuário (Dn 8:14), a vinda do Filho do Homem ao Ancião de Dias (Dn 7:13) e a vinda do Senhor a Seu templo (Ml 3:1) são o mesmo evento. Isso também é representado pela chegada do noivo ao casamento na parábola das dez virgens de Mateus 25.

Na parábola, quando o noivo chegou, “as virgens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete nupcial” (Mt 25:10). A chegada do noivo acontece antes do casamento. O casamento representa o momento em que Cristo recebe Seu reino. A Cidade Santa, a nova Jerusalém, capital e símbolo do reino, é chamada de “a noiva, a esposa do Cordeiro”. O anjo disse a João: “Venha, eu lhe mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro”. “Ele me levou no Espírito”, conta o profeta, “e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus” (Ap 21:9, 10).

A noiva representa o Espírito Santo, e as virgens que saem para encontrar o noivo são um símbolo da igreja. No Apocalipse, o povo de Deus é descrito como convidado das bodas. Se eles são , não podem ser Cristo receberá do Ancião de Dias no Céu “autoridade, glória e o reino” , a nova Jerusalém, a capital de Seu reino, “preparada como uma noiva adornada para o seu marido” (Dn 7:14; Ap 21:2). Quando Ele receber o reino, virá como Rei dos reis e Senhor dos senhores resgatar Seu povo que comerá do banquete das bodas do Cordeiro.

Esperando o Senhor

A proclamação: "O noivo se aproxima!" levou milhares a esperar que o Senhor viesse imediatamente. No momento designado, o Noivo veio – não para a Terra, mas para o Ancião de Dias no C éu, para o casamento, a recepção de Seu reino. "As virgens que estavam preparadas entraram com Ele para o banquete nupcial." Não estariam presentes pessoalmente, já que estavam na Terra. Os seguidores de Cristo devem esperar "seu senhor voltar de um banquete de casamento" (Lc 12:36). Mas precisam entender Sua obra e segui-Lo pela fé. É nesse sentido que se afirma que vão ao casamento.

Nessa parábola, aquelas que tinham óleo na lâmpada comparecem às bodas. Aqueles que, na noite de sua amarga prova, aguardaram com paciência, examinando as Escrituras em busca de luz mais clara viram a verdade acerca do santuário celestial e da mudança no serviço sacerdotal do Salvador. Pela fé, seguiram-nO em Sua obra no santuário celestial. E todos aqueles que aceitarem as mesmas verdades, seguindo a Cristo pela fé à medida que Ele desempenha a última obra de mediação, entrarão nas bodas.

Obra Final no Santuário

De maneira semelhante, na parábola de Mateus 22, o julgamento acontece antes das bodas. Antes do casamento, o rei entra para ver se todos os convidados estão usando as vestes nupciais, o manto imaculado do caráter lavado no sangue do Cordeiro (Ap 7:14). De acordo com o exame de Deus, todos aqueles que estão trajando as vestes nupciais são aceitos e julgados dignos de sua parte no reino de Deus

e de um lugar em Seu trono. Essa obra de exame do caráter corresponde ao juízo investigativo, a obra final no santuário do alto.

Quando o caso daqueles que, em todas as eras, professaram a Cristo for examinado e decidido, o tempo da graça terminará e a porta da misericórdia será fechada. Assim, em duas curtas frases: "As virgens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete nupcial. E a porta foi fechada", somos levados ao momento em que a grande obra em prol de nossa salvação será concluída.

No santuário terrestre, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo no dia da expiação, terminava o serviço no primeiro compartimento. De igual maneira, quando Cristo entrou no lugar santíssimo para realizar a obra final de expiação, Ele finalizou Seu ministério no primeiro compartimento. Então começou o ministério no segundo compartimento. Cristo havia terminado apenas uma parte de Sua obra como nosso intercessor, a fim de começar outra parte do trabalho. Ele ainda suplicava em prol dos pecadores perante o Pai com Seu sangue.

Embora seja verdade que se fechou a porta de esperança e misericórdia por meio da qual os pecadores encontraram acesso a Deus por mil e oitocentos anos, outra porta se abriu. Deus ainda oferece perdão dos pecados por meio da intercessão de Cristo no lugar santíssimo. Ainda há uma "porta aberta" para o santuário celestial, onde Cristo ministra pelos pecadores.

Agora as pessoas conseguiam entender o significado das seguintes palavras de Cristo em Apocalipse, ditas especialmente para este tempo: "Estas são as palavras

dAquele que é santo e verdadeiro, que tem a chave de Davi. O que Ele abre ninguém pode fechar, e o que Ele fecha ninguém pode abrir. [...] Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar" (Ap 3:7, 8).

Aqueles que, pela fé, seguem a Jesus na grande obra de expiação receberão os benefícios de Sua mediação, ao passo que aqueles que rejeitam a luz não extrairão benefício nenhum dela. Os judeus que se recusaram a crer em Cristo como Salvador não poderiam receber perdão por meio dEle. Quando Jesus ascendeu ao Céu e entrou no santuário a fim de derramar sobre Seus discípulos as bênçãos de Sua mediação, aqueles judeus foram deixados em trevas para continuar com seus sacrifícios e suas ofertas inúteis. A porta que antes dera ao povo acesso a Deus não estava mais aberta. Os judeus haviam se recusado a buscá-Lo da única maneira que Ele podia ser encontrado naquela época, por intermédio do santuário no Céu.

Os judeus incrédulos ilustram a condição dos descuidados e descrentes em meio a professos cristãos que ignoram voluntariamente a obra de nosso Sumo Sacerdote. No cerimonial simbólico, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, todos os israelitas precisavam se reunir em torno do santuário e humilhar o coração perante Deus, a fim de receber perdão dos pecados e não ser "eliminado" da congregação. Muito mais essencial, em relação ao dia final da expiação, é compreender a obra de nosso Sumo Sacerdote e saber quais deveres são exigidos de nós.

O Céu enviou uma mensagem ao mundo nos dias de Noé, e a salvação das pessoas dependia de como reagiriam à

mensagem (Gn 6:6-9; Hb 11:7). Nos tempos de Sodoma, todos, com exceção de Ló, sua esposa e suas duas filhas, foram consumidos pelo fogo mandado do Céu (Gn 19). O mesmo se passou nos dias de Cristo. O Filho de Deus declarou aos judeus incrédulos daquela geração: “Eis que a casa de vocês ficará deserta” (Mt 23:38). Olhando para os últimos dias, o mesmo Poder Infinito exprime preocupação por aqueles que “rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira” (2Ts 2:10, 11). Por rejeitarem os ensinos de Sua Palavra, Deus retira deles Seu Espírito e os deixa entregues aos enganos que tanto amam. Cristo, porém, continua a interceder pela humanidade, e Deus dará luz a quem a buscar.

A passagem do tempo em 1844 trouxe grande prova àqueles que aceitaram a fé no advento. Seu único alívio foi a luz que lhes dirigiu a mente ao santuário celestial. Enquanto aguardavam e oravam, viram que seu grande Sumo Sacerdote havia iniciado outra obra de ministração. Seguiram-nO pela fé, e Ele os conduziu a ver também a obra final da igreja. Receberam uma compreensão mais clara da primeira e segunda mensagens angélicas. Estavam então preparados para receber a solene advertência do terceiro anjo de Apocalipse 14 e anunciá-la ao mundo.

A Imutável Lei de Deus

“Então foi aberto o santuário de Deus nos Céus, e ali foi vista a arca da Sua aliança” (Ap 11:19). A arca da aliança está no lugar santíssimo, o segundo compartimento do santuário. No cerimonial do tabernáculo terreno, que servia como “cópia e sombra daquele que está nos Céus”, essa parte só era aberta no grande dia da expiação para a purificação do santuário. Por isso, o anúncio de que o templo de Deus estava aberto e a arca da Sua aliança era visível aponta para a abertura do lugar santíssimo do santuário em 1844, quando Cristo entrou ali para realizar a obra final de expiação. Aqueles que seguiram seu grande Sumo Sacerdote pela fé quando Ele começou Seu ministério no lugar santíssimo repararam na arca da aliança. Como já haviam estudado o tema do santuário, compreenderam a mudança de ministério do Salvador e viram que agora Ele ministrava perante a arca de Deus.

A arca da aliança na Terra continha as duas tábuas de pedra nas quais Deus escreveu Sua lei. Quando o templo de Deus se abriu no Céu, a arca de Sua aliança foi vista. Dentro do lugar santíssimo no templo, a lei divina está conservada – a lei que o próprio Deus falou e também escreveu com Seu dedo nas tábuas de pedra.

Aqueles que compreenderam esse aspecto viram, como nunca antes, a importância das palavras do Salvador:

“Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço” (Mt 5:18). Por ser a revelação de Sua vontade e a transcrição de Seu caráter, a lei de Deus deve perdurar para sempre.

O sábado está no centro dos dez mandamentos. O Espírito de Deus impressionou aqueles estudiosos de Sua Palavra, mostrando a eles que, em ignorância, estavam transgredindo essa lei ao desconsiderar o dia de descanso do Criador. Começaram a examinar as razões para a guarda do primeiro dia da semana. Não conseguiram encontrar nenhuma evidência de que Deus tivesse abolido o quarto mandamento, ou mudado o sábado. Estavam buscando honestamente conhecer e fazer a vontade do Senhor. Então demonstraram sua lealdade a Deus santificando Seu sábado.

Muitas pessoas tentaram subverter a fé desses fiéis. Ninguém podia deixar de ver que a aceitação da verdade em relação ao santuário celestial envolvia cumprir os termos da lei de Deus e o sábado do quarto mandamento. Esse era o segredo por trás da oposição acirrada à explicação harmoniosa das Escrituras que revelava a ministração de Cristo no santuário celestial. As pessoas tentaram fechar a porta que Deus havia aberto e abrir a porta que Ele fechara. Mas Cristo havia aberto a porta para o ministério no lugar santíssimo. O quarto mandamento estava dentro da lei conservada ali.

Aqueles que aceitaram a luz acerca da mediação de Cristo e da lei de Deus descobriram que essas eram as verdades de Apocalipse 14, uma advertência em três partes a fim de que os habitantes da Terra se preparem para a segunda

vinda do Senhor (ver o Apêndice). O anúncio de que “chegou a hora do Seu juízo” destaca uma verdade que precisa ser proclamada até a intercessão do Salvador terminar e Ele voltar para tomar Seu povo para Si. O juízo que começou em 1844 deve continuar até os casos de todos serem decididos, tanto dos vivos quanto dos mortos. Por isso, ele se estenderá até o fim do tempo da graça. [1]

Para que estejamos prontos a comparecer no juízo, a mensagem ordena: “Temam a Deus e glorifiquem-nO. [...] Adorem Aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas”. A Bíblia nos conta qual é o resultado de aceitar tais mensagens: “Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus” (Ap 14:7, 12).

A fim de estar preparados para o juízo, devemos guardar a lei de Deus, o padrão do caráter no juízo. Paulo declara: “Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado [...] no dia em que Deus julgar os segredos dos homens.” “Os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos” (Rm 2:12, 16, 13). A fé é essencial para guardar a lei de Deus, pois “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). “Tudo o que não provém da fé é pecado” (Rm ١٤:٢٣).

O primeiro anjo nos chama para temer a Deus e glorificá-Lo, adorando-O por ser o Criador dos céus e da terra. Para fazer isso, precisamos obedecer à Sua lei. Sem obediência, nenhuma adoração pode ser agradável a Deus. “Nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos Seus mandamentos” (1Jo 5:3; Pv 28:9).

Adoração ao Criador

O dever de adorar a Deus é baseado no fato de que Ele é o Criador. “Venham! Adoremos prostrados e ajoelhemos diante do Senhor, o nosso Criador” (Sl 95:6; Sl 96:5; 100:3; Is 40:25, 26; 45:18).

Apocalipse 14 convida as pessoas a adorar o Criador e a guardar os mandamentos de Deus. Um desses mandamentos aponta para Deus como Criador: “O sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. [...] Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou” (Êx 20:10, 11). O Senhor diz que o sábado é “um sinal. [...] Então vocês saberão que Eu sou o Senhor, o seu Deus” (Ez 20:20). Se todos ao longo das eras tivessem guardado o sábado, isso os teria levado ao Criador como o alvo de sua adoração. Nunca teria existido um adorador de ídolos, um ateu ou um descrente. A guarda do sábado é um sinal de lealdade À quele “que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas”. A mensagem que ordena à s pessoas adorarem a Deus e guardarem Seus mandamentos as chama de maneira especial a observar o quarto mandamento.

Em contraste com aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, o terceiro anjo faz referência a outro grupo: “Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da Sua ira” (Ap 14:9, 10). O que a besta, a imagem e a marca representam?

A Identidade do Dragão

A profecia na qual esses símbolos são encontrados começa com Apocalipse 12. O dragão que tentou destruir a Cristo por ocasião de Seu nascimento foi Satanás (Ap 12:9), o qual incitou Herodes a ordenar a morte do Salvador. E o império romano foi o agente que Satanás usou para guerrear contra Cristo e Seu povo durante os primeiros séculos quando o paganismo era sua religião preponderante. Por isso, em sentido secundário, o dragão é símbolo de Roma pagã.

Apocalipse 13 apresenta outra besta "semelhante a um leopardo", a quem o dragão deu "o seu poder, o seu trono e grande autoridade" (Ap 13:2). Esse símbolo, conforme historicamente a maioria dos protestantes tem acreditado, representa o papado, o qual assumiu o poder, o trono e a autoridade que o império romano teve no passado. A Bíblia diz o seguinte acerca dessa besta semelhante a um leopardo: "À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas [...]. Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o Seu nome e o Seu tabernáculo, os que habitam nos Céus. Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação" (Ap 13:5-7). Essa profecia, praticamente idêntica à descrição do chifre pequeno de Daniel 7, aponta de maneira inquestionável para o papado.

"E lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses" (Ap 13:5) – os três anos e meio ou 1.260 dias de Daniel 7 – durante os quais o poder papal oprimiria o povo de Deus. Esse período, conforme salientado em capítulos anteriores, começou a supremacia, em 538 d.C. e terminou em 1798. Na época, o poder papal recebeu sua

“ferida mortal” e a predição se cumpriu: “Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai” (v. 10, ARA).

A Ascensão de um Novo Poder

Nesse momento, a profecia introduz um novo símbolo: “Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão” (Ap 13:11). Essa nação é diferente das apresentadas pelos símbolos anteriores. Os grandes reinos que governaram o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como animais predadores, os quais se levantaram quando “os quatro ventos do céu agitavam o Mar Grande” (Dn 7:2, ARA).

Em vez disso, porém, João viu a besta com chifres de cordeiro saindo “da terra”. Em lugar de derrubar outros poderes para se estabelecer, a nação representada dessa maneira deveria se levantar em território até então desocupado e crescer de maneira pacífica. Por isso, não poderia surgir em meio às populosas e conflitantes nações do Velho Mundo. Devemos procurá-la no continente ocidental.

Que nação do Novo Mundo estava ascendendo em poder em 1798, dando promessas de força e chamando a atenção do mundo? Uma nação e somente uma cumpre essa profecia: os Estados Unidos da América. Ao descrever a ascensão dessa nação, inconscientemente, o historiador usa quase que as palavras exatas da Bíblia. Um escritor proeminente fala sobre “ ” e completa: “Como , cresceu e se transformou em império.”[2] Um jornal europeu de 1850 se referiu aos Estados Unidos como uma nação que “emergiu” e “em meio ao silêncio da Terra diariamente aumenta em poder e orgulho”.[3]

“Com dois chifres como cordeiro.” Os chifres de cordeiro indicam juventude, inocência e bondade. Dentre os eLivross cristãos que fugiram da opressão real e da intolerância religiosa para a América, havia muitos que estavam determinados a instituir a liberdade civil e religiosa. A Declaração da Independência proclama a verdade de que “todos os homens foram criados iguais” e foram dotados do direito inalienável à “vida, liberdade e busca da felicidade”. A Constituição garante ao povo o direito do autogoverno, exigindo que os representantes eleitos por voto popular promulguem e administrem as leis. Também concede liberdade de religião. O republicanismo e o protestantismo se tornaram os princípios fundamentais da nação, o segredo para seu poder e sua prosperidade. Milhões se dirigiram a suas praias e os Estados Unidos ascenderam a uma posição entre as mais poderosas nações da Terra.

Contradição Gritante

Entretanto, a besta com chifres como cordeiro “falava como dragão. Exercia toda a autoridade da primeira besta, em nome dela, e fazia a Terra e seus habitantes adorarem a primeira besta, cujo ferimento mortal havia sido curado. [...] Ordenou-lhes que fizessem uma imagem em honra à besta que fora ferida pela espada e contudo revivera” (Ap 13:11, 12, 14).

Os chifres como cordeiro e a voz de dragão apontam para uma contradição. A predição de que falaria “como dragão” e exerceria “toda a autoridade da primeira besta” prevê que ela desenvolveria um espírito de intolerância e perseguição semelhante ao do dragão e da besta com aspecto de leopardo. E a declaração de que a besta com dois chifres faz

“a Terra e seus habitantes adorarem a primeira besta” indica que a autoridade dessa nação estenderá sua lealdade ao papado.

Esse ato seria contrário aos princípios básicos de suas instituições livres, às afirmações solenes da Declaração de Independência e à Constituição. A Constituição estipula que “o Congresso não fará nenhuma lei acerca do estabelecimento de uma religião ou da proibição de seu livre exercício” e “nenhuma prova religiosa será necessária como qualificação para ocupar qualquer ofício ou cargo público nos Estados Unidos”. No entanto, o símbolo aponta para a violação flagrante desses elementos de proteção à liberdade. A besta com chifres de cordeiro – professando ser pura, bondosa e inofensiva – fala como dragão.

“Dizendo que façam uma imagem à besta” (ARA). Aqui a profecia apresenta uma forma de governo na qual o poder legislativo está nas mãos do povo, uma evidência bastante clara de que os Estados Unidos são a nação indicada.

O que é a “imagem à besta”? Como ela se forma?

Quando a igreja primitiva se tornou corrupta, foi em busca do apoio do poder secular. Resultado: o papado, a igreja que controlava o Estado, especialmente para punir “heresias”. Para que os Estados Unidos formem uma “imagem à besta”, o poder religioso deve controlar o governo civil, a fim de que a Igreja use o Estado para cumprir os próprios objetivos.

As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma têm demonstrado um desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Um exemplo é a antiga perseguição de dissidentes feita pela Igreja Anglicana.

Durante os séculos 16 e 17, pastores e membros não conformistas enfrentaram multas, cárcere, tortura e martírio.

A apostasia levou a igreja primitiva a buscar o auxílio do governo civil e isso abriu caminho para o papado – a besta. Paulo disse: “Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição” (2Ts 2:3).

A Bíblia declara: “Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão , avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, , traidores, precipitados, soberbos, , mas negando o seu poder” (2Tm 3:1-5). “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1Tm 4:1).

Todos aqueles que “rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar” aceitarão “um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira” (٢Ts ٢:١٠ , 11). Quando isso acontecer, os resultados serão os mesmos dos primeiros séculos.

Muitos acham que a grande diversidade de crenças entre as igrejas protestantes é prova de que jamais acontecerá uma uniformidade forçada. Por anos, porém, tem crescido dentro das igrejas protestantes o desejo por união. A fim de colocar em prática essa união, precisam evitar o debate de temas com os quais não concordam. No esforço para ter uniformidade completa, estarão a apenas um passo do uso da força.

Quando as principais igrejas dos Estados Unidos se unirem em torno dos pontos doutrinários que têm em comum e na influência junto ao Estado para colocar em vigor seus decretos e apoiar suas instituições, a América protestante terá formado uma imagem à hierarquia romana e penalidades civis sobre os dissidentes serão a consequência inevitável.

A Besta e sua Imagem

A besta com dois chifres "obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome" (Ap 13:16, 17). O terceiro anjo adverte: "Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da Sua ira" (Ap 14:9, 10).

"A besta" cuja adoração é imposta é a primeira de Apocalipse 13, com aspecto de leopardo – o papado. A "imagem à besta" representa a forma de protestantismo apostatado que se desenvolverá quando as igrejas protestantes procurarem auxílio do poder civil para compelir todos a aderirem a suas crenças. Resta ainda a "marca da besta" para ser definida.

Aqueles que guardam os mandamentos de Deus são contrastados com os que adoram a besta, sua imagem e recebem sua marca. De um lado, a guarda da lei de Deus e, do outro, sua transgressão será o ponto de distinção entre os adoradores do Senhor e os adoradores da besta.

A característica especial da besta e de sua imagem é a quebra dos mandamentos divinos. Daniel diz que o chifre pequeno, o papado, “tentará mudar os tempos e as leis” (Dn 7:25). Paulo chamou o mesmo poder de “homem do pecado” (2Ts 2:3), o qual se exaltaria acima de Deus. Somente por meio da mudança da lei divina o papado poderia se exaltar acima do Senhor. Todo aquele que, conscientemente, guardar a lei modificada estará dando honra suprema à s leis papais, uma marca de aliança ao papa em lugar de lealdade a Deus.

O papado tem procurado mudar a lei de Deus. Mudou o quarto mandamento na tentativa de autorizar a observância do primeiro dia em lugar do sétimo dia, o sábado. A Bíblia apresenta esse ato como uma mudança deliberada e intencional: ele “tentará mudar os tempos e as leis” (Dn 7:25). A mudança no quarto mandamento cumpre com exatidão a profecia. Nela, o poder papal se coloca abertamente acima de Deus.

Os adoradores do Senhor serão conhecidos de maneira especial por guardarem o quarto mandamento, o sinal de Seu poder criador. Os adoradores da besta se destacarão pelos esforços em derrubar o memorial do Criador, a fim de exaltar o sábado de Roma. Foi em favor do domingo como “dia do Senhor” que a igreja de Roma fez suas primeiras declarações arrogantes (ver o Apêndice). Mas a Bíblia revela que o sétimo dia é o dia do Senhor. Cristo disse: “O Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado” (Mc 2:28; Is 58:13, 14; Mt 5:17-19). Suas próprias palavras refutam a alegação frequente de que Cristo mudou o sábado.

Silêncio Total do Novo Testamento

Os protestantes admitem que “o Novo Testamento fica em silêncio absoluto a respeito de qualquer ordem explícita para a guarda do sábado [referindo-se, neste caso, ao domingo, o primeiro dia da semana] ou a regras definidas para sua observância”.[4]

“Até a ocasião da morte de Cristo, não havia acontecido mudança nenhuma no dia”; “de acordo com o que mostram os registros, eles [os apóstolos] não [...] deram nenhuma ordem explícita de abandono do sétimo dia, o sábado, a fim de observá-lo no primeiro dia da semana”.[5]

Os católicos romanos reconhecem que sua igreja fez a mudança do sábado e declaram que os protestantes reconhecem seu poder ao guardar o domingo. Afirmam: “Durante a antiga lei, o sábado era o dia para ser santificado; mas , instruída por Jesus Cristo e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo. Por isso, agora santificamos o primeiro dia, não o sétimo. O domingo significa e hoje é o dia do Senhor”.[6]

Como sinal da autoridade da Igreja Romana, escritores católicos citam “o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, aceito pelos protestantes. [...] Pois ao guardar o domingo, reconhecem o poder da igreja para autorizar festas e ordenar que é pecado ignorá-las”.[7]

O que, então, seria a mudança do sábado senão o sinal, a marca da autoridade da igreja de Roma – “a marca da besta”?

A Igreja Romana ainda não abriu mão de sua reivindicação à supremacia. Quando o mundo e as igrejas protestantes aceitam o sábado que ela criou, ao passo que rejeitam o

sábado bíblico, estão praticamente concordando com sua alegação. Ao fazer isso, ignoram o princípio que as separa de Roma, segundo o qual "a Bíblia e somente a Bíblia é a religião dos protestantes". À medida que o movimento de imposição do domingo conquistar favor, reunirá, com o tempo, todo o mundo protestante sob o estandarte de Roma.

Porta-vozes católicos declaram que "a observância do domingo pelos protestantes é um tributo que prestam, a despeito de si mesmos, à autoridade da Igreja [Católica]".[8] Se uma igreja impuser um dever religioso usando o poder secular, isso formará a imagem à besta. Logo, a imposição da guarda do domingo nos Estados Unidos significará a imposição da adoração da besta e de sua imagem.

Os cristãos de gerações passadas guardaram o domingo pensando que estavam observando o sábado bíblico. Existem hoje cristãos verdadeiros em todas as igrejas. Eles creem honestamente que Deus estabeleceu o domingo como dia de guarda. O Senhor aceita sua sinceridade e integridade. Mas, quando a observância do domingo for imposta por lei e o mundo for iluminado em relação ao sábado verdadeiro, todo aquele que transgredir a ordem divina a fim de obedecer a um ensino de Roma estará, por meio desse ato, honrando o papado acima de Deus. Essas pessoas estarão prestando tributo a Roma. Adorarão a besta e sua imagem. Ao fazê-lo, aceitarão o sinal da lealdade a Roma – "a marca da besta". Somente quando a questão for claramente explicada às pessoas e elas fizerem a escolha entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens, aqueles que continuarem a transgredir a lei de

Deus receberão a “marca da besta”.

A Advertência do Terceiro Anjo

A mensagem do terceiro anjo contém a advertência mais temível já dirigida aos mortais. As pessoas não serão deixadas na escuridão a respeito dessa importante questão. Esse aviso será dado ao mundo antes que venham os juízos divinos, a fim de que todos tenham a oportunidade de escapar deles. O primeiro anjo faz seu anúncio “a toda nação, tribo, língua e povo”. A advertência do terceiro anjo não será menos abrangente do que isso. Será proclamada em grande voz e atrairá a atenção do mundo.

A mensagem dividirá a população mundial em dois grandes grupos: aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus, e aqueles que adoram a besta, sua imagem e recebem sua marca. Igreja e Estado se unirão para obrigar “todos” a receberem “a marca da besta”, porém o povo de Deus não a receberá. O profeta viu “em pé, junto ao mar, os que tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome. Eles seguravam harpas que lhes haviam sido dadas por Deus” (Ap 15:2).

---

[1] Isto é, o fim da oportunidade que Deus estende às pessoas para sua salvação.
[2] G. A. Townsend, , p. 462.
[3] .
[4] George Elliott, , p. 184.
[5] A. E. Waffle, , p. 186-188.
[6] .
[7] Henry Tuberville, , p. 58.
[8] Monsignor Segur, , p. 213.

Defensores da Verdade

Isaías predisse a reforma do sábado nos últimos dias: "Assim diz o Senhor: Mantenham a justiça e pratiquem o que é direito, pois a Minha salvação está perto, e logo será revelada a Minha retidão. Feliz aquele que age assim, o homem que nisso permanece firme, observando o sábado para não profaná-lo, e vigiando sua mão para não cometer nenhum mal. [...] E os estrangeiros que se unirem ao Senhor para servi-Lo, para amarem o nome do Senhor e prestar-Lhe culto, todos os que guardarem o sábado deixando de profaná-lo, e que se apegarem à Minha aliança, esses Eu trarei ao Meu santo monte e lhes darei alegria em Minha casa de oração" (Is 56:1, 2, 6, 7).

Essas palavras se aplicam à era cristã, conforme revela o contexto: "Palavra do Soberano, do Senhor, dAquele que reúne os eLivross de Israel: 'Reunirei ainda outros àqueles que já foram reunidos'" (v. 8). Essa passagem prefigura a reunião evangélica dos gentios, quando os servos de Deus tiverem pregado as boas-novas a todas as nações.

O Senhor ordena: "Sele a lei entre os Meus discípulos" (Is 8:16). O quarto mandamento contém o selo da lei de Deus. Somente esse mandamento, dentre todos os dez, inclui tanto o nome quanto o título do Legislador. Quando o poder papal tentou mudar o sábado, esse selo foi removido da lei. Deus chama os discípulos de Jesus para restaurar o selo por

meio da exaltação do sábado como memorial do Criador e sinal de Sua autoridade.

Deus ordena: “Grite alto, não se contenha! Levante a voz como trombeta. Anuncie ao Meu povo a rebelião dele, e à comunidade de Jacó, os seus pecados” (Is 58:1). Aqueles a quem o Senhor chama de “Meu povo” necessitam saber que estão transgredindo a lei divina, mesmo pensando estar fazendo o que é correto em seu serviço a Deus. No entanto, a repreensão solene dAquele que sonda os corações mostra que estão passando por cima de Seus mandamentos divinos.

Assim o profeta mostra qual é a lei que abandonaram: “Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor” (Is 58:12-14, ARA).

As “brechas” na lei de Deus foram feitas quando o poder romano mudou o sábado. Mas chegou o tempo de repará-las.

Adão guardou o sábado em sua inocência no Éden. Continuou a guardá-lo depois que, caído, porém arrependido, foi expulso do jardim. Todos os patriarcas de Abel a Noé, de Abraão a Jacó guardaram o sábado. Quando o Senhor libertou Israel do Egito, Ele proclamou Sua lei para

a nação emergente.

Preservado o Verdadeiro Sábado

Daquele dia até hoje, o sábado tem sido guardado. Embora o "homem do pecado" tenha obtido êxito em pisotear o dia santo de Deus, cristãos fiéis escondidos em lugares secretos prestaram sua homenagem. Desde a Reforma, alguns indivíduos de todas as gerações têm guardado o sétimo dia.

Essas verdades encontradas em Apocalipse 14 em conexão com "o evangelho eterno" distinguirão a igreja de Cristo por ocasião de Sua vinda. "Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus" (Ap 14:12).

Aqueles que receberam a luz em relação ao santuário e à lei de Deus se encheram de alegria quando viram a harmonia da verdade. Queriam que todos os cristãos tivessem a luz. Mas muitos que afirmavam seguir a Cristo não aceitaram as verdades que estavam em descompasso com o mundo.

Quando ouviram as justificativas para o sábado, vários disseram: "Sempre guardamos o domingo, nossos pais o guardaram e muitos bons cristãos morreram felizes enquanto observavam esse dia. A guarda de um novo sábado nos colocaria fora de harmonia com o mundo. O que um pequeno grupo guardador do sábado é capaz de realizar contra o mundo inteiro que guarda o domingo?" Foi por meio de argumentos como esses que os judeus justificaram a rejeição de Cristo. De maneira semelhante, os católicos romanos, na época de Lutero, argumentaram que cristãos verdadeiros haviam morrido na fé católica, por isso essa

religião era suficiente. Esse tipo de raciocínio bloqueia o caminho do avanço da fé.

Muitos argumentaram que a guarda do domingo era um costume disseminado pela igreja havia séculos. Contrariando esse argumento, outros demonstravam que o sábado e sua observância eram ainda mais antigos, tão antigos quanto o próprio mundo – estabelecidos pelo Ancião de Dias.

Quando não conseguiam encontrar nenhum apoio bíblico, muitos questionavam: “Por que nossos grandes homens não entendem essa questão do sábado? Poucos acreditam como vocês. Não pode ser que apenas vocês estejam certos e todas as pessoas cultas estejam equivocadas.”

Para refutar argumentos como esse, bastava citar as Escrituras e mostrar como o Senhor havia lidado com Seu povo em todas as eras. O motivo para Ele não escolher pessoas eruditas e de posição com mais frequência é que elas confiam em seus credos e sistemas teológicos, sem sentir a necessidade de que Deus as ensine. Às vezes, o Senhor chama pessoas que têm pouca educação formal para pregar a verdade. Ele as escolhe não por serem incultas, mas por não serem autossuficientes demais para que o Senhor as ensine. Sua humildade e obediência as tornam grandes.

A história do antigo Israel é uma ilustração vívida da experiência passada dos fiéis adventistas. Deus conduziu Seu povo no movimento adventista assim como guiou o povo de Israel para fora do Egito. Se todos aqueles que trabalharam juntos e com tanto afinco em 1844 tivessem aceitado a mensagem do terceiro anjo e a proclamado no

poder do Espírito Santo, há anos a Terra teria sido advertida e Cristo teria voltado para redimir Seu povo.

Fé e Coragem

Não era da vontade de Deus que Israel peregrinasse por quarenta anos no deserto. Ele queria conduzi-lo diretamente para Canaã e estabelecê-lo lá como um povo santo e feliz. Contudo, "por causa da incredulidade não puderam entrar" (Hb 3:19). Da mesma forma, não era da vontade de Deus adiar tanto a vinda de Cristo e fazer Seu povo permanecer por tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. Em misericórdia a este mundo, Jesus tem adiado Sua vinda para que os pecadores ouçam a advertência e encontrem abrigo antes de Deus derramar Sua ira.

Hoje, assim como em eras passadas, a exposição da verdade desperta oposição. Com más intenções, muitos atacam o caráter e os motivos daqueles que defendem verdades impopulares. Elias era chamado de perturbador de Israel; Jeremias, de traidor; Paulo, de profanador do templo. Desde então até agora, aqueles que desejam ser leais à verdade têm sido denunciados como rebeldes, hereges ou causadores de divisões.

A profissão de fé feita por cristãos verdadeiros e mártires, exemplos de santidade e firme integridade, inspira coragem naqueles que agora são chamados a se posicionar como testemunhas para Deus. O servo de Deus recebe hoje a ordem: "Grite alto, não se contenha! Levante a voz como trombeta. Anuncie ao Meu povo a rebelião dele, e à comunidade de Jacó, os seus pecados." "Filho do homem, Eu fiz de você uma sentinela para a nação de Israel; por isso, ouça a Minha palavra e advirta-os em Meu nome" (Is

58:1; Ez 33:7).

O grande obstáculo para a aceitação da verdade é que ela envolve inconveniências e críticas. Esse é o único argumento contra a verdade que aqueles que a defendem nunca conseguiram refutar. Os verdadeiros seguidores de Cristo não esperam a verdade se tornar popular. Eles aceitam a cruz, concordam com Paulo que “os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co 4:17); e, assim como Moisés, consideram “sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito” (Hb 11:26).

Devemos escolher o certo porque é certo e deixar as consequências com Deus. O mundo deve suas grandes reformas a pessoas de princípio, fé e ousadia. A obra de reforma para este tempo deve ser levada adiante por indivíduos assim.

Os Reavivamentos Modernos

Onde quer que a Palavra de Deus tenha sido pregada com fidelidade, os resultados que se seguiram demonstraram que o reavivamento provinha do Senhor. Os pecadores sentiram o despertar da consciência. Profunda convicção tomou conta de sua mente e de seu coração. Sentiram a justiça de Deus e clamaram: “Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?” (Rm 7:24). À medida que a cruz de Cristo se revelava, eles nada viam além dos méritos do Salvador para expiar seus pecados. Por meio do sangue de Jesus, tiveram “a remissão dos pecados passados” (Rm 3:25, ARA).

Essas pessoas creram, foram batizadas e se levantaram para andar em novidade de vida. Pela fé no Filho de Deus, elas seguiriam Seus passos, refletiriam Seu caráter e se purificariam assim como Ele é puro. Amavam coisas que antes odiavam e passaram a odiar coisas que antes amavam. Os orgulhosos ficaram mansos, os vaidosos e arrogantes se tornaram sérios e humildes. Os bêbados ficaram sóbrios e os imorais passaram a ser puros. Os cristãos não buscavam o adorno exterior dos “cabelos trançados e joias de ouro ou roupas finas”, mas a “beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus” (1Pe 3:3, 4).

Os reavivamentos faziam solenes apelos ao pecador.

Davam frutos em pessoas que não recuaram diante da negação do eu, mas se alegravam por ser consideradas dignas de sofrer em nome de Cristo. Os observadores eram capazes de ver uma transformação naqueles que decidiam seguir a Jesus. Resultados como esses costumavam suceder períodos de despertamento religioso.

Muitos reavivamentos modernos são bem diferentes desses. É verdade que várias pessoas alegam estar convertidas, e grande número entra para as igrejas. No entanto, as consequências não dão apoio à crença de que houve crescimento na vida espiritual real daqueles que aceitaram. A chama que queima por um pouco logo se extingue.

Com grande frequência, os reavivamentos populares despertam as emoções, apelando para o amor por algo novo e surpreendente. Quem se converte dessa maneira sente pouco desejo de ouvir a verdade bíblica. A menos que o culto religioso tenha algo de sensacional, ele não atrai esses indivíduos.

Em cada pessoa convertida, o relacionamento com Deus e as coisas eternas são o grande assunto da vida. Onde está o espírito de consagração a Deus nas igrejas populares de hoje? Os conversos não dão as costas para o orgulho e para o amor ao mundo. Não estão mais dispostos a negar o eu e seguir o manso e humilde Jesus do que antes de sua conversão. A piedade praticamente desapareceu em muitas das igrejas.

Os Seguidores de Cristo

A despeito do declínio generalizado da fé, existem

verdadeiros seguidores de Cristo nessas igrejas. Antes de Deus finalmente trazer Seus juízos, haverá, em meio ao povo do Senhor, um reavivamento de autêntica piedade conforme não se vê desde os tempos dos apóstolos. O Espírito de Deus será derramado. Muitos vão se separar das igrejas nas quais o amor a este mundo substituiu o amor a Deus e à Sua Palavra. Diversos ministros e indivíduos aceitarão com alegria as grandes verdades que preparam um povo para a segunda vinda do Senhor.

Satanás quer interferir nessa obra e, antes de chegar a hora de tal movimento, ele tentará impedi-lo trazendo à tona uma falsificação. Nas igrejas que conseguir reunir sob seu poder, fará parecer que Deus está derramando Sua bênção especial. Muitos vão se vangloriar: “O Senhor está realizando maravilhas”, quando, na verdade, a obra pertence a outro espírito. Usando um disfarce religioso, Satanás tentará estender sua influência sobre o mundo cristão. Em reavivamentos como esses, ocorre não apenas empolgação emocional, mas uma mistura bem projetada entre o verdadeiro e o falso a fim de enganar.

Entretanto, à luz da Palavra de Deus, não é difícil reconhecer a natureza de movimentos como esses. Onde quer que as pessoas negligenciem as instruções da Bíblia, afastando- se das mensagens claras, que provam o coração e exigem que neguem o eu e renunciem ao mundo, podemos ter a certeza de que Deus não está derramando Sua bênção. E pela regra “vocês os reconhecerão por seus frutos” (Mt 7:16), fica claro que esses movimentos não são obra do Espírito de Deus.

As verdades da Palavra de Deus são um escudo contra os

enganos de Satanás. A negligência dessas verdades abre as portas para males que hoje são disseminados pelo mundo. Em grande medida, as pessoas perderam de vista a importância da lei de Deus. Uma ideia errada sobre a lei divina tem levado a erros na conversão e na santificação, rebaixando o padrão da vida piedosa. Aqui então encontramos o motivo para a falta do Espírito de Deus nos reavivamentos da atualidade.

A Lei da Liberdade

Muitos mestres religiosos afirmam que Cristo aboliu a lei por meio de Sua morte. Alguns dizem que ela era um jugo pesado e, em contraste com o "cativeiro" da lei, apresentam a "liberdade" que o evangelho supostamente nos faz desfrutar.

N ão era assim que os profetas e apóstolos viam a santa lei de Deus. Davi disse: " Andarei em verdadeira liberdade, pois tenho buscado os Teus preceitos" (Sl 119:45). O apóstolo Tiago se refere aos dez mandamentos como a " lei perfeita, lei da liberdade" (Tg 1:25, ARA). João, o revelador, pronuncia uma bênção sobre aqueles que "guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas" (Ap 22:14, ACF).

Se fosse possível mudar a lei ou colocá-la de lado, não haveria necessidade de Cristo morrer para nos salvar da pena do pecado. O Filho de Deus veio "tornar grande e gloriosa a Sua lei" (Is 42:21). Ele disse: "Não pensem que vim abolir a Lei [...]. Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra" (Mt 5:17, 18). Falando acerca de Si mesmo, Jesus declarou: "Tenho grande

alegria em fazer a Tua vontade, ó meu Deus; a Tua lei está no fundo do meu coração” (Sl 40:8).

A lei de Deus é imutável, a revelação do caráter de Seu Autor. Deus é amor e Sua lei é amor. “O amor é o cumprimento da Lei” (Rm 13:10). O salmista disse: “A Tua lei é a verdade . [...] Todos os Teus mandamentos são justos” (Sl 119:142, 172). Paulo declarou: “A Lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom” (Rm 7:12). Uma lei como essa deve ser tão duradoura quanto Aquele que a instituiu.

A obra de conversão e santificação consiste em restaurar as pessoas a Deus, levando-as a obedecer aos princípios de Sua lei. No princípio, as leis humanas estavam em perfeita harmonia com a lei de Deus. Mas o pecado alienou as pessoas de seu Criador. O coração entrou em guerra com a lei divina. “A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Rm 8:7). Contudo, “Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito” para que os pecadores pudessem se reconciliar com Ele e ser levados mais uma vez à condição de harmonia com seu Criador. Essa mudança é o novo nascimento, sem o qual o pecador não “pode ver o Reino de Deus” (Jo 3:16, 3).

Convicção do Pecado

O primeiro passo para se acertar com Deus é a convicção do pecado. “O pecado é a transgressão da Lei” (1Jo 3:4). “É mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado” (Rm 3:20). A fim de enxergar a própria culpa, os pecadores precisam testar seu caráter pela lei de Deus – um espelho que mostra como é um caráter perfeito e permite

que reconheçam os defeitos existentes no seu.

A lei nos mostra o pecado, mas não provê remédio. Declara que a morte é a recompensa do transgressor. Somente o evangelho de Cristo é capaz de nos libertar da condenação ou profanação do pecado. Precisamos demonstrar arrependimento a Deus, cuja lei transgredimos, e fé em Cristo, nosso sacrifício expiatório. Dessa maneira, recebemos perdão pelos “pecados anteriormente cometidos” (Rm 3:25) e nos tornamos filhos de Deus.

Ficamos agora livres para desobedecer à lei de Deus? Paulo diz: “Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a Lei” (Rm 3:31). “Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?” (6:2). João declara: “Nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos Seus mandamentos. E os Seus mandamentos não são pesados” (1Jo 5:3). No novo nascimento, o coração entra em harmonia com Deus e Sua lei. Quando essa mudança acontece, o pecador passa da morte para a vida, da transgressão da lei e rebelião para a obediência e lealdade. A velha vida termina. Começa a nova vida de perdão, fé e amor. Então “as justas exigências da Lei” serão “plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:4). A linguagem do coração será: “Como eu amo a Tua lei! Medito nela o dia inteiro” (Sl 119:97).

Sem a lei, as pessoas não têm verdadeira convicção do pecado, nem sentem necessidade de se arrepender. Não reconhecem o quanto necessitam do sangue expiatório de Cristo. Aceitam a esperança de salvação sem mudança radical do coração ou reforma de vida. Por isso, há muitas

conversões superficiais e muitas pessoas entram para a igreja sem jamais terem se unido a Cristo.

Santificação

Ideias errôneas sobre santificação também surgem da negligência ou rejeição da lei divina. Essas teorias, envolvendo ensinos falsos e resultados práticos perigosos, muitas vezes são populares.

Paulo escreveu: “A vontade de Deus é que vocês sejam santificados” (1Ts 4:3). A Bíblia ensina claramente o que é santificação e como podemos alcançá-la. O Salvador orou por Seus discípulos: “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). E Paulo ensinou que os fiéis deveriam ser “santificados pelo Espírito Santo” (Rm 15:16).

Qual é a obra do Espírito Santo? Jesus disse aos discípulos: “Quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade” (Jo 16:13). E o salmista declara: “A Tua lei é a verdade” (Sl 119:142). Uma vez que o mandamento de Deus é “santo, justo e bom”, o caráter formado pela obediência a essa lei será santo. Cristo é o exemplo perfeito de um caráter assim. Ele declarou: “Tenho obedecido aos mandamentos de Meu Pai.” “Sempre faço o que Lhe agrada” (Jo 15:10; 8:29). Os seguidores de Cristo devem se tornar semelhantes a Ele – pela graça de Deus, formar um caráter em harmonia com os princípios de Sua santa lei. Essa é a santificação bíblica.

Somente Pela Fé

Só temos condições de realizar essa obra pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus que vive dentro de nós. Os cristãos sentem o pecado tentá-los, mas estão em

constante batalha contra ele. Necessitam do auxílio de Cristo para fazer isso. A fraqueza humana se une à força divina e a fé exclama: “Graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15:57).

A obra de santificação é progressiva. Quando o pecador encontra paz com Deus na conversão, a vida cristã acabou de começar. Ele então deve prosseguir “até à perfeição” (Hb 6:1, ARC), crescer “até que todos cheguemos [...] à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4:13, ARA). “Prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:14).

Aqueles que vivenciam a santificação bíblica são humildes. Reconhecem o quanto são indignos em contraste com a pureza e a perfeição de Deus. O profeta Daniel foi um exemplo de verdadeira santificação. Em vez de alegar ser puro e santo, esse honrado homem de Deus se identificou com a situação realmente pecadora de Israel enquanto suplicava diante do Senhor por seu povo (Dn 9:15, 18, 20).

Aqueles que andam à sombra da cruz do Calvário não se exaltarão, nem farão declarações arrogantes de que estão livres do pecado. Sentem que foi seu pecado que causou a agonia que quebrantou o coração do Filho de Deus e esse pensamento os leva à humildade profunda. Aqueles que vivem mais perto de Jesus compreendem com maior clareza o quanto a humanidade é frágil e pecadora e que sua única esperança está nos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto.

A santificação que agora ganha notoriedade no mundo religioso tem um espírito de exaltação pessoal e desconsideração pela lei de Deus que a identifica como

alheia à Bíblia. Aqueles que a ensinam alegam que a santificação acontece instantaneamente e, dessa maneira, por meio “da fé somente”, eles atingem santidade perfeita. “Apenas creia”, dizem eles, “e a bênção será sua”. Nenhum esforço adicional é exigido do recebedor. Ao mesmo tempo, negam a autoridade da lei de Deus, alegando que estão liberados de qualquer obrigação de guardar os mandamentos. É possível ser santo sem entrar em harmonia com os princípios que exprimem a natureza e a vontade do Senhor?

A Palavra de Deus testifica contra essa armadilha doutrinária de uma fé sem obras. Não é a fé que reivindica o favor de Deus sem cumprir as condições por meio das quais Ele concede misericórdia. É presunção (Tg 2:14-24).

Que ninguém se engane, achando que pode se tornar santo enquanto viola deliberadamente um dos reclamos de Deus. O pecado conhecido silencia a voz de testemunho do Espírito e separa o coração de Deus. Embora João reflita tanto sobre o amor, ele não hesita em revelar o verdadeiro caráter daqueles que afirmam estar santificados enquanto vivem em transgressão da lei de Deus. “Aquele que diz: ‘Eu O conheço’, mas não obedece aos Seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à Sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado” (1Jo 2:4, 5). Esse é o teste da profissão de todos. Se as pessoas diminuem e menosprezam a lei de Deus, se quebram “um desses mandamentos, ainda que dos menores” e ensinam “os outros a fazerem o mesmo” (Mt 5:19), podemos saber que suas alegações não têm fundamento.

A declaração de não ter pecado é evidência de que a pessoa que assim o diz está longe de ser santa. Esse indivíduo não possui um conceito verdadeiro da pureza e santidade infinita de Deus, nem de como o pecado é odioso e mau. Quanto maior a distância entre nós e Cristo, mais justos parecemos aos nossos olhos.

A Santificação Bíblica

A santificação envolve o ser inteiro – espírito, alma e corpo (1Ts 5:23). Os cristãos são chamados a apresentar o corpo "em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rm 12:1). Toda prática que enfraquece a força física ou mental nos desprepara para o serviço ao nosso Criador. Aqueles que amam a Deus de todo o coração tentarão, constantemente, colocar toda a força de seu ser em harmonia com as leis que os tornam mais aptos a fazer a vontade do Senhor. Não enfraquecerão, nem profanarão a oferta que apresentam a seu Pai celestial condescendendo com apetites ou paixões.

Toda prática pecaminosa tende a anuviar e amortecer a compreensão mental e espiritual. A Palavra ou o Espírito de Deus conseguem causar apenas uma frágil impressão no coração. "Purifiquemo-nos de tudo o que contamina o corpo e o espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus" (2Co 7:1).

Quantos professos cristãos degradam sua humanidade semelhante a Deus por meio da glutonaria, da bebedeira de vinho e do prazer escondido! E, com frequência, a igreja encoraja o mal para encher sua tesouraria quando o amor a Cristo é pequeno demais para fazê-lo. Se Jesus entrasse nas igrejas de hoje para ver as festas que acontecem em nome da religião, Ele não expulsaria aqueles que profanam Sua

casa dessa maneira, assim como baniu os cambistas do templo?

"Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo" (1Co 6:19, 20). Os cristãos cujo corpo é o templo do Espírito Santo não serão escravizados por um mau hábito. Seu poder pertence a Cristo. Sua propriedade é do Senhor. Como desperdiçariam esse tesouro que lhes foi confiado?

Todos os anos, professos cristãos gastam imensas somas de dinheiro em prazeres prejudiciais. Roubam a Deus nos dízimos e nas ofertas enquanto consomem mais no altar da concupiscência destruidora do que dão para ajudar os pobres ou promover o evangelho. Se todos os que professam o nome de Cristo fossem santificados de verdade, dariam seu dinheiro com generosidade para o tesouro do Senhor, em lugar de gastar com indulgências desnecessárias e prejudiciais. Os cristãos deveriam dar exemplo de temperança e sacrifício pessoal. Então seriam a luz do mundo.

"A cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens" (1Jo 2:16) controlam a maioria das pessoas. Mas os seguidores de Cristo recebem um chamado mais santo. "'Saiam do meio deles e separem-se', diz o Senhor. 'Não toquem em coisas impuras'" (2Co 6:17). Àqueles que cumprirem essas condições, Deus promete: "E lhes serei Pai, e vocês serão Meus filhos e Minhas filhas" (v. 18).

Acesso Direto a Deus

Cada passo de fé e obediência traz o crente para uma conexão mais próxima com a Luz do mundo. Os raios brilhantes do Sol da Justiça resplandecem sobre os servos de Deus, e eles devem refletir Seus raios. As estrelas nos revelam que há uma luz no céu cuja glória as torna brilhantes. Da mesma forma, Cristo revela ao mundo que existe um Deus no trono cujo caráter é digno de louvor e imitação. A santidade do caráter divino será visível em Suas testemunhas.

Por meio dos méritos de Cristo, temos acesso ao trono do Poder Infinito. “Aquele que não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com Ele, e de graça, todas as coisas?” (Rm 8:32). Jesus disse: “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos C éus dará o Espírito Santo a quem O pedir!” (Lc 11:13). “O que vocês pedirem em Meu nome, Eu farei.” “Peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa” (Jo 14:14; 16:24).

É privilégio de todos que vivem dessa maneira receber a aprovação e a bênção de Deus. Não é da vontade de nosso Pai celestial que sempre vivamos em condenação e trevas. Não é humildade verdadeira andarmos com a cabeça prostrada e o coração cheio de pensamentos acerca do eu. Podemos ir a Jesus, ser purificados e, assim, comparecer sem vergonha, nem remorso diante da lei.

Por meio de Cristo, os filhos caídos de Adão se tornam “filhos de Deus”. “Jesus não Se envergonha de chamá-los irmãos” (Hb 2:11). “A alegria do Senhor os fortalecerá” (Ne

8:10). “Alegrem-se sempre. Orem continuamente. Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus” (1Ts 5:16-18).

Essas coisas são os frutos da conversão e santificação bíblica. Somente porque as pessoas tratam os grandes princípios de justiça mostrados na lei com tamanha indiferença é que esses frutos são tão raros. É por isso que vemos tão pouco da obra profunda e duradoura do Espírito que costumava acompanhar os reavivamentos.

É pela contemplação que somos transformados (2Co 3:18, ARA). Assim como as pessoas negligenciaram os mandamentos nos quais Deus revelou a perfeição e a santidade de Seu caráter, e sua mente se ligou a ensinos e teorias humanas, um declínio do viver santo dentro da igreja foi a consequência. Somente quando a lei de Deus for restaurada a sua posição de direito, um reavivamento de fé e espiritualidade autênticas poderá acontecer em meio a Seu professo povo.

Enfrentando o Registro da Nossa Vida

E“ nquanto eu olhava, tronos foram colocados, e um ancião Se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono era envolto em fogo, e as rodas do trono estavam em chamas. De diante dele, saía um rio de fogo. Milhares de milhares O serviam; milhões e milhões estavam diante dEle. O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (Dn 7:9, 10).

Foi assim que Daniel viu o grande dia no qual a vida de toda a humanidade passará em revista perante o Juiz de toda a Terra. O Ancião de Dias é Deus Pai. Ele é a fonte de todos os seres, a origem de toda lei, e presidirá o julgamento. Santos anjos estarão lá como ministros e testemunhas.

“Vi alguém semelhante a um Filho de homem, vindo com as nuvens dos C éus. Ele Se aproximou do ancião e foi conduzido à Sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas O adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e Seu reino jamais será destruído” (Dn 7:13, 14).

A vinda de Cristo descrita aqui não é Sua segunda vinda à

Terra. Ele foi ao Ancião de Dias no C éu para receber o reino, que lhe será dado quando Sua obra como mediador terminar. É essa vinda, não Seu segundo advento à Terra, que aconteceria ao fim das 2.300 tardes e manhãs em 1844. Nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo a fim de realizar Sua última obra sacerdotal em nosso lugar.

No cerimonial terreno e simbólico, somente aqueles cujos pecados eram transferidos para o santuário participavam do dia da expiação. De igual maneira, na grande expiação final e no juízo investigativo, os únicos casos a ser considerados são os daqueles que professam ser o povo de Deus. O julgamento dos ímpios é uma obra separada que acontecerá em um momento posterior. Deve "começar o julgamento pela casa de Deus" (1Pe 4:17).

Os livros de registro no Céu determinarão os vereditos do julgamento. O livro da vida contém o nome daqueles que algum dia ingressaram no serviço de Deus. Jesus disse aos discípulos: "Alegrem-se [...] porque seus nomes estão escritos nos Céus" (Lc 10:20). Paulo disse sobre seus cooperadores : "Os seus nomes estão no livro da vida" (Fp 4:3). Daniel declarou que o povo de Deus seria livrado, "todo aquele cujo nome está escrito no livro" (Dn 12:1). E João, o revelador, afirmou que somente aqueles cujos nomes "estão escritos no livro da vida do Cordeiro" entrarão na Cidade de Deus (Ap 21:27).

Em "um livro como memorial" Deus registra os bons atos daqueles "que temiam o Senhor e honravam o Seu nome" (Ml 3:16). Toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de piedade expressa, todo ato de sacrifício, todo

sofrimento suportado em nome de Cristo é registrado. “Registra, Tu mesmo, o meu lamento; recolhe as minhas lágrimas em Teu odre; acaso não estão anotadas em Teu livro?” (Sl 56:8).

Motivos Secretos

Há também um relatório dos pecados dos homens. “Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau” (Ec 12:14). “No dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado. Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados” (Mt 12:36, 37). “Portanto, não julguem nada antes da hora devida [...]. Ele [Deus] trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações” (1Co 4:5). Ao lado de cada nome nos livros do Céu, estão escritos toda má palavra, todo ato egoísta, todo dever não cumprido, todo pecado secreto. Advertências enviadas pelo Céu ou reprovações negligenciadas, momentos desperdiçados, a influência exercida para o bem ou para o mal, assim como seus resultados de vasto alcance, tudo é historiado pelo anjo relator.

A Norma de Julgamento

A lei de Deus é o padrão do juízo. “Tema a Deus e obedeça aos Seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem. Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau” (Ec 12:13, 14). “Falem e ajam como quem vai ser julgado pela lei da liberdade” (Tg 2:12).

Aqueles “considerados dignos” participarão da

ressurreição dos justos. Jesus disse: “Os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos [...] são filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição” (Lc 20:35, 36). “Os que fizeram o bem” sairão da sepultura e “ressuscitarão para a vida” (Jo 5:29). Os justos mortos só ressuscitarão depois que o juízo os considerar dignos da “ ressurreição da vida” (ARA). Logo, não estarão presentes em pessoa quando Deus examinar seus registros e decidir seu caso.

Jesus comparecerá como advogado, a fim de apresentar seu caso diante de Deus. “Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2:1). “Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos C éus, para agora Se apresentar diante de Deus em nosso favor” (Hb 9:24). “Portanto, Ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dEle, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

Quando os livros de registro são abertos no juízo, a vida de todos aqueles que creram em Jesus passa em revista diante de Deus. Começando com aqueles que viveram primeiro na Terra, nosso Advogado apresenta o caso de uma geração após a outra. Cada nome é mencionado; cada caso, investigado. Alguns nomes são aceitos, outros rejeitados. Quando alguém tem pecados que permanecem nos livros de registro sem arrependimento e sem perdão, seu nome é apagado do livro da vida. O Senhor declarou a Moisés: “Riscarei do Meu livro todo aquele que pecar contra Mim” (Êx 32:33).

Todos os que se arrependeram de verdade e, pela fé,

reivindicaram o sangue de Cristo como seu sacrifício expiatório receberão perdão, o qual foi registrado nos livros do C éu. Como se tornaram participantes da justiça de Cristo e seu caráter foi achado em harmonia com a lei de Deus, seus pecados serão apagados , e eles serão considerados dignos da vida eterna. O Senhor declara: "Sou Eu, Eu mesmo, Aquele que apaga suas transgressões, por amor de Mim, e que não Se lembra mais de seus pecados" (Is 43:25). "O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do Meu Pai e dos Seus anjos" (Ap 3:5). "Quem, pois, Me confessar diante dos homens, Eu também o confessarei diante do Meu Pai que está nos C éus. Mas aquele que Me negar diante dos homens, Eu também o negarei diante do Meu Pai que está nos C éus" (Mt 10:32, 33).

Jesus, o Intercessor divino, pede que todos os que venceram pela fé em Seu sangue sejam restaurados a seu lar edênico e coroados como coerdeiros com Ele ao "antigo domínio" (Mq 4:8). Cristo hoje roga que o plano de Deus na criação seja colocado em prática como se nunca houvesse caído. Ele pede não só perdão e justificação por Seu povo, mas uma parte em Sua glória e um assento com Ele em Seu trono.

Enquanto Jesus suplica pelos objetos de Sua graça, Satanás os acusa diante de Deus. Ele aponta para o registro da vida deles, seus defeitos de caráter, sua dessemelhança com Cristo e todos os pecados que os tentou a cometer. Por causa disso, os reclama como súditos seus.

Jesus não ignora seus pecados, mas mostra seu

arrependimento e sua fé. Suplicando perdão por eles, levanta as mãos feridas diante do Pai e diz: Eu os gravei na palma de Minhas mãos. “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás” (Sl 51:17).

O Senhor Repreende Satanás

E para o acusador, Ele diz: “O Senhor o repreenda, Satanás! O Senhor que escolheu Jerusalém o repreenda! Este homem não parece um tição tirado do fogo?” (Zc 3:2). Cristo revestirá Seus fiéis com a própria justiça, a fim de apresent á -los a Seu Pai “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante” (Ef 5:27).

É assim que experimentarão o cumprimento completo da promessa da nova aliança: “ Eu lhes perdoarei a maldade e não Me lembrarei mais dos seus pecados” (Jr 31:34). “‘Naqueles dias, naquela época’, declara o Senhor, ‘se procurará pela iniquidade de Israel, mas nada será achado, pelos pecados de Judá, mas nenhum será encontrado’” (Jr 20:20) “Os que forem deixados em Sião e ficarem em Jerusalém serão chamados santos: todos os inscritos para viverem em Jerusalém” (Is 4:3).

Pecados Apagados

A obra do juízo investigativo e apagamento dos pecados acontecerá antes da segunda vinda de Jesus. No cerimonial simbólico, o sumo sacerdote saía e abençoava a congregação. Da mesma maneira, quando Seu trabalho como mediador terminar, Cristo aparecerá “ sem pecado, aos que O aguardam para a salvação” (Hb 9:28, ARA).

Ao remover os pecados do santuário, o sacerdote os

confessava sobre a cabeça do bode expiatório. Cristo colocará todos esses pecados sobre Satanás, o instigador do pecado. O bode expiatório era mandado embora “para um lugar solitário” (Lv 16:22). Satanás, carregando a culpa dos pecados que ele levou o povo de Deus a cometer, será confinado à ruína da Terra por mil anos e então sofrerá a pena do fogo que destruirá os ímpios. Dessa maneira, o plano da redenção será concluído, quando o pecado finalmente for erradicado.

No Momento Designado

No momento designado – o fim das 2.300 tardes e manhãs em 1844 – a obra de investigação e apagamento dos pecados começou e continua hoje. Pecados dos quais não nos arrependemos e que não abandonamos não serão apagados dos livros de registro. Anjos de Deus testemunham cada pecado e o registram. Podemos negar nosso pecado, escondê-lo do pai, da mãe, da esposa, dos filhos e de amigos, mas ele permanece completamente exposto diante do Céu. Deus não Se deixa enganar por aparências. Ele não erra. Os corruptos de coração podem até enganar os outros, mas o Senhor lê a vida interior.

Que pensamento solene! O conquistador mais poderoso da Terra não é capaz de remover o registro de um único dia. Nossos atos, nossas palavras e até mesmo nossos motivos secretos, embora por nós esquecidos, darão seu testemunho para justificar ou condenar.

O juízo examinará o uso que fizemos de cada talento. Como empregamos nosso tempo, nossa pena, nossa voz, nosso dinheiro, nossa influência? O que fizemos por Cristo na pessoa do pobre, do aflito, do órfão ou da viúva? O que

fizemos com a luz e a verdade que Deus nos concedeu? Somente o amor demonstrado por nossos atos é considerado genuíno. À vista do Céu, apenas o amor concede valor a qualquer ato.

Revelação do Egoísmo Oculto

O egoísmo oculto é revelado no livro do Céu. Quantas vezes as pessoas têm dado a Satanás o tempo, os pensamentos e a força que pertencem a Cristo! Professos seguidores de Cristo são absorvidos pela busca por bens mundanos ou por desfrutar prazeres terrenos. Sacrificam dinheiro, tempo e força por ostentação e condescendência pessoal, dedicando poucos momentos à oração, ao exame das Escrituras e à confissão dos pecados.

Satanás inventa inúmeros esquemas para ocupar nossa mente. O arquienganador odeia as grandes verdades que chamam a atenção para o sacrifício expiatório e o Mediador todo-poderoso. Para Satanás, tudo gira em torno de afastar a mente humana de Jesus.

Aqueles que desejam compartilhar os benefícios da mediação do Salvador por nós não deveriam permitir que nada interferisse em seu dever de desenvolver a santidade no temor do Senhor. Em vez de dedicar horas preciosas aos prazeres e à obtenção de dinheiro, deveriam devotar tempo ao estudo da Palavra da Verdade, em atitude de oração. Deveriam entender com clareza o santuário e o juízo investigativo. Todos necessitam conhecer a posição e a obra de nosso grande Sumo Sacerdote. Do contrário, será impossível exercer a fé tão essencial para este tempo.

O santuário no Céu é o centro da obra de Cristo em prol da

humanidade. Ele diz respeito a todas as pessoas que vivem na Terra. Abre o plano da redenção diante de nossos olhos, trazendo-nos para mais perto do conflito entre a justiça e o pecado.

A Intercessão de Cristo

A intercessão de Cristo por nós no santuário do alto é tão essencial para o plano da salvação quanto o foi Sua morte na cruz. Por meio de Sua morte, Ele começou a obra que ascendeu para completar no Céu. Devemos entrar pela fé no santuário, "onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar" (Hb 6:20). Ali a luz da cruz se reflete. Ali adquirimos uma visão mais clara dos mistérios da redenção.

"Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia" (Pv 28:13). Se aqueles que dão desculpas para suas falhas pudessem ver como Satanás zomba de Cristo com seu comportamento, confessariam seus pecados e os deixariam de lado. Por meio dos defeitos de caráter, Satanás trabalha para obter controle de toda a mente. O inimigo sabe que, se acariciarmos qualquer um de nossos defeitos, ele terá sucesso. Por isso, busca constantemente enganar os seguidores de Cristo com a mentira fatal de que é impossível vencê-los. Mas Jesus declarou a todos os Seus seguidores: "Minha graça é suficiente a você" (2Co 12:9). "O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve" (Mt 11:30). Ninguém deve pensar que seus defeitos de caráter são incuráveis. Deus dará fé e graça para superá-los.

Vivemos hoje no grande dia de expiação. Enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, todos tinham a obrigação de afligir a alma em arrependimento pelo pecado.

De igual maneira, todos os que desejam que seu nome seja mantido no livro da vida devem afligir a própria alma diante de Deus em arrependimento verdadeiro. Deve haver sondagem profunda e fiel do coração. O espírito frívolo com o qual muitos condescendem deve ser posto de lado. Há uma batalha ferrenha à frente de todos aqueles que desejam subjugar as tendências más que tentam controlar a vida. Todos precisam ser encontrados "sem mancha nem ruga ou coisa semelhante" (Ef 5:27).

Nesta época, acima de todas as outras, é importante que todas as pessoas atentem para o conselho do Salvador: "Fiquem atentos! Vigiem! Vocês não sabem quando virá esse tempo" (Mc 13:33).

O Destino de Todos é Decidido

O tempo da graça finalizará pouco tempo antes do Senhor aparecer nas nuvens do céu. Ao vislumbrar essa ocasião, Cristo declarou: "Continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se. Eis que venho em breve! A Minha recompensa está comigo, e Eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez" (Ap 22:11, 12).

As pessoas estarão plantando e construindo, comendo e bebendo, sem a menor consciência de que Deus pronunciou a decisão final no santuário celestial. Antes do dilúvio, depois que Noé entrou na arca, o Senhor o trancou ali dentro e fechou os ímpios do lado de fora. Por sete dias, porém, as pessoas deram continuidade à sua vida de amor aos prazeres, zombando das advertências em relação ao juízo. O Salvador disse: "Assim acontecerá na vinda do Filho do homem" (Mt 24:39). Silenciosamente, de maneira tão

imperceptível quanto a chegada do ladrão à meia-noite, chegará a hora que marcará a definição do destino de todos. “Portanto, vigiem [...]. Se Ele vier de repente, que não os encontre dormindo!” (Mc 13:35, 36).

Aqueles que se cansam de vigiar e se voltam para os atrativos do mundo estão em uma condição perigosa. Enquanto o empresário está absorvido na busca por lucros, o amante dos prazeres procura a autocondescendência e a filha da moda arruma seus adornos – pode ser nessa hora que o Juiz de toda a Terra pronunciará a sentença: “Foste pesado na balança e achado em falta” (Dn 5:27).

Por que o Pecado Foi Permitido?

Muitos veem a obra do mal, com sua dor e suas perdas, e questionam como isso pode existir sob o domínio dAquele que é infinito em sabedoria, poder e amor. Quem é propenso a duvidar logo usa isso como desculpa para rejeitar as palavras da Bíblia. A tradição e as interpretações errôneas obscureceram o ensino bíblico em relação ao caráter de Deus, à natureza de Seu governo e aos princípios de como Ele lida com o pecado.

É impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar o motivo de sua existência. No entanto, temos condições de entender o suficiente sobre o início do pecado e sobre seu fim definitivo para demonstrar com toda clareza a justiça e a bondade de Deus. O Senhor de maneira nenhuma foi responsável pelo pecado. Ele não removeu Sua graça divina, nem havia nada em falta no governo divino que desse motivo para a rebelião. O pecado é um intruso cuja presença ninguém é capaz de explicar. Dar desculpas para sua existência é o mesmo que defendê-lo. Se conseguirmos encontrar uma desculpa para ele, deixa de ser pecado. O pecado é a expressão de um princípio que está em guerra com a lei do amor, a qual consiste na base do governo divino.

Antes do início do pecado, havia paz e alegria por toda parte no Universo. O amor a Deus era supremo e o amor de uns para com os outros, altruísta. Cristo, o Unigênito de Deus, era um com o Pai eterno em natureza, caráter e propósito – o único ser capaz de entrar em todos os conselhos e planos de Deus. “NEle foram criadas todas as coisas nos C éus [...] , sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades” (Cl 1:16).

Como a lei do amor é a base do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados depende de sua harmonia voluntária com esses princípios de justiça. O Senhor não sente prazer na lealdade forçada e concede a todos liberdade de escolha, para que possam optar por servi-Lo de maneira voluntária.

Entretanto, um dos seres criados de Deus escolheu fazer mal uso dessa liberdade. O pecado surgiu com um anjo que, ao lado de Cristo, tinha sido o ser a quem Deus mais havia honrado. Antes da queda, Lúcifer era o chefe dos querubins cobridores, santo e puro. “Filho do homem, erga um lamento a respeito do rei de Tiro e diga- lhe: Assim diz o Soberano, o Senhor: Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Você estava no Éden, no jardim de Deus; todas as pedras preciosas o enfeitavam [...]. Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso Eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado até que se achou maldade em você. [...] Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor”

(Ez 28:12-15, 17). “Você pensa que é sábio, tão sábio quanto Deus” (v. 6). “Você, que dizia [...]: Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia [...]. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (Is 14:13, 14).

Cobiçando a honra que o Pai dera ao Filho, esse príncipe dos anjos queria o poder que só Cristo podia usar. Uma nota de discórdia agora maculava a harmonia celestial. Ver alguém se exaltar espalhou um estranho temor de algo mau em meio aos outros anjos, que consideram suprema a glória de Deus. Os concílios celestiais instaram com Lúcifer. O Filho de Deus lhe mostrou a bondade e a justiça do Criador, bem como a natureza santa de Sua lei. Ao rejeitá-la, Lúcifer desonraria seu Criador e traria ruína sobre si. Contudo, o aviso só despertou ainda mais sua resistência. Lúcifer permitiu que sua inveja de Cristo o controlasse.

O orgulho alimentou seu desejo de supremacia. A elevada honra que Deus dera a Lúcifer não o tornou grato ao Criador. Ele queria ser igual a Deus. No entanto, todos reconheciam que o Filho de Deus era o Governante do C éu, um com o Pai em poder e autoridade. Cristo participava de todos os concílios com Deus, mas Lúcifer não tinha permissão de conhecer os planos divinos. Esse poderoso anjo questionou: “Por que Cristo deve ter supremacia? Por que Ele é honrado assim, acima de Lúcifer?”

Descontentamento Entre os Anjos

Ao deixar seu lugar na presença de Deus, Lúcifer saiu para espalhar descontentamento entre os anjos. Com sigilo misterioso, escondendo seu real propósito por trás da

aparência de reverência a Deus, tentou tornar os anjos insatisfeitos com as leis que governavam os seres celestiais. Sugeriu não apenas que essas leis eram desnecessárias, mas também que estas os restringiam. Como a natureza deles era santa, dizia que os anjos deveriam seguir a própria vontade. Deus havia lidado injustamente com ele ao dar honra suprema a Cristo. Ele alegava que não estava tentando se exaltar, mas buscando obter liberdade para todos os seres celestiais, a fim de que cada um deles pudesse alcançar um nível superior de existência.

Deus foi paciente com Lúcifer. Não o removeu de sua honrada posição quando ele começou a fazer essas falsas alegações para os anjos. Vez após vez, o Senhor lhe ofereceu perdão se ele se arrependesse e fosse submisso. Deus fez esforços que somente o amor infinito é capaz de empreender para convencê-lo do erro. Nunca antes se ouvira falar em descontentamento no C éu. A princípio, o próprio Lúcifer não havia compreendido a real natureza de seus sentimentos. Quando Deus mostrou que não havia motivo para sua insatisfação, Lúcifer se convenceu de que os argumentos divinos estavam corretos e de que ele deveria reconhecer essa verdade para todo o C éu. Caso tivesse feito isso, ele teria salvado a si mesmo e muitos anjos. Se tivesse se mostrado disposto a voltar para Deus, satisfeito em ocupar o lugar que o Senhor lhe dera, Deus o teria recolocado em sua posição. Mas o orgulho não permitiu que ele se sujeitasse. Ele afirmou que não tinha necessidade de se arrepender e se comprometeu plenamente com o grande conflito contra seu Criador.

Passou então a aplicar todos os poderes de sua elevada

mente ao engano, a fim de conquistar a simpatia dos anjos. Satanás alegava que Deus o havia julgado de maneira errada e restringira sua liberdade. Depois de interpretar erroneamente as palavras de Cristo, passou a contar mentiras escancaradas, acusando o Filho de Deus de tramar humilhá-lo diante dos habitantes do C éu.

Acusava a todos que não conseguia conquistar para o seu lado de serem indiferentes às questões dos seres celestiais. Recorreu à representação incorreta do Criador. Tentava deixar os anjos perplexos com argumentos sutis em relação aos planos de Deus. Tudo que era simples, ele revestia de mistérios e, por astuta perversão, fazia as afirmações mais claras de Deus parecerem duvidosas. Sua elevada posição conferia credibilidade ao que dizia. Convenceu muitos a se unirem a ele na rebelião.

A Rebelião

Deus, em Sua sabedoria, permitiu que Satanás levasse adiante sua obra até que o espírito de dissidência se transformasse em revolta. Era necessário o Senhor permitir que o inimigo desenvolvesse seus planos até o fim, para que todos pudessem ver sua verdadeira natureza. Lúcifer era muito amado pelos seres celestiais, e sua influência sobre eles era forte. O governo de Deus incluía não só os habitantes do C éu, mas também de todos os mundos que Ele havia criado. Satanás achou que, se conseguisse levar os anjos consigo em rebelião, também recrutaria os outros mundos. Recorrendo a argumentos falsos e fraudes, grande foi seu poder de enganar. Até mesmo os anjos leais não conseguiam discernir plenamente seu caráter, nem ver para onde sua obra estava conduzindo.

Satanás havia recebido tantas honras elevadas e revestia todos os seus atos de tanto mistério que era difícil mostrar aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. O pecado não pareceria ser tão mau até se desenvolver por completo. Os seres santos não seriam capazes de reconhecer quais seriam as consequências de deixar a lei de Deus de lado. A princípio, Satanás alegou estar promovendo a honra de Deus e o bem de todos os habitantes do C éu.

Em Sua resposta ao pecado, Deus só podia usar a justiça e a verdade. Satanás podia lançar mão de tudo aquilo que o Senhor não faria: bajulação e engano. Todos necessitavam compreender o verdadeiro caráter desse anjo que queria a posição divina. Ele deveria ter tempo para se revelar por meio de suas obras más.

Satanás culpou a Deus pela discórdia que as próprias ações más haviam causado no C éu. Declarou que todo mal era resultado do governo divino. Por isso, era necessário que ele demonstrasse como as mudanças que ele propunha na lei do Senhor funcionariam. Os seus atos deveriam condená-lo. O Universo inteiro precisava ver o enganador ser desmascarado.

Mesmo depois de decidir que Satanás não podia mais permanecer no C éu, a Sabedoria Infinita não o destruiu. A lealdade das criaturas de Deus deveria repousar na convicção de que Ele é justo e íntegro. Os habitantes do C éu e dos outros mundos não estavam preparados para compreender as consequências do pecado, por isso não conseguiriam reconhecer a justiça e a misericórdia de Deus caso Ele houvesse destruído Satanás naquele momento. Se o Senhor apagasse a existência do inimigo de imediato, eles

passariam a servi-Lo por medo, não por amor. Deus não destruiria por completo a influência do enganador, nem eliminaria o espírito de rebelião. Pelo bem do Universo ao longo das eras eternas, Satanás precisaria desenvolver seus princípios de maneira mais completa. Então todos os seres criados seriam capazes de enxergar a realidade por trás de suas acusações contra o governo divino.

A rebelião de Satanás estava prestes a se tornar um testemunho para o Universo em relação às terríveis consequências do pecado. Seu domínio mostraria o fruto de rejeitar a autoridade de Deus. A história de sua terrível experiência de rebelião seria uma proteção eterna para todos os seres santos, salvando-os do pecado e de seu castigo.

Quando foi feito o anúncio de que o grande usurpador deveria ser expulso do C éu com todos os seus simpatizantes, o líder rebelde manifestou seu desprezo pela lei do Criador. Denunciou que os estatutos divinos eram uma restrição à liberdade e declarou sua intenção de abolir toda a lei. Alegava que, libertos dessa limitação, os habitantes do Céu conseguiriam alcançar uma condição mais elevada de existência.

Banido do Céu

Satanás e seus seguidores culparam a Cristo por sua rebelião. Disseram que se não tivessem sido repreendidos, nunca teriam se rebelado. Teimosos e desafiadores, alegaram em blasfêmia ser vítimas inocentes de um poder opressor. Assim o grande rebelde e seus simpatizantes foram expulsos do Céu (Ap 12:7-9).

O espírito de Satanás continua a inspirar rebelião na Terra em pessoas impenitentes. Assim como ele, prometem liberdade por meio da transgressão da lei de Deus. A condenação do pecado continua a despertar ódio. Satanás leva as pessoas não apenas a se justificar, mas a conquistar a simpatia dos outros em seus pecados. Em vez de corrigir os próprios erros, espalham ressentimento por aquele que chamou a atenção para seu pecado, como se essa pessoa fosse a causa da dificuldade.

Satanás persuadiu Adão e Eva usando a mesma representação errônea do caráter de Deus que fizera no Céu. Ele os levou a pensar que Deus era severo e tirano. Então alegou que as restrições injustas do Senhor haviam levado à queda de nossos primeiros pais, após eles caírem em sua rebelião.

Ao expulsar Satanás do Céu, Deus declarou Sua justiça e honra. Mas, quando a humanidade pecou, Ele deu evidências de Seu amor ao oferecer Seu Filho para morrer pela raça caída. A expiação nos revela o caráter de Deus. O poderoso argumento da cruz demonstra que o pecado não foi, de maneira nenhuma, uma falha do governo divino. Durante o ministério terreno do Salvador, o caráter do grande enganador foi desmascarado. A ousada blasfêmia contida na exigência de que Cristo o adorasse, a intenção maligna incessante que perseguia Jesus por todos os lugares, inspirando o coração dos sacerdotes a rejeitar Seu amor e a bradar: “Crucifica-O! Crucifica-O!” – tudo isso despertou a perplexidade e indignação do Universo. O príncipe do mal exerceu todo o seu poder e suas astutas habilidades para destruir Jesus. Satanás usou os seres

humanos como agentes seus para encher a vida do Salvador de sofrimento e tristeza. E, no Calvário, o fogo reprimido da inveja e do despeito, do ódio e da vingança, flamejaram contra o Filho de Deus.

Finalmente, a culpa de Satanás aparecia com clareza e sem desculpa. Ele havia revelado seu verdadeiro caráter. As acusações mentirosas que tinha feito contra o caráter de Deus apareceram em sua verdadeira luz. Ele havia acusado o Senhor de procurar Se exaltar ao exigir obediência de Suas criaturas. Alegara que, ao passo que exigia negação do eu de todos os outros, Ele próprio nunca Se negava, nem fazia sacrifício algum. Então ficou claro que o Governante do Universo havia feito o maior sacrifício que o amor seria capaz de fazer, pois “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19). A fim de destruir o pecado, Cristo Se humilhou e Se tornou obediente até a morte.

Um Argumento em Nosso Favor

Todo o Céu viu a justiça de Deus revelada. Lúcifer havia argumentado que a raça pecadora estava além da possibilidade de redenção. Contudo, a pena da lei recaiu sobre Aquele que era igual a Deus. Os pecadores agora estavam livres para aceitar a justiça de Cristo e, por arrependimento e humildade, triunfar sobre o poder de Satanás.

Entretanto, Cristo não veio à Terra morrer somente para redimir a humanidade. Veio demonstrar para todos os mundos que a lei de Deus é imutável. A morte de Cristo prova que a lei é permanente e demonstra que justiça e misericórdia são o fundamento do governo de Deus. No juízo final, ficará claro que não existe nenhuma causa para o

pecado. Quando o Juiz de toda a Terra perguntar a Satanás: “Por que você se rebelou contra Mim ?”, o originador do mal não terá desculpa para oferecer.

O clamor de morte do Salvador, “Está consumado!”, tocou o sino da morte para Satanás. O grande conflito tão antigo foi então decidido. A erradicação final do mal se tornou garantida. Quando o dia chegar, “ardente como uma fornalha [...], os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha, e aquele dia, que está chegando, ateará fogo neles, diz o Senhor dos Exércitos. Não sobrará raiz ou galho algum” (Ml 4:1).

O mal nunca mais vai se levantar novamente. A lei de Deus será honrada como a lei da liberdade. A criação testada e provada nunca mais vai se afastar da lealdade Àquele que demonstrou que Seu caráter consiste de amor inescrutável e sabedoria infinita.

Guerra Entre Satanás e o Homem

P“ orei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você Lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15). Essa inimizade, ou hostilidade, não é natural. Quando Adão e Eva transgrediram a lei divina, a natureza deles se tornou má, em harmonia com a de Satanás. Anjos caídos e pessoas ímpias se uniram em desesperado companheirismo. Se Deus não tivesse interferido, Satanás e a humanidade teriam formado uma aliança contra o Céu, e toda a família humana teria se unido em oposição a Deus.

Quando Satanás ouviu que existiria inimizade entre ele e a mulher, entre sua descendência e o descendente dela, soube que, de alguma forma, os seres humanos seriam capacitados a resistir ao seu poder.

Graça de Cristo

Cristo implanta em nós a resistência contra Satanás. Sem Sua graça conversora e Seu poder renovador, continuaríamos sempre a ser servos de Satanás, prontos para lhe obedecer a todo instante. Mas o novo princípio no coração gera conflito. O poder que Cristo dá nos capacita a resistir ao tirano. Odiar o pecado, em vez de amá-lo, revela

um princípio que vem completamente do alto.

A forma como o mundo recebeu Jesus revelou de forma gritante o antagonismo entre Cristo e Satanás. A pureza e a santidade de Cristo despertaram o ódio dos ímpios contra Ele. Sua negação do eu era uma repreensão constante às pessoas orgulhosas e sensuais. Satanás e os anjos maus se uniram a seres humanos ímpios contra o Defensor da verdade. Eles demonstram a mesma inimizade contra os seguidores de Cristo. Todo aquele que resiste à tentação desperta a ira de Satanás. Cristo e Satanás nunca entrarão em harmonia. “Todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12).

Os representantes de Satanás tentam enganar os seguidores de Cristo e atraí-los para longe da lealdade a Ele. Distorcem as Escrituras a fim de alcançar seu objetivo. O Espírito que condenou Cristo à morte move os ímpios a destruir os seguidores de Jesus. Tudo isso foi prefigurado naquela primeira profecia: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela” (Gn 3:15).

Por que Satanás não encontra maior resistência? Porque os soldados de Cristo têm muito pouca conexão real com Ele. O pecado não lhes parece tão repugnante como era a seu Mestre. Não o enfrentam com a mesma resistência determinada. Tornam-se cegos para o caráter do príncipe das trevas. Muitos não sabem que seu inimigo é um general poderoso, que guerreia contra Cristo. Até mesmo ministros do evangelho negligenciam as evidências da atuação de Satanás. Parecem ignorar até mesmo o fato de que ele existe.

Um Inimigo Alerta

Esse inimigo alerta introduz sua presença em cada lar, cada rua, nas igrejas, nos congressos nacionais, nos tribunais de justiça. Está ocupado causando perplexidade, engano e sedução, arruinando por toda parte a alma e o corpo de homens, mulheres e crianças. Ele separa famílias, plantando sementes de ódio, briga, rebelião e homicídio. O mundo parece pensar que foi Deus quem decretou essas coisas e, por isso, elas precisam existir. Todos aqueles que não são seguidores comprometidos de Cristo se tornam servos de Satanás. Quando os cristãos optam por se associar aos ímpios, acabam se expondo à tentação. Satanás se esconde e coloca sua venda enganosa sobre os olhos das pessoas.

Seguir os costumes do mundo converte a igreja ao mundo, nunca o mundo a Cristo. A familiaridade com o pecado o fará parecer menos repugnante. Quando enfrentamos provações por fazer aquilo que Deus deseja, podemos ter a certeza de que Ele vai nos proteger. No entanto, se nos colocamos em uma posição na qual nos tornamos vulneráveis à tentação, mais cedo ou mais tarde cairemos.

O tentador costuma trabalhar com mais sucesso por meio daqueles de quem menos suspeitamos estar sob seu controle. Talento e cultura são dons dados por Deus; porém, quando essas coisas o afastam dEle, elas se tornam uma armadilha. Muitas pessoas com intelecto culto e bons modos são instrumentos polidos nas mãos de Satanás.

Nunca se esqueça da advertência inspirada que ecoa ao longo dos séculos até nossa era: “Estejam alertas e vigiem. O diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão,

rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pe 5:8). “Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6:11). Nosso grande inimigo está se preparando para sua última campanha. Todos aqueles que seguem a Jesus terão conflitos com o inimigo. Quanto mais os cristãos imitam de perto o padrão divino, com certeza, mais vão se tornar alvos dos ataques de Satanás.

Satanás atacou a Cristo com tentações atrozes e sutis, mas Jesus o repeliu em todos os conflitos. Cristo tornou possível que nós conquistemos as mesmas vitórias. Ele dará força a todo aquele que a buscar. Satanás não pode vencer nenhuma pessoa sem seu consentimento. O tentador não tem poder para controlar a vontade, nem para forçar o indivíduo a pecar. Pode causar aflição, mas não profanação. O fato de Cristo tê-lo vencido deve inspirar coragem em Seus seguidores para travar a batalha contra o pecado e contra Satanás.

Espíritos Maus

Anjos de Deus e espíritos maus estão plenamente revelados nas Escrituras e misturados à história humana. Muitos acham que os santos anjos “enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação” (Hb 1:14) na verdade são espíritos dos mortos. Mas as Escrituras apresentam provas de que eles não são espíritos desencarnados dos mortos.

Antes de serem criados os seres humanos, os anjos já existiam, pois quando os fundamentos da Terra foram postos, “as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam” (Jó 38:7). Após a queda de Adão e Eva, mas antes da morte de qualquer ser humano, Deus enviou anjos para vigiarem a árvore da vida. Os anjos são superiores aos seres humanos, pois o homem foi feito “pouco menor [...] do que os anjos” (Sl 8:5, ARC).

O profeta disse: “Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono” (Ap 5:11, ARA). Na presença do Rei dos reis eles se posicionam, “Seus servos, que cumprem a Sua vontade”, “que obedecem à Sua palavra” (Sl 103:21, 20), em “incontáveis hostes” (Hb 12:22, ARA). Eles saem como mensageiros de Deus, “à semelhança de relâmpagos”, tão ágil é seu voo (Ez 1:14, ARA). O anjo que apareceu junto ao túmulo do Salvador, com o rosto “como um relâmpago”, fez

os soldados “tremerem de medo e ficaram como mortos” (Mt 28:3, 4). Quando Senaqueribe blasfemou contra Deus e ameaçou Israel, “o anjo do Senhor saiu e matou cento e oitenta e cinco mil homens” (2Rs 19:35).

Deus envia anjos em missões de misericórdia por Seus filhos. A Abraão, com promessas de bênção; a Ló, a fim de resgatá-lo da destruição de Sodoma; a Elias, prestes a morrer no deserto; a Eliseu, com carros e cavalos de fogo quando ele estava cercado por seus inimigos; a Daniel, quando foi abandonado para se tornar presa dos leões; a Pedro, condenado à morte na masmorra de Herodes; aos apóstolos na prisão de Filipos; a Paulo na noite tempestuosa no mar; a Cornélio a fim de lhe abrir a mente para que aceitasse o evangelho; a Pedro para que fosse levar a mensagem de salvação ao gentio desconhecido – de todas essas maneiras, santos anjos ministraram ao povo de Deus.

Anjos da Guarda

Deus designou um anjo da guarda para cada seguidor de Cristo. “O anjo do Senhor é sentinela ao redor daqueles que O temem, e os livra” (Sl 34:7). Ao falar sobre aqueles que creem nEle, Jesus disse: “Os anjos deles nos C éus estão sempre vendo a face de Meu Pai celeste” (Mt 18:10). O povo de Deus é exposto ao ódio incansável do príncipe das trevas, mas Deus lhes garante que os anjos nunca deixarão de guardar Seus filhos. O Senhor lhes dá essa certeza porque precisarão enfrentar agentes poderosos do mau – seres numerosos, determinados e infatigáveis.

Anjos Maus

Originalmente, os espíritos maus foram criados sem

pecado. Eram iguais em natureza, poder e glória aos seres santos que hoje são os mensageiros de Deus. Agora são caídos por causa do pecado e se uniram não somente para desonrar ao Senhor, mas para destruir a humanidade. Unidos a Satanás em rebelião, cooperam com ele na guerra contra a autoridade divina.

A história do Antigo Testamento menciona sua existência; mas, durante a época em que Cristo esteve na Terra, os espíritos maus mostraram seu poder das maneiras mais impressionantes. Cristo tinha vindo redimir a raça humana, e Satanás estava determinado a controlar o mundo. Ele tivera êxito em estabelecer a adoração a ídolos em todas as partes da Terra, com exceção da Palestina. Cristo veio à única terra que não havia cedido totalmente ao tentador, estendeu os braços de amor e convidou todos a encontrar perdão e paz nEle. Os anjos das trevas entenderam que, se a missão de Cristo tivesse sucesso, seu domínio logo terminaria.

O Novo Testamento afirma, com clareza, que existe possessão demoníaca. As pessoas que padeciam desse mal não estavam apenas sofrendo de doenças com causas naturais. Cristo reconhecia a presença direta e a influência dos espíritos malignos. Os endemoninhados de Gadara eram maníacos miseráveis, que se contorciam, espumavam e tinham acessos de ira. Cometiam atos de violência contra si mesmos e colocavam em risco todas as pessoas que deles se aproximavam. O corpo ensanguentado e desfigurado deles, assim como sua mente insana formavam um espetáculo que agradava o príncipe das trevas. Um dos demônios que controlava os sofredores disse: “Meu nome

é Legião [...] porque somos muitos” (Mc ٥:٩). No exército romano, uma legião consistia de três a cinco mil homens. Sob a ordem de Jesus, os espíritos maus deixaram suas vítimas , e aqueles homens ficaram mansos, inteligentes e dóceis. Mas os demônios levaram um rebanho de porcos para dentro do mar. Para os habitantes de Gadara, aquela perda foi maior do que a bênção trazida por Cristo, por isso pediram ao divino Curador que fosse embora (Mt 8:33, 34). Ao culpar Jesus pelo prejuízo, Satanás despertou os temores egoístas do povo e impediu que ouvissem as palavras do Salvador.

Cristo permitiu que os espíritos maus destruíssem os porcos como repreensão aos judeus que criavam animais imundos para obter lucro. Se Jesus não houvesse restringido os demônios, eles teriam não só afogado os porcos, mas também mandado seus cuidadores para dentro do mar.

Além disso, Deus permitiu esse acontecimento para que os discípulos pudessem testemunhar o poder cruel de Satanás tanto sobre pessoas quanto sobre os animais e não se deixassem enganar por suas ilusões. Jesus também queria que as pessoas vissem Seu poder quebrar o jugo do inimigo e libertar seus cativos. Embora Jesus tenha partido, os homens que Ele libertou de maneira tão extraordinária permaneceram ali para contar aos outros sobre a misericórdia de seu Benfeitor.

A Bíblia registra outros exemplos. A filha da mulher siro-fenícia era gravemente afligida por um demônio, a quem Jesus expulsou com Sua palavra (Mc 7:25-30); um jovem possuído por um espírito que o tinha “lançado no fogo e na água para matá-lo” (Mc 9:17-27); o maníaco, atormentado

pelo espírito de um demônio imundo que perturbou a tranquilidade do sábado em Cafarnaum (Lc 4:33-36). A todos esses o Salvador curou. Em quase todas as situações, Cristo Se dirigiu ao demônio como um ser inteligente, ordenando que nunca mais atormentasse sua vítima. Os adoradores em Cafarnaum "ficaram admirados, e diziam uns aos outros: 'Que palavra é esta? Até aos espíritos imundos Ele dá ordens com autoridade e poder, e eles saem!'" (Lc 4:36).

A fim de obter poder sobrenatural, alguns aceitavam de bom grado a influência satânica. É claro que essas pessoas não tinham nenhum conflito com os demônios. Incluso nesse grupo estavam aqueles que possuíam espírito de adivinhação: o mago Simão, o feiticeiro Elimas e a jovem escrava que seguiu Paulo e Silas em Filipos (At 8:9, 18; 13:8; 16:16-18).

Perigo

Ninguém está em maior perigo do que aqueles que negam a existência do diabo e de seus anjos. Muitos aceitam suas sugestões porque pensam estar seguindo a própria sabedoria. À medida que nos aproximamos do tempo do fim, no qual Satanás lançará mão de seu maior poder para enganar, o inimigo espalha por toda parte a crença de que ele não existe. Essa é sua tática para se esconder e seu modo de agir.

O grande enganador tem medo de que nos familiarizemos com seus enganos. A fim de esconder seu real caráter, ele influenciou as pessoas a retratá-lo como algo ridículo ou desprezível. Agrada-se em ser retratado de forma cômica, disforme, metade animal e metade humano. Fica alegre ao

ouvir seu nome ser usado em piadas e zombaria. Por ter se mascarado com habilidade fenomenal, muitas pessoas perguntam: “Esse ser existe de verdade?” Como Satanás tem facilidade para controlar a mente daqueles que não estão cientes de sua influência, a Palavra de Deus nos revela suas forças secretas, e isso nos coloca em posição de alerta.

Segurança com Jesus

Podemos encontrar abrigo e libertação no poder superior de nosso Redentor. Temos o cuidado de deixar nossa casa segura com cadeados e fechaduras a fim de proteger de pessoas más não apenas a nossa propriedade, mas também a própria vida. No entanto, é raro pensar nos anjos maus e na realidade de que, apenas com nossa força, não temos defesa contra seus ataques. Se tiverem permissão, eles podem confundir nossa mente, atormentar nosso corpo e destruir nossos bens e nossa vida. Aqueles, porém, que seguem a Cristo estão seguros sob Seu cuidado vigilante. Anjos com força superior são enviados para protegê-los. Os maus não podem romper a guarda que Deus posicionou em torno de Seu povo.

Como Derrotar Satanás

O grande conflito entre Cristo e Satanás terminará em breve, e o maligno está aumentando seus esforços para derrotar a obra de Jesus em prol da humanidade. Seu objetivo é manter as pessoas em trevas e rebelião até que a ministração do Salvador no santuário termine. Quando as pessoas na igreja estão indiferentes, Satanás não se preocupa. Entretanto, quando os corações indagam: “O que devo fazer para ser salvo?”, ele aparece para nivelar seu poder contra Cristo e neutralizar a influência do Espírito Santo.

Em certa ocasião, quando os anjos foram se apresentar diante do Senhor, Satanás também compareceu no meio deles, não para se prostrar perante o Rei Eterno, mas para levar adiante seus planos perversos contra os justos (Jó 1:6). Ele está presente quando os cristãos se reúnem para adorar, trabalhando com afinco para controlar a mente dos adoradores. Quando vê o mensageiro de Deus estudando as Escrituras, observa o tema que será apresentado. Então usa suas habilidades sutis e sua astúcia para que a mensagem não alcance aqueles a quem está enganando nesse ponto. Quem mais necessita da advertência será incitado a realizar alguma transação comercial ou será impedido de alguma outra maneira de ouvir a palavra.

Satanás vê os servos do Senhor preocupados com as trevas que cercam as pessoas. Ele ouve suas orações pedindo graça divina e poder para quebrar o encanto da indiferença e da preguiça. Então, com zelo renovado, Satanás tenta as pessoas a condescender com seus apetites ou se gratificar e, dessa maneira, entorpece suas percepções para que não consigam ouvir as coisas que mais necessitam escutar.

Satanás sabe que todos aqueles que negligenciam a oração e a leitura da Bíblia serão vencidos por seus ataques. Por isso, inventa todas as distrações possíveis para ocupar a mente. Seus braços direitos sempre estão em atividade quando Deus está trabalhando. Chamarão os servos mais fervorosos e abnegados de Cristo de enganados ou enganadores. Sua obra é deturpar os motivos de todo ato nobre, espalhar dúvidas e despertar suspeitas na mente dos inexperientes. Mesmo assim, nós podemos identificar com facilidade de quem eles são filhos, o exemplo de quem seguem e a obra de quem realizam. “Vocês os reconhecerão por seus frutos” (Mt 7:16; Ap 12:10).

A Verdade Santifica

O grande enganador tem muitas heresias preparadas para agradar os diferentes gostos daqueles a quem deseja arruinar. Seu plano é levar pessoas não convertidas e sem sinceridade para a igreja, que incentivem a dúvida e a descrença. Muitos que não têm fé verdadeira em Deus concordam com alguns princípios da verdade e se passam por cristãos. Dessa maneira, conseguem introduzir erros como se fossem doutrinas bíblicas. Satanás sabe que, quando a verdade é aceita em amor, ela santifica a vida.

Por isso, tenta substituí-la por falsas teorias, fábulas ou outro evangelho. Desde o princípio, os servos de Deus têm se oposto a falsos mestres, não por considerarem que são pessoas más, mas porque ensinavam falsidades fatais para a vida espiritual. Elias, Jeremias e Paulo se opuseram com firmeza àqueles que afastavam os outros da Palavra de Deus. A mentalidade liberal de que a fé correta não é importante nunca encontrou a aceitação desses santos defensores da verdade.

Interpretações vagas e criativas das Escrituras e as teorias religiosas conflitantes no mundo cristão são obra de nosso grande adversário, para confundir a mente das pessoas. A discórdia e a divisão existente entre as igrejas prov ê m, em grande medida, da distorção das Escrituras a fim de favorecer uma teoria preferida.

A fim de provar doutrinas falsas, alguns fazem uso de passagens bíblicas separadas de seu contexto. Citam metade de um versículo como prova de sua ideia, ao passo que a outra parte demonstra que o real significado é oposto. Com o engano astuto da serpente, assumem seu posicionamento com base em declarações não relacionadas umas com as outras, com a intenção de agradar os desejos carnais. Outros se voltam para figuras e símbolos, interpretando-os para que concordem com suas ideias, pouco se importando com o testemunho das Escrituras como a própria intérprete. Então apresentam seus pensamentos excêntricos como se fossem os ensinos da Bíblia.

A Bíblia Inteira Como Guia

Sempre que as pessoas começam a estudar as Escrituras

sem espírito de oração, sem disposição para aprender, distorcem as passagens mais claras, afastando-as de seu verdadeiro significado. A Bíblia inteira deveria ser apresentada às pessoas da maneira que está escrita.

Deus concedeu a palavra certa da profecia. Anjos e até mesmo Cristo vieram para revelar a Daniel e a João “o que em breve há de acontecer” (Ap 1:1). Deus não revelou questões importantes sobre nossa salvação a fim de confundir e desencaminhar a pessoa que busca a verdade de forma honesta. A Palavra do Senhor é clara para todo aquele que a estuda com o coração em espírito de oração.

Alegando “ter a mente aberta”, as pessoas ficam cegas para os enganos de Satanás. Ele obtém êxito em substituir a Bíblia por especulações humanas. As pessoas deixam de lado a lei de Deus, e as igrejas ficam presas à escravidão do pecado, ao passo que alegam estar livres.

Deus permitiu que uma forte luz fosse derramada sobre o mundo na forma de descobertas científicas. No entanto, se a Palavra de Deus não for o guia, até mesmo as mentes mais brilhantes ficam confusas ao tentar investigar como ciência e revelação se harmonizam.

O conhecimento humano é parcial e imperfeito. É por isso que muitos não conseguem conciliar suas ideias de ciência com as Escrituras. Vários aceitam coisas que não passam de teorias como se fossem fatos científicos e então acham que devem testar a Palavra de Deus por aquilo “que é falsamente chamado conhecimento” (1Tm 6:20). Como não conseguem explicar o Criador e Suas obras por leis naturais, consideram a história bíblica indigna de confiança. Aqueles que duvidam do Antigo e do Novo Testamento muitas vezes

dão um passo além e questionam a existência de Deus. Assim que soltam sua âncora, chocam-se contra as pedras da descrença.

É obra-prima dos enganos de Satanás levar as pessoas a não parar de especular sobre coisas que o Senhor não revelou. Lúcifer ficou insatisfeito porque Deus não partilhou com ele todos os segredos de Seus propósitos, então voltou as costas para as coisas que o Senhor havia revelado. Agora, ele tenta imbuir as pessoas do mesmo espírito e levá-las a ignorar os mandamentos diretos de Deus.

Rejeição da Verdade por Causa da Cruz

Quanto menos espirituais e abnegadas as doutrinas apresentadas, mais facilmente elas são recebidas pelas pessoas. Satanás está pronto para oferecer o que as pessoas querem e entrega seu engano de bandeja no lugar da verdade. Foi assim que o papado obteve poder sobre a mente de tantos. Ao rejeitar a verdade porque ela envolve uma cruz, os protestantes estão seguindo o mesmo caminho. Todos aqueles que procuram conveniência e a opinião popular, para não ficarem em descompasso com o mundo, serão deixados para receber "heresias destruidoras" em lugar da verdade (2Pe 2:1). Aqueles que olham com horror para um engano aceitam outro de bom grado. "Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça" (2Ts 2:11, 12).

Erros Perigosos

As maravilhas enganadoras do espiritismo estão entre os

agentes mais bem-sucedidos de Satanás. Quando as pessoas rejeitam a verdade, tornam-se alvos fáceis do engano.

Outro erro é a doutrina que nega a divindade de Cristo, alegando que Ele não existia antes de nascer neste mundo. Essa teoria contradiz as declarações do próprio Jesus sobre Seu relacionamento com o Pai e sobre Sua preexistência. Mina a fé na Bíblia como a revelação de Deus. Se as pessoas rejeitam o testemunho das Escrituras em relação à divindade de Cristo, é inútil argumentar com elas. Nenhum argumento, por mais forte que seja, será capaz de convencê-las. Ninguém que defende tal erro pode ter real compreensão sobre Cristo ou sobre o plano divino para nossa redenção.

Outro erro é a crença de que Satanás não existe como ser pessoal e de que a Bíblia usa seu nome apenas para representar os pensamentos e desejos maus dos seres humanos.

Alguns ensinam que o segundo advento de Cristo é Sua vinda para cada indivíduo por ocasião da morte. Esse é um engano cujo objetivo é distrair a mente das pessoas da vinda pessoal de Jesus nas nuvens do céu. Por meio disso, Satanás diz: “Ali está Ele, dentro da casa!” (Mt 24:23-26) e muitos têm se perdido ao aceitar esse engano.

Muitos cientistas afirmam que não pode existir resposta verdadeira às orações, pois essa seria uma violação da lei natural – um milagre, e milagres não existem. O Universo, dizem eles, é governado por leis fixas, e o próprio Deus nada pode fazer contra essas leis. Dessa maneira, representam um Deus limitado pelas leis que Ele mesmo

criou – como se as leis divinas excluíssem Sua liberdade.

Cristo e Seus apóstolos não realizaram milagres? O mesmo Salvador está tão disposto a ouvir a oração de fé hoje como quando andava visivelmente na Terra. O natural coopera com o sobrenatural. Faz parte do plano de Deus nos conceder, em resposta à oração de fé, aquilo que não nos daria se não pedíssemos com fervor.

Os Marcos da Palavra

As falsas doutrinas em meio às igrejas removem os marcos que a Palavra de Deus estabeleceu. Poucas pessoas param depois de rejeitar apenas uma verdade. A maioria deixa de lado um princípio da verdade após o outro, até rejeitar toda a fé cristã.

Os erros da teologia popular já induziram muitas pessoas ao ceticismo. É impossível para elas aceitar doutrinas que violam seu senso de justiça, misericórdia e bondade. Como as igrejas alegam que essas coisas são ensinos da Bíblia, esses indivíduos se recusam a reconhecer que as Escrituras são a Palavra de Deus.

Muita gente vê a Palavra de Deus com desconfiança porque ela repreende e condena o pecado. Aqueles que não estão dispostos a obedecer tentam subverter sua autoridade. Muitos rejeitam a religião a fim de justificar sua má conduta. Outros, que amam demais o sossego para fazer qualquer coisa que requer negação do eu, adquirem a reputação de ter inteligência superior por criticarem a Bíblia.

Muitos acham que é virtude se posicionar ao lado da descrença, do ceticismo e da ausência de religião. Contudo,

por trás da aparência de honestidade, essas pessoas agem com base na confiança em si mesmas e no orgulho. Muitos se deleitam em encontrar nas Escrituras algo que confunda a mente dos outros. Alguns refletem no lado errado a princípio apenas por amarem a polêmica. No entanto, depois de expressar a descrença abertamente, unem-se aos ímpios .

Evidências Suficientes

Em Sua Palavra, Deus concedeu evidências suficientes de seu caráter divino. A mente finita, porém, é inadequada para compreender por completo as intenções do Infinito. “Quão insondáveis são os Seus juízos e inescrutáveis os Seus caminhos!” (Rm 11:33). Temos condições de compreender Suas ações e Seus motivos o suficiente para enxergar amor e misericórdia ilimitados, unidos ao poder infinito. Nosso Pai celestial nos revela tudo o que é para o nosso bem saber. Além disso, devemos confiar na Mão, que é onipotente, e no Coração, que está cheio de amor.

Deus nunca removerá todas as desculpas para a descrença. Todos aqueles que procuram ganchos nos quais pendurar suas dúvidas vão encontrá-los. E quem se recusa a obedecer até que toda objeção desapareça nunca chegará à luz. O coração não renovado está em conflito com Deus. A fé é inspirada pelo Espírito Santo e florescerá ao cuidarmos dela. Ninguém é capaz de se tornar forte na fé sem esforços persistentes. Se as pessoas permitirem o despertamento de objeções triviais, perceberão que a dúvida se torna cada vez mais forte.

Aqueles que duvidam e desconfiam da certeza da graça divina desonram a Cristo. São árvores improdutivas que

bloqueiam a chegada da luz do sol a outras plantas, fazendo-as murchar e morrer debaixo de sua gélida sombra. A obra da vida de pessoas como essas sempre permanecerá como testemunho contra elas.

Para aqueles que, honestamente, desejam se libertar das dúvidas, há somente um caminho a seguir. Em vez de questionar as coisas que não entendem, devem prestar atenção à luz que já brilha sobre eles e receberão luz ainda maior.

Satanás é capaz de criar uma falsificação que se parece tanto com a verdade que engana aqueles que se mostram dispostos a receber o engano e desejam evitar os sacrifícios que a verdade requer. Mas é impossível para ele colocar uma pessoa sob seu poder se a pessoa deseja honestamente conhecer a verdade, sem se importar com o preço. Cristo é a verdade, a "verdadeira luz, que ilumina todos os homens". "Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o [...] ensino vem de Deus" (Jo 1:9; 7:17).

O Senhor permite que Seu povo passe pela prova ardente da tentação, não por apreciar sua angústia, mas porque ela é essencial para sua vitória final. Seria incoerente com Sua glória protegê-lo da tentação, uma vez que o propósito da prova é preparar para a resistência a todos os atrativos do mal. Nem ímpios, nem demônios são capazes de eliminar a presença de Deus em meio a Seus filhos se estes confessarem seus pecados, abandonando-os e clamando Suas promessas. Conseguirão resistir com sucesso a toda tentação, aberta ou secreta, "'não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito', diz o Senhor dos

Exércitos” (Zc 4:6).

“Quem há de maltratá-los, se vocês forem zelosos na prática do bem?” (1Pe 3:13). Satanás sabe muito bem que o mais fraco cristão que permanece em Cristo é mais do que páreo para todos os seus exércitos das trevas. Por essa razão, tenta afastar os soldados da cruz de suas fortes defesas, enquanto espera em emboscada, pronto para destruir todos aqueles que pisarem em seu território. Somente quando dependemos de Deus e obedecemos a todos os Seus mandamentos podemos estar seguros.

Ninguém está seguro por um dia, ou mesmo uma hora, sem oração. Rogue ao Senhor por sabedoria para entender Sua Palavra. Satanás é especialista em citar as Escrituras, dando a própria interpretação às passagens, na esperança de nos fazer tropeçar. Devemos estudar com o coração humilde. Enquanto vigiamos a todo instante contra os enganos de Satanás, devemos orar com fé continuamente: “E n ão nos dei xes cair em tentação” (Mt 6:13).

O que Acontece Após a Morte?

Satanás, que incitou a rebelião no Céu, queria levar os habitantes da Terra a se unir a ele em sua guerra contra Deus. Adão e Eva eram perfeitamente felizes ao obedecer à lei divina – um testemunho constante contra o argumento que Satanás havia defendido no Céu de que a lei de Deus era opressora. O inimigo estava determinado a provocar a queda do casal para que pudesse tomar posse da Terra e estabelecer seu reino aqui em oposição ao Altíssimo.

Deus havia advertido Adão e Eva em relação a esse poderoso inimigo, mas Satanás atuou nas trevas, ocultando suas intenções. Usando a serpente como médium, cuja aparência na época era fascinante, disse a Eva: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’ Respondeu a mulher à serpente: ‘Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’. Disse a serpente à mulher: ‘Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal’” (Gn 3:1-5).

Eva cedeu à tentação e, por meio de sua influência, Adão pecou. Eles aceitaram as palavras da serpente. Desconfiaram de seu Criador e imaginaram que Ele estivesse restringindo sua liberdade.

Mas qual era o sentido que Adão havia encontrado nas palavras: “Não comam do fruto da árvore [...] do contrário vocês morrerão”? Que ele seria promovido a uma existência superior? Adão não achava que esse fosse o significado da declaração divina. Deus declarou que, como castigo por seu pecado, ele e seus descendentes retornariam ao pó: “Você é pó, e ao pó voltará” (Gn 3:19). As palavras de Satanás “seus olhos se abrirão” demonstraram ser verdadeiras somente neste sentido: os olhos de Adão se abririam para ver o quanto eles haviam sido tolos. Eles conheceram o mal e provaram o amargo fruto de sua transgressão.

O fruto da árvore da vida tinha poder para manter a vida para sempre. Adão continuaria a ter livre acesso à árvore e nunca morreria; mas, ao pecar, foi excluído da árvore da vida e se tornou sujeito à morte. Ele perdeu a imortalidade por causa de seu pecado. Não haveria nenhuma esperança para a humanidade caída se Deus não houvesse levado a imortalidade a seu alcance por meio do sacrifício de Seu Filho. Ao passo que “a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12), Cristo “trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho” (2Tm 1:10). Só podemos receber a imortalidade por intermédio de Cristo. “Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida” (Jo 3:36).

A Grande Mentira

Aquele que prometeu a Adão vida na desobediência foi o

grande enganador. E a afirmação da serpente no Éden – "Certamente não morrerão!" – foi o primeiro sermão pregado sobre a imortalidade da alma. No entanto, tal declaração, que repousa somente sobre a autoridade de Satanás, ecoa do púlpito hoje, e a maioria das pessoas a aceita prontamente, da mesma forma que nossos pais. A sentença divina: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18:20, ARA) passou a significar: A alma que pecar morrerá, mas viverá eternamente. Se Deus tivesse permitido o livre acesso de Adão e Eva à árvore da vida após a queda, o pecado teria se imortalizado. Contudo, Deus não deixou que nenhum membro da família de Adão comesse do fruto doador de vida. Por causa disso, não existe pecador imortal.

Após a queda, Satanás instruiu seus anjos a instigar nas pessoas a crença de que elas são naturalmente imortais. Após convencer os seres humanos a aceitar esse erro, os anjos maus levariam a humanidade a concluir que os pecadores viveriam em miséria eterna. O príncipe das trevas apresenta Deus como um tirano vingativo que mergulha no inferno todos aqueles que O desagradam e olha para baixo com satisfação enquanto se contorcem nas chamas eternas. Dessa maneira, aquele que deu origem a todo mal retrata o Benfeitor da raça humana com suas próprias características. A crueldade é satânica. Deus é amor. Satanás é o inimigo que nos tenta a pecar e então nos destrói se conseguir. Como é ofensivo ao amor, à misericórdia e à justiça divina ensinar que Deus atormenta os ímpios mortos em um inferno que queima pela eternidade; que, por causa dos pecados de sua breve vida na Terra, sofrem tortura enquanto Deus existir! Certo pastor

muito instruído disse: “A visão dos tormentos do inferno aumentará a felicidade dos remidos para sempre, dando-lhes a consciência de como são felizes.”

Alguém é capaz de encontrar esse ensino na Palavra de Deus? Os remidos trocarão os sentimentos da humanidade comum pela crueldade dos selvagens? Nada disso! Essas coisas não são ensinos do Livro de Deus. “Juro pela Minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, que não tenho prazer na morte dos ímpios, antes tenho prazer em que eles se desviem dos seus caminhos e vivam. Voltem! Voltem-se dos seus maus caminhos! Por que o seu povo haveria de morrer, ó nação de Israel?” (Ez 33:11).

Deus Se deleita em testemunhar torturas sem fim? Ele Se agrada com grunhidos e gritos de sofrimento das criaturas a quem mantém nas chamas? Esses sons medonhos seriam música para o ouvido do Amor infinito? Que blasfêmia terrível! A glória de Deus não aumenta por meio da manutenção do pecado vivo ao longo das eras sem fim.

A Heresia do Tormento Eterno

Males incontáveis já derivavam da heresia do tormento eterno. A religião da Bíblia, tão cheia de amor e bondade, é obscurecida pela superstição e revestida de terror. Satanás pintou o caráter de Deus com cores falsas, fazendo as pessoas temerem e até mesmo odiarem nosso misericordioso Criador. O ponto de vista repugnante em relação a Deus que se espalhou pelo mundo por meio dos ensinos do púlpito transformou milhões em céticos e descrentes.

O tormento eterno é uma das falsas doutrinas, o vinho da

prostituição (Ap 14:8; 17:2) que Babilônia faz todas as nações beberem. Ministros de Cristo aceitaram essa heresia de Roma, assim como aceitaram o falso sábado. Se deixarmos a Palavra de Deus e nos apegarmos a falsas doutrinas porque nossos antepassados as ensinaram, entramos na condenação que a Bíblia pronuncia sobre Babilônia. Bebemos do vinho de sua abominação.

Muitas pessoas são levadas ao erro oposto. Veem que as Escrituras apresentam Deus como um ser amoroso e compassivo e não acreditam que Ele condenará Suas criaturas a um inferno que arderá pela eternidade. Como defendem a ideia de que a alma é naturalmente imortal, concluem que toda a humanidade será salva. Assim, o pecador pode viver em prazeres egoístas, ignorando os reclamos divinos e, mesmo assim, ser recebido em Seu favor. Essa doutrina, que leva em conta a misericórdia divina, mas ignora Sua justiça, agrada o coração não convertido.

A Salvação Universal Não é Bíblica

Aqueles que creem na salvação universal distorcem as Escrituras. O professo ministro de Cristo repete a mentira que a serpente proferiu no Éden: “Certamente não morrerão! [...] No dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”(Gn 3:4, 5) Ele afirma que o pior dos pecadores – o assassino, o ladrão, o adúltero – entrará no gozo eterno após a morte. Não existe fábula mais agradável, planejada para agradar o coração não convertido!

Se fosse verdade que todos vão diretamente para o C éu após a morte, faríamos bem em desejar a morte, em lugar

da vida. Essa crença já levou muitos a cometer suicídio. Quando se veem sobrecarregados por problemas e decepções, parece fácil para eles cortar o fio da vida e entrar na alegria do mundo eterno.

Em Sua Palavra, Deus concedeu evidências conclusivas de que castigará aqueles que desprezarem Sua lei. Ele seria misericordioso demais para executar justiça sobre o pecador? Olhe para a cruz do Calvário. A morte do Filho de Deus dá testemunho de que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23), de que toda transgressão da lei divina deve receber sua punição. Cristo, sem pecado, Se tornou pecado por nós. Ele carregou a culpa do pecado e Se escondeu da face do Pai até Seu coração se partir e Sua vida ser retirada – tudo isso para que os pecadores pudessem ser redimidos. Toda pessoa que se recusa a aceitar a expiação proporcionada por meio desse preço deve levar a própria culpa e suportar o castigo por seus pecados.

Condições Específicas

“A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida” (Ap 21:6). Essa promessa só se aplica a quem tiver sede. “O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será Meu filho” (v. 7). Esse texto também especifica condições. Para herdar tudo, devemos vencer o pecado.

“Para os ímpios, no entanto, nada irá bem” (Ec 8:13). O pecador “está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o Seu justo julgamento. Deus ‘retribuirá a cada um conforme o seu procedimento’. [...] Haverá tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal” (Rm 2:5, 6, 9).

“Nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus” (Ef 5:5). “Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira” (Ap 22:14, 15).

Deus nos deixou uma declaração clara de como Ele lidará com o pecado. “A todos os ímpios destruirá” (Sl 145:20). “Mas todos os rebeldes serão destruídos; futuro para os ímpios nunca haverá” (Sl 37:38). A autoridade do governo divino acabará com a rebelião; porém, Sua justiça ao castigar o pecado será coerente com o caráter de um Deus tão bom e misericordioso.

Deus não força a vontade. Ele não Se apraz na obediência escrava. Quer que as criaturas que criou O amem porque Ele é digno de ser amado. Deseja que Lhe obedeçam porque têm um apreço inteligente por Sua sabedoria, justiça e bondade.

Os princípios do governo de Deus se encontram em harmonia com a ordem do Salvador: “Amem os seus inimigos” (Mt 5:44). Deus executa justiça sobre os ímpios para o bem do Universo e daqueles que receberão Seus juízos. O Senhor os faria felizes se pudesse. Ele os cerca de evidências de Seu amor e os segue com ofertas de misericórdia. Mesmo assim, essas pessoas desprezam Seu amor, subvertem Sua lei e rejeitam Sua misericórdia. Mesmo recebendo constantemente Seus dons, desonram o Doador. Deus é muito paciente com a vontade própria e obstinada desses indivíduos. Mas Deus acorrentaria esses

rebeldes a Seu lado, forçando-os a fazer aquilo que Ele quer?

Despreparados para Entrar no Céu

Aqueles que escolheram Satanás como líder não estão preparados para entrar na presença de Deus. Orgulho, engano, imoralidade e crueldade se tornaram traços estabelecidos em seu caráter. Como podem entrar no Céu para viver eternamente com aqueles a quem odiaram na Terra? A verdade nunca agradará o mentiroso. A mansidão nunca satisfará o arrogante. A pureza não é aceitável para o corrupto. O amor abnegado não parece atrativo para o egoísta. Que alegria o Céu poderia oferecer para aqueles que vivem tão concentrados em interesses egoístas?

Aqueles cujo coração é cheio de ódio a Deus, à verdade e à santidade serão capazes de se misturar aos habitantes do Céu e se unir a seus cânticos de louvor? Deus lhes concedeu anos de graça a fim de se prepararem para a eternidade com Ele, mas esses indivíduos nunca treinaram a mente para amar a pureza. Nunca aprenderam a linguagem do Céu. Agora é tarde demais.

Uma vida de rebelião contra Deus os tornou despreparados para o Céu. A pureza e a paz da morada celestial seriam uma tortura para eles. A glória de Deus seria um fogo consumidor. Ansiariam por fugir daquele lugar santo e aceitariam a destruição de bom grado, apenas para fugir da face dAquele que morreu para redimi-los. É a própria escolha dos ímpios que decide seu destino. Eles se excluem voluntariamente do Céu e Deus é justo e misericordioso em ratificar a escolha dessas pessoas. Assim como as águas do dilúvio, o fogo do grande dia declarará o

veredito divino de que os ímpios são incuráveis. Exerceram o livre-arbítrio em revolta. Quando a vida termina, é tarde demais para transformar os pensamentos da transgressão da lei à obediência, do ódio ao amor.

Dois Destinos

“O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6:23). A vida é a herança dos justos, e a morte é o destino dos ímpios. A Bíblia traça um contraste entre “a segunda morte” e a vida eterna (Ap 20:14).

Por causa do pecado de Adão, a morte sobreveio a toda a raça humana. Por meio do plano da salvação, todos serão levantados de suas sepulturas: “Haverá ressurreição tanto de justos como de injustos”(At 24:15), “pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados” (1Co 15:22). A Bíblia faz uma distinção entre as duas classes que ressuscitarão: “ Todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a Sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados” (Jo 5:28, 29).

O Fim do Sofrimento

Aqueles que forem “considerados dignos” (Lc 20:35) da ressurreição da vida são “felizes e santos” (Ap 20:6a). “A segunda morte não tem poder sobre eles” (v. 6b). Mas quem não recebeu perdão por meio do arrependimento e da fé deve aceitar “o salário do pecado”, o castigo segundo as suas obras, que termina na “segunda morte”.

Como é impossível para Deus salvar os pecadores em seus pecados, Ele os priva da existência, da qual suas

transgressões abriram mão e se mostraram indignos. “Um pouco de tempo, e os ímpios não mais existirão; por mais que você os procure, não serão encontrados” (Sl 37:10). “Serão como se nunca tivessem existido” (Ob 16). Afundam na ausência de esperança, no esquecimento eterno.

Assim Deus dará fim ao pecado. “Destruíste os ímpios; para todo o sempre apagaste o nome deles. O inimigo foi totalmente arrasado, para sempre” (Sl 9:5, 6). De acordo com o Apocalipse, João ouviu um hino universal de louvor sem nenhuma nota de discórdia. Nenhuma alma perdida blasfemará de Deus enquanto se contorce em tormento sem fim. Nenhum ser miserável no inferno misturará seus gritos de dor aos cânticos dos salvos.

O erro da imortalidade natural é a base para a doutrina da consciência durante a morte. Assim como o tormento eterno, essa doutrina se opõe às Escrituras, à razão e ao nosso sentimento de humanidade.

De acordo com crenças populares, os remidos no Céu sabem de tudo que acontece na Terra. Mas como os mortos podem ser felizes ao saber dos problemas dos vivos e ao vê-los suportar as tristezas, decepções e angústias da vida? Como é revoltante a crença de que, assim que o fôlego deixa o corpo, a alma do impenitente é mandada para as chamas do inferno!

O que as Escrituras dizem? Os seres humanos não permanecem conscientes após a morte: “Quando o espírito deles se vai, eles voltam ao pó; naquele mesmo dia acabam-se os seus planos” (Sl 146:4). “Os vivos sabem que morrerão, mas os mortos nada sabem [...]. Para eles o amor, o ódio e a inveja há muito desapareceram; nunca

mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol” (Ec 9:5, 6). “A sepultura não pode louvar-Te, a morte não pode cantar o Teu louvor. Aqueles que descem à cova não podem esperar pela Tua fidelidade. Os vivos, somente os vivos, Te louvam, como hoje estou fazendo” (Is 38:18, 19). “Quem morreu não se lembra de Ti. Entre os mortos, quem Te louvará?” (Sl 6:5).

No dia de Pentecostes, Pedro declarou que “Davi morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está entre nós até o dia de hoje. [...] Pois Davi não subiu aos Céus” (At 2:29, 34). O fato de Davi permanecer na sepultura até a ressurreição prova que os justos não vão para o Céu quando morrem.

Paulo disse: “Pois, se os mortos não ressuscitam, nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos” (1Co 15:16-18). Se durante quatro mil anos os justos, ao morrer, tivessem ido diretamente para o Céu, como Paulo poderia ter dito que, se não há ressurreição, “os que dormiram em Cristo estão perdidos”?

Ressurreição para a Vida Eterna

Quando estava prestes a deixar os discípulos, Jesus lhes disse que logo eles voltariam para Ele. “Vou preparar-lhes lugar. E se Eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para Mim, para que vocês estejam onde Eu estiver” (Jo 14:2, 3). Paulo diz ainda que “dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos C éus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos , seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o

Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre” (1Ts 4:16, 17). E acrescentou: “Consolem-se uns aos outros com essas palavras” (v. 18). Quando o Senhor voltar, quebrará as cadeias da morte e ressuscitará os “mortos em Cristo” para a vida eterna.

Deus julgará a todos pelas coisas escritas nos livros e os recompensará de acordo com suas obras. Esse juízo não ocorre por ocasião da morte. “Estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça” (At 17:31). “Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de Seus santos, para julgar a todos” (Jd 14,15).

Se os mortos já estão desfrutando o C éu ou gemendo nas chamas do inferno, qual a necessidade de um juízo futuro? A mente comum é capaz de compreender a Palavra de Deus a respeito dessas coisas. Mas que pessoa sem preconceitos formados é capaz de enxergar sabedoria ou justiça na teoria atual? O justo ouvirá as palavras de aprovação divina : “Muito bem, servo bom e fiel! [...] Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mt 25:21), depois de já estar vivendo na presença de Deus por eras? Os ímpios serão chamados de seu tormento a fim de receber a sentença do Juiz: “Malditos, apartem-se de Mim para o fogo eterno” (v. 41)?

A teoria de que a alma é imortal foi uma das falsas doutrinas que Roma extraiu do paganismo. Lutero a classificou com as “fábulas monstruosas que formam parte do monturo romano de decretos”. [1] A Bíblia ensina que os mortos dormem até a ressurreição.

Imortalidade Quando Jesus voltar

Como é doce o descanso dos justos fatigados! O tempo, não importa se longo ou curto, é apenas um momento para eles. Todos dormem e então a trombeta de Deus os despertará para a imortalidade gloriosa. "Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: 'A morte foi destruída pela vitória'" (1Co 15:52, 54).

Chamados para acordar de seu sono, eles começam a pensar exatamente onde pararam. A última sensação foi o golpe da morte; o último pensamento foi de que estavam caindo sob o poder da sepultura. Quando saírem do túmulo, seu primeiro pensamento feliz ecoará na exclamação de vitória: "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" (v. 55).

[1] E. Petavel, *The Problem of Immortality* , p. 255.

Quem São os “Espíritos” no Espiritismo?

A doutrina de que somos naturalmente imortais veio da filosofia pagã. Nas trevas da grande apostasia, tornou-se parte da fé cristã, na qual substituiu a verdade de que “os mortos nada sabem” (Ec 9:5). Muitas pessoas acreditam que os espíritos dos mortos são “espíritos ministradores enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação” (Hb 1:14).

A crença de que os espíritos dos mortos voltam para ajudar os vivos preparou o caminho para o espiritismo moderno. Se os mortos recebem conhecimento muito superior ao que tinham antes, por que não voltar à Terra e instruir os vivos? Se os espíritos dos mortos pairam sobre seus amigos na Terra, por que não se comunicar com eles? Como aqueles que acreditam na consciência humana por ocasião da morte podem rejeitar a “luz divina” que vem por intermédio dos espíritos glorificados? Esse é um canal que as pessoas imaginam ser sagrado, mas do qual Satanás se aproveita. Anjos caídos aparecem como mensageiros do mundo espiritual.

O príncipe do mal tem poder para fazer surgir diante das pessoas a aparência de amigos falecidos. A falsificação é

perfeita, reproduzida com precis ão extraordinária. Muitos se consolam na certeza de que seus amados estão desfrutando o C éu. Sem suspeitar do perigo, abrem a vida para “ espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1Tm 4:1).

Aqueles que foram para a sepultura despreparados dizem falsamente estar felizes e ocupar altas posições no Céu. Supostos visitantes do mundo dos espíritos às vezes dão advertências que se provam corretas. Então, depois de conquistarem a confiança das pessoas, apresentam doutrinas que contradizem as Escrituras. O fato de proferirem algumas verdades e às vezes predizerem acontecimentos futuros os fazem parecer confiáveis, e as pessoas aceitam seus falsos ensinos. A lei de Deus é colocada de lado, e o Espírito da Graça é desprezado. Os espíritos negam a divindade de Cristo e colocam o Criador no mesmo nível deles.

Embora seja verdade que os resultados de fraudes muitas vezes são apresentados como manifestações genuínas, acontecem também demonstrações claras de poder sobrenatural, atuação direta dos anjos maus. Muitos creem que o espiritismo não passa de fraude humana. Quando se deparam face a face com acontecimentos que não conseguem explicar de nenhuma outra maneira além de um evento sobrenatural, são enganados e os aceitam como se fossem o grande poder de Deus.

Com o auxílio de Satanás, os magos egípcios falsificaram a obra de Deus (Êx ١٢-٧:١٠). Paulo testemunhou que, antes da vinda do Senhor, seria possível ver “a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras.

Ele fará uso de todas as formas de engano" (2Ts 2:9, 10). E João declarou: "E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu à terra, à vista dos homens. Por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou os habitantes da Terra" (Ap 13:13, 14). Não se trata da predição de meros truques. As pessoas são enganadas pelos milagres que os agentes de Satanás realizam de fato, não os que apenas fingem fazer.

O Apelo de Satanás aos Intelectuais

Às pessoas cultas e refinadas, o príncipe das trevas apresenta o aspecto mais refinado e intelectual do espiritismo. Ele agrada a imaginação com cenas extasiantes e descrições eloquentes do amor e da caridade. Leva as pessoas a sentirem tanto orgulho da própria sabedoria que, em seu coração, desprezam o Eterno.

Satanás engana os seres humanos hoje assim como ludibriou Eva no Éden, incitando a ambição para que exaltem a si mesmos. "Vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal", ele diz (Gn 3:5). O espiritismo ensina "que o ser humano é uma criatura de progressão [...] rumo à Divindade". Alega: "O juízo será correto, pois é o juízo do eu. [...] O trono está dentro de você." "Todo ser justo e perfeito é Cristo."

Dessa maneira, Satanás substitui a lei de Deus como única regra de julgamento pela natureza humana pecaminosa do próprio indivíduo. Esse progresso não leva para cima, mas para baixo. Homens e mulheres nunca vão se erguer acima do próprio padrão de pureza ou bondade. Se o eu é o mais elevado ideal, eles nunca alcançarão nada superior. Somente a graça de Deus tem poder para exaltá-los.

Entregues a si mesmos, seu caminho será descendente.

Apelo aos Amantes dos Prazeres

Para as pessoas autocondescendentes, sensuais e que amam os prazeres, o espiritismo aparece sob um disfarce menos sutil. Nas formas mais grosseiras do movimento, encontram aquilo que está de acordo com suas inclinações. Satanás observa o pecado que cada indivíduo tem a propensão de cometer e oferece oportunidades para que ele satisfaça essa tendência. Tenta as pessoas por meio da intemperança, levando-as a enfraquecer seu poder físico, mental e moral. Destrói milhares pela indulgência da paixão, embrutecendo a natureza inteira. Para concluir sua obra, os espíritos declaram que "o verdadeiro conhecimento coloca o indivíduo acima de toda lei", "qualquer coisa é certa" e "Deus não condena". Afirmam também que " os pecados [...] são inocentes". Quando as pessoas creem que o desejo é a mais alta lei, que liberdade é licenciosidade e que só prestarão contas para si mesmas, quem pode se surpreender ao ver a corrupção se multiplicar por toda parte? Grande número de indivíduos aceita alegremente os ímpetos da luxúria. Satanás apanha em sua rede milhares que professam seguir a Cristo.

Apesar de tudo isso, Deus nos concedeu luz suficiente para detectar a armadilha. O próprio fundamento do espiritismo está em guerra com as Escrituras. A Bíblia declara que os mortos nada sabem e que seus pensamentos pereceram. Eles não participam das alegrias, nem das tristezas dos habitantes da Terra.

Comunhão Proibida

Além disso, Deus proibiu toda suposta comunicação com espíritos de pessoas mortas. A Bíblia diz que os espíritos familiares, conforme são chamados esses visitantes de outros mundos, são espíritos de demônios (Nm 25:1-3; Sl 106:28; 1Co 10:20; Ap 16:14). Deus proibiu o relacionamento com eles sob pena de morte (Lv 19:31; 20:27). Então o espiritismo encontrou um jeito de entrar em círculos científicos, invadiu as igrejas e foi acolhido com receptividade em órgãos legislativos, até mesmo nas cortes dos reis. Esse engano gigantesco é um reavivamento da bruxaria, condenada há tanto tempo, sob novo disfarce.

Ao representar o mais vil dos pecadores como se estivesse no C éu, Satanás diz ao mundo: "Não importa se você acredita ou não em Deus e na Bíblia, viva da maneira que lhe agradar. O C éu será seu lar ." Mas a Palavra do Senhor afirma: "Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas" (Is 5:20).

Bíblia Retratada como Ficção

Espíritos mentirosos personificam os apóstolos, fazendo-os contradizer o que escreveram enquanto estavam na Terra. Satanás está fazendo o mundo crer que a Bíblia é ficção, um livro adequado para a infância da raça humana, mas obsoleto hoje. Coloca nas sombras o livro que julgará a ele e seus seguidores. Faz o Salvador do mundo parecer nada mais que um homem comum. E aqueles que creem nas aparições de espíritos tentam fazer parecer que não houve nada de milagroso na vida do nosso Salvador. Declaram que os próprios milagres são muito maiores que as obras de Cristo.

O espiritismo tem adotado aparência cristã. Mas não pode

negar, nem esconder seus ensinos. Em sua presente forma, é um engano mais perigoso e sutil. Professa aceitar a Cristo e a Bíblia, mas interpreta as Escrituras de modo agradável ao coração não renovado. Ele se ocupa do amor como o principal atributo de Deus, mas o degrada a um fraco sentimentalismo. A condenação divina do pecado e as exigências de Sua santa lei são deixadas fora do campo de visão. Fábulas levam homens e mulheres a rejeitarem as Escrituras como o fundamento de sua fé. Cristo é negado tanto quanto antes, mas a maioria das pessoas não reconhece o engano.

Poucos têm uma compreensão adequada do poder enganador do espiritismo. Muitos se envolvem por mera curiosidade. Ficariam horrorizados diante do pensamento de ceder ao controle dos espíritos. Contudo, ousam entrar em terreno proibido, e o destruidor exerce seu poder sobre eles, contrariando-lhes a vontade. Se o inimigo conseguir que submetam a mente à sua direção apenas uma vez, ele os tornará cativos. Nada além do poder de Deus, em resposta à oração fervorosa, será capaz de livrá-los.

Todos aqueles que, voluntariamente, acariciam pecados conhecidos estão convidando sobre si as tentações de Satanás. Esses pessoas separam-se de Deus e da vigilância de Seus anjos, deixando-se sem defesa.

“Quando disserem a vocês: ‘Procurem um médium ou alguém que consulte os espíritos e murmure encantamentos, pois todos recorrem a seus deuses e aos mortos em favor dos vivos’, respondam: ‘À lei e aos mandamentos!’ Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz!” (Is 8:19, 20).

Se as pessoas estivessem dispostas a aceitar a verdade bíblica em relação à nossa natureza humana e ao estado dos mortos, enxergariam o poder e os prodígios de mentiras de Satanás no espiritismo. No entanto, como fecham os olhos para a luz, Satanás coloca suas armadilhas para cercá-los. “Rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira” (2Ts 2:10, 11).

Aqueles que se opõem ao espiritismo atacam Satanás e seus anjos. Satanás não cederá nem mesmo um centímetro, a menos que mensageiros celestiais o façam recuar. Ele sabe citar as Escrituras e distorce seus ensinos. Aqueles que pretendem permanecer de pé nesta época de perigo precisam entender por si mesmos o que a Bíblia ensina.

Entendimento das Escrituras

Os espíritos de demônios que personificam parentes ou amigos apelam às nossas mais ternas simpatias e realizam milagres. Devemos resistir a eles com a verdade bíblica de que os mortos nada sabem e que quem aparece dessa maneira são espíritos de demônios.

Todos aqueles cuja fé não está firmada na Palavra de Deus serão enganados e derrotados. Satanás trabalha com “todas as formas de engano” (2Ts 2:10) e seus ardis aumentarão. Aqueles, porém, que estão buscando o entendimento da verdade e purificam a vida por meio da obediência encontrarão defesa certa no Deus da verdade. O Salvador preferiria enviar todos os anjos do C éu para proteger Seu povo a permitir que uma pessoa que confia nEle fosse vencida por Satanás. Aqueles que se confortam com a garantia de que não haverá castigo para o pecador estão

rejeitando as verdades que o C éu proporcionou como defesa para o dia da angústia e aceitarão as mentiras que Satanás oferece, as declarações enganosas do espiritismo.

Os escarnecedores ridicularizam aquilo que as Escrituras dizem a respeito do plano da salvação e do castigo que cairá sobre aqueles que rejeitam a verdade. Alegam ter grande pena de mentes tão estreitas, fracas e supersticiosas a ponto de obedecer aos reclamos da lei de Deus. Entregaram-se de maneira tão completa ao tentador, se uniram tão intimamente a ele e beberam com tamanha profundidade de seu espírito que não sentem nenhum desejo de se libertar das armadilhas do maligno.

Satanás lançou o fundamento de sua obra na garantia que deu a Eva no Éden: “Certamente não morrerão! [...] No dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:4, 5). Ele fará sua obra-prima do engano exatamente no tempo do fim. O profeta explica: “Vi [...] três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios que realizam sinais milagrosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso” (Ap 16:13, 14).

Com exceção daqueles a quem o poder de Deus mantém, pela fé, firmados em Sua Palavra, o mundo inteiro se deixará levar por esse engano. As pessoas estão rapidamente sendo embaladas até o sono da sensação de uma segurança fatal e somente o derramamento da ira divina as despertará.

Ameaça à Liberdade de Consciência

Os protestantes hoje veem o catolicismo de maneira muito mais favorável do que anos atrás. Nos países em que o catolicismo assumiu uma postura pacífica a fim de conquistar influência, cresce a opinião de que Roma não difere tanto sobre os pontos vitais quanto supúnhamos e que, com um pouquinho de concessão da nossa parte, chegaremos a um acordo mais amistoso com a Igreja Católica. Há algum tempo, os protestantes ensinavam os filhos que buscar harmonia com Roma seria deslealdade a Deus. Como são diferentes os sentimentos que as pessoas exprimem hoje!

Os defensores do papado alegam que a igreja foi descrita de maneira enganosa e que é injusto julgar a igreja de hoje por seu reinado durante os séculos de ignorância e escuridão. Dão como desculpa para a terrível crueldade da igreja os costumes severos da época.

Essas pessoas se esqueceram da afirmação de infalibilidade proveniente desse poder? Roma declara que "a igreja , nem jamais, de acordo com as Escrituras, ".[1]

A igreja papal nunca abrirá mão de sua reivindicação à infalibilidade. Se os governos seculares removessem as atuais restrições e Roma retomasse seu poder anterior,

rapidamente ocorreria o despertamento da tirania e perseguição eclesiástica.

É real que existem cristãos verdadeiros dentro da fé católica romana. Milhares dessa igreja servem a Deus de acordo com a melhor luz que receberam. O Senhor olha com misericordiosa ternura para as pessoas que foram educadas em uma fé tão enganosa e insatisfatória. Ele levará raios de luz a penetrar nas trevas, e muitos ainda se unirão a Seu povo.

O catolicismo romano como sistema não está em maior harmonia com o evangelho de Cristo hoje do que em qualquer época anterior. A Igreja Católica usa todos os recursos à sua disposição para readquirir o controle do mundo, reinstituir a perseguição e desfazer tudo aquilo que o protestantismo realizou. O catolicismo está conquistando território de todos os lados. Veja o número cada vez maior de suas igrejas. Observe a popularidade de suas faculdades e seminários, tão frequentados por protestantes. Olhe o crescimento do ritualismo na Inglaterra e a deserção frequente para as fileiras dos católicos.

Compromissos e Concessões

Os protestantes têm apoiado o catolicismo. Têm assumido compromissos e feito concessões que os próprios católicos se surpreendem ao ver. As pessoas estão fechando os olhos para o verdadeiro caráter do romanismo. É necessário resistir aos avanços desse perigoso adversário da liberdade civil e religiosa.

O catolicismo, embora esteja baseado no engano, não é vulgar e rude. O culto religioso da Igreja Católica é uma

cerimônia extremamente impressionante. Sua belíssima ostentação e seus rituais solenes fascinam as pessoas e silenciam a voz da razão e da consciência. Encanta os olhos. Igrejas magníficas, procissões imponentes, altares de ouro, relicários encrustados de joias, pinturas refinadas e esculturas suntuosas apelam ao amor pelo belo. A música é da mais alta qualidade. As ricas notas do profundo órgão com a melodia de muitas vozes enquanto a música sobe pelas altivas abóbadas e pelos corredores pontilhados de colunas de suas grandes catedrais impressionam a mente com admiração e reverência.

Esse esplendor externo e suas cerimônias zombam dos anseios da pessoa ferida pelo pecado. A religião de Cristo não necessita de atrativos como esses. A luz que brilha da cruz é tão pura e amável que nenhuma decoração externa pode ser acrescentada a seu verdadeiro valor.

Com frequência, Satanás usa elevados conceitos de arte e o delicado refinamento do gosto para levar as pessoas a esquecer quais são as verdadeiras necessidades do coração e a viver somente para este mundo.

A pompa e as cerimônias do sistema de culto católico têm um poder sedutor e fascinante que engana muitos. Começam a ver a Igreja Romana como a porta do Céu. Somente aqueles cujos pés estão firmes no alicerce da verdade e cujo coração foi renovado pelo Espírito de Deus estão seguros contra sua influência. O que a maioria das pessoas quer é apenas a forma de piedade, sem seu poder.

A igreja alega ter direito ao perdão, e isso leva seus membros a sentir-se livres para pecar. O rito da confissão também tende a abrir caminho para o mal. Aqueles que se

ajoelham diante de homens caídos e abrem a imaginação secreta de seu coração em confissão estão degradando sua natureza espiritual. Ao revelar seus pecados a um padre – um mortal imperfeito – rebaixam seu padrão de caráter e se corrompem. Sua ideia de Deus é degradada à imagem da humanidade caída, pois o sacerdote se coloca como representante de Deus. Essa confissão degradante de ser humano para ser humano é a fonte secreta da qual flui grande parte do mal que contamina o mundo. No entanto, para aqueles que amam seguir os próprios desejos, é mais agradável confessar a outro mortal do que abrir o coração a Deus. A natureza humana acha mais fácil fazer penitência do que se afastar do pecado. É mais simples punir a carne com pano de saco do que crucificar os desejos carnais.

Surpreendente Semelhança

Quando Cristo viveu na Terra, os judeus estavam pisoteando secretamente a lei de Deus, ao passo que, no exterior, guardavam seus requerimentos com exatidão, acrescentando deveres adicionais que tornavam um fardo a obediência. Assim como os judeus alegavam reverenciar a lei, os católicos romanos professam reverenciar a cruz.

Eles colocam cruzes em suas igrejas, altares e vestimentas. Por toda parte, o símbolo da cruz é exteriormente honrado e exaltado. No entanto, os ensinos de Cristo são enterrados embaixo de tradições sem sentido e exigências rigorosas. Os ensinos da igreja fazem as pessoas conscientes temerem a ira de um Deus ofendido, ao passo que muitos líderes da igreja vivem na luxúria e em prazeres sensuais.

Satanás tenta, a todo instante, deturpar o caráter de Deus,

a natureza do pecado e as reais questões em jogo no grande conflito. Seus falsos argumentos dão permissão para as pessoas pecarem. Ao mesmo tempo, ele incute falsas ideias sobre Deus, para que pensem nEle com temor e ódio, em lugar de amor. Por meio dessas ideias pervertidas sobre o caráter divino, Satanás levou as nações pagãs a crer que sacrifícios humanos eram necessários para garantir o favor de Deus. As pessoas já realizaram as mais horríveis crueldades seguindo as diversas formas de idolatria.

União Entre Paganismo e Cristianismo

A Igreja Católica Romana uniu o paganismo e o cristianismo. Assim como o paganismo, deturpou o caráter de Deus e recorreu a práticas igualmente cruéis. Instrumentos de tortura obrigavam as pessoas a aceitar suas doutrinas. Líderes da igreja estudavam para inventar maneiras de causar a maior tortura possível e não tirar a vida daqueles que não cediam às ordens da igreja. Em muitos casos, o sofredor recebia a morte com alívio, como uma doce libertação.

Para aqueles que seguiam os ensinos de Roma, a igreja contava com a disciplina do chicote, da fome e da negação das necessidades normais do corpo. A fim de conquistar a aprovação do Céu, os arrependidos eram ensinados a romper com os laços de família e amizade que o próprio Deus criou para abençoar e alegrar nossa jornada terrena. Os cemitérios contêm milhões de vítimas que passaram a vida tentando, sem sucesso, reprimir todo pensamento e sentimento de simpatia em relação ao próximo, como se eles fossem ofensivos a Deus.

O Senhor não colocou esses fardos pesados sobre nós. A

vida de Cristo não dá exemplo para homens e mulheres se fecharem dentro de monastérios a fim de se prepararem para o C éu. Ele nunca nos ensinou a reprimir o amor e a simpatia.

Doutrinas da Idade das Trevas

O papa afirma ser o vig ário, ou representante, de Cristo. Por acaso Cristo foi conhecido por colocar pessoas na prisão por não O adorarem como Rei do Céu? Sua voz era ouvida em condenação daqueles que não O aceitavam?

A Igreja Católica hoje apresenta uma aparência agradável ao mundo, cobrindo com desculpas seu registro de crueldades terríveis. Vestiu-se de roupas com aparência cristã, mas não mudou em nada. Todos os princípios do papado de eras passadas continuam a existir. A igreja ainda defende as doutrinas criadas na Idade das Trevas. O papado que hoje os protestantes respeitam é o mesmo que governou nos dias da Reforma, quando homens de Deus se levantaram correndo risco de morte para expor seus males.

O papado é exatamente aquilo que a profecia declarou que seria, a apostasia do tempo do fim (2Ts 2:3, 4). Sob a aparência mutável do camaleão, esconde o veneno imutável da serpente. Aceitaremos esse poder, cujo registro de mil anos foi escrito com o sangue dos santos e o reconheceremos como parte da igreja de Cristo?

Mudança no Protestantismo

Nos países protestantes, ouvimos a alegação de que atualmente o catolicismo difere menos do protestantismo que no passado. De fato, houve uma mudança, mas não no papado. O catolicismo realmente se parece muito com o

protestantismo que existe hoje porque o protestantismo degenerou demais desde a época dos reformadores.

As igrejas protestantes estão procurando a aprovação do mundo e assim veem o bem em tudo que é mal. Era como se estivessem agora pedindo perdão a Roma pela opinião rude que tiveram a seu respeito, implorando perdão por seu “fanatismo”. Muitos alegam que as trevas intelectuais e morais que prevaleceram durante a Idade Média ajudaram a espalhar as superstições e a opressão de Roma. Dizem que a maior inteligência dos tempos modernos e a liberalidade crescente em questões religiosas impedirão o reavivamento de qualquer tipo de intolerância. Ridicularizam a ideia de que esse estado de coisas possa existir nessa era iluminada. No entanto, devemos nos lembrar de que, quanto maior é a luz concedida, maior a escuridão daqueles que a pervertem e rejeitam.

Uma era de grandes trevas intelectuais foi favorável ao sucesso do papado. Veremos ainda que uma era de grande luz intelectual será igualmente favorável. Em eras passadas, quando as pessoas não tinham o conhecimento da verdade, milhares foram apanhadas na armadilha, sem ver a rede se espalhar bem diante de seus pés. Nesta geração, muitos também não veem a rede e andam em direção a ela como se estivessem de olhos vendados. Quando as pessoas colocam as próprias teorias acima da Palavra de Deus, a inteligência é capaz de causar ainda mais dano que a ignorância. Assim, a falsa ciência da atualidade será bem-sucedida em preparar as pessoas para aceitar o papado, assim como o ocultamento da verdade o fez na Idade Média.

Observância do Domingo

A observância do domingo é um costume que se originou com Roma, e a Igreja Católica a reivindica como sinal de sua autoridade. O espírito do papado – de seguir os costumes do mundo e honrar as tradições humanas acima dos mandamentos de Deus – está se infiltrando nas igrejas protestantes, levando-as à mesma obra de exaltação do domingo que o papado realizou antes delas.

Decretos reais, concílios gerais e ordenanças da igreja ratificadas pelo poder secular foram os passos por meio dos quais a festa pagã alcançou sua posição de honra dentro do mundo cristão. O primeiro esforço legal para impor o domingo foi a lei promulgada por Constantino. Embora fosse, em essência, um estatuto pagão, o imperador o fez vigorar depois que aceitou as formalidades do cristianismo.

Eusébio, bispo que tentou obter o favor dos príncipes e que era amigo especial de Constantino, afirmou que Cristo havia transferido o sábado para o domingo. Não ofereceu nenhuma prova extraída das Escrituras. Ele próprio, sem o notar, admitiu que sua alegação era falsa: "Todas as coisas que era nosso dever fazer no sábado, nós as transferimos para o dia do Senhor." [2]

Assim que o papado foi estabelecido, continuou a exaltar o domingo. Por um tempo, as pessoas continuaram a considerar que o sétimo dia era o sábado; aos poucos, porém, uma mudança ocorreu. Posteriormente, o papa orientou os padres das paróquias a advertir os transgressores do domingo de que seu comportamento poderia causar grandes calamidades sobre si e sobre seus vizinhos.

Quando os decretos de concílios eclesiásticos deixaram de ser suficientes, a igreja solicitou à s autoridades seculares que fizessem um decreto para espalhar terror no coração das pessoas e forçá-las a parar de trabalhar aos domingos. Um sínodo realizado em Roma reafirmou todas as decisões anteriores e as incorporou à lei da igreja. As autoridades civis de quase todos os países cristãos as fizeram vigorar. [3]

Ainda assim, a falta de autoridade bíblica para a guarda do domingo era embaraçosa. As pessoas questionavam o direito de seus professores de deixar de lado a declaração: “O sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus” (Êx ٢٠:١٠), a fim de honrar o dia do sol. Para compensar a falta de testemunho bíblico, a igreja precisou recorrer a outras provas.

Por volta do final do século 12, um zeloso defensor do domingo visitou as igrejas da Inglaterra. Testemunhas fiéis da verdade resistiram à sua presença, e seus esforços foram tão infrutíferos que ele deixou o país por um tempo. Quando voltou, trouxe consigo um documento que afirmava vir das mãos do próprio Deus. Ele continha a necessária ordem de guardar o domingo, com terríveis ameaças para amedrontar os desobedientes. Esse precioso documento, alegava ele, havia caído do C éu e fora encontrado em Jerusalém no altar de São Simeão, no Gólgota. Na realidade, o palácio do papa em Roma era sua verdadeira origem. Em todas as eras, a hierarquia papal tem considerado aceitáveis fraudes e falsificações (ver o Apêndice, nota da página 33).

Apesar de todos os esforços para promover a santidade do domingo, os próprios católicos admitiram em público a autoridade divina do sábado. No século 16, um concílio

papal declarou: “Que todos os cristãos se lembrem de que o sétimo dia foi consagrado por Deus e tem sido aceito e observado não só pelos judeus, mas por todos os outros que afirmam adorar a Deus, muito embora nós, cristãos, tenhamos mudado o sábado para o Dia do Senhor.”[4] Aqueles que alteraram a lei de Deus não eram ignorantes em relação ao que estavam fazendo.

Penalidades Severas

Uma ilustração impressionante das práticas de Roma está na longa e sangrenta perseguição aos valdenses, alguns dos quais guardavam o sábado (ver o Apêndice). Além disso, a história das igrejas da Etiópia [ou Abissínia] é especialmente significativa. Em meio às trevas da Idade M édia, o mundo perdeu de vista os cristãos da África Central e se esqueceu deles. Assim, por muitos anos, eles desfrutaram sua fé em liberdade. Por fim, Roma descobriu sua existência e ludibriou o imperador da Abissínia para que reconhecesse o papa como o vig ário de Cristo. Então a igreja promulgou um edito proibindo o povo de guardar o sábado sob severas penalidades. [5] Logo a tirania romana se tornou um jugo tão amargo que os abissínios [ou etíopes] tomaram a resolução de se livrar dele. Expulsaram os católicos romanos de seu território e restauraram a antiga fé.

Ao passo que as igrejas da África guardavam o sétimo dia em obediência ao mandamento de Deus, também se abstiveram de trabalhar aos domingos em conformidade com os costumes da igreja. Roma passou por cima do sábado de Deus a fim de exaltar o seu, mas as igrejas da África, escondidas por quase mil anos, não participaram dessa apostasia. Quando colocadas sob o controle de Roma,

foram forçadas a deixar de lado o sábado verdadeiro e exaltar o falso. Mas assim que reconquistaram sua independência, voltaram a obedecer ao quarto mandamento (ver o Apêndice).

Esses registros revelam com clareza o ódio de Roma em relação ao verdadeiro sábado e seus defensores. A Palavra de Deus ensina que essas cenas vão se repetir quando católicos e protestantes se unirem para exaltar o domingo.

A Besta com Chifres Como Cordeiro

A profecia de Apocalipse 13 declara que a besta com chifres como cordeiro fará "a terra e seus habitantes adorarem" o papado, simbolizado pela besta "semelhante a um leopardo". A besta com dois chifres também ordenará aos "habitantes da Terra" que façam "uma imagem em honra à besta". Além disso, mandará todos, "pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos", receberem a marca da besta (Ap 13:11-16). Os Estados Unidos são o poder representado pela besta "com dois chifres como cordeiro" (v. 11). Essa profecia vai se cumprir quando os Estados Unidos impuserem a observância do domingo, que Roma alega ser o reconhecimento especial de sua supremacia.

"Uma das cabeças da besta parecia ter sofrido um ferimento mortal, mas o ferimento mortal foi curado. Todo o mundo ficou maravilhado e seguiu a besta" (Ap 13:3). A ferida mortal aponta para a queda do papado em 1798. Depois disso, diz o profeta, "o ferimento mortal foi curado. Todo o mundo ficou maravilhado e seguiu a besta". Paulo afirma que o "homem do pecado" realizará sua obra de engano até o fim dos tempos (2Ts 2:3-8). E "todos os

habitantes da Terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro” (Ap 13:8). Tanto no antigo quanto no novo mundo, o papado receberá adoração por meio da honra tributada ao domingo.

Desde a metade do século 19, os estudiosos das profecias têm apresentado ao mundo a mensagem de Apocalipse 13. Agora vemos os acontecimentos se encaminhando rapidamente rumo ao cumprimento da predição. Professores protestantes fazem a mesma alegação de autoridade divina para a guarda do domingo com a mesma falta de evidência bíblica que os líderes católicos. A afirmação de que Deus envia Seus juízos sobre o povo por transgredir o domingo vai se repetir e já começa a se fazer ouvir.

A Igreja de Roma é extraordinariamente astuta. Consegue interpretar o que está acontecendo e quais serão os resultados – que as igrejas protestantes estão reconhecendo sua superioridade ao aceitar o falso sábado e que estão se preparando para impô-lo da mesma maneira que ela própria o fez em eras passadas. Não é difícil adivinhar a rapidez com que correrá ao auxílio dos protestantes nessa obra.

A Igreja Católica Romana forma uma vasta organização sobre o controle da Santa Sé. Seus milhões de membros de todos os países se unem em lealdade ao papa, a despeito de sua nacionalidade ou de seu governo nacional. Embora possam jurar lealdade ao Estado, por trás dessa promessa está o voto de obediência a Roma.

A história revela seus esforços dissimulados e persistentes para se infiltrar nas questões governamentais e, depois de conseguir acesso, promover os próprios objetivos, mesmo

que isso signifique a ruína de príncipes e do povo.[6]

Roma se vangloria de nunca mudar. Os protestantes não compreendem o que estão fazendo ao propor aceitar a ajuda de Roma na obra de exaltação do domingo. Enquanto eles estão concentrados em seu propósito, Roma tem o objetivo de retomar seu poder, a fim de recuperar sua supremacia perdida. Depois de estabelecido o princípio de que a igreja pode controlar o poder estatal, que observâncias religiosas podem ser impostas por meio de leis seculares – em suma, que a autoridade da Igreja e do Estado envolve dominar a consciência – o triunfo de Roma estará garantido.

O mundo protestante descobrirá as intenções de Roma somente quando for tarde demais para escapar da armadilha. Ela cresce silenciosamente em poder. Suas doutrinas exercem influência sobre o poder legislativo, sobre as igrejas e sobre o coração das pessoas. Ela reúne forças a fim de obter vantagem quando chegar o momento de dar seu golpe. Tudo que deseja é solo favorável, o qual já tem recebido. Logo, todo aquele que crer na Palavra de Deus e a ela obedecer enfrentará censura e perseguição.

---

[1] John L. Von Mosheim, , v. 3, séc. 11, parte 2, cap. 2, séc. 9, número 17.

[2] Robert Cox, , p. 538.

[3] Ver Heylyn, , parte 2, cap. 5, seção 7.

[4] Thomas Morer, , p. 281, 282.

[5] Ver Michael Geddes, , p. 311, 312.

[6] Ver, por exemplo, John Dowling, , v. 5, cap. 6, seção 55; e Mosheim, v. 3, séc. 11, parte 2, cap. 2, seção 9, número 17.

O Conflito que se Aproxima

Desde o princípio do grande conflito no Céu, Satanás tem procurado destruir a lei de Deus. Quer consiga fazer as pessoas descartarem toda a lei, quer as faça rejeitar apenas um de seus mandamentos, o resultado é o mesmo. Aquele que viola "apenas um ponto", revela desprezo por toda a lei. Sua influência e seu exemplo estão do lado da transgressão da lei; "torna-se culpado de quebrá-la inteiramente" (Tg 2:10).

Satanás perverteu as doutrinas da Bíblia; e, como consequência, erros se tornaram parte da fé de milhares. O último grande conflito entre a verdade e o erro diz respeito à lei de Deus. Trata-se de uma batalha entre a Bíblia e a religião de fábulas e tradições. A Bíblia está ao alcance de todos, mas poucos a aceitam como guia de vida. Dentro da igreja, muitos negam os pilares da fé cristã. Rejeitam a criação, a queda do homem, a expiação e a lei de Deus, total ou parcialmente. Milhares consideram sinal de fraqueza depositar confiança completa na Bíblia.

É tão fácil fazer um ídolo de falsas teorias quanto criar um ídolo de madeira ou pedra. Ao difamar Deus, Satanás leva as pessoas a uma falsa concepção de quem Ele é. Colocam um ídolo filosófico no trono em lugar do Deus vivo revelado em Sua Palavra, em Cristo e nas obras da criação. O deus

de muitos filósofos, poetas, políticos, jornalistas – o deus de muitas universidades e até mesmo de algumas instituições teológicas – é pouco melhor do que Baal, o deus-sol da Fenícia nos dias de Elias.

Nenhum erro se levanta com maior ousadia contra a autoridade do Céu ou traz resultados mais prejudiciais do que a doutrina de que a lei de Deus não é mais obrigatória. Suponha que ministros preeminentes ensinassem em público que as leis que governam sua terra não são necessárias, que restringem a liberdade das pessoas e não precisam ser obedecidas. Por quanto tempo você acha que esses pregadores seriam tolerados no p úlpito ?

Seria mais razoável que as nações abolissem seus estatutos do que o Governante do Universo anular Sua lei. A França tentou o experimento de anular a lei de Deus quando o ateísmo se tornou o poder controlador. Isso demonstrou que descartar as restrições colocadas por Deus significa aceitar o príncipe do mal como governante.

Colocando de Lado a Lei de Deus

Quem ensina as pessoas a tratar os mandamentos de Deus sem respeito está semeando desobediência para colher desobediência. Quando as pessoas descartam por completo as restrições da lei divina, logo também desconsiderarão as leis humanas. As consequências de banir os mandamentos do Senhor não seriam em nada como esperam. As propriedades não estariam mais em segurança. As pessoas tomariam os bens do próximo à força, e os mais fortes se tornariam os mais ricos. A vida em si não seria respeitada. O voto conjugal não seria mais um muro de defesa para proteger a família. Quem tivesse poder

tomaria a esposa do próximo por violência. O quinto mandamento seria tão ignorado quanto o quarto. Os filhos não hesitariam em tirar a vida dos pais se isso os levasse a obter aquilo que seu coração corrupto deseja. O mundo civilizado se transformaria em uma turba de ladrões e assassinos. A paz e a felicidade desapareceriam da Terra.

Essa doutrina já abriu as portas do mal no mundo. A ilegalidade e a corrupção tomam conta como uma maré assoladora. Até mesmo nos lares que afirmam ser cristãos há hipocrisia, relacionamentos destruídos, traição dos princípios sagrados e condescendência com os desejos carnais. Os princípios religiosos, que deveriam ser o fundamento da vida social, parecem estar oscilando, prontos para cair. Criminosos depravados muitas vezes recebem atenção como se tivessem feito algo grandioso. Os crimes ganham ampla publicidade. A imprensa publica cada detalhe revoltante do mal, instruindo outros na arte da fraude, do roubo e do assassinato. O fascínio pelo mal, a terrível intemperança e iniquidades de todos os tipos deveriam despertar a todos. O que pode ser feito para deter a maré do mal?

Intemperança

Os tribunais são corruptos, os governantes são governados pelo desejo de ganhar dinheiro e pelo amor aos prazeres sensuais. A intemperança tem anuviado a mente de muitos, de tal modo que Satanás tem controle quase que total sobre eles. Os juízes são corrompidos, subornados e iludidos. Embriaguez e festanças, bem como desonestidades de toda espécie são encontrados em meio àqueles que administram as leis. Satanás não consegue mais controlar o mundo por

meio da negação das Escrituras então recorre a outros meios de cumprir o mesmo objetivo. Destruir a fé na Bíblia funciona da mesma maneira que destruir a Bíblia em si.

Assim como em eras passadas, Satanás tem trabalhado por meio das igrejas para fazer seus planos avançarem. Ao combater verdades impopulares das Escrituras, elas adotam interpretações que lançam as sementes da descrença por toda parte. Ao se apegarem ao erro católico da imortalidade natural e da consciência humana após a morte, rejeitam a única defesa contra os falsos ensinos do espiritismo. A doutrina do tormento eterno já levou muitos a rejeitarem a Bíblia. Quando as palavras do quarto mandamento são apresentadas, as pessoas veem que ele requer a observância do sétimo dia, o sábado. Quando não encontram nenhuma outra maneira de se livrar de um dever que não estão dispostos a cumprir, mestres populares descartam juntos a lei de Deus e o sábado. Com o avanço da reforma do sábado, essa rejeição à lei de Deus para evitar o quarto mandamento vai se tornar quase universal. Líderes religiosos abrem as portas para a descrença, o espiritismo e o desprezo pela santa lei de Deus – o grande responsável pelos males existentes no mundo cristão.

No entanto, essas mesmas pessoas alegam que a obrigação da observância do domingo melhoraria a moralidade da sociedade. Um dos enganos de Satanás consiste em misturar a falsidade com o tanto exato de verdade para tornar fácil acreditar nela. Os líderes do movimento dominical podem fazer campanha por reformas de que as pessoas necessitam, por princípios em harmonia com a Bíblia. Mas, enquanto aliarem essas questões a uma

ordem contrária à lei de Deus, os servos do Senhor não poderão se unir a eles. Nada justifica a substituição dos mandamentos de Deus por leis humanas.

Por meio de dois grandes erros, a imortalidade da alma e a santidade do domingo, Satanás enredará as pessoas em seus enganos. Enquanto a imortalidade da alma lança as bases do espiritismo, a santidade do domingo cria laços de simpatia por Roma. Os protestantes dos Estados Unidos assumirão a liderança ao estender as mãos através do abismo para segurar a mão do espiritismo; eles também esticarão os braços pelo abismo para dar as mãos ao poder romano. Sob a influência dessa tríplice união, esse país seguirá os passos de Roma ao passar por cima dos direitos de consciência.

Como o espiritismo imita o cristianismo popular da atualidade, grande é seu poder de enganar. O próprio Satanás parece ter se “convertido”. Por meio do espiritismo, milagres acontecerão, doentes serão curados e muitas maravilhas inegáveis serão realizadas.

Os católicos que se vangloriam dos milagres como sinal de sua igreja ser verdadeira serão facilmente enganados por esse poder realizador de maravilhas, e os protestantes, que deixaram de lado o escudo da verdade, também serão iludidos. Católicos, protestantes e todas as pessoas secularizadas verão nessa união um grande movimento de conversão do mundo.

Por meio do espiritismo, Satanás parece ser alguém que abençoa a humanidade, cura doenças e apresenta um novo sistema de fé religiosa; mas, ao mesmo tempo, leva muitas pessoas à ruína. O consumo do álcool derrota a razão;

condescendência sensual, conflito e derramamento de sangue vêm como consequências. A guerra desperta as piores paixões do coração e leva suas vítimas para a eternidade cobertas de vícios e sangue. É objetivo de Satanás instigar as nações à guerra, porque dessa maneira consegue distrair as pessoas do preparo para o juízo e para a eternidade.

Satanás estudou os segredos da natureza e usa todo o seu poder para controlar os elementos até onde Deus permite. É Deus quem protege Suas criaturas do destruidor. Mas o mundo cristão demonstra desprezo por Sua lei, e o Senhor fará aquilo que disse que faria – retirará Seu cuidado protetor daqueles que se rebelam contra Sua lei e forçam outros a fazer o mesmo. Satanás tem o controle sobre todos a quem Deus não guarda de maneira especial. Ele favorecerá e fará prosperar alguns a fim de promover os próprios planos, mas trará aflição sobre outros e os levará a crer que é Deus quem os está maltratando.

Embora pareça ser um grande médico que pode curar todas as enfermidades, Satanás trará doenças e desastres até cidades lotadas se reduzirem a ruínas. Em acidentes no mar e na terra, em grandes incêndios, tornados e saraivas atrozes, tsunamis e terremotos, de milhares de formas, Satanás exercerá seu poder. Ele destruirá a colheita madura; fome e miséria se seguirão. Colocará uma nuance letal no ar, e milhares morrerão.

Então o grande enganador convencerá as pessoas a colocar a culpa de todos os seus problemas nos fiéis, cuja obediência aos mandamentos de Deus é uma repreensão constante àqueles que violam a lei divina. Dirão que essas

pessoas estão ofendendo ao Senhor por transgredirem o domingo e que esse pecado acarretou os desastres, os quais só pararão depois que a observância ao domingo for estritamente praticada. Alegarão que aqueles que destroem a reverência pelo domingo estão impedindo a restauração do povo ao favor de Deus e sua prosperidade material. Repetirão a acusação feita tanto tempo atrás contra o servo de Deus: “Quando viu Elias, disse-lhe: ‘É você mesmo, perturbador de Israel?’” (1Rs 18:17).

Satanás usará seu poder de realizar maravilhas contra aqueles que obedecem a Deus em lugar de leis humanas. Os “espíritos” declararão que Deus os enviou para convencer aqueles que rejeitaram o domingo de que estão errados. Demonstrarão tristeza pela grande maldade do mundo e apoiarão o testemunho dos mestres religiosos de que a baixa condição da moralidade é resultado da profanação do domingo.

Sob o domínio de Roma, as pessoas disseram que aqueles que sofriam pelo evangelho eram malfeitores que atuavam em parceria com Satanás. O mesmo acontecerá agora. Satanás fará aqueles que honram a lei de Deus ser acusados como os indivíduos que estão trazendo juízo sobre o mundo. Ele usa o medo para tentar dominar a consciência, persuadindo autoridades seculares e religiosas a impor leis humanas e desafiar a lei de Deus.

Quem honra o sábado bíblico será culpado como inimigo da lei e da ordem, acusado de destruir os limites morais da sociedade, causando ilegalidade e corrupção, invocando assim os juízos de Deus sobre a Terra. Essas pessoas serão acusadas de menosprezar o governo. Pastores que negam

que os seres humanos necessitam cumprir a lei de Deus pregarão sobre o dever de obedecer às autoridades civis. Nas câmaras legislativas e nos tribunais, os guardadores do mandamento serão condenados. Colocarão um teor falso em suas palavras e atribuirão a pior das intenções a seus motivos.

Os líderes da Igreja e do Estado vão se unir para forçar todos a honrar o domingo. Até mesmo nos Estados Unidos, país tão conhecido por sua liberdade, governantes e legisladores vão ceder à exigência popular por uma lei impondo a observância do domingo. A liberdade de consciência, que custou tão grande sacrifício, não será mais respeitada. No conflito que breve acontecerá, veremos o cumprimento das palavras do profeta: "O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Ap 12:17).

Nossa Única Proteção

Deus conduz Seus seguidores à Bíblia como sua única proteção contra o poder dos espíritos maus. Satanás usa toda estratégia possível para impedir que as pessoas obtenham conhecimento da Bíblia. A cada reavivamento da obra do Senhor, sua atuação se torna mais intensa. Logo testemunharemos o início da batalha final contra Cristo e Seus seguidores. A falsificação será tão parecida com o verdadeiro que será impossível identificar a diferença entre ambos, a não ser pelas Escrituras.

Aqueles que procuram obedecer a todos os mandamentos de Deus enfrentarão oposição e zombaria. A fim de suportar a prova, precisam compreender a vontade de Deus, conforme revelada em Sua Palavra. Só serão capazes de honrá-Lo por meio do entendimento correto de Seu caráter, Seu governo e Seus objetivos, agindo em harmonia com eles. Somente aqueles que fortaleceram a mente com as verdades da Bíblia permanecerão firmes ao longo da grande batalha final.

Antes da crucifixão, o Salvador explicou aos discípulos que Ele seria morto e ressuscitaria. Anjos estavam lá para impressionar essas palavras na mente e no coração deles. No entanto, eles se esqueceram exatamente das palavras de que necessitavam se lembrar. Quando veio a angústia, a

morte de Jesus destruiu suas esperanças quase tão completamente quanto como se Ele não os houvesse advertido de antemão. De maneira semelhante, as profecias descortinam o futuro diante de nós com clareza quase tão grande quanto a explicação de Cristo aos discípulos. Mas a maioria das pessoas não tem compreensão nenhuma dessas importantes verdades, como se Deus nunca as tivesse revelado.

Quando o Senhor envia advertências, Ele requer que toda pessoa de mente sensata obedeça à mensagem. Os temíveis juízos contra quem adora a besta e sua imagem (Ap 14:9-11) deveriam levar todos a descobrir qual é a marca da besta e o que fazer para não recebê-la. Mesmo assim, a maioria dos seres humanos não quer a verdade bíblica, pois é contrária aos desejos do coração pecaminoso. Satanás os supre com os enganos que tanto amam.

Entretanto, Deus terá um povo que vai considerar a Bíblia, e a Bíblia somente, o padrão de todas as doutrinas e a base de todas as reformas. A opinião dos eruditos, as conclusões da ciência, as decisões de concílios eclesiásticos, a voz da maioria – nenhum desses, nem todos eles reunidos devem ser usados como evidência a favor ou contra qualquer doutrina. Devemos exigir um claro "Assim diz o Senhor". Satanás leva as pessoas a olhar para pastores e professores de teologia como guias, em vez de buscar as Escrituras por conta própria. Ao controlar esses líderes, consegue influenciar a maioria.

Quando Cristo veio, o povo comum O ouviu com alegria. Mas os principais sacerdotes e os líderes da nação se encheram de preconceito, rejeitando as evidências de que

Ele era o Messias. As pessoas indagavam: “Como nossos governantes e escribas tão esclarecidos não creem em Jesus?” Mestres assim levaram a nação judaica a rejeitar seu Redentor.

Exaltação da Autoridade Humana

Cristo previu que as pessoas exaltariam a autoridade humana para governar sobre toda consciência. Em todas as eras, essa tem sido uma terrível maldição. Como apelo às gerações futuras, a Bíblia registrou advertências para que não seguíssemos líderes cegos.

A Igreja Católica Romana ensina que somente seu clero tem o direito de interpretar as Escrituras. Embora a Reforma tenha aberto as Escrituras para todos, os mesmos princípios que Roma defendia impedem multidões nas igrejas protestantes de examinar a Bíblia por conta própria. São ensinadas a aceitar seus ensinos . Milhares não ousam aceitar nada, por mais claro que esteja nas Escrituras, contrário a seu credo.

Muitos estão prontos a confiar seu destino eterno ao clero. Quase não prestam atenção aos ensinos do Salvador. Por acaso os ministros são infalíveis? Como podemos confiar neles para nos guiar, a menos que conheçamos a Palavra de Deus, da qual são portadores de luz? A falta de coragem moral leva muitos a seguir os eruditos, tornando-se desesperadamente apegados ao erro. Veem a verdade para este tempo na Bíblia e sentem que o poder do Espírito Santo acompanha sua proclamação, porém permitem que os líderes religiosos os afastem da luz.

Satanás aprisiona muitos de seus seguidores ao atá-los

com os fios de seda do afeto aos inimigos da cruz de Cristo. Essa ligação pode acontecer com pais, irmãos ou irmãs, marido ou esposa, ou ainda amigos. Sob a influência deles, muitas pessoas não têm coragem de obedecer a suas convicções daquilo que é certo.

Muitos alegam que não faz diferença aquilo em que se crê, se a pessoa levar uma vida direita. No entanto, a vida é moldada pela fé. Se a verdade está ao nosso alcance e a negligenciamos, na verdade, a estamos rejeitando, escolhendo as trevas em lugar da luz.

A ignorância não é desculpa para o erro ou o pecado quando temos todas as oportunidades de conhecer a vontade de Deus. Um viajante chega a um local onde há várias estradas e uma placa informando para onde cada uma delas leva. Se ignorar a placa e pegar qualquer estrada que lhe parecer correta, ele pode até ser sincero, mas é bem provável que acabe no caminho errado.

O Primeiro e Mais Elevado Dever

Não basta ter boas intenções, fazer o que achamos ser certo ou aquilo que o pastor diz ser correto. Nós mesmos precisamos examinar as Escrituras. Temos um mapa que aponta para todo ponto importante da jornada rumo ao Céu e não devemos adivinhar nada.

É o primeiro e mais elevado dever de toda pessoa racional aprender com base nas Escrituras qual é a verdade e então andar na luz, encorajando os outros a fazer o mesmo. Em nosso estudo, com a ajuda de Deus, devemos formar a própria opinião, já que nós mesmos precisaremos prestar contas ao Senhor.

Pessoas cultas, com aparência de grande sabedoria, ensinam que as Escrituras possuem um significado secreto e espiritual que não é visto com facilidade na linguagem usada. Esses indivíduos são falsos mestres. Devemos explicar a linguagem da Bíblia por meio de seu significado óbvio, a menos que um símbolo ou uma figura sejam usados. Se as pessoas aceitassem apenas o que a Bíblia realmente diz, realizariam uma obra que levaria milhares que hoje andam errantes na mentira para o aprisco de Cristo.

Muitos textos bíblicos que os eruditos ignoram, dizendo que são verdades sem importância, estão cheios de conforto para aqueles que têm aprendido na escola de Cristo. Para entender a verdade bíblica, não necessitamos tanto do poder do intelecto para o estudo. Em vez disso, precisamos sentir mais sede pela verdade bíblica do que qualquer outra coisa e anseio intenso pela justiça.

Resultados da Negligência

Nunca devemos estudar a Bíblia sem oração. Somente o Espírito Santo pode nos levar a sentir a importância das coisas que compreendemos com facilidade ou nos impedir de distorcer verdades difíceis. Anjos celestiais preparam o coração para a compreensão da Palavra de Deus. Ficaremos encantados por sua beleza e seremos fortalecidos com suas promessas. Com frequência, as tentações costumam parecer irresistíveis porque a pessoa tentada não consegue se lembrar com rapidez das promessas de Deus e se opor a Satanás com as armas das Escrituras. Mas os anjos estão perto daqueles que estão dispostos a aprender e trarão à lembrança as verdades de que necessitam.

“O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26, ARA). Primeiro precisamos guardar os ensinos de Cristo na mente a fim de que o Espírito de Deus os traga à nossa lembrança no momento de perigo.

O destino de todas as pessoas da Terra está prestes a ser decidido. Todo seguidor de Cristo deve perguntar com fervor: “Senhor, que queres que faça?” (At 9:6, ARC). Devemos buscar agora uma experiência profunda e viva com as coisas de Deus. Não temos tempo a perder. Estamos em território de Satanás. Sentinelas de Deus, não sejam apanhadas dormindo!

Muitos se parabenizam pelos atos errados que não cometem. Entretanto, isso não é suficiente para que sejam árvores no jardim de Deus. É preciso dar fruto. Nos livros do Céu, eles estão registrados como aqueles que ocupam lugar no solo. No entanto, o coração de Deus, cheio de amor longânimo, ainda suplica com aqueles que desprezam Sua misericórdia e abusam de Sua graça.

No verão, não se nota a diferença entre os ciprestes e as outras árvores. Mas, quando vêm as tempestades do inverno, os ciprestes permanecem intactos, ao passo que as outras árvores perdem a folhagem. Quando a oposição surgir, a intolerância voltar a prevalecer e a perseguição se acender, os descomprometidos e hipócritas desistirão da fé. Mas os cristãos verdadeiros permanecerão firmes, sua fé será mais forte e sua esperança ainda mais brilhante do que nos tempos de prosperidade.

“Ele será como uma árvore plantada junto às águas e que

estende as suas raízes para o ribeiro. Ela não temerá quando chegar o calor, porque as suas folhas estão sempre verdes; não ficará ansiosa no ano da seca nem deixará de dar fruto” (Jr 17:8).

A Mensagem Final de Deus

D“ epois disso vi outro anjo que descia dos Céus. Tinha grande autoridade, e a Terra foi iluminada por seu esplendor. E ele bradou com voz poderosa: ‘Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou habitação de demônios e antro de todo espírito imundo, antro de toda ave impura e detestável [...]’. Então ouvi outra voz dos Céus que dizia: ‘Saiam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!’” (Ap 18:1, 2, 4).

A proclamação do segundo anjo, em Apocalipse 14:8, será repetida, mas com a menção adicional das corrupções que entraram em Babilônia desde que a mensagem foi dada pela primeira vez.

Essa nova mensagem descreve uma condição terrível. Toda vez que as pessoas rejeitam a verdade, sua mente se torna mais sombria e seu coração, mais obstinado. Continuam a passar por cima de um dos dez mandamentos até perseguirem aqueles que consideram santa a lei de Deus. Rejeitam a Cristo pelo desprezo que demonstram por Sua Palavra e por Seus seguidores.

Alguns indivíduos vão dizer que são religiosos, mas a religião será um disfarce para os piores males. A crença no espiritismo abre a porta para doutrinas de demônios e,

dessa maneira, anjos maus influenciarão as igrejas. Babilônia encheu a taça de sua iniquidade, e a destruição está prestes a vir.

Mesmo assim, Deus ainda tem um povo em Babilônia e precisa chamar para fora esses fiéis, para que não participem de seus pecados, nem sejam atingidos por suas pragas. O anjo desce do C éu, iluminando a Terra com sua glória e anunciando os pecados de Babilônia. O clamor ecoa: “ Saiam dela, vocês, povo Meu”. Esse anúncio é o aviso final que se espalha para os habitantes da Terra.

Os poderes da Terra vão se unir em batalha contra os mandamentos de Deus. Decretarão que “todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos” (Ap 13:16) devem se conformar com os costumes da igreja por meio da observância do falso sábado. Todos aqueles que se recusarem a fazê-lo serão julgados merecedores de morte. Em contrapartida, a lei de Deus requer que as pessoas honrem o dia de descanso do Criador e ameaça todos os que quebram seus requerimentos com a punição divina.

Quando circunstâncias dessa natureza expuserem a questão com tamanha clareza, todos aqueles que menosprezaram a lei de Deus para obedecer a uma lei humana receberão a marca da besta, o sinal de lealdade ao poder que escolheram obedecer em lugar de Deus. “Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da Sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro” (Ap 14:9, 10).

Ninguém recebe a ira de Deus até que a verdade seja

esclarecida tanto à sua mente quanto à sua consciência e a pessoa a rejeite. Muitos nunca tiveram a oportunidade de ouvir as verdades especiais para este tempo. O Deus que lê cada coração não permitirá que ninguém que deseja saber a verdade seja enganado em relação às questões do conflito. Todos receberão luz suficiente para tomar uma decisão inteligente.

O Grande Teste de Lealdade

O sábado, o grande teste de lealdade, é a verdade que tem recebido ataque especial. Ao passo que a observância do falso sábado consiste no compromisso de lealdade com um poder que se opõe a Deus, a guarda do sábado verdadeiro é evidência de lealdade ao Criador. Enquanto um grupo recebe a marca da besta, o outro recebe o selo de Deus.

Muitos dizem que é ridículo e sem fundamento predizer que a intolerância religiosa obterá o controle, que Igreja e Estado perseguirão quem guarda os mandamentos de Deus. Mas, quando a observância do domingo for propagada por toda parte, as pessoas verão que o acontecimento do qual duvidaram por tanto tempo está de fato se aproximando e que a mensagem terá um efeito que não poderia causar antes.

Em todas as gerações, Deus tem enviado servos Seus para repreender o pecado no mundo e na igreja. Muitos reformadores começaram sua obra determinados a controlar fortemente seus ataques aos pecados da igreja e da nação. Tinham a esperança de conduzir as pessoas de volta à Bíblia por meio do exemplo de uma vida cristã pura. E o Espírito de Deus tomou conta deles. Sem temer as

consequências, não conseguiam se abster de pregar as doutrinas claras da Bíblia.

É assim que a mensagem será proclamada. O Senhor trabalhará por meio de instrumentos humildes que se consagram a Seu serviço. Os obreiros serão qualificados pela unção do Espírito, não pela instrução recebida em escolas. Sentirão o ímpeto de sair com zelo santo, declarando a mensagem dada por Deus. Os pecados de Babilônia serão expostos. As advertências solenes mexerão com o povo. Milhares nunca ouviram palavras assim. Descobrem que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus pecados, por haver rejeitado a verdade. Quando as pessoas procuram seus mestres para perguntar: “Isso é verdade?”, os ministros apresentam fábulas para acalmar a consciência despertada. No entanto, uma vez que muitos exigirão um claro “Assim diz o Senhor”, os ministros populares incitarão as multidões amantes dos prazeres a acusar e perseguir aqueles que proclamam a mensagem.

O clero fará esforços quase que sobre-humanos para apagar a luz e impedir as pessoas de falar dessas questões vitais. A igreja apelará para o braço forte do poder civil e, nessa obra, católicos e protestantes se unirão. À medida que o movimento em prol da imposição do domingo se tornar mais ousado, os guardadores dos mandamentos serão ameaçados com multas e prisão. Alguns receberão a oferta de posições de influência e outras recompensas para abrir mão da fé. Mas sua resposta será: “Mostre-nos nosso erro na Palavra de Deus.” Os acusados perante os tribunais farão uma forte defesa da verdade, e alguns dos que ouvirem serão levados a tomar a decisão de guardar todos

os mandamentos de Deus. Dessa maneira, a luz chegará a milhares que, de outra maneira, nada ficariam sabendo sobre essas verdades.

A obediência a Deus será ameaçada, como se fosse rebelião. Os pais tratarão os filhos com severidade. Alguns vão deserdá-los e os expulsarão de casa. “Todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12). Quando os defensores da verdade se recusarem a honrar o domingo, alguns serão presos, outros eLivross, outros ainda tratados como escravos. Quando Deus retirar Seu Espírito da humanidade, coisas estranhas acontecerão. O coração é capaz de ser muito cruel quando o temor e o amor de Deus são removidos.

A Tempestade se Aproxima

À medida que a tempestade se aproxima r, muitos dos que alegavam crer na mensagem, mas não haviam se santificado por meio da obediência à verdade, abandonarão seus pontos de vista e se unirão à oposição. Ao se unirem ao mundo, passaram a enxergar as coisas quase da mesma forma que o mundo, escolhendo o lado popular. Pessoas antes entusiasmadas com a verdade usam seus talentos e sua capacidade de oratória para desencaminhar outros. Transformam-se nos mais amargos inimigos dos fiéis que costumavam ser seus amigos de fé. Esses apóstatas são agentes eficazes de Satanás para deturpar e acusar os guardadores do sábado e incitar as autoridades contra eles.

Os servos do Senhor têm dado a advertência. O Espírito de Deus os impele. Não se preocupam com riqueza, reputação, nem mesmo com a própria vida. A obra parece muito maior do que são capazes de realizar. Ainda assim, não se

retraem. Quando se sentem impotentes, recorre m ao Todo-Poderoso em busca de força.

Períodos diferentes da história têm se destacado por alguma verdade especial que atendeu com precisão à s necessidades do povo de Deus da época. Toda verdade nova enfrentou oposição. Os embaixadores de Cristo devem realizar sua tarefa e deixar os resultados com Deus.

Intensidade da Oposição

A oposição se levanta com intensidade ferrenha. Os servos de Deus sentem-se perplexos mais uma vez, porque lhes parece que eles mesmos causaram a crise. Mas a consciência e a Palavra de Deus lhes garantem que estão no rumo certo. Sua fé e coragem crescem com a emergência. Seu testemunho é: “Cristo conquistou os poderes da Terra, como então temeremos um mundo já vencido?”

Ninguém consegue servir a Deus sem despertar a oposição dos poderes das trevas. Anjos maus atacarão esses fiéis, alarmados de que sua influência esteja tirando vítimas de suas mãos. Pessoas más tentarão separá-los de Deus com tentações atraentes. Quando essas coisas não lograrem êxito, usarão o poder para forçar a consciência.

Enquanto Jesus permanecer como nosso intercessor no santuário celestial, os governantes e o povo sentirão a influência limitadora do Espírito Santo. Ao passo que muitos de nossos governantes são agentes ativos de Satanás, Deus também tem Seus agentes em meio aos líderes da nação. Uns poucos políticos tementes a Deus conseguirão conter a poderosa corrente do mal. A oposição dos inimigos da verdade será restringida para que a mensagem do terceiro

anjo faça sua obra. A advertência final chamará a atenção desses líderes, e alguns deles a aceitarão, posicionando-se junto ao povo de Deus durante o tempo de angústia.

A Chuva Serôdia e o Alto Clamor

O anjo que se une ao terceiro iluminará toda a Terra com sua glória. A primeira mensagem angélica foi espalhada em todos os postos missionários do mundo e, em alguns países, aconteceu o maior interesse religioso desde a Reforma. Mas o último aviso do terceiro anjo excederá essas demonstrações do poder de Deus.

A obra será semelhante à que aconteceu no dia de Pentecostes. Deus fez cair a "chuva temporã" no início do evangelho a fim de fazer a preciosa semente brotar. De igual maneira, derramará a "chuva serôdia" no fim com o objetivo de amadurecer a colheita (Os 6:3, ARA; Jl 2:23, ARA). A grande obra do evangelho não terminará com menor demonstração do poder de Deus do que seu princípio. As profecias que se cumpriram com o derramamento da chuva temporã no começo do evangelho se cumprirão novamente com a chuva serôdia em seu encerramento. Esses serão os "tempos de descanso" que o apóstolo Pedro aguardava com expectativa (At 3:19, 20).

Servos de Deus, com o rosto brilhando em santa devoção, correrão de um lugar para o outro a fim de espalhar a mensagem do C éu. Milagres acontecerão e doentes serão curados. Satanás também realizará milagres enganosos, chegando a fazer fogo descer do céu (Ap 13:13). Essas coisas levarão os habitantes da Terra a escolher um lado.

A mensagem terá sucesso não tanto por causa de

argumentos, mas pela convicção profunda do Espírito de Deus. Os argumentos já têm sido apresentados, e as publicações, exercido sua influência. Satanás, porém, tem impedido muitos de compreender a verdade por completo. Mas eles verão a verdade com toda clareza. Vínculos familiares e conexões com a igreja não terão poder para deter os filhos honestos de Deus. A despeito das forças aliadas contra a verdade, um grande número vai se posicionar ao lado do Senhor.

O Tempo de Angústia

N“ aquela ocasião Miguel, o grande príncipe que protege o seu povo, Se levantará. Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então. Mas naquela ocasião o seu povo, todo aquele cujo nome está escrito no livro, será liberto” (Dn 12:1).

Quando a terceira mensagem angélica terminar, o povo de Deus terá concluído sua obra. Os fiéis receberam a “chuva serôdia” e estão preparados para os tempos difíceis à sua frente. A prova final chegou ao mundo, e todos aqueles que se mostraram leais à lei divina receberam o “selo do Deus vivo”. Então Jesus termina Seu ministério no santuário celestial e com alta voz exclama: “Feito está!” “Continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se” (Ap 22:11). Cristo fez expiação por Seu povo e apagou seus pecados. “A soberania, o poder e a grandeza dos reinos que há debaixo de todo o céu” (Dn 7:27) estarão prestes a ser entregues aos herdeiros da salvação, e Jesus reinará como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Quando Ele sair do santuário, trevas cobrirão os que estiverem vivos na Terra. Os justos viverão à vista de um Deus santo, sem intercessor. As restrições sobre os ímpios serão removidas, e Satanás terá controle total sobre os

impenitentes. Resistiram com persistência ao Espírito de Deus, e Ele finalmente será retirado. Então Satanás afundará a população da Terra em uma grande angústia final. Os anjos de Deus pararão de conter os ventos atrozes da perversidade humana. O mundo inteiro será envolvido em ruínas mais terríveis do que aquela vivenciada na antiga Jerusalém. Existem forças já preparadas, aguardando somente a permissão divina, para espalhar destruição por toda parte.

As pessoas acharão que aqueles que honram a lei de Deus são a causa do temível conflito e derramamento de sangue que encherá a Terra de miséria. O poder que acompanha a advertência final encheu os ímpios de ira, e Satanás despertará um espírito de ódio e perseguição contra todos que aceitaram a mensagem.

Quando Deus retirou Sua presença da nação judaica, os sacerdotes e o povo ainda pensavam que eram os escolhidos do Senhor. O cerimonial no templo continuou e, todos os dias, sacerdotes pronunciavam a bênção divina sobre os culpados pelo sangue do Filho de Deus. De maneira semelhante, quando a decisão final do santuário celestial for pronunciada e o destino do mundo for decidido em caráter permanente, os habitantes da Terra não saberão. As pessoas de quem o Espírito de Deus foi retirado continuarão a praticar as formalidades da religião. O príncipe do mal os inspirará a realizar seus planos perversos.

Quando o sábado se tornar o ponto especial de controvérsia em meio ao mundo cristão, as pessoas alegarão que os poucos que estão em oposição à igreja não devem ser tolerados e é melhor que sofram do que a nação

inteira ser lançada em confusão e ilegalidade. O mesmo argumento foi feito em relação a Cristo. Caifás disse: “Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação” (Jo 11:50). Esse raciocínio parecerá conclusivo. Um decreto finalmente será promulgado contra aqueles que honram o sábado do quarto mandamento, denunciando-os e, depois de certo tempo, dando permissão para que as pessoas os matem. O catolicismo romano no Velho Mundo e o protestantismo apostatado no Novo seguirão um rumo semelhante em relação àqueles que guardam todos os mandamentos de Deus. O povo do Senhor será mergulhado naquelas cenas de angústia que a Bíblia chama de “ tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:5-7; Gn 32:24-30).

O Tempo da Angústia de Jacó

Como Jacó enganou o pai a fim de obter a bênção designada a Esaú, precisou fugir para proteger a própria vida, escapando das ameaças mortais de seu irmão. Após permanecer em exílio por muitos anos, partiu para voltar à sua terra natal. Quando chegou à fronteira, encheu-se de pavor diante da notícia de que Esaú se aproximava, sem dúvida, com a intenção de se vingar. A única esperança de Jacó estava na misericórdia de Deus. Sua única defesa seria a oração.

A sós com Deus, confessou seu pecado com arrependimento profundo. A crise havia chegado em sua vida. Nas trevas, ele continuou a orar. De repente, sentiu certa mão sobre seu ombro. Pensou que era um inimigo prestes a matá-lo. Com toda a energia do desespero, lutou contra seu agressor. Quando o dia começou a raiar, o

estranho usou seu poder sobrenatural. Jacó parecia paralisado. Caiu, aos prantos e sem esperança, sobre o pescoço de seu misterioso inimigo. Ele soube então que havia lutado com o Anjo da aliança. Por anos, sentira remorso pelo pecado. Precisava ter a certeza de que havia sido perdoado. O Anjo insistiu: “Deixe-Me ir, pois o dia já desponta”, mas Jacó exclamou: “Não Te deixarei ir, a não ser que me abençoes” (Gn 32:26). Jacó confessou sua fraqueza e indignidade; porém, ele confiava na misericórdia do Deus que cumpre Sua aliança. Por meio do arrependimento e da entrega do eu, aquele mortal pecador recebeu o que mais queria da Majestade do C éu.

Satanás havia acusado Jacó diante de Deus por causa de seu pecado e também incitado Esaú a marchar contra o irmão. Durante a noite de luta de Jacó, Satanás tentou desanimá-lo e romper sua ligação com Deus. Jacó quase foi levado ao desespero, mas havia se arrependido sinceramente de seu pecado. Ele segurou com firmeza no Anjo e insistiu em seu pedido com súplicas fervorosas até prevalecer.

Assim como Satanás acusou Jacó, ele lançará suas acusações contra o povo de Deus, mas aqueles que guardam os mandamentos do Senhor resistirão à sua supremacia. Ele verá santos anjos os guardando e concluirá que seus pecados foram perdoados. O inimigo tem o conhecimento exato dos pecados que ele os levou a cometer e declara que é injusto o Senhor perdoar os pecados dos justos, ao mesmo tempo em que destruirá a ele e seus anjos. Exige que Deus entregue essas pessoas em suas mãos, a fim de destruí-las.

O Senhor permite que ele tente os fiéis até o limite. Sua confiança em Deus e sua fé serão severamente provadas. Satanás tentará aterrorizá-los. Espera destruir sua fé para que cedam a tentação e abandonem a lealdade a Deus.

Angústia de que Deus Seja Desonrado

Entretanto, a angústia que o povo de Deus sofre não é por ter medo da perseguição. Os fiéis temem que, por alguma falha sua, deixem de vivenciar a promessa do Salvador: "Eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na Terra" (Ap 3:10). Caso se mostrassem indignos por causa de seus defeitos de caráter, então o santo nome de Deus seria desonrado.

Apontam para o arrependimento que sentiram no passado por seus muitos pecados e clamam pela promessa do Salvador: "Que venham buscar refúgio em Mim; que façam as pazes comigo. Sim, que façam as pazes comigo" (Is 27:5). Embora estejam sofrendo de ansiedade e angústia, não param de orar com fervor. Apegam-se a Deus assim como Jacó segurou a mão do Anjo, e as palavras de sua alma são: "Não Te deixarei ir, a não ser que me abençoes."

Pecados Apagados

No tempo de angústia, se os filhos de Deus tivessem pecados não confessados que aparecessem diante deles, enquanto torturados pelo medo e angústia, eles seriam vencidos. O desespero acabaria com sua fé, e não conseguiriam suplicar a Deus que os livrasse. Mas eles não têm nenhum pecado oculto para revelar. Seus pecados foram examinados e apagados no juízo, não conseguindo

então trazê-los à memória.

Ao lidar com Jacó, o Senhor mostrou que não tolera o mal. Satanás vencerá todos aqueles que justificarem os próprios pecados, ou que omitirem esses pecados, permitindo que permaneçam nos livros do C éu , sem que sejam confessados e perdoados. Quanto mais honrosa a posição que ocupam, mais certo é o triunfo do adversário. Aqueles que adiarem seu preparo não conseguirão fazê-lo no tempo da angústia, nem depois. Seu caso ficará sem esperança.

A história de Jacó também dá a certeza de que Deus não rejeitará aqueles que, ludibriados pelo pecado, voltaram para Ele com arrependimento verdadeiro. Deus enviará anjos para confortá-los em meio ao perigo. Os olhos do Senhor estão sobre Seu povo. As chamas da fornalha parecerão prestes a consumi-los, mas o Refinador os tirará como ouro provado pelo povo.

Fé Perseverante

O tempo de angústia e aflição exigirá de nós uma fé capaz de suportar cansaço, demora e fome, uma fé que não desfaleça mesmo que seja gravemente provada. A vitória de Jacó é uma evidência do poder da oração persistente. Todos aqueles que tomarem posse das promessas de Deus, assim como Jacó o fez, terão sucesso da mesma forma que ele teve. Lutar com Deus – tão poucos sabem o que é isso! Quando ondas de desespero cobrem os necessitados em oração, tão poucos se apegam com fé às promessas de Deus!

Aqueles que exercem pouca fé hoje correm o maior risco de cair sob o poder dos enganos de Satanás. E mesmo que

suportem a prova, serão afundados em angústia mais profunda porque não desenvolveram o hábito de confiar em Deus. Devemos obter agora a experiência de confiar em Suas promessas.

Com frequência, antecipamos problemas piores do que os que realmente sobrevêm, mas isso não será verdade no que diz respeito à crise que estará diante de nós. Nem a descrição mais vívida é capaz de explicar o nível da provação. Naquele momento de prova, cada cristão deve permanecer em pé por si mesmo perante Deus.

Agora, enquanto nosso Sumo Sacerdote faz expiação por nós, devemos tentar ser perfeitos em Cristo. Nem mesmo por um pensamento nosso Salvador poderia ser levado a ceder ao poder da tentação. Satanás encontra algum ponto no coração humano onde possa obter acesso. Quando as pessoas acariciam algum desejo pecaminoso, suas tentações se valem dele para confirmar seu poder. Mas Cristo declarou a respeito de Si mesmo: "O príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre Mim" (Jo 14:30). Satanás não conseguia encontrar nada no Filho de Deus que lhe permitisse obter vitória. Não havia nenhum pecado nEle que Satanás pudesse usar para obter vitória. Essa é a condição necessária para que seja possível permanecer em pé no tempo de angústia.

É nesta vida que devemos separar o pecado de nós, pela fé no sangue expiatório de Cristo. Nosso Salvador precioso nos convida a unir-nos a Ele, unir nossa fraqueza à Sua força, nossa indignidade a Seus méritos. Depende de nós cooperar com o Céu na obra de aperfeiçoar nosso caráter ao modelo divino.

Visões temíveis de caráter sobrenatural logo aparecerão no céu, a fim de apoiar o poder dos demônios realizadores de milagres. Espíritos de demônios procurarão os “reis da Terra”, e o mundo inteiro, para instigá-los a se unir a Satanás em sua batalha final contra o governo do C éu. Indivíduos aparecerão fingindo ser o próprio Cristo. Realizarão milagres de cura e alegarão ter revelações do C éu que contradizem as Escrituras.

O Clímax

No clímax do grande drama de engano, o próprio Satanás aparecerá como se fosse Cristo. A igreja tem esperado há muito tempo a vinda do Salvador em cumprimento de suas esperanças. Mas o grande enganador fará parecer que Cristo voltou. Satanás se mostrará como um ser majestoso de brilho extraordinário, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus no livro de Apocalipse (Ap 1:13-15).

A glória que o cerca será maior do que tudo que olhos mortais já viram. O brado de triunfo ecoará: “Cristo voltou!” As pessoas se prostrarão diante dele. Ele erguerá as mãos e as abençoará. Sua voz será suave, mas cheia de melodia. Em tom compassivo, apresentará algumas das mesmas verdades celestiais que o Salvador proferiu. Curará doenças e então, na suposta personificação de Cristo, afirmará ter mudado o sábado para o domingo. Declarará que aqueles que santificam o sétimo dia demonstram desprezo por ele. Será um engano forte, quase que irresistível. Grandes multidões vão crer em suas feitiçarias, dizendo: este é o “Grande Poder” de Deus (At 8:10).

O Povo de Deus Não Será Enganado

Mesmo assim, o povo de Deus não será enganado. Os ensinos desse falso cristo não estarão em harmonia com as Escrituras. Ele pronunciará sua bênção sobre os adoradores da besta e de sua imagem, o próprio grupo sobre quem a Bíblia diz que Deus derramará Sua ira sem mistura.

Além disso, Deus não permitirá que Satanás imite a maneira de Cristo voltar. O Salvador advertiu Seu povo, para que não se deixasse enganar a esse respeito. "Aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, enganar até os eleitos. [...] Assim, se alguém lhes disser: 'Ele está lá, no deserto!', não saiam; ou: 'Ali está ele, dentro da casa!', não acreditem. Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem" (Mt 24:24, 26, 27; Mt 25:31; Ap 1:7; 1Ts 4:16, 17). É impossível imitar essa vinda. O mundo inteiro a testemunhará.

Somente aqueles que estudaram cuidadosamente as Escrituras e receberam o amor pela verdade serão protegidos do poderoso engano que tornará o mundo cativo. Pelo testemunho da Bíblia, detectarão o enganador em seu disfarce. O povo de Deus está hoje tão firmemente alicerçado em Sua Palavra a ponto de não ceder diante das evidências dos próprios sentidos? Em uma crise assim, os fiéis se apegariam à Bíblia e à Bíblia somente?

O decreto de vários governantes cristãos contra os guardadores dos mandamentos retirará a proteção governamental e os abandonará aos que desejam sua destruição. Nessa ocasião, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e se reunirá em grupos pequenos, habitando

nos lugares mais desolados e solitários. Muitos encontrarão segurança nas fortalezas das montanhas, assim como os cristãos dos vales de Piemonte (ver o cap. 4). Mas muitos, de todas as nações e todas as classes, altas e baixas, ricos e pobres, negros e brancos serão jogados no mais injusto e cruel cativeiro. Os amados de Deus passarão dias exaustivos presos atrás de grades de prisões, sentenciados à morte, aparentemente largados para morrer em calabouços escuros e nojentos.

O Senhor Se esquecerá de Seu povo nessa hora difícil? Ele Se esqueceu do fiel Noé, Ló, José, Elias, Jeremias ou Daniel? Embora inimigos possam colocá-los na prisão, as paredes do calabouço são incapazes de interromper a comunicação entre seu coração e o de Cristo. Anjos aparecerão para eles em suas celas solitárias. A cadeia será como um palácio e as paredes sombrias serão iluminadas assim como na ocasião em que Paulo e Silas cantaram à meia-noite na prisão de Filipos.

Deus Envia as Pragas

Os juízos de Deus recairão sobre aqueles que tentam destruir Seu povo. Para Deus, o castigo é "obra muito estranha" (Is 28:21; Ez 33:11). O Senhor é "Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que [...] perdoa a maldade, a rebelião e o pecado. Contudo, não deixa de punir o culpado" (Êx 34:6, 7; Na 1:3). Ele é longânimo com as nações, mas quando elas encherem a taça de sua iniquidade, por fim beberão do cálice da ira sem mistura de misericórdia.

Quando Cristo terminar Seu ministério no santuário, Deus derramará a ira sem mistura reservada para aqueles que

adoram a besta. As pragas no Egito foram semelhantes aos juízos mais amplos que cairão sobre o mundo pouco antes do livramento final do povo de Deus. João, o revelador, disse: “Abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem” (Ap 16:2). O mar “se transformou em sangue como de um morto” (v. 3). E os “rios e [as] fontes [...] se transformaram em sangue” (v. 4). O anjo declarou: “Tu és justo, Tu, o Santo, [...] porque julgaste estas coisas pois eles derramaram o sangue dos Teus santos e dos Teus profetas, e Tu lhes deste sangue para beber, como eles merecem” (v. 5, 6). Ao condenar o povo de Deus à morte, tornaram-se culpados por seu sangue, como se o tivessem derramado com as próprias mãos. Cristo declarou que os judeus de Sua época eram culpados pelo sangue derramado de todos os santos desde os dias de Abel (Mt 23:34-26), pois tinham o mesmo espírito que os assassinos dos profetas.

Na praga seguinte, Deus dá poder ao Sol “para queimar os homens com fogo” (Ap 16:8). Os profetas descreveram esse tempo temível: “A colheita foi destruída. [...] todas as árvores do campo secaram. Secou-se, mais ainda, a alegria dos homens. [...] Como muge o gado! As manadas andam agitadas porque não têm pasto [...]. Os canais de água se secaram e o fogo devorou as pastagens” (Jl 1:11, 12, 18, 20).

Essas pragas não serão universais, porém serão as mais terríveis aflições que já aconteceram. Todos os juízos antes do fim do tempo da graça eram misturados com a misericórdia. O sangue de Cristo protege o pecador do impacto total de sua culpa. No juízo final, porém, a ira não

será misturada com a misericórdia. Muitos desejarão o abrigo da misericórdia divina, a qual tanto desprezaram.

Enquanto o povo de Deus for perseguido e afligido, sofrendo por falta de alimento, o Senhor não os abandonará para morrer. Anjos suprirão suas necessidades. “ Terá suprimento de pão, e água não lhe faltará.” “Eu, o Senhor, lhes responderei; Eu, o Deus de Israel, não os abandonarei” (Is 33:16; 41:17).

Aos olhos humanos, parecerá que o povo de Deus está prestes a morrer por sua fé, assim como os mártires antes deles. Será um tempo de terrível agonia. Os ímpios zombarão: “Onde está agora sua fé? Por que Deus não os livra de nossas mãos se vocês realmente são o povo dEle?” Mas os que estiverem esperando se lembrarão de Jesus, ao morrer na cruz do Calvário. Assim como Jacó, todos lutarão com Deus.

Hostes de Anjos Vigiam

Deus posicionará anjos ao redor daqueles que cumprirem a ordem de Cristo para perseverar. Eles testemunharam a angústia dos fiéis e ouviram suas orações. Aguardam a palavra de seu Comandante para livrá-los do perigo. Mas precisarão aguardar um pouco mais. O povo de Deus deverá tomar do cálice e ser batizado com o batismo (Mt 20:20-23). Por amor aos fiéis, o tempo de angústia será abreviado. O fim virá antes do que as pessoas esperam.

Embora um decreto geral tenha fixado o momento em que os guardadores do sábado poderão ser mortos, em alguns casos, seus inimigos vão se apressar e, antes da data, tentarão tirar a vida deles. No entanto, ninguém conseguirá

passar pelos guardi õ es posicionados ao redor de cada fiel. Alguns serão atacados ao fugirem das cidades, mas as armas levantadas contra eles vão se quebrar como a palha. Outros serão defendidos por anjos em forma de soldados.

Em todas as eras, seres celestiais têm participado ativamente das questões humanas. Aceitam a hospitalidade de lares humanos, agem como guias para viajantes confusos, abrem portas de prisões e libertam os servos do Senhor. Eles vieram tirar a pedra do túmulo do Salvador.

Anjos visitam as reuniões dos ímpios pelo mesmo motivo que foram a Sodoma, a fim de verificar se passaram dos limites da longanimidade de Deus. Por amor aos poucos que O servem de verdade, o Senhor restringe as calamidades e prolonga a paz da população. Os pecadores não entendem o quanto devem a própria vida aos fiéis que eles amam oprimir.

Muitas vezes, nos concílios deste mundo, anjos se pronunciaram. Ouvidos humanos escutaram seus apelos e lábios humanos ridicularizaram seus conselhos. Esses mensageiros celestiais demonstraram ser mais capazes de advogar a causa dos oprimidos do que seus mais eloquentes defensores. Derrotaram e detiveram males que teriam causado grande sofrimento ao povo de Deus.

Com ávido anelo, o povo de Deus aguarda a chegada de seu Rei vindouro. Enquanto os lutadores clamam ao Senhor, o céu brilha com o raiar do dia eterno. Como a melodia de músicas angelicais, chegam aos ouvidos as palavras: “O auxílio está a caminho.” A voz de Cristo soa dos portões abertos: “Eis que estou com vocês. Não tenham medo. Lutei a batalha em seu lugar e, em Meu nome, vocês são mais

que vencedores.”

O precioso Salvador enviará ajuda quando mais necessitarmos. O tempo de angústia será uma provação terrível para o povo de Deus; mas, pela fé, todo verdadeiro fiel deve enxergar o arco-íris da promessa a cercá-lo. “Os resgatados do Senhor voltarão. Entrarão em Sião com cântico; alegria eterna coroará sua cabeça. Júbilo e alegria se apossarão deles, tristeza e suspiro deles fugirão” (Is 51:11).

Se o sangue das testemunhas de Cristo fosse derramado nessa ocasião, sua fidelidade não seria um testemunho para convencer os outros da verdade, pois os corações obstinados recusaram as ondas de misericórdia até elas deixarem de ser enviadas. Se os justos fossem então mortos por seus inimigos, seria um triunfo para o príncipe das trevas. Cristo disse: “Vá, Meu povo, entre em seus quarto s e tranque as portas; esconda-se por um momento, até que tenha passado a ira dele. Vejam! O Senhor está saindo da Sua habitação para castigar os moradores da Terra por suas iniquidades” (Is 26:20, 21).

Como será glorioso o livramento daqueles que aguardam com paciência a vinda de Cristo e cujo nome está escrito no livro da vida.

O Livramento do Povo de Deus

Quando a proteção das leis humanas for retirada daqueles que honram a lei de Deus, em diferentes países haverá um movimento simultâneo para destruí-los. À medida que o tempo estabelecido pelo decreto se aproximar, as pessoas conspirarão para atacar em uma noite e dar um golpe decisivo que silenciará toda dissidência e censura.

O povo de Deus – alguns em celas de prisões, outros em florestas e montanhas – suplicará por proteção divina. Homens armados, instigados por anjos maus, estarão se preparando para a obra de matar. Então, no momento mais extremo, Deus intervirá: “E vocês cantarão como em noite de festa sagrada; seus corações se regozijarão como quando se vai [...] ao monte do Senhor, à Rocha de Israel. O Senhor fará que os homens ouçam Sua voz majestosa e os levará a ver Seu braço descendo com ira impetuosa e fogo consumidor, com aguaceiro, tempestades de raios e saraiva” (Is 30:29, 30).

Multidões de pessoas más estarão prestes a se lançar sobre suas presas, quando uma densa escuridão, mais intensa do que as trevas da noite, cairá sobre a Terra. Então um arco- íris se espalhará pelo céu, parecendo circundar

cada grupo em oração. As multidões iradas serão detidas. Esquecerão os alvos de sua raiva. Contemplarão o símbolo da aliança divina e desejarão ser protegidas de seu resplendor.

O povo de Deus ouvirá uma voz dizendo: “Olhem para cima.” Assim como Estêvão, olharão para cima e verão a glória de Deus e o Filho do homem em Seu trono (At 7:55, 56). Reconhecerão as marcas de Sua humilhação e ouvirão Seu pedido: “Quero que os que Me deste estejam comigo onde Eu estou” (Jo 17:24). Ouvirão uma voz a falar: “Eles vêm, santos, inocentes e sem mácula! Guardaram Meu mandamento de perseverar.”

Chega o Livramento

À meia-noite, Deus revela Seu poder para livrar Seu povo. O sol aparece brilhando em toda a intensidade. Ocorrem sinais e maravilhas. Os ímpios contemplam a cena com terror, ao passo que os justos percebem os indícios de seu livramento. Em meio ao céu irado, vê-se um espaço claro de glória indescritível. A voz de Deus ecoa como som de muitas águas, dizendo: “Está feito!” (Ap 16:17).

A voz abala os céus e a terra. Acontece um grande terremoto. “Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a Terra” (v. 18). Rochas partidas se dispersam por todos os lados. O mar se agita em fúria. Ouve-se o agudo grito do furacão, como a voz de demônios. A superfície da Terra começa a se quebrar. É como se seus fundamentos estivessem cedendo. Cidades portuárias que se tornaram como Sodoma em sua maldade são tragadas pelas águas iradas. “Deus lembrou-Se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da

Sua ira” (v. 19). Grandes pedras de granizo fazem sua obra de destruição. Cidades orgulhosas vão ao chão. Imensos palácios nos quais as pessoas desperdiçaram suas riquezas sucumbem diante de seus olhos. As paredes das prisões são derrubadas, e o povo de Deus é liberto.

As sepulturas se abrem e “multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno” (Dn 12:2). “Até mesmo aqueles que O traspassaram”, aqueles que zombaram da agonia de Cristo ao morrer e os oponentes mais impetuosos de Sua verdade serão ressuscitados para ver a honra colocada sobre o leal e obediente (Ap 1:7).

Relâmpagos atrozes envolverão a Terra como em um lençol de fogo. Acima do trovão, vozes – misteriosas e terríveis – declararão a ruína dos ímpios. Aqueles que foram arrogantes e cheios de orgulho, cruéis com o povo que guarda os mandamentos de Deus, agora tremer ão de medo. Demônios estremecerão enquanto homens e mulheres clamam por misericórdia.

O Dia do Senhor

O profeta Isaías disse: “Naquele dia os homens atirarão aos ratos e aos morcegos os ídolos de prata e os ídolos de ouro, que fizeram para adorar. Fugirão para as cavernas das rochas e para as brechas dos penhascos, por causa do terror que vem do Senhor e do esplendor da Sua majestade, quando Ele Se levantar para sacudir a Terra” (Is 2:20, 21).

Aqueles que sacrificaram tudo por Cristo estão seguros agora. Perante o mundo e diante da morte, demonstraram sua lealdade por Aquele que morreu por eles. O rosto, pouco

antes tão pálido e abatido, agora brilha com admiração. As vozes se levantam em triunfante cântico: “Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. Por isso não temeremos, ainda que a terra trema e os montes afundem no coração do mar, ainda que estrondem as suas águas turbulentas e os montes sejam sacudidos pela sua fúria” (Sl 46:1-3).

Enquanto essas palavras de confiança santa sobem até Deus, a glória da cidade celestial raia das portas abertas do C éu. Então, contra o céu, aparece uma mão segurando duas tábuas de pedra. A santa lei, que Deus proferiu no Sinai, agora é revelada como o padrão para o juízo. As palavras são tão claras que todos conseguem lê-las e despertam lembranças que removem as trevas da superstição e da heresia de todas as mentes.

É impossível descrever o horror e o desespero daqueles que rejeitaram a lei de Deus. Para ganhar a aprovação do mundo, deixaram de lado as exigências da lei e ensinaram outros a lhe desobedecer. A lei que tanto desprezaram agora os condena. Veem que não têm nenhuma desculpa. Os inimigos da lei de Deus adquirem nova compreensão sobre a verdade e o dever. Tarde demais, reconhecem que o sábado é o selo do Deus vivo. Tarde demais, veem o solo arenoso sobre o qual edificaram. Estavam lutando contra Deus. Mestres religiosos conduziram as pessoas à destruição enquanto alegavam guiá-las ao paraíso. Como é grande a responsabilidade daqueles no sagrado ofício e como são terríveis as consequências de sua infidelidade!

O Rei dos Reis Aparece

A voz de Deus será ouvida declarando que chegou o dia e

a hora da volta de Jesus. O povo de Deus vai se colocar em pé ouvindo, com o rosto iluminado pela glória divina. Logo, no leste, surge uma pequena nuvem escura. É a nuvem que cerca o Salvador. Em silêncio solene, o povo de Deus contempla sua aproximação, até se tornar uma grande nuvem branca, cuja base é uma glória como fogo consumidor e, acima dela, o arco-íris da aliança. Não mais um "Homem de dores", Jesus avança como poderoso conquistador. Santos anjos, em vasta multidão, numerosa demais para ser contada, vêm com Ele, "milhares de milhares e milhões de milhões" (Ap 5:11). Todo olho vê o Príncipe da vida. Uma coroa de glória repousa em Sua fronte. Sua face brilha mais que o sol ao meio-dia. "Em Seu manto e em Sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" (Ap 19:16).

O Rei dos reis desce na nuvem, envolto por fogo ardente. A Terra treme diante dEle: "Nosso Deus vem! Certamente não ficará calado! À Sua frente vai um fogo devorador, e, ao Seu redor, uma violenta tempestade. Ele convoca os altos C éus e a Terra, para o julgamento do Seu povo" (Sl 50:3, 4).

"Então os reis da Terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos – todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: 'Caiam sobre nós e escondam-nos da face dAquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?'" (Ap 6:15-17).

As piadas zombeteiras terminaram; os lábios mentirosos são silenciados. Nada se ouve, a não ser a voz de oração e o som de pranto. Os ímpios oram para ser enterrados debaixo

das rochas, em vez de precisar enfrentar a face dAquele a quem desprezaram. Conhecem muito bem aquela voz que penetra o ouvido dos mortos. Quantas vezes, em tons mais ternos, essa mesma voz os chamou ao arrependimento! Quantas vezes eles a ouviram nos apelos de um amigo, um irmão, um Redentor. Oh, se tão somente fosse a voz de um estranho! A voz desperta memórias de advertências que eles desprezaram e de convites que recusaram.

Aqueles que zombaram de Cristo em Sua humilhação estão ali. Ele declarou: “Chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26:64). Agora, eles O contemplam em Sua glória; e ainda O verão assentado à direita do Poderoso. Ali está o arrogante Herodes que ridicularizou Seu título real. Ali estão os homens que colocaram a coroa de espinhos em Sua fronte e a imitação de cetro em Sua mão – aqueles que se prostraram perante Ele em zombaria blasfema, que cuspiram no Príncipe da vida. Aqueles que cravaram os pregos em Suas mãos e pés olharão para as marcas com terror e remorso.

Com terrível clareza, sacerdotes e governantes vão se lembrar dos acontecimentos do Calvário e de como, movendo a cabeça de um lado para o outro em exultação satânica, exclamaram: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a Si mesmo!” (Mt 27:42). Mais alto que o clamor “Crucifica-O, crucifica-O”, que ecoou por Jerusalém, vai se espalhar o lamento desesperado: “Ele é o Filho de Deus!” Então tentarão fugir da presença do Rei dos reis.

Na vida de todos aqueles que rejeitam a verdade, há momentos em que a consciência desperta, nos quais a

mente é perturbada com vãos arrependimentos. Mas isso não é nada em comparação com o remorso desse dia! Em meio ao terror que sentem, ouvirão a voz dos remidos exclamando: “Este é o nosso Deus; nós confiamos nEle, e Ele nos salvou” (Is 25:9).

A Ressurreição do Povo de Deus

A voz do Filho de Deus chamará os santos que dormem de seus túmulos. Por toda a Terra, os mortos ouvirão Sua voz, e aqueles que a escutam viverão – um grande exército de toda nação, tribo, língua e povo. Das cadeias da morte, eles vão se levantar, revestidos de glória imortal, exclamando: “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” (1Co 15:55).

Todos sairão da sepultura da mesma altura com a qual entraram no túmulo. Mas todos despertarão com o frescor e o vigor da juventude eterna. Cristo veio restaurar aquilo que se perdeu. Ele transformará nosso corpo humilde e o modelará conforme Seu corpo glorioso. A forma mortal e corruptível, poluída pelo pecado no passado, vai se tornar perfeita, bela e imortal. Defeitos e deformidades serão deixados na sepultura. Os remidos crescerão (Ml 4:2) até a plena estatura da raça humana em sua glória original. Os últimos traços da maldição do pecado serão removidos. Na mente, na alma e no corpo, os fiéis de Cristo refletirão a perfeita imagem de seu Senhor.

Os justos vivos serão transformados “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1Co 15:52). Obedecendo à voz de Deus, vão se tornar imortais e, com os remidos ressuscitados, serão levados para encontrar seu Senhor no ar. Anjos “reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de

uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:31). Levarão criancinhas para os braços de suas mães. Amigos separados por muito tempo pela morte vão se reunir para nunca mais se separar e, com cânticos de alegria, subirão juntos para a cidade de Deus.

Na Cidade Santa

O olhar de cada um dos incontáveis resgatados repousará firmemente em Jesus. Todo olho contemplar á a glória dAquele cuja “ aparência estava tão desfigurada, que Ele Se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano” (Is 52:14). Jesus colocará a coroa de glória na cabeça dos vencedores. Para cada um existe uma coroa com seu “novo nome” (Ap 2:17) e a inscrição que diz “Santidade ao Senhor”. Cada mão receberá a palma da vitória e uma harpa brilhante. Então, quando os anjos dirigentes começarem a tocar, todos os remidos dedilharão as cordas com habilidade em ricos e melodiosos tons. Toda voz se erguerá em grato louvor: “Àquele que nos ama, e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 1:5, 6, ARA).

Acima da reunião de resgatados está a cidade santa. Jesus abre as portas e pessoas de todas as nações que guardaram a verdade começam a entrar. Então Ele diz: “Venham, benditos de Meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25:34). Cristo apresenta ao Pai aqueles que Seu sangue comprou, declarando: “Aqui estou Eu com os filhos que Deus Me deu” (Hb 2:13). “Eu os protegi e os guardei no nome que Me

deste” (Jo 17:12). Ah, que alegria quando o Pai infinito, ao olhar para os remidos, contemplar Sua imagem, após a decadência do pecado ser removida e o humano mais uma vez se encontrar em harmonia com o divino!

A alegria do Salvador estará em ver, no reino de glória, as pessoas que foram salvas por Sua agonia e humilhação. Os remidos partilharão de Sua alegria, ao verem outros que foram ganhos por meio de suas orações, seus esforços e seu sacrifício amoroso. Júbilo encherá o coração dos salvos ao verem que um trouxe outros, e estes, outros mais.

Encontro dos Dois Adões

Quando os resgatados forem recebidos na cidade de Deus, um brado de triunfo ecoará. Os dois Adões estão prestes a se encontrar. O Filho de Deus receberá o pai da humanidade – aquele que Ele criou, pecou e cujo pecado causou as marcas da crucifixão no corpo do Salvador. Ao ver as marcas dos pregos, Adão vai se prostrar em humilhação aos pés de Cristo. O Salvador vai levantar Adão e convid á-lo a contemplar mais uma vez o lar edênico do qual ele foi eLivros há tanto tempo.

A vida de Adão foi cheia de tristeza. Cada folha caída, cada sacrifício animal, cada mancha na pureza da humanidade era um lembrete de seu pecado. A agonia de seu remorso era terrível, pois era culpado de ser a causa do pecado. Fielmente se arrependeu de seus erros e morreu na esperança da ressurreição. Agora, por meio da expiação, Adão é recolocado em seu lar edênico.

Cheio de alegria, ele vê as árvores que foram seu deleite no passado, cujos frutos ele mesmo havia colhido nos dias

de sua inocência. Vê as vinhas que suas próprias mãos organizaram, as mesmas flores que ele tanto amava cuidar. Verdadeiramente é o Éden restaurado!

O Salvador o conduz à árvore da vida e o convida a comer. Ele vê que muitos de sua família foram remidos. Então lança sua coroa aos pés de Jesus e abraça o Redentor. Toca a harpa, e o céu ecoa com o cântico de triunfo: “Digno é o Cordeiro que foi morto” (Ap 5:12). A família de Adão lança as coroas aos pés do Salvador e se prostra em adoração. Anjos choraram quando Adão pecou e se alegraram quando Jesus abriu a sepultura para todos aqueles que creram em Seu nome. Agora, eles veem a obra da redenção concluída e unem as vozes em louvor.

No “mar de vidro misturado com fogo” estão reunidos aqueles que “tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome”. Os cento e quarenta e quatro mil foram remidos dentre a humanidade e cantam um cântico novo, o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15:2, 3). Ninguém além dos cento e quarenta e quatro mil sabe esse cântico, pois ele conta uma experiência que nenhum outro grupo vivenciou. “São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá.” Esses, tendo sido levados para o C éu dentre os vivos, são as “ primícias para Deus e para o Cordeiro” (Ap 14:4, ARA). Passaram pelo tempo de angústia como nunca houve desde que existe nação. Suportaram as aflições do tempo de angústia de Jacó. Permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Eles “lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro”. “E não se achou mentira na sua boca ” perante Deus. “Nunca mais terão fome, nunca mais terão

sede. Não os afligirá o sol, nem qualquer calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; Ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima" (Ap 7:14; 14:5, ARA; 7:16, 17).

Os Resgatados na Glória

Em todas as eras, os escolhidos do Salvador trilharam um caminho estreito. Foram purificados no fogo da aflição. Por amor a Jesus, suportaram ódio, calúnia, negação do eu e amargos desapontamentos. Descobriram o mal do pecado, seu poder, sua culpa e sua miséria. Agora, eles o abominam. O reconhecimento do sacrifício infinito de Jesus para sua cura os torna humildes e enche seu coração de gratidão. Amam muito porque muito foram perdoados (Lc 7:47). Participantes dos sofrimentos de Cristo, eles estão preparados para participar de Sua glória.

Os herdeiros de Deus vêm de sótãos, choupanas, calabouços, cadafalsos, montanhas, desertos e cavernas. Foram "necessitados, afligidos e maltratados" (Hb 11:37). Milhões desceram ao túmulo desonrados por quase todos porque se recusaram a ceder a Satanás. Agora, porém, não são mais afligidos, dispersos e oprimidos. A partir desse momento, os remidos usarão trajes mais ricos do que aqueles que foram os mais honrados da Terra usaram, portando coroas mais gloriosas do que qualquer uma já colocada na cabeça de monarcas terrenos. O Rei da glória enxuga as lágrimas de toda face. Os remidos se unem em cântico de louvor, claro, doce e harmonioso. O hino se espalha pelo C éu: "A salvação pertence ao nosso Deus, que Se assenta no trono, e ao Cordeiro". E todos respondem:

“Amém! Louvor e glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre” (Ap 7:10, 12).

Nesta vida, só conseguimos começar a entender o maravilhoso tema da redenção. Com nossa compreensão limitada, podemos até refletir profundamente na vergonha e na glória, na vida e na morte, na justiça e na misericórdia que se unem na cruz. No entanto, nem mesmo o maior esforço de nossa capacidade mental é capaz de compreender sua plena significância. Só compreendemos obscuramente o tamanho e a largura, a profundidade e a altura do amor redentor. O plano da redenção não será plenamente compreendido nem quando os resgatados virem como são vistos e conhecerem como são conhecidos; mas, ao longo das eras eternas, novas verdades serão descortinadas continuamente diante de sua mente surpresa e agradecida. Embora as tristezas, dores e tentações da Terra tenham acabado e sua causa tenha sido removida, o povo de Deus sempre terá o conhecimento distinto e inteligente do preço de sua salvação.

A cruz será o cântico dos remidos ao longo de toda a eternidade. No Cristo glorificado, eles verão o Cristo crucificado. Nunca se esquecerão de que a Majestade do C éu Se humilhou a fim de exaltar homens e mulheres, de que Ele carregou a culpa e a vergonha do pecado e se escondeu da face de Seu Pai até a angústia de um mundo perdido partir Seu coração e acabar com Sua vida. O Criador de todos os mundos abriu mão de Sua glória por amor à humanidade – isso inspirará a admiração do Universo para sempre. Quando as nações dos salvos olham para o

Redentor com a certeza de que Seu reino jamais terá fim, irrompem em canção: “Digno é o Cordeiro que foi morto e nos redimiu diante de Deus com Seu tão precioso sangue!”

O mistério da cruz explica todos os outros mistérios. Ficará claro que o Deus infinito em sabedoria não poderia inventar nenhum plano para nossa salvação, com exceção do sacrifício do próprio Filho. Sua recompensa por esse sacrifício será a alegria de povoar a Terra com os seres resgatados, santos, felizes e imortais. O valor de cada pessoa é tão grande que o Pai ficará satisfeito com o preço pago. O próprio Cristo, ao ver os frutos de Seu grande sacrifício, estará satisfeito.

A Terra em Ruínas

Quando a voz de Deus der fim ao cativeiro de Seu povo, ocorrerá um terrível despertamento em meio àqueles que perderam tudo no grande conflito da vida. Cegos pelos enganos de Satanás, os ricos se orgulhavam de ser melhores do que os menos favorecidos. Haviam deixado de alimentar os famintos, vestir os nus, exercer a justiça e amar a misericórdia. Então perderam tudo que os tornava grandes e ficaram sem nada. Com terror, assistem à destruição de seus ídolos. Venderam a própria alma por prazeres terrenos e não se tornaram ricos para Deus. Sua vida foi um fracasso e seus prazeres ficaram amargos. Os ganhos de uma vida inteira vão embora em um instante. Os ricos lamentam a destruição de suas grandiosas casas, a dispersão de seu ouro e de sua prata e temem perecer com seus ídolos. Os ímpios lamentam os resultados, por serem como são, mas não se arrependem de sua maldade.

Os pastores que sacrificaram a verdade a fim de conquistar a aprovação popular agora reconhecem a influência de seus ensinos. Cada linha escrita, cada palavra proferida que levou outros a descansar seguros no erro estavam lançando a semente e agora eles veem a colheita de perdidos ao seu redor. Assim diz o Senhor: “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do Meu pasto! [...] Eu vou castigar vocês pelos seus maus

procedimentos” (Jr 23:1, 2). “Vocês, mentindo, desencorajaram o justo contra a Minha vontade, e encorajaram os ímpios a não se desviarem dos seus maus caminhos para salvarem a sua vida” (Ez 13:22).

Pastores e pessoas veem que se rebelaram contra o Autor de toda lei justa. Deixando de lado as leis de Deus, abriram caminho para milhares de fontes para o mal, até a Terra se tornar um vasto campo de corrupção. Não há palavras adequadas para expressar o anseio que os desleais sentem por aquilo que perderam para sempre – a vida eterna.

As pessoas acusam umas às outras de haverem sido responsáveis pela destruição, mas todas se unem na mais amarga condenação aos pastores infiéis que profetizaram “coisas agradáveis” (Is 30:10), levando seus ouvintes a invalidar a lei de Deus e a perseguir aqueles que queriam santificá-la. “Estamos perdidos!”, exclamam. “E vocês são os culpados.” As mesmas pessoas que antes os cobriam de honras e elogios vão se voltar contra eles para destruí-los. Por toda parte, haverá conflito e derramamento de sangue.

Por longas eras o Filho de Deus e os mensageiros celestiais estiveram em conflito com o maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora, a decisão de todos está tomada; os ímpios se unem completamente a Satanás em sua luta contra Deus. A controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. “O Senhor faz acusações contra as nações” (Jr 25:31).

O Anjo da Morte

Então o anjo da morte sairá, representado na visão de Ezequiel pelos homens com armas de extermínio, os quais

recebem a ordem: “Matem, sem piedade ou compaixão, velhos, rapazes e moças, mulheres e crianças. Mas não toquem em ninguém que tenha o sinal. Comecem pelo Meu santuário. Então eles começaram com as autoridades que estavam na frente do templo”, ou seja, aqueles que alegavam ser os guardiães espirituais do povo (Ez 9:6).

Os falsos atalaias foram os primeiros a cair. “O Senhor está saindo da Sua habitação para castigar os moradores da Terra por suas iniquidades. A terra mostrará o sangue derramado sobre ela; não mais encobrirá os seus mortos” (Is 26:21). “Naquele dia, grande confusão causada pelo Senhor dominará essas nações. Cada um atacará o que estiver ao seu lado” (Zc 14:13).

Na luta ferrenha das próprias paixões desenfreadas e pelo derramamento da ira de Deus sem mistura, sacerdotes, governantes e indivíduos maus cairão. “Naquele dia, os mortos pelo Senhor estar ão em todo lugar, de um lado ao outro da Terra” (Jr 25:33).

Na volta de Cristo, os ímpios serão destruídos pelo resplendor de Sua glória. Cristo levará Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra não terá mais habitantes. “Vejam! O Senhor vai arrasar a Terra e devastá-la; arruinará sua superfície e espalhará seus habitantes. [...] A terra será completamente arrasada e totalmente saqueada. Quem falou esta palavra foi o Senhor. [...] Desobedeceram às leis, violaram os decretos e quebraram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e seu povo é culpado. Por isso os habitantes da Terra são consumidos pelo fogo” (Is 24:1, 3, 5, 6).

A Terra parecerá um deserto desolado. As cidades estarão

destruídas por terremotos, com árvores arrancadas, pedaços de rochas tirados da terra e espalhados pela superfície. Grandes cavernas marcarão o local onde as montanhas foram retiradas de seus fundamentos.

O Exílio de Satanás

Agora se cumpre o evento prefigurado pelo último rito solene do dia da expiação. Depois que os pecados de Israel eram removidos do santuário por meio do sangue da oferta pelo pecado, o bode expiatório era apresentado vivo perante o Senhor. O sumo sacerdote confessava “todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas [...] sobre a cabeça do bode” (Lv 16:21). De maneira semelhante, quando Jesus tiver terminado a obra de expiação no santuário celestial, então, na presença de Deus, dos anjos celestiais e das hostes de remidos, os pecados do povo do Senhor serão colocados sobre Satanás. Ele será declarado culpado de todo mal que levou os fiéis a cometer. Assim como o bode expiatório era enviado para uma terra não habitada, Satanás será eLivros na Terra desolada.

Após narrar as cenas da volta de Jesus, João continua: “Vi descer dos C éus um anjo que trazia na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo” (Ap 20:1-3).

O “Abismo” representa a Terra em confusão e trevas. Aguardando com expectativa o grande dia de Deus, Jeremias declarou: “Olhei para a Terra, e ela era sem forma

e vazia; [1] para os céus, e a sua luz tinha desaparecido. Olhei para os montes e eles tremiam; todas as colinas oscilavam. Olhei, e não havia mais gente; todas as aves do céu tinham fugido em revoada. Olhei, e a terra fértil era um deserto; todas as suas cidades estavam em ruína" (Jr 4:23-26).

Aqui será o lar de Satanás com seus anjos maus por mil anos. Limitado à Terra, ele não terá acesso a outros mundos para tentar e perturbar aqueles que nunca caíram. Nesse sentido, estará "preso". Não restará ninguém sobre quem ele possa exercer seu poder. Será privado da obra de engano e ruína que tem sido seu único prazer.

Aguardando com expectativa a derrota de Satanás, Isaías exclamou: " Como você caiu dos C éus , ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à Terra, você, que derrubava as nações! Você, que dizia no seu coração: 'Subirei aos C éus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus. [...] Serei como o Altíssimo'. Mas às profundezas do Sheol você será levado, irá ao fundo do abismo! Os que olham para você admiram-se da sua situação, e a seu respeito ponderam: ' É esse o homem que fazia tremer a Terra, abalava os reinos, fez do mundo um deserto, conquistou cidades e ?'" (Is 14:12-17).

Por seis mil anos, a prisão domiciliar de Satanás recebeu o povo de Deus, mas Cristo quebrou suas correntes e libertou os prisioneiros. Sozinho com seus anjos maus, Satanás reconhece as consequências do pecado: "Todos os reis das nações jazem honrosamente, cada um em seu próprio túmulo. Mas você é atirado fora do seu túmulo, como um galho rejeitado [...]. Você não se unirá a eles num

sepultamento, pois destruiu a sua própria terra, e matou o seu próprio povo” (Is 14:18-20).

Por mil anos, Satanás contemplará os resultados de sua rebelião contra a lei de Deus. Ele sofrerá intensamente. Será deixado para refletir no papel que desempenhou desde sua rebelião e a aguardar com terror o temível futuro no qual será punido.

Durante os mil anos entre a primeira e a segunda ressurreições, acontecerá o julgamento dos ímpios. Paulo mostra que esse evento ocorrerá após o segundo advento (1Co 4:5). Os justos reinarão como reis e sacerdotes. João disse: “Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. [...] serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele durante mil anos” (Ap 20:4, 6).

Nessa ocasião, “os santos hão de julgar o mundo” (1Co 6:2). Em união com Cristo, eles julgarão os ímpios, decidindo cada caso de acordo com os atos feitos no corpo. Então o castigo que os maus sofrerão será definido segundo suas obras e registrado junto a seus nomes no livro da morte.

Cristo e Seu povo julgarão Satanás e os anjos maus. Paulo disse: “Vocês não sabem que haveremos de julgar os anjos?” (1Co 6:3). Judas declarou: “E, quanto aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia” (Jd 6).

Ao fim do milênio, acontecerá a segunda ressurreição.

Então os ímpios ressuscitarão dos mortos e aparecerão diante de Deus para a execução da " sentença escrita" (Sl 149:9). Assim João explica: "O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos" (Ap 20:5). E Isaías declara, em relação aos ímpios: "Eles serão arrebanhados como prisioneiros numa masmorra, trancados numa prisão e " (Is 24:22).

[1] A palavra para "vazia" em Gênesis 1:2 na tradução grega do Antigo Testamento é , que também aparece aqui em Jeremias. O mesmo termo é encontrado no texto grego de Apocalipse 20:1, traduzido por "abismo" na Almeida Revista e Atualizada e na Nova Versão Internacional.

Paz Eterna: o Fim do Conflito

Ao fim do milênio, Cristo voltará à Terra acompanhado pelos remidos e pelas hostes angelicais. Ordenará aos ímpios mortos que ressuscitem para receber sua sentença. Eles se levantam em número incontável, como a areia do mar, trazendo sobre si os traços da doença e da morte. Que contraste com aqueles que participaram da primeira ressurreição!

Todo olho se volta para ver a glória do Filho de Deus. Em uma voz, o vasto exército dos ímpios exclama: “Bendito é o que vem em nome do Senhor” (Mt 23:39). Não é o amor que inspira essa declaração. A força da verdade impulsiona as palavras dos lábios relutantes. Assim como os ímpios desceram à sepultura, eles saem com o mesmo ódio a Cristo e o mesmo espírito de rebelião. Não terão um novo tempo de graça durante o qual possam remediar sua vida passada.

O profeta explica: “Naquele dia os seus pés estarão sobre o monte das Oliveiras [...] e o monte se dividirá ao meio” (Zc 14:4). Ao descer do C éu, a nova Jerusalém repousa sobre o local preparado para ela . Cristo, Seu povo e os anjos entram na cidade santa.

Enquanto foi impedido de realizar sua obra de engano, o príncipe do mal sentiu-se miserável e abatido; mas, quando

os ímpios mortos ressuscitam e ele vê as vastas forças a seu lado, suas esperanças revivem. Satanás decide não desistir do grande conflito. Está prestes a reunir os perdidos sob seu estandarte. Ao rejeitar a Cristo, os ímpios aceitaram o domínio do líder rebelde, e estão prontos para cumprir sua vontade. No entanto, em conformidade com suas primeiras práticas, ele não reconhece ser Satanás. Afirma ser o verdadeiro dono do mundo, cuja herança lhe foi tirada com toda injustiça. Apresenta-se como um redentor, garantindo a seus iludidos súditos que foi seu poder que os tirou da sepultura. Satanás fortalece os fracos e inspira a todos com sua energia. Ele se propõe a conduzi-los em batalha para tomar posse da cidade de Deus. Aponta para os milhões incontáveis que ressuscitaram dos mortos e declara que, como líder deles, é muito capaz de retomar seu trono e reino.

Por entre a vasta multidão estão muitos que pertenceram à raça de grande longevidade que existiu antes do dilúvio, pessoas de grande estatura e intelecto gigantesco, cujas obras extraordinárias levaram o mundo a idolatrar sua genialidade, mas cujas crueldades e práticas perversas fizeram Deus eliminá-los de Sua criação. Há reis e generais que nunca perderam uma única batalha. Na morte, esses líderes não sofreram nenhuma mudança. Ao sair do túmulo, são impulsionados pelo mesmo desejo de conquistar que os governava quando morreram.

O Ataque Final Contra Deus

Satanás consulta esses homens poderosos. Eles afirmam que o exército dentro da cidade é pequeno em comparação com o deles e pode ser derrotado. Engenheiros habilidosos

constroem armas de guerra. Líderes militares recrutam os homens guerreiros, formando companhias e divisões.

Por fim, é dada a ordem de avançar, e a multidão inumerável marcha adiante, em um exército que as forças combinadas de todas as eras jamais conseguiria igualar. Satanás lidera o combate, com reis e guerreiros logo em seguida. Com precisão militar, as densas fileiras avançam pela superfície desgastada da Terra até a cidade de Deus. Por ordem de Jesus, as portas da nova Jerusalém são fechadas, e os exércitos de Satanás se preparam para o ataque.

Então Cristo aparece à vista de Seus inimigos. Bem acima da cidade, em uma base de ouro polido, há um trono. O Filho de Deus senta nesse trono, e a Seu redor estão os súditos de Seu reino. A glória do Pai eterno envolve o Filho. O resplendor de Sua presença flui para além dos portões, inundando a Terra com brilho.

Mais perto do trono estão aqueles que foram zelosos pela causa de Satanás, mas que, retirados como tições do fogo, seguiram o Salvador com intensa devoção. Em seguida estão não apenas aqueles cujo caráter foi aperfeiçoado, embora cercados por falsidade e descrença, e que honraram a lei de Deus quando o mundo a invalidou, mas também os milhões de todas as eras que sofreram martírio por sua fé. Além deles, se vê "uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas [...] com vestes brancas e segurando palmas" (Ap 7:9). Sua batalha terminou, a vitória foi conquistada. O ramo de palma é um símbolo de triunfo, e as vestes brancas consistem em um emblema da justiça de Cristo, que agora

lhes pertence.

Em meio a toda a vasta multidão, não há ninguém que atribua a salvação a si mesmo, por méritos da própria bondade. Não falam nada sobre o que sofreram. O tema central de cada hino é: Salvação ao nosso Deus e ao Cordeiro.

Sentença Contra os Rebeldes

Na presença dos habitantes da Terra e do C éu reunidos, acontece a coroação do Filho de Deus. Reconhecido como governante com majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sobre os rebeldes que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. “Vi um grande trono branco e Aquele que nele estava assentado. A Terra e o C éu fugiram da Sua presença, e não se encontrou lugar para eles. Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros” (Ap 20:11, 12).

Quando os olhos de Jesus contemplam os ímpios, estes tomam consciência de todo pecado que haviam cometido até então. Veem como deixaram o caminho da santidade. As tentações sedutoras que os encorajaram a condescender com o pecado, os mensageiros de Deus que desprezaram, as advertências que rejeitaram, as ondas de misericórdia que seu coração teimoso e obstinado mandaram embora – tudo aparece como se estivesse escrito com letras de fogo.

Acima do trono, veem a cruz. Como em visão panorâmica, assistem às cenas da queda de Adão e os passos seguintes

do plano da redenção. O nascimento humilde do Salvador; Sua vida simples; Seu batismo no Jordão; Seu jejum e a tentação no deserto; Seu ministério que trouxe bênçãos do C éu à humanidade; os dias coroados por atos de misericórdia; as noites de oração nos montes; as conspirações de inveja e maldade com que eram retribuídos Seus benefícios; Sua misteriosa agonia no Getsêmani ao sentir o peso dos pecados do mundo; Sua traição e entrega à turba assassina; os acontecimentos daquela noite de horrores – o prisioneiro que não ofereceu resistência abandonado por Seus discípulos, julgado no palácio do sumo sacerdote, na corte de Pilatos, perante o covarde Herodes, zombado, insultado, torturado e condenado à morte. Todos esses acontecimentos são vividamente retratados.

A multidão agitada assiste às cenas finais: o paciente Sofredor trilha o caminho até o Calvário; o Príncipe do Céu pendurado na cruz; os sacerdotes e rabinos zombando de Sua agonia; as trevas sobrenaturais marcando o momento em que o Redentor do mundo deixou a vida.

O terrível espetáculo aparece exatamente como aconteceu. Satanás e seus súditos não têm poder para se afastar da cena. Cada ator relembra a parte que desempenhou. Herodes, que matou as crianças inocentes de Belém; a perversa Herodias, culpada pelo sangue de João Batista; o fraco e político Pilatos; os soldados zombeteiros; a multidão irada que gritou: “Caia Seu sangue sobre nós e nossos filhos!” – todos tentam sem sucesso se esconder da majestade divina de Sua face, ao passo que os remidos lançam as coroas aos pés do Salvador, exclamando: “Ele

morreu por mim!”

Ali está Nero, monstro da crueldade e dos vícios, assistindo à exaltação daqueles cristãos em cujo sofrimento de morte ele encontrava prazer satânico. A mãe dele testemunha a própria obra, vendo como os maus traços, as paixões que sua influência e seu exemplo encorajaram deram fruto por meio de crimes que fizeram o mundo estremecer.

Ali estão os sacerdotes e líderes católicos que alegaram ser embaixadores de Cristo, mas usaram a tortura, o calabouço e a fogueira para dominar Seu povo fiel. Ali estão os orgulhosos papas que se exaltaram acima de Deus e ousaram tentar mudar a lei do Altíssimo. Esses supostos pais da igreja têm uma conta a acertar com Deus. Veem tarde demais que o Onisciente faz questão de Sua lei. Descobrem agora que Cristo identifica Seus interesses com Seu povo sofredor.

Todo o mundo mau é acusado de traição ao governo do Céu. Os perdidos não têm ninguém para defender sua causa. Não têm desculpas, e Deus pronuncia contra eles a sentença de morte eterna.

Os ímpios veem aquilo que perderam por sua rebelião. “Tudo isso”, exclama o pecador perdido, “poderia ser meu! Por que fui tão cego? Troquei paz, felicidade e honra por miséria, desgraça e desespero.” Todos veem que Deus é justo ao excluí-los do Céu. Por meio de sua vida, declararam: “Não queremos que este homem [Jesus] seja nosso rei” (Lc 19:14).

A Derrota de Satanás

Como que hipnotizados, os ímpios assistem à coroação do

Filho de Deus. Veem em Suas mãos as tábuas da lei divina que desprezaram. Testemunham o irromper de adoração dos salvos; e, à medida que os sons da melodia chegam às multidões que estão fora da cidade, todos exclamam: "Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações" (Ap 15:3). Prostrados com o rosto em terra, adoram o Príncipe da vida.

Satanás parece paralisado. No passado, ele havia sido um querubim cobridor então ele lembra o quanto perdeu. Foi eternamente excluído do concílio onde antes era honrado. Vê agora outro de pé junto ao Pai, um anjo de presença majestosa. Sabe que a exaltada posição daquele anjo poderia ser sua.

A memória recorda como o Céu era para ele em sua inocência, a paz e o contentamento que sentia até sua rebelião. Relembra sua obra em meio à humanidade e suas consequências – a hostilidade de uma pessoa ou de um grupo em relação a outro, a terrível destruição da vida, os tronos derrubados, as revoltas, os conflitos e as revoluções. Recorda seus constantes esforços para se opor à obra de Cristo. Ao olhar para o fruto de seu trabalho, só vê fracassos. Vez após vez, no decorrer do grande conflito, foi derrotado e forçado a ceder.

O objetivo do grande rebelde sempre foi provar que o governo de Deus era responsável pela rebelião. Ele levou grandes multidões a aceitar essa versão do grande conflito. Por milhares de anos, esse chefe da conspiração vendeu mentiras como se fossem verdades. Chegou o momento em que todos verão a história e o caráter de Satanás. Em seu último esforço para tirar Cristo do trono, destruir Seu povo e

tomar posse da cidade de Deus, o arquienganador é completamente desmascarado. Aqueles que se uniram a ele verão o fracasso absoluto de sua causa.

Satanás reconhece que sua rebelião voluntária o tornou inapto para o Céu. Exercitou seus poderes para guerrear contra Deus. A pureza e a harmonia do Céu seriam uma suprema tortura para ele. O inimigo se prostra e admite a justiça de sua sentença.

Cada pergunta sobre a verdade e o erro no longo conflito está agora completamente respondida. O Universo inteiro viu as consequências da rejeição à lei de Deus. Por toda a eternidade, a história do pecado servirá de testemunha de que a felicidade de todos os seres que o Senhor criou depende da existência de Sua lei. O Universo inteiro, tanto os leais quanto os rebeldes, em uma voz declarará: "Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações" (Ap 15:3).

Chegou a hora de Cristo ser glorificado acima de todo nome. Pela alegria apresentada diante de Si – para que pudesse trazer muitos filhos e filhas para a glória – Ele suportou a cruz. Jesus contempla os remidos, renovados em Sua própria imagem. Observa neles o resultado dos labores de Sua alma e fica satisfeito (Is 53:11). Em uma voz que todos, justos e ímpios, conseguem ouvir, Ele declara: "Vejam o que Meu sangue comprou! Por estes sofri, por estes morri."

O Fim Violento dos Í mpios

O caráter de Satanás permanece o mesmo. A rebelião surge novamente como uma enchente furiosa. Determina-

se a não abrir mão da última batalha desesperada contra o Rei do C éu. Dentre todos os incontáveis milhões que ele arrastou para a rebelião, nenhum se propõe a seguir sua liderança. O mesmo ódio a Deus que inspira Satanás enche os ímpios, mas eles percebem que sua causa não tem esperança. “Porque você pensa que é sábio, tão sábio quanto Deus, trarei estrangeiros contra você, das mais impiedosas nações; eles empunharão suas espadas contra a sua beleza e a sua sabedoria e traspassarão o seu esplendor fulgurante. Eles o farão descer à cova [...]. Por isso Eu o lancei [...] e o expulsei, ó querubim guardião, do meio das pedras fulgurantes. [...] Por isso Eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis. [...] Por isso fiz sair de você um fogo, que o consumiu, e reduzi você a cinzas no chão, à vista de todos os que estavam observando. [...] chegou o seu terrível fim, você não mais existirá” (Ez 28:6-8, 16-19).

“O Senhor está indignado contra todas as nações” (Is 34:2). “Sobre os ímpios Ele fará chover brasas ardentes e enxofre incandescente; vento ressecante é o que terão” (Sl 11:6). Desce da parte de Deus fogo do Céu. A terra se abre. Chamas devoradoras irrompem de todo abismo crescente. Todas as rochas estão incandescentes. Os elementos se derretem com calor fervente, a Terra também e as obras que nela se encontram são queimadas (2Pe 3:10). A superfície da Terra parece uma única massa fundida – um vasto e fervente lago de fogo. “Será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião” (Is 34:8, ARA).

Os ímpios são castigados “conforme o seu procedimento”

(Rm 2:6). Satanás sofrerá não só pela própria rebelião, mas também por todos os pecados que levou o povo de Deus a cometer. Nas chamas, os ímpios finalmente serão destruídos, raiz e ramo – Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. Os malfeitores receberam a penalidade completa da lei; as exigências da justiça foram cumpridas. A obra de ruína causada por Satanás terminou para sempre. As criaturas de Deus estarão para sempre livres de suas tentações.

Enquanto a Terra está envolta pelo fogo, os justos estão seguros na cidade santa. Para os ímpios, Deus é um fogo consumidor; mas, para Seu povo, Ele é escudo (Ap 20:6; Sl 84:11).

Nosso Lar Final

"Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia" (Ap 21:1). O fogo que consome os ímpios purifica a Terra. Cada traço da maldição é eliminado. Nenhum inferno a queimar eternamente manterá os resgatados pensando nas terríveis consequências do pecado.

Lembrete dos Resultados do Pecado

Só um lembrete permanece: nosso Redentor sempre levará as marcas de Sua crucifixão, os únicos traços da obra cruel que o pecado realizou. Ao longo das eras eternas, as feridas do Calvário revelarão Seu louvor e declararão Seu poder.

Cristo garantiu a Seus discípulos que foi preparar um lar para eles na casa do Pai. A linguagem humana é incapaz de descrever a recompensa dos justos. Somente aqueles que

virem a conhecerão de verdade. Nenhuma mente finita é capaz de compreender a glória do Paraíso de Deus!

A Bíblia chama a herança dos santos de “pátria” (Hb 11:14-16). Lá o Pastor celestial conduzirá seu rebanho a fontes de água viva. Haverá torrentes sempre a fluir, claras como cristal e, além delas, árvores a balançar lançam sua sombra sobre os caminhos que Deus preparou para os resgatados do Senhor. Amplas planícies se erguem em belas colinas, e as montanhas de Deus erguem seus altos cumes. Nesses pacíficos prados, além das fontes vivas, o povo de Deus, por tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar.

“Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto. Já não construirão casas para outros ocuparem, nem plantarão para outros comerem. [...] Os meus escolhidos esbanjarão o fruto do seu trabalho.” “O deserto e a terra ressequida se regozijarão; o ermo exultará e florescerá como a tulipa.” “O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode [...] e uma criança os guiará. [...] Ninguém fará nenhum mal, nem destruirá coisa alguma em todo o Meu santo monte” (Is 65:21, 22; 35:1; 11:6, 9).

Não existirá dor no Céu. Não haverá mais lágrimas, nem funerais. “Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou” (Ap 21:4). “Nenhum morador de Sião dirá: ‘Estou doente!’ E os pecados dos que ali habitam serão perdoados” (Is 33:24).

Ali está a Nova Jerusalém, a capital da nova Terra glorificada. “O seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como cristal” (Ap 21:11). “As

nações andarão em sua luz, e os reis da Terra lhe trarão a sua glória” (v. 24). “O tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais Ele viverá. Eles serão os Seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus” (v. 3).

Na cidade de Deus, “não haverá mais noite” (Ap 22:5). Não haverá cansaço. Sempre sentiremos o frescor da manhã e sempre estaremos distantes de seu fim. A luz do Sol será superada por um resplendor que não é dolorosamente ofuscante, mas excede sem medida o brilho do meio-dia. Os remidos andarão na glória do dia perene.

“Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo” (Ap 21:22). O povo de Deus terá o privilégio de interagir livremente com o Pai e o Filho. Agora vemos a imagem de Deus como algo em espelho, mas então O veremos face a face, sem um véu entre nós, para obscurecer.

O Triunfo da Lei do Amor

Foi o próprio Deus quem plantou o amor e a simpatia no coração humano e, no C éu, esses sentimentos encontrarão sua mais doce e verdadeira expressão. A comunhão pura com os seres santos e com os fiéis de todas as eras, os laços sagrados que unirão “toda a família nos C éus e na Terra” (Ef 3:15) ajudarão a completar a felicidade dos remidos.

Ali, com delícias que não terão fim, a mente dos imortais estudar á as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor redentor. Cada aspecto da mente será desenvolvido, e cada capacidade, ampliada. O aprendizado não esgotará as energias. Os remidos poderão desenvolver as mais

grandiosas iniciativas, alcançar seus mais elevados objetivos e cumprir suas mais nobres ambições. Ainda assim, encontrarão alturas mais elevadas a conquistar, novas maravilhas para admirar, novas verdades para compreender, objetos inéditos para atrair as capacidades da mente, da alma e do corpo.

Todos os tesouros do Universo serão descortinados para os remidos de Deus. Sem a limitação da mortalidade, voarão incansavelmente para mundos distantes. Os filhos da Terra entrarão na alegria e sabedoria dos seres não caídos e compartilharão dos tesouros de conhecimento que estes adquiriram ao longo das eras sem fim. Com a visão livre de impedimentos, contemplarão a glória da criação – sóis, estrelas e sistemas, todos em sua ordem designada, circulando o trono de Deus.

À medida que os anos da eternidade passarem, mais revelações gloriosas serão feitas em relação a Deus e a Cristo. Quanto mais aprendermos sobre Deus, mais admiraremos Seu caráter. Quando Jesus abrir para os remidos as riquezas da redenção e as conquistas extraordinárias obtidas no grande conflito com Satanás, o coração dos salvos se alegrará com devoção e miríades de miríades de vozes vão se unir em um poderoso coro de louvor.

“Todas as criaturas existentes no c éu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, [...] diziam: ‘Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!” (Ap ٥:١٣).

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores já não existem. O Universo inteiro está purificado. Um único pulso

de harmonia e júbilo ecoa pela vasta criação. DAquele que criou todas as coisas, fluem luz, vida e felicidade através do espaço ilimitado. Desde o menor dos átomos, até o maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua beleza imaculada e alegria perfeita, declaram que Deus é amor.

Apêndice

Página 29. TÍTULOS. O papa Inocêncio III declarou que o papa romano é “o vice-gerente [representante administrativo] na Terra, não só de meros humanos, mas do próprio Deus”. Ver , v. 1, título 7, cap. 3. , 2ª ed. (Leipzig, 1881), col. 99.

Sobre o título “Senhor Deus, o Papa”, ver o comentário das do papa João XXII, título 14, cap. 4, Em uma edição da Antuérpia das , datada de 1584, as palavras “ ” (“Nosso Senhor Deus, o Papa”) aparecem na coluna 153.

Página 30. INFALIBILIDADE. Ver Philip Schaff, , v. 2, , p. 234-271; , v. 7, verbete “Infallibility”; James Cardinal Gibbons, , 110ª ed. (Baltimore: John Murphy, 1917), caps. 7, 11.

Página 30. ADORAÇÃO DE IMAGENS. “A adoração de imagens [...] foi uma das corrupções no cristianismo que se infiltrou furtivamente na igreja, quase sem se notar ou observar. [...] Uma prática após a outra foi introduzida de maneira relacionada e tão gradual que a igreja se tornou profundamente afundada na idolatria prática [...] quase sem sofrer qualquer objeção firme. Quando finalmente houve a tentativa de extirpá-la, o mal já se encontrava enraizado de maneira profunda demais para ser removido” (J. Mendham, , introdução, p. iii-vi).

Ver um registro das resoluções e decisões do segundo Concílio de Niceia, 787 d.C., convocado para estabelecer a adoração de imagens em , 2ª série (Nova York, 1900), v. 14, p. 521-587; C. J. Hefele, , v. 18, cap. 1, seções 332-333; cap. 2, seções 345-352 (T. and T. Clark, 1896), v. 5, p. 260-304,

342-372.

Página 31. A LEI DOMINICAL DE CONSTANTINO. A lei foi publicada em latim e traduzida para o inglês em Philip Schaff, , v. 3, terceiro período, cap. 7, seção 75, p. 380, n º 1. Ver o debate em Albert Henry Newman, , ed. rev. (Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1933), v. 1, p. 305-307; e em L. E. Froom, (Washington, D.C.: Review and Herald, 1950), v. 1, p. 376-381.

Página 32. DATAS PROFÉTICAS. Um importante princípio para a interpretação de profecias temporais é o princípio dia-ano, segundo o qual um dia de tempo profético equivale e um ano no calendário. Existem alguns motivos bíblicos para esse princípio: (1) o princípio dia-ano está em harmonia com o princípio de interpretar de maneira simbólica as bestas como reinos, os chifres como poderes, os oceanos como povos, etc. (2) O Senhor, ao falar em Números 14:34 e em Ezequiel 4:6 defende esse princípio. (3) Os 2.300 dias (anos) de Daniel 8:14 abrangiam a história dos impérios medo-persa, grego e romano, conforme o anjo explica nos versos 19 a 26 ("a visão refere-se aos tempos do fim", v. 17). Esses impérios duraram muito mais do que 2.300 dias literais. Nada se encaixa, a não ser o princípio dia-ano. (4) Daniel 11 é uma expansão da profecia do capítulo 8, porém não é simbólica. Por três vezes, ela se refere a "anos" (v. 6, 8, 13) como paralelo aos "dias de Daniel 8:14. (5) O anjo explicou a Daniel que essas profecias diziam respeito ao tempo do fim (8:19, 26; 10:13, 14). Se os "dias" fossem literais, as profecias não poderiam se estender pelo tempo necessário para que fizessem sentido. (6) Um dia para um ano era uma forma comum de falar no

hebraico do Antigo Testamento. Ver Levítico 25:8; Gênesis 29:27. (7) O Apocalipse explica as profecias de Daniel, mostrando que seu cumprimento ainda era futuro no tempo dos apóstolos. Além disso, muitos estudantes cuidadosos das Escrituras reconheceram e aceitaram o princípio dia-ano como um princípio bíblico válido. Dentre eles, Joaquim de Fiore, Wycliffe, Joseph Mede, Isaac Newton, bispo Thomas Newton, Alexander Keith e muitos outros.

Página 33. ESCRITOS FORJADOS. Dentre os documentos que se admite de modo geral serem farsas, são de grande importância a Doação de Constantino e os Decretos de Pseudo-Isidoro. Confira , v. 3, verbete “Donation of Constantine”.

Os “falsos escritos” aludidos no texto também incluem os “Decretos de Pseudo-Isidoro”, cartas fictícias atribuídas aos primeiros papas, desde Clemente (100 d.C.) até Gregório, o Grande (600 d.C.), incorporadas posteriormente a uma antologia do 9º século, alegando ter sido escritas por Isidoro Mercador. Hoje , a falsidade dos escritos de Pseudo-Isidoro é admitida.

Página 34. PURGATÓRIO. O Dr. Joseph Faa Di Bruno define o purgatório da seguinte maneira: “Purgatório é um estado de sofrimento após esta vida, no qual são detidas por um tempo as almas que morrem depois que seus pecados mortais foram perdoados quanto à mácula e à culpa e quanto à dor eterna que lhes é devida, mas que ainda têm alguma dívida de castigo temporal a pagar por causa deles. O mesmo acontece com as almas que deixam este mundo culpadas de pecados veniais” (, 1884, p. 196; impresso pelo arcebispo de Nova York).

Ver , v. 12, verbete “Purgatory”.

Página 34. INDULGÊNCIAS. Ver uma história detalhada da doutrina das indulgências, em: , verbete “Indulgences”, v. 7; A. H. Newman, (Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1953), v. 2, p. 53, 54, 62.

Página 38. O SÁBADO ENTRE OS VALDENSES. Existem evidências de que havia alguns guardadores do sétimo dia, o sábado, entre os valdenses. Um relatório de uma inquisição perante a qual foram levados alguns valdenses da Morávia na metade do século 15 declara que, entre os valdenses, “não são poucos os que de fato celebram o sábado com os judeus” (Johann Joseph Ignaz von Dollinger, [Contribuições à História das Seitas da Idade Média], Munique, 1890, parte 2, p. 661). Essa fonte é clara em identificar a observância do sétimo dia.

Página 43. DECRETO CONTRA OS VALDENSES. Parte da bula ou do edito papal (de Inocêncio VIII, 1487) contra os valdenses foi publicada em tradução para o inglês em Dowling, , v. 6, cap. 5, seção 62 (ed. 1871).

Página 47. INDULGÊNCIAS. Ver a nota da página 34.

Páginas 47 e 48. WYCLIFFE. Sobre o texto das bulas (editos) papais promulgados contra Wycliffe com tradução para o inglês, ver John Foxe, (London: Pratt Townsend, 1870), v. 3, p. 4-13; ver também os sumários em Merle D’Aubigné, (London: Blackie and Son, 1885), v. 4, div. 7, p. 93; Philip Schaff, (Nova York: Chas. Scribner’s Sons, 1915), v. 5, parte 2, p. 317.

Página 48. INFALIBILIDADE. Ver a nota da página 30.

Página 56. INDULGÊNCIAS. Ver a nota da página 34.

Página 56. CONCÍLIO DE CONSTANÇA. As publicações do Concílio incluem K. Zahringer, (Munster, 1935); Th. F. Grogau, (Washington, 1949); Fred A. Kremple, (Ann Arbor, 1955).

Ver John Hus, , 1904; E. J. Kitts, (London, 1910); D. A. Schaff, (1915); e Matthew Spinka, (1941).

Página 70. INDULGÊNCIAS. Ver a nota da página 34.

Página 122. JESUITISMO. Ver , editado pelo reverendo John Gerard, S. J. (London: Catholic Truth Society, 1902). Nessa obra, afirma-se que “o principal fruto de toda a organização da Sociedade é o espírito de obediência completa”. Santo Inácio escreveu: “Que cada um se convença de que aqueles que vivem sob a obediência devem se permitir ser movidos e dirigidos pela Providência divina por intermédio de seus superiores, assim como se fossem cadáveres que se deixam ser carregados para qualquer lugar e ser tratados de qualquer maneira, ou como a bengala de um homem idoso, a qual serve aquele que o segura de qualquer forma que ele quiser” (p. 6).

Página 122. A INQUISIÇÃO. Ver , v. 8, verbete “Inquisition”; e E. Vacandard, (Nova York: Longmans, Green, and Company, 1908).

Para o ponto de vista não católico, ver Philip van Limborch, ; Henry C. Lea, , 3 v.

Página 138. CAUSAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA. Ver H. von Sybel, , v. 5, cap. 1, parágrafos 3-7; H. T. Buckle, , cap. 8, 12, 14 (Nova York, ed. 1895), v. 1, p. 364-366, 369-371, 437, 540, 541, 550; , v. 34, n º 215 (novembro de 1833), p. 739; J. G. Lorimer, , cap. 8, parágrafos 6, 7.

Página 139. DATAS PROFÉTICAS. Ver a nota da página 32.

Página 139. ESFORÇOS PARA SUPRIMIR E DESTRUIR A BÍBLIA. O Concílio de Toulouse deliberou: “Proibimos os leigos de possuir cópias do Antigo e do Novo Testamentos. [...] Nós os proibimos muito severamente de possuir os livros acima em linguagem popular”. “Os senhores dos distritos farão uma busca cuidadosa dos hereges em casas, nas cabanas mais humildes e florestas, e até mesmo seus retiros subterrâneos serão completamente extirpados” (Canons 14, 2). Esse concílio se reuniu na época das cruzadas contra os albigenses.

“Essa peste [a Bíblia] havia chegado a tal ponto que algumas pessoas chegaram a escolher os próprios sacerdotes e até mesmo alguns evangelistas que distorciam e destruíam a verdade do evangelho, criando novos evangelhos para o próprio fim [...] [sabendo que] a pregação e a explicação da Bíblia são absolutamente proibidas para membros leigos” (, Philip van Limborch, , cap. 8).

No Concílio de Constança em 1415, Wycliffe foi condenado após sua morte por ter sido “aquele perigoso miserável da heresia infernal [que inventou] uma nova tradução das Escrituras em sua língua materna”.

A oposição à Bíblia por parte da Igreja Católica Romana aumentou por causa do sucesso das sociedades bíblicas. Em 8 de dezembro de 1864, na proclamação , o papa Pio IX publicou uma lista de oitenta erros sob dez títulos diferentes. Sob o título 4, encontramos: “Socialismo, comunismo, sociedades clandestinas, sociedades bíblicas. [...] Pestes desse tipo devem ser destruídas de toda maneira

possível”.

Em anos recentes, uma mudança drástica e positiva aconteceu na Igreja Católica Romana. Por um lado, a igreja aprovou várias versões da Bíblia preparadas com base nas línguas originais; do outro, tem promovido o estudo das Sagradas Escrituras por meio da livre distribuição e de institutos bíblicos. A igreja, porém, continua a reservar para si o direito exclusivo de interpretar a Bíblia à luz da própria tradição. Dessa maneira, ela justifica as doutrinas que não estão em harmonia com os ensinos bíblicos.

Página 143. O REINADO DO TERROR. Para uma introdução confiável à história da Revolução Francesa, ver L. Gershoy, (1932); G. Lefebvre, (Princeton, 1947); e H. von Sybel, , 4 v. (1869).

Ver também A. Aulard, (London, 1927), que faz o relato até 1802 – um excelente estudo.

Página 145. A MISSA E AS CLASSES PRIVILEGIADAS. Ver H. von Hoist, , palestra 1; ver também Taine, ; e A. Young, **Página 147.** RETRIBUIÇÃO. Ver Thos. H. Gill. , v. 10; Edmond de Pressence, , v. 3, cap. 1.

Página 147. AS ATROCIDADES DO REINADO DO TERROR. Ver M. A. Thiers, (Nova York, 1890, trad. F. Shoberl), v. 3, p. 42-44, 62-74, 106; F. A. Mignet, (Bohn, 1894), cap. 9, parágrafo 1; Sir Archibald Alison, , v. 1, cap. 14 (Nova York, 1872), v. 1, p. 293-312.

Página 148. CIRCULAÇÃO DAS ESCRITURAS. Em 1804, de acordo com o Sr. William Canton da Sociedade Bíblia Britânica e de Terras Estrangeiras, “todas as Bíblias existentes no mundo, manuscritas ou impressas,

considerando todas as versões em todas as terras, foram computadas em não mais do que quatro milhões”.

De 1816 a 2010, somente a Sociedade Bíblica Norte-Americana publicou mais de 3,8 bilhões de exemplares da Bíblia inteira e imprimiu mais de 1,1 bilhão de cópias de partes da Bíblia. Somente em 2010, a SBN publicou 4,2 milhões de exemplares da Bíblia completa. Outras sociedades bíblicas acrescentariam muitos outros milhões de exemplares a esses números.

As Sociedades Bíblicas Unidas relataram que, ao passo que a Bíblia estava disponível em apenas 68 idiomas no início do século 19, em 2008, já se encontrava disponível em 2.479 línguas, e a Bíblia inteira em pelo menos 451 delas.

Página 148. MISSÕES ESTRANGEIRAS. O trabalho missionário da igreja cristã primitiva havia praticamente se extinguido por volta do ano 1000 e foi substituído por campanhas militares das Cruzadas. A era da Reforma presenciou pouco avanço na obra missionária. O reavivamento pietista produziu alguns missionários. No século 18, a obra da igreja moraviana foi notável, e os britânicos criaram algumas sociedades missionárias para trabalhar na América do Norte colonizada. Mas o grande reavivamento da atuação missionária em terras estrangeiras começou por volta do ano 1800, no “tempo do fim” (Dn 12:4). Em 1792, a Sociedade Missionária Batista enviou William Carey para a Índia. Em 1795, A Sociedade Missionária de Londres foi organizada e outra sociedade foi fundada em 1799, a qual se tornou, em 1812, a Sociedade Missionária da Igreja. Pouco depois, a Sociedade Missionária Metodista Wesleyana foi fundada. Nos Estados Unidos, a

Junta Norte-Americana de Comissários de Missões Estrangeiras foi formada em 1812 e Adoniram Judson foi enviado naquele ano para Calcutá. Ele se estabeleceu em Burma no ano seguinte. Em 1814, a União Missionária Batista Norte-Americana foi fundada. A Junta Presbiteriana de Missões Estrangeiras foi formada em 1837.

"Em 1800 d.C. [...] a maioria esmagadora de cristãos era descendente daqueles que se converteram antes de 1500. [...] Agora, no século 19, aconteceu uma expansão maior do cristianismo. [...] Nunca durante um intervalo semelhante o cristianismo deu origem a tantos movimentos novos. Nunca provocou um efeito tão grande sobre os povos da Europa ocidental. Desse grande vigor, surgiram os esforços missionários que tanto aumentaram a força numérica e a influência do cristianismo durante o século 19" (Kenneth Scott Latourette, , v. 4, The Great Century, 1800 d.C.-1914 d.C., Nova York: Harper and Bros., 1914), p. 2-4.

Página 157. TERREMOTO DE LISBOA. Desde a época em que a autora escreveu essas palavras pela primeira vez, em 1888, foram registrados outros terremotos que causaram mais mortes e talvez de maior magnitude (ainda não existiam meios científicos de mensurar os terremotos em 1755). Ainda assim, o terremoto de Lisboa consiste em um dos mais importantes da história moderna, não meramente por sua devastação física, mas também por causa das mudanças filosóficas, teológicas e culturais profundas que resultaram desse desastre.

Página 168. UM DIA PARA UM ANO. Ver a nota da página 32.

Página 169. O ANO 457 a.C. Sobre a certeza de que o ano

457 a.C. foi o sétimo do reinado de Artaxerxes, ver S. H. Horn e L. H. Wood, (Washington, D.C.: Review and Herald, 1953); E. G. Kraeling, (New Haven ou London, 1953), p. 191-193; (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 3, p. 88-102.

Página 173. QUEDA DO IMPÉRIO OTOMANO. Ao longo da Reforma, a Turquia consistia em uma contínua ameaça à cristandade europeia; os escritos dos reformadores muitas vezes condenaram o poder otomano. Autores cristãos desde então demonstraram sua preocupação quanto ao papel da Turquia nos acontecimentos futuros, e comentaristas das profecias entendem que o poder turco e seu declínio foram previstos pelas Escrituras.

Quanto à profecia da hora, dia, mês e ano, como parte da sexta trombeta, Josiah Litch elaborou uma aplicação da profecia temporal terminando com a independência da Turquia em agosto de 1840.

Um livro de Uriah Smith, , ed. rev. de 1944, discute o tempo profético dessa profecia nas p áginas 506 a 517.

Página 193. VESTES PARA A ASCENSÃO. A história de que os adventistas fizeram roupas para sua ascensão, a fim de se encontrar com o Senhor no ar, foi inventada por aqueles que queriam desacreditar a pregação do advento. Investigações cuidadosas mostraram que o relato era falso.

Ver a refutação completa da lenda das vestes de ascensão em Francis D. Nichol, (Washington, D.C.: Review and Herald, 1944), caps. 25–27, e Anexos H– J. Ver também L. E. Froom, (Washington, D.C., Review and Herald, 1954), v. 4, p. 822-826.

Página 223. TRÍPLICE MENSAGEM. Apocalipse 14:6 e 7 prediz a proclamação da mensagem do primeiro anjo. Então o profeta continua: “Um segundo anjo o seguiu, dizendo: ‘Caiu! Caiu a grande Babilônia ’ [...]. Um terceiro anjo os seguiu” (v. 8, 9). A palavra aqui traduzida por “seguiu” significa “ir junto com”, “ir atrás de alguém”, “ir com ele”. Também quer dizer “acompanhar”. A ideia pretendida é a de “ir junto”, “na companhia de”. A ideia em Apocalipse 14:8 e 9 não é simplesmente de que o segundo e o terceiro anjos se seguiram ao primeiro no decorrer do tempo, mas de que foram com ele. São somente na ordem em que surgem. Depois de aparecerem, todos prosseguem juntos.

Página 229. SUPREMACIA DOS BISPOS DE ROMA. Ver James Cardinal Gibbons, , 110ª ed. (Baltimore: John Murphy, 1917), caps. 5, 9, 10, 12.

Página 293. O SÁBADO ENTRE OS VALDENSES. Ver a nota da página 38.

Página 293. A IGREJA ETÍOPE E O SÁBADO. Até tempos relativamente recentes, a igreja copta da Etiópia guardava o sétimo dia, o sábado. Os etíopes também guardavam o domingo. No entanto, a observância do sétimo dia praticamente cessou na Etiópia moderna. Para relatos de testemunhas dos dias religiosos na Etiópia, ver Pero Gomes de Teixeira, (traduzido para o inglês em London: British Museum, 1938), p. 79; Padre Francisco Alvarez, , em: (London, 1881), v. 64, p. 22-49.

Table of Contents